

Heinrich Harrer

Prefácio de
Sua Santidade
o Dalai Lama

SETE ANOS NO TIBET



LAPMROCKET

Estamos falando da maior e mais incrível
história de aventura jamais escrita.

(New York Times)

Heinrich Harrer

OceanofPDF.com

Sete Anos no Tibete

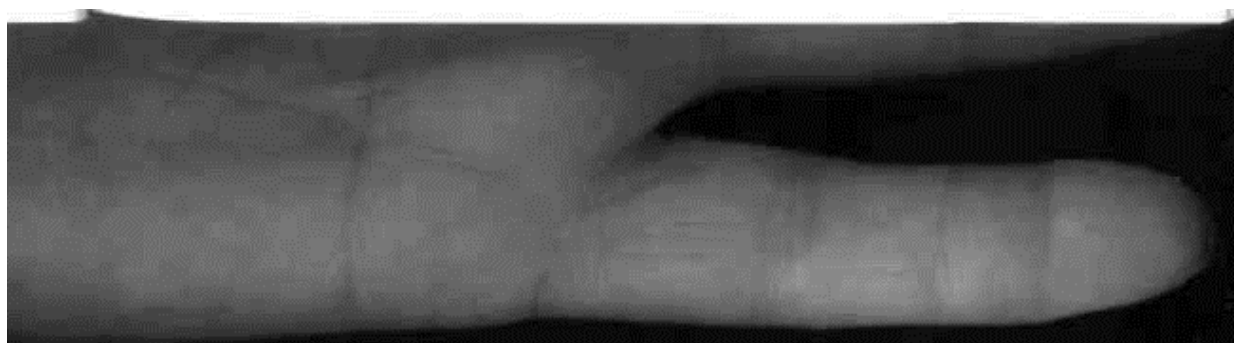
TRADUÇÃO JOÃO MAGALHÃES MONTEIRO

REVISÃO TÉCNICA

OGYEN KUNZANG CHÖLING ESCOLA DO BUDISMO
TIBETANO NYINGMA, LISBOA

ASA

LITERATURA



Título Original

Siebemjahre in Tibet

© 1997, Professor *Heinrich* Harrer

Publicado originalmente em 1953

10^a edição

2^ª edição nesta colecção: Junho de 2006

ISBN 972-41-2912-8

Depósito Legal nº 241 088/06

Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

Sede

Av. da Boavista, 3265 - Sala 4.1

Telf. 226166030 · Fax 226155346

Apartado 1035/4101-001 Porto · Portugal

E-mail: edicoes@asa.pt

Internet: WTMv.asa.pt

Delegação em Lisboa

Av. Eng. Duarte Pacheco, 19 - 8º

Telef. 21 3802110 · Fax 21 3802115

1070-100 Lisboa · Portugal

ÍNDICE

Mensagem 7

Introdução de Peter Fleming 9

Prefácio 15

1. Internamento 19
2. Fuga 43
3. No Tibete 63
4. A Aldeia da Felicidade 87
5. A caminho 111

6. A pior jornada 135
7. A Cidade Proibida 165
8. Águas calmas 185
9. Asilo concedido 213

1. A vida em Lassa — I 231
2. A vida em Lassa — II 257
3. Uma tentativa de golpe de Estado 283
4. Ao serviço do governo 295
5. O Tibete prepara-se para complicações 323
6. Tutor do Dalai Lama 347
7. A invasão do Tibete 367
8. Deixo o Tibete 383

Epílogo 401

O DALAI LAMA

MENSAGEM

Heinrich Harrer e eu conhecemo-nos porque ele e o meu irmão mais velho, Lobsang Samten, se tinham tornado bons amigos. Convidei-o um dia para minha casa com o pretexto de que poderia ajudar-me a trabalhar no gerador para o meu projecto de filmes. Rapidamente nos tornámos amigos.

Agora, ao envelhecermos, recordamos esses dias felizes que passámos juntos num país feliz. Harrer era uma das poucas pessoas que viviam em Lassa nos anos do crepúsculo da liberdade tibetana, e que pôde fotografar pessoas e cenas de todos os estratos sociais. Essas fotografias constituem hoje um testemunho precioso do Tibete tal como era, e estou contente que estejam em exposição, de maneira a que outros possam testemunhar o que foi a nossa felicidade.

É um sinal da verdadeira amizade o facto de esta não se modificar, aconteça o que acontecer. Desde o momento em que nos conhecemos, conservámos a amizade e ajudámo-nos até ao fim das nossas vidas. Harrer sempre foi um grande amigo do Tibete. O seu maior contributo para a

causa, o seu livro *Sete Anos no Tibete*, apresentou o meu país a centenas de milhar de pessoas. Até hoje, ele continua activo na luta pelo direito dos tibetanos à liberdade e nós estamos-lhe agradecidos por isso.

INTRODUÇÃO

Para os britânicos, e, de facto, acho que para todos os europeus, o Tibete tem exercido um particular e crescente fascínio durante os últimos cinquenta anos. Em 1904, Younghusband invadiu Lassa e subjugou o Tibete, numa campanha cujas dificuldades administrativas, bem como a combinação de audácia e humanismo com que foi conduzida, dificilmente encontram equiparação nos anais da guerra. A persistente intransigência dos tibetanos em relação a uma fronteira imperial foi o motivo da nossa incursão. Recebemos o mais cavalheiresco dos tratamentos e sobre o remoto e misterioso planalto um véu novamente desceu. Durante algum tempo, este planalto foi retratado em nítido e trabalhoso relevo pelas expedições que a custo trilhavam os desfiladeiros, elaborados pelo punhado de correspondentes que acompanhavam Younghusband.

Este véu espesso não se desvaneceu com o passar dos anos. No fim do século xix a Europa assestou os olhos na Ásia. O desafio geográfico africano tinha sido ultrapassado no seu essencial e, exceptuando a Africa do Sul, afigurava-se que os problemas políticos desse continente só podiam ser resolvidos nas chancelarias das capitais europeias. Em contrapartida, na Ásia estavam em movimento forças exóticas e imponderáveis. As conquistas da Rússia na Ásia Central tinham cumprido uma primeira fase das suas ambições territoriais; nas mentes de Lorde Curzon e de Kipling, as tentativas russas de explorar e reconhecer a barreira montanhosa que separava os seus exércitos da Índia provocaram apreensões que se revelaram desproporcionadas.

Mas a Ásia entrou novamente na liça. Enquanto Young-husband utilizava a artilharia — pela primeira e, até à data, última vez na História, a 5200

metros acima do nível do mar — e derrotava os tibetanos, por seu lado os japoneses, com modos muito menos contemplativos, derrotavam os russos na Manchúria. E apenas três anos antes, durante a Rebelião dos Boxers, uma expedição internacional tinha levantado o cerco ao Bairro das Legações em Pequim.

Na altura, o Tibete não fez mais do que fizera até aí para satisfazer a curiosidade europeia sobre a Ásia. Continuou progressivamente a estimulá-la, sem nunca realmente lhe corresponder. Numa ocasião, quatro rapazes tibetanos (nas páginas seguintes o leitor irá conhecer o único sobrevivente de uma comovente experiência que os tibetanos nunca mais ousaram repetir) foram enviados para receberem educação em Rugby; e até 1950, aquando da invasão pelas forças comunistas chinesas, os jovens oriundos da classe alta iam frequentemente estudar para a Índia, aprendendo (entre outras coisas) a língua inglesa. A Europa teria recebido com prazer os tibetanos, da mesma forma hospitaleira com que tem recebido viajantes e estudantes de outros países asiáticos, só que — em termos gerais — enquanto a Europa quer a todo o custo ir ao Tibete, o Tibete nunca manifestou o mínimo desejo de ir à Europa.

Para além disso, o Tibete dificultou imenso a presença de europeus ou quaisquer outros estrangeiros, por mais idóneas que fossem as suas credenciais, em território tibetano. O véu de secretismo, ou talvez de exclusividade, levantado por Younghusband e logo tão frustrantemente reposto, tem sido efectivamente franqueado nos últimos cinquenta anos por muito poucos e nenhum alcançou a destacada posição que o autor deste livro ocupou, na última fase da sua permanência de cinco anos em Lassa, no círculo restrito de pessoas próximas do jovem Dalai Lama.

O viajante europeu tem geralmente uma atitude de sobrançeria em relação à Ásia, ou pelo menos em relação ao seu interior. Embora a situação do europeu possa por vezes ser precária e os seus recursos escassos, está geralmente melhor provido do que a população primitiva desses territórios: possui dinheiro, armas, sabão, remédios, tendas e abre-latas; além disso, conta com um governo numa outra parte do planeta, que procurará livrá-lo de apuros. Por isso, o forasteiro tem tendência a ostentar a sua arrogância e a encarar o interior e os seus habitantes de modo sobranceiro.

Com Herr Harrer foi diferente. Em 1943, fez uma terceira e bem sucedida tentativa de escapar de um campo de concentração em Dehra-Dun e dirigiu-se para o Tibete, e a visão que tinha da Ásia era bastante diferente: viajava a pé, carregava as suas ínfimas posses às costas e dormia no chão, ao ar livre. Era um fugitivo, sem qualquer estatuto, sem documentos e praticamente sem dinheiro. Mesmo para uma expedição bem organizada, seguir a sinuosa rota de Inverno através do planalto de Changthang, descendo em seguida até Lassa, teria sido uma proeza honrosa; da forma como foi efectuada por Harrer e pelo seu companheiro Aufschnaiter, a viagem foi um inacreditável *tourde force*. Quando finalmente alcançaram Lassa, estavam esfarrapados e sem um tostão.

Embora nada justificasse a sua presença na capital tibetana, foram bem recebidos e os vários subterfúgios a que tinham recorrido durante a viagem para se furtarem às autoridades suscitaram mais hilaridade do que indignação. Não obstante, receavam ser expulsos do país; e embora Harrer julgasse prematuramente que a guerra estava terminada, a expulsão significaria o reinternamento na Índia. Nessa altura já falava tibetano fluentemente — embora com um sotaque rústico que muito divertia as

individualidades de Lassa — e nunca deixou de solicitar autorização para permanecer onde estava nem de desenvolver trabalhos úteis para o governo.

Não conheci Herr Harrer pessoalmente, mas nas páginas que se seguem ele emerge como um homem corajoso, sensato e despretensioso, de gostos singelos e princípios sólidos. Os tibetanos gostaram dele desde o início, certamente devido à sua integridade, o que levou as autoridades a serem coniventes com a sua permanência em Lassa durante cinco anos, que nunca chegaram a autorizar formalmente. Durante este período, ascendeu certamente mais pela confiança que inspirava do que por tentar insinuar-se, passando da sua indigência de vagabundo estrangeiro ao posto bem remunerado de tutor e confidente do jovem Dalai Lama. Harrer foi seguramente mais íntimo deste potentado de catorze anos (à excepção, talvez, de Sir Charles Bell) do que algum estrangeiro jamais o tinha sido de qualquer dos seus antecessores, e a descrição que nos dá dele é fascinante e simpática. Quando a China comunista invade o Tibete em 1950, a separação entre Harrer e este adolescente solitário, disponível e afeiçoado foi um profundo desgosto para ambos. É muito improvável que os invasores consigam alterar o carácter tibetano, uma curiosa amálgama de misticismo e alegria, sagacidade e superstição, tolerância e rigoroso convencionalismo; mas a ancestral e decrépita estrutura da sociedade tibetana, presidida pelo Dalai Lama nas suas sucessivas encarnações, está repleta de falhas e anacronismos e dificilmente sobreviverá, na sua forma tradicional, ao *stress* ideológico a que actualmente é submetida. Foi sem dúvida um feliz acaso que Herr Harrer tivesse a oportunidade — e dela soubesse fazer tão admirável uso — de estudar de perto um povo com quem o Ocidente está agora impossibilitado de ter, sequer, os vestígios de contacto de outrora. A história do que ele fez e viu iguala em singularidade o relato que Tor Heyerdahl fez da sua viagem no *Kon-Tiki*, e é narrada, apraz-me dizê-lo, no mesmo estilo simples e despretensioso.

Peter Fleming

PREFÁCIO

Todos os nossos sonhos começam na mocidade. Quando eu era criança, achava que os feitos dos heróis dos nossos dias eram muito mais aliciantes do que o estudo dos livros. O objectivo da minha ambição era imitar os homens que se aventuravam a explorar novas terras ou os que, à custa da sua dedicação e sacrifício, se tornavam campeões no desporto, ou ainda os conquistadores dos mais altos cumes.

Mas faltaram-me os conselhos e a orientação de pessoas mais experientes, e por isso desperdicei muitos anos antes de perceber que é contraproducente tentarmos concretizar vários objectivos ao mesmo tempo. Eu tinha experimentado várias modalidades de desporto sem conseguir alcançar o sucesso que poderia ter-me satisfeito. Assim, decidi finalmente concentrar-me nas duas práticas que sempre adorei pela sua proximidade com a Natureza — o esqui e o alpinismo.

Passei a maior parte da minha infância nos Alpes e ocupei quase todo o meu tempo livre a escalar montanhas no Verão e a praticar esqui no Inverno. A minha ambição foi espicaçada por pequenos sucessos e em 1936, após intenso treino, consegui conquistar um lugar na equipa olímpica austríaca. Um ano depois venci a prova de *slalom* do Campeonato Mundial de Estudantes.

Nestas competições experimentei a euforia da velocidade e a gloriosa satisfação de uma vitória na qual se aposta tudo. Mas a vitória sobre rivais humanos e o reconhecimento público do sucesso não me satisfaziam. Comecei a sentir que a única ambição válida seria medir as minhas forças com as montanhas. Assim, durante meses a fio pratiquei na rocha e no gelo até estar tão apto que nenhum precipício me parecia inconquistável. Mas eu tinha problemas para resolver e havia que custear esta experiência. Numa ocasião, sofri uma queda de 50 metros de altura e só por milagre não perdi a vida — e, claro, ocorriam constantemente acidentes menores.

O regresso à vida universitária representava sempre uma grande contrariedade. Mas não podia queixar-me; podia estudar todo o tipo de trabalhos sobre montanhismo e viagens e, à medida que lia estes livros, crescia em mim, por entre um emaranhado de desejos vagos e ambíguos, a ambição de realizar o sonho de todos os alpinistas — fazer parte de uma expedição aos Himalaias.

Mas como me atrevia eu, um jovem desconhecido, a ter sonhos tão ambiciosos? Sim, porque para chegar aos Himalaias era preciso ser-se rico ou então fazer parte da nação que, nessa altura, ainda enviava os seus filhos para servir na Índia. Para um homem que não era nem britânico nem rico só havia uma hipótese: devia aproveitar uma dessas raras oportunidades a que qualquer um podia candidatar-se e realizar algo de extraordinário que impedisse a rejeição das minhas pretensões. Mas que façanha me outorgaria esse estatuto? Todos os picos alpinos tinham sido escalados há muito, mesmo as piores encostas e falésias cederam à inacreditável preparação e ousadia dos montanhistas. Mas esperem! Havia ainda um precipício por conquistar — o mais alto e perigoso de todos, a encosta norte do Eiger.

Esta falésia rochosa de 2000 metros nunca fora escalada até ao topo. Todas as tentativas tinham falhado e muitos homens tinham perdido a vida. Uma nuvem de lendas pairava sobre esta montanha e, por fim, o governo suíço proibiu os alpinistas de a escalarem.

Era esta, sem dúvida, a aventura que eu procurava. Se eu rompesse as defesas virgens da encosta norte teria o direito legítimo de ser seleccionado para uma expedição aos Himalaias. Passei muito tempo obcecado com a ideia de levar a cabo esta façanha praticamente impossível. Em 1938, eu e os meus amigos Fritz Kasperek, Ander Heckmaier e Wiggerl Vörg conseguimos escalar o temido contraforte, uma proeza que tem sido descrita em vários livros.

Depois desta aventura, passei o Outono a treinar-me com afinco, sempre na esperança de ser convidado para participar na expedição a Nanga Parbat, planeada para o Verão de 1939. Tudo indicava que teria de continuar a viver de esperanças, pois o Inverno chegou e nada aconteceu. Outros foram seleccionados para fazerem o reconhecimento da fatídica montanha de

Caxemira. Não me restava senão assinar, com o coração amargurado, um contrato para fazer parte do elenco de um filme de esqui.

Os ensaios já iam bastante adiantados quando subitamente me chamaram ao telefone. Era a tão ansiada convocação para fazer parte da expedição aos Himalaias, que começaria dentro de quatro dias. Não tive necessidade de reflectir. Rescindi o meu contrato sem pensar duas vezes e voltei para casa, em *Graz*; depois de um dia passado a fazer as malas, parti para Antuérpia com Peter Aufschnaiter, o líder da expedição alemã a Nanga Parbat, Lutz Chicken e Hans Lobenhoffer, os outros membros do grupo.

Até essa data, tinham sido feitas três tentativas para escalar esta montanha de 7600 metros. Fracassaram todas e muitas pessoas morreram, por isso ficou decidido que deveríamos procurar um novo percurso para a escalada e só no ano seguinte, segundo os nossos planos, atacaríamos o cume.

Nesta expedição a Nanga Parbat, sucumbi à magia dos Himalaias. A beleza destas montanhas gigantes, a imensidão das terras às quais se sobrepunham, a peculiaridade do povo indiano — todos estes factores exerceram na minha mente uma espécie de feitiço.

Desde então muitos anos se passaram, mas eu nunca consegui separar-me da Ásia. Vou tentar descrever neste livro como tudo isto aconteceu e as consequências que teve. Como não sou um autor experiente, terei de contentar-me apenas com os factos.

Heinrich Harrer

1

INTERNAMENTO

Rebenta a guerra e somos aprisionados — Dehra-Dun — Junto-me a Marchese — Fuga — Marchese abraça-me — Caminhamos de noite e escondemo-nos de dia — Trutas e cigarros — O rio Ganges e a Estrada dos

Peregrinos — Recapturados — Escapo novamente, sozinho — Recapturado outra vez.

Em fins de Agosto de 1939 havíamos completado o nosso reconhecimento. De facto, descobríamos um novo caminho para escalar a montanha e esperávamos agora em Carachi pelo cargueiro que nos levaria de regresso à Europa. O nosso navio estava muito atrasado e as nuvens da guerra tornavam-se cada vez mais densas. Por isso, Chi-cken, Lobenhoffer e eu decidimos desenhencilharmo-nos das malhas que a polícia secreta já começava a lançar sobre nós, e escapar por qualquer brecha que encontrássemos. Só Aufschnaiter ficaria em Carachi. Tinha combatido na Primeira Guerra Mundial e não acreditava numa segunda guerra. O resto do nosso grupo planeava fugir para a Pérsia e de lá encontrar o caminho para casa. Não tivemos dificuldade em desembaraçarmo-nos do indivíduo que nos seguia e após algumas centenas de quilómetros pelo deserto com o nosso decrépito carro, conseguimos alcançar Las Bela, um pequeno principado a noroeste de Carachi. Mas o destino adiantou-se-nos e subitamente vimo-nos cercados por oito soldados, sob o pretexto de que precisávamos de protecção pessoal. Na verdade, estávamos sob prisão, embora a Alemanha e a Commonwealth ainda não estivessem em guerra.

Em breve regressámos a Carachi com a nossa inseparável escolta, e foi lá que encontrámos Peter Aufschnaiter. Dois dias depois, a Inglaterra declarou guerra à Alemanha. Daí em diante tudo se precipitou. Alguns minutos após ser conhecida a declaração de guerra, vinte e cinco soldados indianos, armados até aos dentes, irromperam pela esplanada do restaurante onde nos encontrávamos para nos levarem. Fomos conduzidos numa viatura policial para um campo de prisioneiros já preparado e cercado com arame farpado.

Conforme viemos a saber, era somente um ponto de passagem, pois quinze dias depois fomos transferidos para o grande campo de concentração em Ahmednagar, perto de Bombaim, onde ficámos alojados em tendas e barracas superlotadas, no meio de uma babel de opiniões conflituosas e conversas exaltadas. Não, pensei eu, esta atmosfera é muito diferente dos inóspitos e radiantes cumes dos Himalaias. Isto não é vida para os amantes da liberdade. E comecei logo a procurar os meios e a oportunidade para me evadir.

Naturalmente, não era o único a planear uma fuga. Com o auxílio de companheiros que partilhavam este propósito, fui arrecadando bússolas, dinheiro e mapas, contrabandeados através do controlo. Conseguimos inclusive apropriar-nos de um par de luvas de cabedal e de um alicate para cortar arame, cujo desaparecimento dos armazéns provocou uma investigação severa mas infrutífera.

Como todos acreditávamos que a guerra terminaria em breve, continuámos a adiar os nossos planos de fuga. Mas um dia mudaram-nos subitamente para outro campo. Transportaram-nos numa coluna de camiões com destino a Deolali. Dezoito prisioneiros em cada camião, com apenas um soldado indiano a vigiá-los. O rifle da sentinela estava preso ao seu cinto por uma corrente, de forma a que ninguém pudesse arrancá-lo. Na frente e na retaguarda da coluna seguiam dois camiões carregados de soldados.

Enquanto permanecemos no campo de Ahmednagar, Lobenhoffer e eu decidíramos empreender a nossa fuga antes de nos transferirem para outro campo, onde novas dificuldades poderiam comprometer esse plano. Por isso, ocupávamos agora os lugares na extremidade do camião. Felizmente, a estrada cheia de curvas envolvia-nos frequentemente em espessas nuvens de poeira, o que nos daria uma hipótese de saltar do camião à sorrelfa antes de desaparecer na selva. Era improvável que o soldado no camião nos visse saltar, já que obviamente se encontrava ocupado a observar o camião da frente e raramente se voltava para nos olhar. De qualquer forma, não nos parecia que fosse muito difícil escapar e, com o intuito de atravessar para um enclave português neutro muito próximo da rota da nossa coluna, adiámos a nossa tentativa até ao último momento possível.

Finalmente esse momento chegou. Depois de saltarmos, corri uns 20 metros para fora da estrada e atirei-me para dentro de uma pequena cavidade atrás de um arbusto. Então, perante o meu horror, toda a coluna parou — ouvi apitos e tiroteio e, ao ver um soldado a correr em direcção ao lado oposto da estrada, não tive dúvidas sobre o sucedido. Lobenhoffer certamente fora descoberto e como era ele quem carregava a mochila com todo o nosso equipamento, não tive outro remédio senão perder as esperanças de fugir também. Felizmente, no meio da confusão consegui

reocupar o meu lugar no camião sem que os soldados dessem por mim. Só os meus companheiros sabiam da minha tentativa, e naturalmente calaram-se.

Foi então que vi Lobenhoffer: em pé e com as mãos no ar, perante uma fileira de baionetas. Senti-me arrasado pelo nosso fracasso. Mas na verdade a culpa não era do meu amigo. Quando saltámos, segurava a nossa pesada mochila e esta, aparentemente, causou o ruído que o soldado ouviu. Assim, foi apanhado antes de poder refugiar-se na selva. Aprendemos uma lição amarga mas útil com esta aventura: em qualquer plano conjunto de fuga, cada um dos fugitivos deveria levar consigo tudo o que lhe fosse necessário.

Nesse mesmo ano, fomos transferidos de campo mais uma vez. Desta feita levaram-nos de comboio para o maior campo de prisioneiros de guerra da Índia, a alguns quilómetros de Dehra-Dun. Acima de Dehra-Dun situava-se a estação de montanha de Mussoorie, um retiro de Verão de ingleses e indianos abastados. O nosso campo consistia em sete grandes sectores, cada um cercado por duplas vedações de arame farpado. Toda a sua área estava ainda delimitada por mais duas cercas, por entre as quais as patrulhas se movimentavam constantemente.

As condições neste novo campo alteraram completamente a nossa situação. Enquanto estivemos na planície, planeámos sempre fugir para um dos territórios neutros portugueses. Aqui em cima, tínhamos os Himalaias mesmo à nossa frente. Para um montanhista, a perspectiva de percorrer os trilhos até ao Tibete era aliciante. Como objectivo final, pensava-se nas frentes japonesas, na Birmânia ou na China.

Os planos para uma evasão nestas condições e com estes objectivos requeriam uma preparação minuciosa. Por esta altura, já não nos restavam esperanças de um fim próximo para a guerra e — se tencionávamos fugir — não havia nada a fazer excepto organizar-nos sistematicamente.

Uma fuga através das regiões densamente povoadas da Índia estava fora de questão, pois seria necessário muito dinheiro e um conhecimento perfeito do inglês — e eu não dispunha de nenhum deles. Por isso, é fácil imaginar que a minha preferência recaísse sobre as áreas isoladas do Tibete.

E eu imaginava-me nos Himalaias — e sentia que, mesmo que o meu plano falhasse, valeria a pena receber um sopro de liberdade nas altas montanhas.

Agora atarefava-me em aprender algumas palavras em hindustani, tibetano e japonês, e devorava todo o tipo de livros sobre viagens que encontrava na biblioteca, especialmente aqueles que se referiam às regiões que fariam parte da rota que planeava. Retirei extractos destes livros e fiz cópias dos mapas mais importantes. Peter Aufschnaiter, que entretanto também tinha vindo parar a Dehra-Dun, possuía vários livros e mapas sobre expedições na Ásia. Estudava-os com inesgotável energia e colocou à minha disposição todos os seus apontamentos e esboços. Copiei todos em duplicado e guardei uma cópia para levar comigo quando escapasse e outra de reserva, caso o original se extraviasse.

Tendo em conta o trajecto por onde me propunha escapar, era igualmente importante manter-me fisicamente tão apto quanto possível. Assim, todos os dias, fizesse bom ou mau tempo, dedicava horas a exercitar-me ao ar livre, e de noite escondia-me para estudar os hábitos dos guardas.

A minha principal preocupação era a falta de dinheiro, pois embora tivesse vendido tudo o que podia dispensar, as minhas economias eram insuficientes para suprirem as necessidades da vida no Tibete, já para não mencionar os subornos e as prendas que são lugar-comum no quotidiano da Ásia. De qualquer forma, continuei a trabalhar sistematicamente no meu plano e recebi a ajuda de alguns amigos que não tinham intenções de escapar.

O meu plano inicial era fugir sozinho, para não ser atrapalhado por um companheiro que poderia pôr em risco as minhas possibilidades. Mas um dia o meu amigo Rolf Magener disse-me que um general italiano pretendia fazer o mesmo que eu. Eu já ouvira falar neste homem e assim, uma noite, eu e Magener escalámos a vedação de arame e introduzimo-nos no sector vizinho, onde estavam alojados quarenta generais italianos. O meu futuro companheiro chamava-se Marchese e tinha a aparência típica de um italiano. Rondava os quarenta anos, a sua figura era elegante, com bons modos, e vestia distintamente; fiquei particularmente impressionado com o

físico dele. No início tivemos dificuldades de comunicação, pois ele não falava alemão e eu não falava italiano. Ambos sabíamos muito pouco inglês, por isso conversámos, com a ajuda de um amigo, num francês telegráfico. Marchese falou-me sobre a guerra na Abissínia e da sua anterior tentativa de fuga de um campo de prisioneiros de guerra.

Felizmente, ele recebia um ordenado semelhante ao de um general inglês. Como o dinheiro não era um problema, consegui arranjar para a nossa fuga coisas que eu nunca teria conseguido obter. Como precisava de um companheiro familiarizado com os Himalaias, depressa juntámos as nossas forças com base nesta divisão de tarefas: eu seria responsável por todo o planeamento e ele pelo dinheiro e equipamento.

Várias vezes por semana rastejava até ao sector vizinho para discutir pormenores com Marchese e, com a prática, tornei-me um perito em atravessar arame farpado. Havia naturalmente várias possibilidades de fuga, mas aquela que me parecia mais promissora baseava-se num facto importante — a cada 70 metros, ao longo da capoeira que cercava toda a área do campo, existiam alpendres em colmo para proteger as sentinelas do sol tropical. Se conseguíssemos trepar para um destes telhados, conseguiríamos atravessar duas vedações de arame farpado de uma só vez. Em Maio de 1943 terminaram os nossos preparativos. Dinheiro, mantimentos, bússolas, relógios, botas e uma pequena tenda de montanhismo estavam a postos.

Certa noite decidimos levar por diante a nossa tentativa. Como habitualmente, penetrei através da cerca no sector de Marchese, onde encontrei a escada que tínhamos furtado e escondido após um pequeno incêndio no campo. Encostámo-la à parede de uma barraca e esperámos na penumbra. Era quase meia-noite e faltavam dez minutos para o render da guarda. As sentinelas, à espera de serem substituídas, caminhavam preguiçosamente para a frente e para trás. Passaram-se alguns minutos até alcançarem o ponto onde as queríamos. Nesse preciso instante a Lua surgiu sobre as colinas da plantação de chá.

Lá estávamos nós. Era agora ou nunca.

Ambas as sentinelas tinham chegado ao ponto mais distante daquele onde nos encontrávamos. Levantei-me e corri para a vedação com a escada. Encostei-a à dobra pendente do topo da cerca, subi e cortei o arame farpado que ali se acumulava para impedir o acesso ao alpendre. Marchese afastou o tufo de arame com uma longa forquilha, permitindo que eu me esgueirasse para cima do telhado. Estava combinado que o italiano deveria seguir-me imediatamente enquanto eu afastava o arame com as mãos — mas ele não o fez. Durante uns pavorosos segundos hesitou, convencido de que já não havia tempo e de que os guardas não tardariam — e, de facto, conseguia ouvir-lhes os passos. Não lhe dei mais tempo para pensar; agarrei-o pelas axilas e puxei-o para cima do alpendre. Ele atravessou-o de rastos e caiu pesadamente do outro lado, rumo à liberdade.

Mas tudo isto não se passou em silêncio. Alertada, a guarda começou a disparar; mas enquanto os disparos quebravam o silêncio da noite, nós éramos engolidos pela selva.

A primeira coisa que Marchese fez foi abraçar-me e beijar-me, numa manifestação do seu caloroso temperamento latino, muito embora este fosse o momento menos oportuno para tais explosões de contentamento. Foguetes luminosos rasgavam o céu e próximo de nós soavam apitos, numa demonstração clara de que os nossos perseguidores se encontravam na nossa peugada. Corremos desalmadamente, movendo-nos rapidamente pelos atalhos que eu tinha ficado a conhecer bem durante as minhas escapadas do campo. Evitámos as estradas e contornámos as poucas aldeias que encontrámos no caminho. A princípio mal sentíamos as nossas mochilas, mas mais tarde começaram a pesar.

Numa das aldeias os nativos rufaram os tambores, o que nos levou a pensar que faziam soar um alarme. Esta era uma das dificuldades que qualquer indivíduo educado na nossa sociedade exclusivamente branca dificilmente poderá imaginar. Na Ásia, um *sahib*¹ viaja sempre acompanhado dos seus criados e nunca carrega o menor peso consigo — o que iriam, portanto, pensar os nativos quando vissem dois europeus carregados daquela maneira a arrastarem-se a pé pelo interior!

Sabendo que os indianos receiam circular pela selva no escuro, por causa dos animais selvagens, decidimos caminhar de noite. Mas essa perspectiva

também não nos agradava particularmente, pois nos jornais disponíveis no campo tínhamos lido notícias sobre leopardos e tigres que devoravam seres humanos.

Quando amanhecia, escondíamos-nos, exaustos, num tufo de mata, e aí passávamos todo o dia, a comer e a dormir sob um calor escaldante. Só avistámos uma pessoa durante o dia, um guardador de vacas que felizmente não nos viu. O pior era dispormos apenas de uma garrafa de água cada um, que teria de nos chegar para todo o dia. Não admirava que, quando anoitecia, e depois de um dia inteiro escondidos, tivéssemos dificuldade em controlar os nossos nervos. Queríamos prosseguir o mais rápido possível e as noites pareciam demasiado curtas para permitir o nosso progresso. Teríamos de encontrar o caminho mais curto através dos Himalaias até ao Tibete, e isso significava semanas de marcha enérgica antes de nos podermos considerar a salvo.

Atravessámos o primeiro cume na noite seguinte à nossa fuga. Chegados ao topo, descansámos por um bocado e avistámos, 900 metros abaixo, as numerosas luzes que piscavam no campo de concentração. Às dez e um quarto apagaram-se simultaneamente e só os holofotes à volta do campo davam uma ideia da sua enorme extensão.

Foi a primeira vez na minha vida em que realmente compreendi o significado de ser livre. Apreciámos este glorioso sentimento e sentimo-nos solidários com os duzentos prisioneiros de guerra forçados a viver lá em baixo, atrás da parede de arame.

Mas não havia muito tempo para meditarmos. Tínhamos de encontrar o caminho para descer até ao vale do Jumna, que nos era completamente desconhecido. Num dos vales mais pequenos, entrámos por uma fenda tão estreita que não pudemos prosseguir, e fomos forçados a esperar pela manhã. O lugar era tão isolado e abrigado que aproveitei logo a oportunidade para tingir de preto o meu cabelo e barba loiros. Também manchei o rosto e as mãos com uma mistura de permanganato, tinta castanha e graxa, que produziam uma tonalidade escura. Desta forma adquiri algumas semelhanças com um indiano, e isso era importante pois havíamos decidido que, se nos abordassem, diríamos estar em peregrinação ao Ganges sagrado. No que respeitava ao meu companheiro, era

suficientemente moreno para passar despercebido à distância. Naturalmente, não tencionávamos submeter-nos a uma inspecção de perto.

Nessa noite prosseguimos caminho antes de escurecer, mas logo nos arrependemos dessa precipitação, pois ao atravessarmos um talude deparámos com um grupo de camponeses que plantavam arroz. Chapinhavam seminus na água lamacenta e quedaram-se boquiabertos perante a visão de dois homens carregados com sacos às costas. Apontaram para uma rampa em cujo topo se avistava uma pequena aldeia, o que parecia significar que seria a única saída daquela ravina. Para evitar perguntas embaraçosas, prosseguimos o mais rapidamente possível na direcção indicada. Ao fim de horas a subir e a descer, alcançámos finalmente o rio Jumna.

Entretanto tinha anoitecido. O nosso plano era seguir o curso do rio até encontrarmos um dos seus afluentes, o Aglar, e daí seguir a corrente até chegarmos a uma confluência. O Ganges, que nos levaria à grande cadeia dos Himalaias, não poderia estar longe daí. Até este ponto, a maior parte do nosso percurso tinha sido feito a corta-mato e só ocasionalmente, ao longo da margem dos rios, encontrámos caminhos utilizados pelos pescadores. Nessa manhã, Marchese estava completamente exausto. Preparei-lhe cereais com água e açúcar, e graças à minha insistência ele comeu um pouco. Infelizmente, o lugar onde nos encontrávamos era o mais impróprio para acampar, infestado de formigas enormes que mordiam profundamente a pele e não nos deixavam dormir. O dia parecia interminável.

A medida que a noite se aproximava, o desassossego do meu companheiro aumentava e eu comecei a alimentar esperanças de que o seu estado físico tivesse melhorado. Ele também acreditava que conseguiria suportar a fadiga de mais uma noite. No entanto, pouco depois da meia-noite estava esgotado. Não conseguia suportar o enorme esforço físico que nos era exigido. O meu treino intenso e a minha condição física foram uma bênção para ambos, pois frequentemente carregava a mochila dele atada à minha. Devo acrescentar que tínhamos coberto as nossas mochilas com sacos de juta indiana para não levantar suspeitas.

Durante as duas noites seguintes vagueámos rio acima, tendo por vezes de passar o Aglar a vau quando o nosso caminho ao longo da margem era

bloqueado pela mata ou por rochas. Certa ocasião, enquanto descansávamos no leito do rio, alguns pescadores passaram sem dar por nós. Numa outra altura não conseguimos evitar o encontro com outros pescadores, a quem pedimos algumas trutas no nosso atabalhado hindustani. O nosso disfarce parecia ser suficientemente convincente, já que estes homens nos venderam o peixe sem manifestarem qualquer suspeita — de facto, cozinham-no para nós — enquanto conversavam e fumavam aqueles pequenos cigarros indianos que os europeus detestam. Marchese (que antes da nossa fuga era um fumador inveterado) não resistiu à tentação de pedir um, mas mal acabou de dar duas passas caiu inconsciente como se tivesse sido derrubado! Felizmente, recuperou pouco depois e pudemos prosseguir a nossa viagem.

Mais tarde encontrámos alguns camponeses que transportavam manteiga para a cidade. A nossa confiança, entretanto, tinha aumentado e pedimos-lhes que nos vendessem alguma. Um deles concordou, mas à medida que as suas mãos se sentas transferiam a manteiga quase derretida do seu pote para o nosso, quase vomitámos, repugnados.

Finalmente, o vale expandiu-se e o nosso caminho atravessava campos de arroz e de milho. Tornava-se cada vez mais difícil encontrar um esconderijo para passar o dia. Certa manhã fomos descobertos, e enquanto nos faziam toda a espécie de perguntas indiscretas, limitámo-nos a embrulhar as nossas tralhas e seguimos viagem. Ainda não tínhamos encontrado um novo esconderijo quando deparámos com um grupo de oito homens que, aos gritos, nos mandaram parar. Tudo levava a crer que a sorte nos abandonara. Fizeram-nos inúmeras perguntas e eu insisti nas mesmas respostas, ou seja, que éramos peregrinos de uma província distante. Para nosso espanto, de alguma forma passámos no teste, pois pouco depois dei-xaram-nos seguir o nosso caminho. Mal podíamos acreditar que os havíamos convencido e, muito mais tarde, ainda pensávamos ouvir passadas no nosso encalço.

Nesse dia tudo parecia amaldiçoado e os problemas não tinham fim. Acabámos por chegar à desanimadora conclusão de que tínhamos de facto atravessado uma bacia, mas continuávamos no vale do Jumna, o que significava estarmos pelo menos dois dias atrasados em relação ao previsto.

Assim, recomeçámos a escalada, e em breve encontrá-mo-nos numa densa floresta de rododendros, tão deserta que começámos a alimentar esperanças de ter um dia sossegado e a oportunidade de um sono prolongado. Mas surgiram alguns guardadores de vacas e tivemos de mudar o acampamento e dizer adeus às perspectivas de um bom dia de descanso.

Durante as noites seguintes caminhámos através de áreas mais despovoadas. Depressa descobrimos, com desgosto, a explicação para a ausência de seres humanos. É que quase não havia água. Sofremos tanta sede que numa ocasião cometi um lamentável erro cujas consequências poderiam ter sido desastrosas. Ao avistar uma pequena poça, atirei-me ao chão e, sem nenhuma precaução, comecei a beber sofregamente. O resultado foi terrível. Acontece que se tratava de uma daquelas poças em que os búfalos costumam chafurdar e que contêm mais lama do que água propriamente dita. Tive um violento ataque de tosse e vômitos e demorei bastante para recuperar daquele terrível refresco.

Pouco depois deste incidente, estávamos tão transtornados pela sede que nos vimos incapazes de prosseguir e tivemos que nos deitar, embora ainda faltasse muito para escurecer. Quando amanheceu, desci uma ribanceira em busca de água, acabando por a encontrar. Os três dias e noites que se seguiram foram um pouco melhores; o nosso caminho atravessava matas de abetos tão desertas que raramente nos encontrávamos com indianos e o risco de sermos descobertos era mínimo.

No décimo segundo dia após a nossa fuga teve lugar um acontecimento importante. Chegámos às margens do Ganges. Nem o mais devoto dos hindus poderia ter ficado tão emocionado como nós perante a visão do rio sagrado. Agora já podíamos subir a estrada dos peregrinos ao longo do Ganges até à sua nascente, o que iria aliviar imenso as fadigas da nossa jornada, ou pelo menos assim o imaginávamos. Decidimos que, já que chegáramos tão longe e de forma tão segura graças ao nosso sistema de deslocação nocturna, não arriscaríamos uma mudança; assim, continuámos a descansar durante o dia e a viajar de noite. Entretanto, os mantimentos escasseavam. Quase não tínhamos comida e embora o pobre Marchese fosse praticamente pele e osso, não desistiu. Em comparação, eu sentia-me ainda fresco e dispunha de uma reserva de energias. Todas as nossas

esperanças centravam-se nos armazéns de chá e provisões que se podiam encontrar em toda a parte ao longo do Caminho dos Peregrinos. Alguns permaneciam abertos até tarde e reconheciam-se pela luz ténue e bruxuleante dos seus candeeiros a óleo. Depois de retocar a minha caracterização, dirigi-me ao primeiro que encontrámos e fui expulso sob uma chuva de impropérios. Pelos vistos, tomaram-me por um ladrão. Apesar de ter sido desagradável, a experiência teve uma vantagem: o meu disfarce parecia convincente.

Ao chegar ao armazém seguinte, entrei com o dinheiro na mão da maneira mais ostentosa possível, o que causou uma boa impressão. Disse então ao merceeiro que precisava de mantimentos para dez pessoas, de forma a justificar a aquisição de dezoito quilos de cereais, açúcar e cebolas.

Os comerciantes mostraram-se mais interessados em contar o meu dinheiro do que em examinar a minha pessoa, e assim pouco depois pude deixar a loja com o meu pesado carregamento de provisões. No dia seguinte as coisas correram melhor. Finalmente tínhamos comida suficiente e o Caminho dos Peregrinos, após o longo corta-mato, parecia—nos um mero passeio.

Mas essa felicidade durou pouco, pois durante a paragem seguinte fomos perturbados por homens que procuravam madeira. Encontraram Marchese deitado e seminu por causa do imenso calor. Estava tão magro que era possível contar-lhe as costelas e tudo indicava que se encontrava doente. Como não nos alojámos numa das habituais estalagens para peregrinos, tornámo-nos obviamente suspeitos. Os indianos convidaram-nos para os acompanhar até à quinta deles, mas isso não nos convinha e o precário estado de saúde de Marchese serviu de desculpa. Na altura foram-se embora, mas em breve regressaram e tornou-se claro que eles nos tomavam por fugitivos. Tentaram chantagear-nos afirmando que nas proximidades havia um inglês acompanhado por oito soldados que procurava dois prisioneiros evadidos e que lhes tinha prometido uma recompensa em troca de qualquer informação útil. Mas prometeram não dizer nada se lhes dêssemos dinheiro. Mantive-me firme e insisti que era um médico de Caxemira, mostrando-lhes como prova o meu estojo de primeiros socorros.

Talvez devido aos genuínos gemidos de Marchese, ou à minha representação, os indianos desapareceram novamente. Passámos a noite seguinte em constante receio de que regressassem e temíamos que trouxessem o oficial. Contudo, não fomos molestados.

Do jeito que as coisas estavam, os dias pouco serviam para nos restaurar as forças, sujeitando-nos antes a um esforço superior. Não se tratava, naturalmente, de esforço físico, mas sim psicológico, já que estávamos sob uma tensão permanente. Por volta do meio-dia as nossas garrafas de água estavam geralmente vazias e o resto do dia parecia interminável. Todas as noites Marchese caminhava heroicamente e, não obstante a exaustão causada pela perda de peso, conseguia prosseguir até à meia-noite. Em seguida tínhamos de dormir duas horas de forma a que ele pudesse retomar a marcha. Quando amanhecia acampávamos, e do nosso esconderijo podíamos observar lá em baixo a grande Estrada dos Peregrinos com a sua quase ininterrupta procissão de peregrinos, cujas estranhas vestimentas nos causavam inveja. Felizardos! Não precisavam de se esconder de ninguém. No campo de concentração, tínhamos ouvido que cerca de 60 000 peregrinos faziam este percurso durante os meses de Verão, e agora acreditávamos.

A nossa próxima etapa seria longa, mas por volt da meia-noite alcançámos Uttar Kashi, a cidade-templo. Rapidamente nos perdemos nas estreitas ruelas e Marche-se teve de se sentar com as nossas mochilas numa esquina escura enquanto eu fui sozinho à procura do caminho. Através das portas abertas dos templos era possível observar as lamparinas que ardiam diante dos ídolos estáticos, e frequentemente tinha de saltar para uma sombra para evitar ser detectado pelos monges que transitavam pelos lugares sagrados. Demorei mais de uma hora até conseguir finalmente encontrar de novo a Estrada dos Peregrinos, que se prolongava do outro lado da cidade. Devido aos inúmeros livros de viagens que tinha lido, sabia que agora teríamos de cruzar a famosa «Linha Interna, uma linha que corre paralelamente à verdadeira fronteira, a uma distância que varia entre os 100 e os 200 quilómetros. À excepção dos residentes normais, qualquer pessoa que atravessasse esta região deve ser portadora de um livre-trânsito. Como não era esse o nosso caso, deveríamos redobrar cuidados para evitar postos da polícia e patrulhas.

A medida que avançávamos, o vale que atravessava o nosso caminho tornou-se cada vez mais ermo. Durante o dia, não tínhamos dificuldade em encontrar refúgios apropriados e eu podia abandonar frequentemente o nosso esconderijo para procurar água. Certa ocasião, até acendi uma pequena fogueira e cozinhei uma papa de aveia — a primeira refeição quente que comíamos em duas semanas.

Já tínhamos alcançado uma altitude de 2100 metros e durante a noite passávamos com frequência por acampamentos de *bhutias*, os comerciantes tibetanos que no Verão desenvolvem a sua actividade no sul do Tibete e no Inverno vêm para a Índia. Durante a época quente, muitos deles vivem em pequenas vilas situadas a 3000 metros de altitude, onde cultivam cevada. Estes acampamentos apresentavam uma característica muito desagradável: os poderosos e selvagens cães tibetanos, uma raça peluda e de tamanho médio que encontrávamos agora pela primeira vez.

Certa noite chegámos a uma destas vilas *bbutia* apenas habitadas no Verão. Parecia muito acolhedora com os seus telhados de ripas cobertas com pedras. Mas, por trás disto, aguardava-nos uma surpresa desagradável, pois a corrente tinha transbordado e inundara as margens, tornando o terreno adjacente num pântano. Era absolutamente impossível atravessá-la. Por fim, desistimos de tentar encontrar uma passagem e decidimos esperar pelo dia para observarmos melhor o terreno a partir de um esconderijo, pois não acreditávamos que a Estrada dos Peregrinos permanecesse interrompida neste ponto. Para nossa total estupefacção, na manhã seguinte a procissão de peregrinos prosseguia já o seu caminho e atravessava a corrente precisamente no local onde durante horas tentáramos em vão a travessia. Infelizmente, não podíamos ver como eles o faziam, pois as árvores tapavam parcialmente a visão do local. Mas ocorreu algo igualmente inexplicável. Mais tarde nessa manhã, reparámos que o fluxo de peregrinos parara. Na noite seguinte tentámos novamente a travessia no mesmo local, sem sucesso. Finalmente ocorreu-me que estávamos perante uma ribeira alimentada por gelo e neve derretida que comportava o seu caudal máximo do meio—dia até à noite. De manhã cedo o nível da água seria mínimo.

Era de facto como eu previra. A primeira luz da alvorada abeirámo-nos do riacho e vimos uma ponte primitiva de troncos de árvore semi-submersa.

Equilibrando-nos cuidadosamente, conseguimos atravessar para o outro lado. Infelizmente, havia outros rios que tivemos de atravessar da mesma maneira trabalhosa. Eu tinha acabado de passar pelo último deles quando Marchese escorregou e caiu na água — felizmente em cima dos troncos, senão teria sido arrastado pela corrente. Encharcado até aos ossos e completamente exausto, não era possível convencê-lo a prosseguir. Incitei-o a abrigar-se, mas ele espalhou as suas coisas para que secassem e começou a acender uma fogueira. Foi então que, pela primeira vez, comecei a arrepender-me de não ter concordado quando repetidamente me pediu que o deixasse e prosseguisse sozinho. Mas eu insistia sempre que, se tínhamos começado juntos, devíamos permanecer juntos.

Enquanto discutíamos, um indiano aproximou-se de nós e, depois de deitar um olhar aos vários objectos de origem obviamente europeia espalhados pelo chão, começou a fazer perguntas. Só então Marchese se apercebeu do perigo que corríamos e rapidamente apanhou as suas coisas. Mas mal tínhamos dado alguns passos fomos interceptados por outro indiano, um sujeito de aspecto distinto que liderava uma companhia de dez vigorosos soldados. Em inglês fluente pediu-nos os nossos documentos. Fingimos não compreender e dissemos ser peregrinos de Caxemira. Ele reflectiu por um momento e então encontrou uma solução que punha fim às nossas esperanças de fuga. Numa casa próxima havia dois homens de Caxemira e se eles nos conseguissem entender, podíamos seguir o nosso caminho. Que má sorte diabólica teria trazido aqueles dois homens para estas redondezas precisamente neste momento? Eu só tinha usado este «álibi porque a coisa mais improvável era encontrar alguém de Caxemira nesta região.

Os dois homens a que o oficial se referira eram dois peritos em inundações. Assim que nos levaram à sua presença percebemos que íamos ser desmascarados. Conforme havíamos combinado fazer em tal eventualidade, comecei a falar com Marchese em francês. O indiano interrompeu-nos imediatamente, falando também em francês, e mandou—nos abrir as nossas mochilas. Quando viu o meu dicionário inglês-tibetano, disse-nos que mais valia confessarmos a nossa verdadeira identidade. Foi então que admitimos ser prisioneiros fugitivos, mas não revelámos a nossa nacionalidade.

Pouco depois estávamos sentados numa confortável sala a beber chá, mas de qualquer forma eu sentia-me profundamente desapontado. Este era o décimo oitavo dia após a nossa fuga e todos os nossos esforços e privações tinham sido em vão. O homem que nos tinha interrogado era o chefe do Departamento Florestal no Estado de Tehri—Garwhal. Tinha estudado florestamento em escolas inglesas, francesas e alemãs e conhecia bem as três línguas. Tinha vindo inspeccionar esta região por causa da enchente, a pior catástrofe deste tipo nos últimos cem anos. Sorridente, lamentou a sua presença, acrescentando que a nossa lhe tinha sido participada, pelo que era obrigado a cumprir o seu dever.

Hoje, quando penso na concatenação de circunstâncias que levaram à nossa captura, sinto que fomos vítimas de algo pior do que a simples má sorte e que não poderíamos ter evitado o nosso destino. De qualquer forma, nem por um minuto duvidei que iria escapar novamente. Marchese, no entanto, estava em tal estado de exaustão que tinha desistido de qualquer outra tentativa. Num gesto de verdadeira camaradagem e ciente das minhas dificuldades, entregou-me a maior parte do seu dinheiro. Eu aproveitei bem o lazer forçado para me alimentar substancialmente, já que não tínhamos comido praticamente nada nos últimos dias. O cozinheiro do funcionário florestal manteve-nos continuamente abastecidos de comida, metade da qual eu armazenava na minha mochila. Ao anoitecer queixámo-nos de cansaço e dissemos que gostaríamos de dormir. A porta do nosso quarto estava fechada por fora e o funcionário florestal tinha instalado a sua cama na varanda em frente à nossa janela para prevenir qualquer tentativa de fuga por aí. Entretanto, ausentou-se por uns momentos e Marchese e eu aproveitámos a oportunidade para encenar uma discussão. Marchese, por assim dizer, fez ambos os papéis, gritando insultos numa voz ora aguda ora grave enquanto eu saltava através da janela, com mochila e tudo, para a cama do funcionário florestal e corria até ao fim da varanda. Já tinha escurecido, e depois de aguardar alguns segundos até que as sentinelas dobrassem a esquina da casa, saltei quatro metros para o chão. O solo não era muito duro e por isso fiz pouco barulho; em breve tinha transposto o muro do jardim, desaparecendo na escuridão total da floresta.

Estava livre!

O silêncio era total. Apesar da minha excitação, não consegui suster o riso ao pensar que Marchese, de acordo com o nosso plano, continuava a insultar-me enquanto o guarda florestal nos vigiava da sua cama em frente à nossa janela.

Contudo, eu tinha que prosseguir e, na minha pressa, corri de encontro a um rebanho de ovelhas. Antes de poder retroceder, um cão pastor aferrou-se aos fundilhos das minhas calças e não largou enquanto não arrancou um pedaço. Fugi dali aterrorizado, mas logo descobri que o caminho era demasiado íngreme e assim tive de recuar e contornar o rebanho de rastos até encontrar outro caminho. Pouco depois da meia-noite tive de admitir que me perdera novamente. Mais uma vez fui obrigado a retroceder, ofegante, alguns quilómetros. As minhas deambulações já me tinham custado quatro horas e já raiava a luz do dia. Ao transpor uma curva avistei um urso a uma distância de cerca de dezoito metros. Felizmente afastou-se, sem aparentemente ter reparado em mim.

Quando já era dia claro escondi-me outra vez, embora a área não revelasse quaisquer sinais de presença humana. Eu sabia que antes de chegar à fronteira com o Tibete deveria encontrar uma vila após a qual se encontrava a liberdade. Caminhei durante toda a noite seguinte e gradualmente comecei a estranhar o facto de ainda não ter alcançado a fatídica vila. Segundo os meus apontamentos, situava-se na margem oposta do rio e estava ligada à margem de cá por uma ponte. Ocorreu-me que poderia ter passado por ela, mas consolei-me com a ideia de que uma vila dificilmente podia passar despercebida. E assim prossegui a minha caminhada, descuidado, mesmo depois do dia raiar.

Ao contornar um amontoado de pedregulhos deparei que estava no meio das casas de uma vila diante da qual um aglomerado de aldeões gesticulava. O lugar estava erroneamente indicado no meu mapa; e como por duas vezes me tinha perdido durante a noite, os meus perseguidores tiveram tempo para me ultrapassar. Fui imediatamente cercado e intimado a render-me, após o que me conduziram para uma casa e me ofereceram de beber.

Aqui encontrei pela primeira vez autênticos nómadas tibetanos, que entram na Índia com os seus rebanhos de ovelhas e cargas de sal e regressam carregados com cevada. Ofereceram-me chá tibetano com

tsampa, a principal comida deste povo e que veio a ser a base da minha alimentação durante anos. O meu primeiro contacto com ela afectou o meu estômago de forma desagradável.

Passei duas noites nesta vila que se chamava Nelang, ponderando vagamente a ideia de outra tentativa de fuga, mas estava muito cansado e abatido para pôr os meus pensamentos em prática.

Em comparação com os meus esforços anteriores, a viagem de regresso parecia um passeio turístico. Não tinha de carregar a mochila e era muito bem tratado. No caminho encontrei Marchese, que o guarda florestal convidou para o seu *hungalow* privado. Fui convidado a ficar com eles. E qual não foi o meu espanto quando uns dias depois trouxeram dois outros fugitivos, membros da nossa companhia no campo de prisioneiros de guerra — Peter Aufschnaiter, meu camarada na expedição a Nanga Par-bat e um tal padre Calenberg.

Entretanto, tinha começado a ocupar a minha mente com planos para mais uma fuga. Fiz amizade com um guarda indiano que cozinhava para nós e que me parecia inspirar confiança. Entreguei-lhe os meus mapas, a bússola e o dinheiro, pois sabia que seríamos revistados antes de sermos readmitidos no campo e que seria impossível introduzir estas coisas connosco. Disse então ao indiano que voltaria na Primavera seguinte para recolher os meus pertences. Ele deveria pedir uma licença em Maio e aguardar o meu regresso, o que prometeu cumprir solenemente. Portanto, agora tínhamos de regressar ao campo e só a minha determinação em evadir-me novamente me permitiu suportar a amargura da minha decepção.

Marchese continuava doente e não podia caminhar, por isso deram-lhe um cavalo. Outra agradável interrupção foi a recepção pelo Marajá de Tehri-Garwhal, que nos tratou da forma mais hospitaleira. Retomámos então à nossa reclusão de arame farpado.

Este episódio da minha fuga tinha deixado uma marca visível na minha pessoa, que se revelou quando tomei banho numa nascente de água quente. Descobri então, que o meu cabelo caía às mãos-cheias. A tintura que eu tinha usado para o meu disfarce indiano era certamente perniciosa.

Como resultado da minha depilação involuntária e de todos os esforços por que passara, os meus camaradas no campo tiveram dificuldade em me reconhecer quando cheguei.

¹ *Sahib* — patrão, senhor. A população nativa refere-se assim ao indivíduo de raça branca. (*N. do T.*)

2 FUGA

Uma encenação arriscada — Sigo a mesma estrada — O Tibete não aceita estrangeiros — Retomamos a nossa pegada — De volta à Índia.

«A sua fuga foi bastante ousada. Lamento ter que o punir com vinte e oito dias, disse o coronel inglês à nossa chegada ao campo. Eu tinha gozado trinta e oito dias de liberdade e agora tinha que passar vinte e oito confinado à solitária. Era a medida disciplinar normal para os casos de fuga. No entanto, como o inglês encarava de forma desportiva a nossa arriscada iniciativa, fui tratado com menos rigor do que o habitual.

Quando terminei de cumprir o meu castigo, ouvi dizer que Marchese tinha tido o mesmo destino numa outra parte do campo. Mais tarde tivemos oportunidade de conversar sobre as nossas experiências. Marchese prometeu ajudar-me na minha próxima tentativa, mas não pensava em participar. Comecei imediatamente a fazer novos mapas e a retirar conclusões da experiência da fuga anterior. Estava convencido de que a próxima tentativa seria bem sucedida e estava determinado a ir sozinho desta vez.

Ocupado com os meus preparativos, o Inverno passou rapidamente e quando chegou a altura de nova fuga eu estava bem equipado. Queria começar mais cedo desta vez, de forma a passar pela vila de Nelang enquanto ainda estivesse desabitada. Como não contava recuperar as coisas que tinha deixado com o indiano, abasteci-me de novo com aquilo de que mais precisava. Uma comovente prova de camaradagem foi a generosidade

dos meus companheiros que, apesar da sua escassez de meios, não pouparam dinheiro na sua contribuição para o meu equipamento.

Eu não era o único prisioneiro de guerra que tencionava evadir-se. Os meus dois melhores amigos, Rolf Mage-ner e Heins von Have, estavam também empenhados nos seus preparativos de fuga. Ambos falavam inglês fluente e tencionavam abrir caminho através da Índia até à frente, na Birmânia. Von Have já tinha escapado há dois anos atrás com um companheiro e quase alcançara a Birmânia, mas fora capturado mesmo antes da fronteira. Durante uma segunda tentativa o seu amigo sofrera um acidente fatal. Outros três ou quatro reclusos, dizia-se, planeavam fugir. Finalmente, reunimo-nos os sete e decidimos efectuar uma evasão em simultâneo, com base no facto de que as fugas individuais bem sucedidas aumentavam a vigilância dos guardas e à medida que o tempo passava era cada vez mais difícil escapar. Se a fuga colectiva resultasse, uma vez fora do campo cada um de nós poderia seguir o seu rumo. Peter Aufschneider, que desta vez fazia equipa com Bruno Treipel, de Salzburgo, e dois companheiros de Berlim, Hans Kopp e Sattler, tencionavam, como eu, escapar para o Tibete.

A nossa hora-zero estava fixada para as duas da madrugada de 29 de Abril de 1944. O nosso plano era disfarçarmo-nos de brigada de reparação do arame farpado. Estas brigadas de trabalho eram uma presença habitual devido à existência de formigas brancas que constantemente devoravam os numerosos postes de madeira que sustentavam as vedações e que tinham de ser continuamente substituídos. Estes grupos de trabalho eram constituídos por indianos e por um supervisor inglês.

A hora combinada encontrámo-nos numa pequena barraca na vizinhança de um dos corredores de arame farpado menos vigiados. Aqui, peritos em maquilhagem que havia no campo transformaram-nos num instante em indianos. Have e Magener receberam uniformes de oficiais ingleses. Nós, os «indianos, tínhamos as cabeças rapadas e usávamos turbantes. Não obstante a seriedade da situação, não conseguíamos conter o riso quando olhávamos uns para os outros. Parecíamos mascarados a caminho de um Carnaval. Dois de nós carregavam uma escada, que na noite anterior tinha sido colocada num local sem vigilância junto à vedação de arame.

Tínhamos também subtraído uma longa bobina de arame farpado e pendurámo-la num poste. Os nossos haveres estavam escondidos debaixo das nossas túnicas brancas e embrulhados em trouxas, o que não parecia estranho, pois os indianos carregam sempre coisas consigo para onde quer que vão. Os nossos dois «oficiais ingleses comportavam-se de forma muito real, carregando rolos de plantas debaixo dos braços e exibindo as suas bengalinhas. Já tínhamos feito um buraco na vedação através do qual nos esgueirávamos agora, um a um, para a passagem não vigiada que separava os diferentes sectores do campo. O portão principal distava cerca de duzentos e oitenta metros daqui. Não atraímos atenções e só parámos uma vez quando o major-sargento passou pelo portão na sua bicicleta. Os nossos «oficiais escolheram esse momento para examinarem de perto o arame. Em seguida, atravessámos o portão sem que os guardas pestanejassem sequer. Era reconfortante vê-los cumprimentarem-nos educadamente e, obviamente, sem suspeitarem de ninguém. O nosso sétimo homem, Sattler, que tinha saído da sua camarata bastante atrasado, chegou depois. Tinha o rosto preto e balançava energicamente um balde de alcatrão. As sentinelas deixaram-no passar e ele só nos alcançou depois do portão.

Assim que saímos do campo de visão dos guardas desaparecemos no meio do mato e livrámo-nos dos nossos disfarces. Por debaixo das nossas túnicas indianas usávamos roupa de caqui, o nosso traje habitual para sair. Despedimo-nos uns dos outros com poucas palavras. Have, Magener e eu corremos juntos durante alguns quilómetros e depois separámo-nos. Escolhi a mesma rota da última vez e desloquei-me o mais rápido que podia, de forma a interpor a maior distância possível entre mim e o campo até à manhã seguinte. Desta vez estava determinado a não abdicar da minha decisão de viajar de noite e dormir de dia. Não! Não podia pôr em risco esta oportunidade. Os meus quatro camaradas, cujo objectivo era também o Tibete, deslocavam-se em grupo e tinham a audácia de utilizar a estrada principal que conduzia ao vale do Ganges via Mussoorie. Eu considerava isso demasiado arriscado e segui o meu percurso anterior através dos vales do Jumna e do Aglar. Durante a primeira noite devo ter passado a vau o Aglar pelo menos umas quarenta vezes. Seja como for, quando amanheceu encontrava-me precisamente no mesmo lugar que no ano anterior me levava quatro dias a alcançar. Feliz por estar livre, sentia-me satisfeito com a minha proeza, embora estivesse coberto de arranhões e hematomas e tivesse

gasto as solas de um par de ténis novos numa só noite devido ao peso da carga.

Escolhi o meu primeiro acampamento diurno entre dois barrancos na margem do rio, mas mal tinha pousado as minhas coisas surgiu um bando de macacos. Quando me avistaram começaram a atirar-me torrões. Distraído pelo barulho que faziam, não me apercebi de um grupo de trinta indianos que corria pela margem do rio em minha direcção. Só notei a sua presença quando já estavam perigosamente próximos do meu esconderijo. Até hoje, não sei se eram pescadores ou se andavam em busca de fugitivos. De qualquer forma, mal podia acreditar que não me tivessem visto, pois na sua corrida passaram apenas a alguns metros de mim. Suspirei de alívio novamente, mas tomei o incidente como aviso e permaneci no meu abrigo sem me mexer até escurecer. Durante toda a noite segui o curso do Aglar e fiz um bom progresso. O meu próximo acampamento decorreu tranquilamente e pude revigorar—me com um bom sono. Ao aproximar-se a noite, comecei a ficar impaciente e abandonei o acampamento cedo de mais. Tinha caminhado apenas algumas centenas de metros quando deparei com uma mulher indiana junto a uma nascente. Ela gritou assustada, deixando cair a bilha de água e correndo em direcção às casas próximas. Eu não estava menos assustado do que ela e fugi do trilho para uma ravina que tive de escalar a pique; embora soubesse que ia na direcção certa, este expediente representava um penoso desvio que ia atrasar-me várias horas. Tive que escalar a Nag Tibba, uma montanha com mais de três mil metros de altitude, que nas suas regiões cimeiras é deserta e coberta por uma densa floresta.

Enquanto prosseguia aos saltos, à luz da aurora, dei por mim frente a frente com o meu primeiro leopardo. O meu coração praticamente parou pois eu estava indefeso. A minha única arma era uma faca longa que o ferreiro do campo tinha feito expressamente para mim. Transportava-a embainhada numa vara. O leopardo estava num ramo grosso, quatro metros ou mais acima do chão, pronto para saltar. A uma velocidade relâmpago pensei qual seria a melhor atitude e então, disfarçando o meu medo, prossegui firmemente o meu caminho. Não aconteceu nada, mas durante longo tempo tive uma peculiar sensação na retaguarda.

Até aqui eu vinha seguindo o cume da Nag Tibba e agora encontrava finalmente a estrada de novo. Não tinha ido longe quando tive outra surpresa. No meio do trilho estavam alguns homens deitados — a rressonar! Era Peter Aufschneider e os seus três companheiros. Sacudi-os para que acordassem e dirigimo-nos todos para um local abrigado onde recapitulámos as experiências que tínhamos vivido no caminho. Estávamos todos em boa forma e convencidos de que conseguiríamos alcançar o Tibete. Depois de passar o dia na companhia dos meus amigos custou-me muito prosseguir sozinho à noite, mas mantive-me fiel à minha decisão. Na mesma noite cheguei ao Ganges. Estava em fuga há cinco dias.

Em Uttar Kashi, a cidade-templo que mencionei na minha primeira fuga, tive de correr para me salvar. Ao passar por uma casa, dois homens saíram e começaram a correr atrás de mim. Corri desenfreadamente através dos campos e rastejei até ao Ganges, escondendo-me entre dois enormes montes de seixos. Tudo estava calmo e ficou claro que eu tinha escapado aos meus perseguidores; mas só após um longo período me atrevi a sair para o luar. Nesta fase era um prazer para mim viajar ao longo de um percurso que me era familiar e a minha felicidade perante um progresso tão rápido fez-me esquecer o pesado fardo que carregava. E verdade que os meus pés estavam em muito mau estado, mas pareciam recuperar durante o meu descanso diurno. Frequentemente dormia dez horas ininterruptas.

Finalmente cheguei à quinta do meu amigo indiano, a quem eu tinha confiado o meu dinheiro e posses no ano anterior. Estávamos agora em Maio e tínhamos combinado que ele esperaria por mim à meia-noite em qualquer dia do mês. Propositadamente, não me dirigi directamente à casa, e antes de mais nada escondi a minha mochila, já que uma traição não estava totalmente fora de causa.

A Lua brilhou em cheio sobre a casa da quinta e por isso escondi-me na escuridão do estábulo e num sussurro chamei duas vezes pelo nome do meu amigo. A porta abriu-se e o meu amigo saiu a correr, atirou-se ao chão e beijou-me os pés. Lágrimas de alegria corriam-lhe pela face. Conduziu-me a um quarto separado da casa, em cuja porta estava pendurado um enorme cadeado. Acendeu uma tocha de madeira de pinho e abriu um baú de madeira. Lá dentro estavam as minhas coisas, cuidadosamente costuradas

em sacos de algodão. Profundamente comovido pela sua lealdade, desempacotei as coisas e dei-lhe uma recompensa. O leitor pode imaginar como apreciei a comida que então me pôs à frente. Pedi-lhe para me arranjar provisões e um cobertor de lã antes da noite seguinte. Ele prometeu-me fazê-lo e além disso ofereceu-me um par de ceroulas e um xaile de lã feito manualmente.

No dia seguinte, dormi numa mata nas proximidades e à noite fui buscar as minhas coisas. O meu amigo ser-viu-me uma revigorante refeição e acompanhou-me durante parte do caminho. Subnutrido como era e com dificuldade em acompanhar o meu passo, ofereceu-se para carregar parte da minha bagagem. Pouco depois mandei-o regressar, e depois da mais calorosa das despedidas encontrei-me novamente sozinho.

Já devia passar um pouco da meia-noite quando deparei com um urso no meio do caminho, em pé sobre as patas traseiras e a rosnar-me. Neste local, o som da corrente do Ganges era tão alto que nenhum de nós tinha ouvido o outro a aproximar-se. Com a minha lança rudimentar apontada ao seu coração, recuei passo a passo com os meus olhos fixos nele. Ao dobrar a primeira curva do caminho acendi rapidamente uma fogueira e com uma vara em chamas que brandia à minha frente fui ao encontro do meu inimigo. Mas ao ultrapassar a curva encontrei o caminho, desimpedido pois o urso tinha desaparecido. Camponeses tibetanos disseram-me depois que os ursos só são agressivos durante o dia. De noite têm medo de atacar.

Já caminhava há dez dias quando cheguei à vila de Ne-lang, onde no ano anterior o destino tinha destruído as minhas esperanças. Desta vez era um mês mais cedo e a vila continuava desabitada. Mas qual não foi a minha alegria ao encontrar lá os meus quatro companheiros do campo de prisioneiros! Tinham-me ultrapassado enquanto permaneci com o meu amigo indiano. Instalámo-nos numa casa vazia e dormimos toda a noite. Infelizmente Sattler estava doente por causa da altitude; sentia-se miseravelmente e declarou-se incapaz de suportar qualquer esforço. Decidiu regressar, mas prometeu que só se entregava ao fim de dois dias para não pôr em causa a nossa fuga. Kopp, que no ano passado tinha entrado no Tibete por este mesmo trajecto com o lutador Krâmer, juntou-se a mim.

Contudo, demorámos sete longos dias de marcha até alcançarmos a passagem que forma a fronteira entre a Índia e o Tibete. A nossa demora deveu-se a um cálculo mal feito. Depois de deixar Tirpani, um acampamento de caravanas bem conhecido, seguimos o mais oriental de três vales, mas tivemos que admitir que nos tínhamos perdido. Para sabermos onde estávamos, Aufschnaiter e eu escalámos o topo de uma montanha donde esperávamos obter uma boa visão do outro lado da região. Daqui avistámos o Tibete pela primeira vez, mas estávamos demasiado cansados para apreciar a paisagem, e a uma altitude de quase 5500 metros sofriámos com a falta de oxigénio. Para nossa grande decepção, concluímos que era necessário retornar a Tirpani. Aí chegados, descobrimos que a passagem que procurávamos estava apenas a uma centena de metros. O nosso erro tinha-nos custado três dias e causado um profundo desencorajamento. Tivemos que cortar as nossas rações e duvidávamos da nossa capacidade de aguentar até alcançarmos a próxima localidade.

A partir de Tirpani o nosso caminho subia suavemente por pastos verdes atravessados pela corrente de um dos pequenos afluentes do Ganges. Este riacho, que uma semana antes exibia uma turbulenta e ensurdecadora corrente que se precipitava pelo vale abaixo, serpenteava agora suavemente através dos campos. Em poucas semanas, toda a região ficaria verde e os numerosos locais de acampamento, reconhecíveis pelas pedras chamuscadas, faziam—nos imaginar as caravanas que durante o Verão atravessavam as cordilheiras da Índia para o Tibete. Um rebanho de cabras selvagens passou à nossa frente. Ligeiras como camurças, em breve desapareceram da nossa vista sem terem notado a nossa presença. Como os nossos estômagos se lamentavam! Teria sido maravilhoso cozer uma na nossa panela, permitindo-nos assim, pelo menos uma vez, saciar a nossa fome. À entrada do desfiladeiro acampámos na Índia pela última vez. Em vez da saborosa refeição de carne com que tínhamos estado a sonhar, cozinámos sobre umas pedras quentes uns insípidos bolos com o resto da nossa farinha misturada com água. O frio era cortante e a nossa única protecção contra o vento gelado da montanha que varria o vale era uma parede rochosa.

Por fim, a 17 de Maio de 1944 encontrávamo-nos no cume da cordilheira de Tsangchokla. Pelos nossos mapas sabíamos que a altitude era de 5250

metros.

Pois aqui estávamos nós, na fronteira entre a Índia e o Tibete, a meta dos nossos sonhos há tanto tempo acalentados.

Pela primeira vez, experimentámos uma sensação de segurança pois sabíamos que nenhum inglês nos poderia prender aqui. Não sabíamos como os tibetanos nos iriam receber, mas como o nosso país não estava em guerra com o Tibete esperávamos uma recepção hospitaleira.

No cume do desfiladeiro erguiam-se pedras amontoadas e bandeiras de oração que os budistas devotos dedicavam aos seus deuses. Estava imenso frio mas descansámos por um longo bocado e avaliámos a nossa situação. Praticamente não conhecíamos a língua e quase não tínhamos dinheiro. Acima de tudo, estávamos famintos e tínhamos de encontrar algum lugar habitado o mais rapidamente possível. Mas, tanto quanto nos era possível ver, só havia montanhas desoladas e vales desertos. Os nossos mapas assinalavam vagamente a presença de aldeias nesta região. O nosso objectivo final, conforme mencionei, eram as frentes japonesas — a milhares de quilómetros de distância. A rota que tencionávamos seguir conduzia primeiro à montanha sagrada de Kailás e daí, ao longo do curso do Brahmaputra, até nos levar ao Tibete Oriental. Kopp, que estivera no Tibete no ano anterior e fora expulso, achava que as indicações no nosso mapa eram razoavelmente precisas.

Depois de uma acentuada descida chegámos ao curso do Optchu, onde descansámos a meio do dia. Falésias rochosas pendiam sobre ambos os lados do vale como num *canyon*. O vale era completamente desabitado e só um poste de madeira indicava a ocasional presença do ser humano. O outro lado do vale consistia em encostas de xisto que teríamos que escalar. Escureceu antes de atingirmos o planalto e acampámos sob um frio gélido. Durante os últimos dias, o nosso combustível tinha sido a vegetação que encontrávamos nas encostas. Como não havia vegetação, tivemos que usar esterco de vaca conseguido a muito custo.

Antes do meio-dia seguinte alcançámos a nossa primeira vila tibetana, Kasapulung, com apenas seis casas. O lugar parecia completamente deserto e quando batemos às portas não houve sinal de vida. Descobrimos então

que todos os aldeões estavam ocupados a semear cevada nos campos vizinhos, sempre de cócoras e semeando grão a grão com a velocidade e regularidade de máquinas. Olhámos para eles com sentimentos possivelmente semelhantes àqueles que Colombo experimentou quando encontrou índios pela primeira vez. Será que nos iam receber como amigos ou inimigos? Ainda não tinham reparado em nós. Os gritos de uma velha que mais parecia uma bruxa foram o único som que ouvimos. Não eram dirigidos a nós, mas aos bandos de pombos selvagens que mergulhavam para se alimentarem dos grãos recém-semeados. Até ao anoitecer, os camponeses mal se dignaram olhar-nos e por isso acampámos perto de uma das casas; quando regressaram dos campos ao anoitecer, tentámos negociar com eles. Oferecemos-lhes dinheiro por uma das suas ovelhas ou cabritos mas eles não se mostraram inclinados a negociar. Como o Tibete não tem postos de fronteira, toda a população é mentalizada para hostilizar os forasteiros, existindo severas penalidades para quem vender alguma coisa a um estrangeiro. Como estávamos famintos e não tínhamos nenhuma hipótese, só nos restava intimidá-los. Ameaçámos tomar um dos animais à força caso não o vendessem livremente — e como nenhum de nós parecia fraco, este método de argumentação resultou, já era noite cerrada quando nos venderam por um preço exorbitante o mais velho dos bodes que conseguiram encontrar. Sabíamos que estávamos a ser chantageados mas condescendemos, pois queríamos conquistar a hospitalidade deste país.

Esquartejámos o bode num estábulo e só à meia-noite nos pudemos atirar à carne semicrúa.

Passámos o dia seguinte a descansar e a observar as casas mais de perto. Eram de pedra, com telhados planos aonde a lenha era posta a secar. Estes tibetanos não podem ser comparados com os do interior, que viemos a conhecer depois. O intenso tráfego de caravanas no Verão corrompeu-os. Achámo-los sujos, de pele escura e olhar fugidio, sem vestígios da alegria característica da sua raça. Iam para o seu trabalho diário mal humorados e percebia-se que se tinham estabelecido nesta região estéril somente para ganharem bom dinheiro com os produtos que vendiam às caravanas. Estas seis casas na fronteira, como pude confirmar mais tarde, formavam a única vila destituída de convento.

Na manhã seguinte deixámos este lugar pouco hospitaleiro sem qualquer impedimento. Estávamos agora bem restabelecidos e o humor berlinense de Kopp, que durante os últimos dias se tinha apagado, pôs-nos a rir novamente. Atravessámos os campos para descer a colina em direcção a um pequeno vale. Na subida do outro lado, a caminho do planalto seguinte, sentimos mais do que nunca o peso das nossas mochilas. Esta fadiga física era principalmente causada por uma reacção ao desapontamento que esta terra, há tanto tempo sonhada, nos causara até ali. Tínhamos sido forçados a passar a noite numa desagradável espécie de depressão no terreno que mal nos protegia do vento.

No início da nossa viagem tínhamos atribuído tarefas específicas a cada membro do grupo. Recolher água, acender fogueiras e fazer chá representavam trabalho pesado. Todas as noites esvaziávamos as nossas mochilas para nos protegerem as pernas do frio. Nessa noite, quando sacudi a minha houve uma pequena explosão. Os meus fósforos tinham-se incendiado com a fricção — uma prova de como o ar no alto planalto tibetano era seco.

Às primeiras luzes do dia examinámos o lugar onde tínhamos acampado. A depressão no terreno devia ser obra do homem, pois era circular e tinha paredes perpendiculares. Talvez originalmente fosse armadilha para animais selvagens. Atrás de nós erguiam-se os Himalaias com a Kamet, uma perfeita pirâmide de neve, e os inacessíveis despenhadeiros desta região montanhosa. Descemos a montanha através de uma espécie de formação de loesse e por volta do meio-dia chegámos à vila de Dushang. Mais uma vez encontrámos pouquíssimas casas e uma recepção tão inospitaleira como a que tivéramos em Kasapuling. Foi em vão que Peter Aufschneider demonstrou o seu conhecimento da língua, adquirido durante anos de estudo, e a nossa gesticulação fracassou igualmente. Contudo, pela primeira vez observámos um autêntico templo tibetano. Buracos negros perfuravam as paredes de terra e sobre uma cumeada avistámos as ruínas de gigantescos edifícios. Centenas de monges devem ter vivido aqui outrora. Agora havia apenas alguns que viviam numa casa mais recente, mas nunca se mostraram. Num terraço diante do mosteiro estavam alinhados túmulos assinalados a vermelho.

Algo deprimidos, regressámos à nossa tenda, que para nós representava um pequeno lar no meio deste mundo interessante mas estranhamente hostil.

Quando chegámos a Dushang também não havia autoridades a quem pudéssemos pedir autorização para permanecer ou viajar. Mas esta omissão em breve seria rectificada pois os oficiais já vinham no nosso encalço. No dia seguinte, retomámos a nossa marcha, com Kopp e eu na dianteira e Aufschnaiter e Treipel um pouco mais atrás. Subitamente ouvimos o tilintar de campainhas: dois homens montados em póneis aproximaram-se, e no dialecto local intimaram-nos a voltar para a Índia pelo mesmo caminho por que viéramos. Sabíamos que era inútil argumentar e assim, para sua surpresa, simplesmente os empurrámos da nossa frente. Felizmente não recorreram às armas, com certeza convencidos de que também nós estávamos armados. Depois de mais algumas débeis tentativas para nos atrasar, afastaram-se, e foi sem qualquer obstáculo que alcançámos a povoação seguinte, que sabíamos ser a sede de um governador local.

A região que percorremos nesse dia era árida e deserta, sem quaisquer sinais de vida. O seu ponto central, a pequena cidade de Tsaparang, só era habitada durante os meses de Inverno e quando fomos à procura do governador ficámos a saber que ele estava a fazer as malas para se mudar para Shangtse, a sua residência de Verão. O nosso espanto não foi pequeno ao descobrir que ele era um dos homens armados que tínhamos encontrado no caminho e que nos mandara retroceder. A sua atitude não foi portanto amigável e foi difícil persuadi-lo a ceder-nos um pouco de farinha em troca de medicamentos. O pequeno estojo medicinal que eu trazia na minha mochila foi a nossa salvação na altura e frequentemente veio a ser de grande utilidade.

Por fim, o governador mostrou-nos uma gruta onde poderíamos passar a noite, avisando uma vez mais que teríamos que abandonar o Tibete pela estrada por onde tínhamos vindo. Recusámo-nos a acatar as suas ordens e tentámos explicar-lhe que o Tibete era um Estado neutro e que nos deveria oferecer asilo. Mas a sua mente não conseguia assimilar esta ideia e ele não era suficientemente competente para tomar uma decisão, mesmo que tivesse compreendido. Por isso propusemos-lhe que a decisão ficasse a cargo de

uma autoridade de alta patente, um monge cuja residência oficial ficava em Thuling, a oito quilómetros dali.

Tsaparang era realmente uma curiosidade. Eu tinha aprendido nos livros que estudara no campo de concentração que a primeira missão católica no Tibete tinha sido fundada aqui, em 1624. O jesuíta português António de Andrade tinha formado uma comunidade católica e dizia—se que tinha construído uma Igreja. Procuramos os seus vestígios mas não conseguimos encontrar quaisquer sinais de construção católica. A nossa própria experiência fez—nos perceber como terá sido difícil ao padre António estabelecer aqui a sua missão.

No dia seguinte, caminhámos até Thuling para apresentar o nosso caso ao monge. Lá encontrámos Aufschnaiter e Treipel, que tinham seguido uma rota diferente. Juntos fomos visitar o Abade do Claustro, que afinal era a autoridade que procurávamos, mas constatámos que era insensível aos nossos pedidos de permissão para prosseguir a nossa caminhada para oriente. Dispôs-se apenas a vender—nos mantimentos se concordássemos em voltar para Shangtse, que ficava no caminho de regresso à Índia. A única hipótese era concordar pois já não tínhamos comida.

Havia também um funcionário secular em Thuling mas achámo-lo ainda menos afável, pois repeliu as nossas tentativas de nos aproximarmos dele e chegou ao ponto de instigar o povo contra nós. Tivemos que pagar caro por um bocado de manteiga rançosa e outro de carne cheia de vermes. Umas poucas almôndegas de fígado custaram-nos uma rupia. A única lembrança agradável que levámos de Thuling foi a imagem do templo com os pináculos dourados do telhado a brilharem ao sol e as águas do Sutlej que corriam em baixo. Este é o maior mosteiro no Tibete ocidental mas tem um aspecto muito abandonado; e segundo ouvimos dizer, apenas vinte dos anteriores duzentos e sessenta monges permanecem ali.

Quando finalmente prometemos voltar para Shangtse, deram-nos quatro jumentos para carregar a nossa bagagem. No início estranhámos o facto de nos deixarem ir sem nenhum guarda, apenas acompanhados pelo dono dos jumentos; mas cedo chegámos à conclusão de que no Tibete o método de supervisão mais simples é proibir a venda de provisões a estrangeiros que não tenham salvocondu-to.

A presença dos burros não tornou a viagem mais agradável. Levámos uma hora a cruzar o Sutlej, porque os animais estavam muito cansados. Tínhamos de os incitar continuamente de forma a chegar à próxima vila antes do anoitecer, um lugar chamado Phywang e com poucos habitantes; mas ao olhar para a encosta da colina vimos, como em Tsaparang, centenas de grutas.

Passámos a noite aqui. Shangtse ficava a um dia de viagem. No dia seguinte, durante o caminho apreciámos as mais gloriosas paisagens dos Himalaias, para nos compensar de certa forma do terreno lamacento por onde conduziríamos os animais. Nesta parte do trajecto, encontrámos pela primeira vez o *kyang*, uma espécie de burro selvagem da Ásia Central cujos movimentos graciosos encantam os viajantes. Tem aproximadamente o tamanho de uma mula e aproxima-se para observar quem passa — e então dá meia-volta e afasta-se num trote muito elegante. O *kyang* alimenta-se de erva e não é incomodado pelos habitantes. O seu único inimigo é o lobo. Desde a primeira vez que os vi, estes animais selvagens parecem-me um símbolo de liberdade.

Shangtse era outro lugarejo com apenas meia dúzia de casas construídas com tijolos de lama seca e cubos de turfa. Achámos a vila tão pouco hospitaleira como as outras. Aqui encontrámos o antipático funcionário de Tsaparang, que se tinha mudado para as suas instalações de Verão. De forma alguma nos permitiria prosseguir para o interior do Tibete, mas deu-nos a opção de viajar via Tsaparang ou de seguirmos a rota ocidental, através da cordilheira de Shipki, para a Índia. Só se concordássemos com um destes trajectos é que ele consentiria em vender-nos provisões.

Optámos pela rota de Shipki, porque era uma região nova para nós e tínhamos esperança de encontrar uma saída. Por agora podíamos comprar manteiga, carne e farinha na quantidade que quiséssemos. Mas sentíamo-nos deprimidos com a desanimadora perspectiva de acabar atrás do arame farpado mais uma vez. Treipel detestava o Tibete e estava pronto a desistir de quaisquer futuras tentativas de permanecer nesta terra lamacenta.

Passámos quase todo o dia seguinte a satisfazer o nosso apetite. Também actualizei o meu diário e cuidei dos meus tendões inflamados pelas marchas

forçadas durante a noite. Estava determinado a correr qualquer risco para evitar ser novamente capturado e Aufschneider partilhava da minha opinião. Na manhã seguinte, ficámos a conhecer o verdadeiro carácter do governador. Tínhamos cozinhado a carne numa panela de cobre e Aufschneider deve ter ficado ligeiramente intoxicado pois sentia-se muito mal. Quando pedi ao governador que nos deixasse permanecer mais uma noite, mostrou mais má vontade do que nunca. Discuti com ele violentamente, o que parece ter resultado, pois consentiu em fornecer um cavalo a Aufschneider, pondo também dois iaques à nossa disposição para carregarem a bagagem.

Era o meu primeiro contacto com o iaque, a besta de carga habitual no Tibete e que só vive a grandes altitudes. Esta espécie de boi de pêlo comprido necessita de muito treino antes de poder ser utilizado e as fêmeas são consideravelmente mais pequenas que os machos e produzem um excelente leite.

O soldado que nos acompanhava desde Shangtse trazia consigo uma carta que era o nosso salvo-conduto e isto dava-nos direito a comprar os mantimentos de que precisássemos. Também nos permitia, a cada paragem, trocar os nossos iaques sem pagar nada.

Durante o dia o tempo era agradavelmente quente, mas as noites eram gélidas. Passámos por várias vilas e grutas habitadas, mas a população pouca atenção nos dispensava. O nosso condutor de animais, oriundo de Lassa, era simpático e amigável para connosco e apreciava pavonear-se pelas vilas. Achámos a população menos desconfiada, sem dúvida por influência do nosso salvo-conduto. Enquanto palmilhávamos o distrito de Rongchung, demo-nos conta de que seguíamos a rota de Sven Hedin e eu, que era um grande admirador deste explorador, mantinha as suas descrições ainda bem vivas na minha mente. O terreno que atravessávamos permanecia inalterado. Continuávamos a ultrapassar planaltos, a descer profundos vales e a escalar penosamente do outro lado. Estas ravinas eram tão estreitas que se poderia falar de um lado para o outro, mas levavam-nos horas a atravessar. Este permanente sobe-e-desce duplicava a distância da nossa jornada e era enervante, e assim cada um permanecia em silêncio com os seus próprios pensamentos. Não obstante, progredíamos e não

precisávamos de nos preocupar com comida. A certa altura, quando nos ocorreu mudar de ementa, tentámos a nossa sorte na pesca. Depois de experimentar em vão com o anzol, despimo-nos e chapinhámos nos límpidos riachos da montanha, tentando apanhar o peixe à mão. Mas eles pareciam ter melhor ocupação do que acabar na nossa panela.

Aproximámo-nos gradualmente da cadeia dos Hima-laias e, lamentavelmente, da fronteira com a Índia. A temperatura tinha subido pois já não estávamos tão alto. Era precisamente aqui que o Sutlej iniciava a sua travessia dos Himalaias. As vilas nesta região pareciam pequenos oásis e à volta das casas existiam pomares de damasqueiros e hortas com vegetais.

Onze dias depois de deixarmos Shangtse, chegámos à vila fronteiriça de Shipki. Estávamos a 9 de Junho — já vagueávamos pelo Tibete há mais de três semanas. Havíamos visto muito e tínhamos aprendido de forma amarga que a vida no Tibete não era possível sem um visto de residência.

Passámos mais uma noite no Tibete, romanticamente acampados sob damasqueiros cuja fruta, infelizmente, ainda não estava madura. Consegui comprar um burro por 80 rupias sob o pretexto de que precisava de um animal para carregar a minha bagagem na Índia. No interior do Tibete nunca teria conseguido isto, mas próximo da fronteira era diferente e eu sabia que uma besta de carga era absolutamente essencial para concretizar os meus planos com sucesso.

O homem dos burros separou-se de nós aqui e levou os seus animais com ele. «Talvez nos encontremos em Lassa, disse ele com um sorriso. Tinha-nos falado entusiasticamente das raparigas bonitas e da boa cerveja da capital. A nossa estrada serpenteou até ao topo da cordilheira onde alcançámos a fronteira, mas não existiam postos fronteiriços tibetanos nem indianos. Nada, a não ser os habituais montículos de pedras e bandeiras de oração e o primeiro sinal de civilização na forma de um marco que dizia:

SIMLA 320 KM

Estávamos na Índia uma vez mais, mas nenhum de nós fazia tenção de permanecer muito tempo nesta terra onde um campo cercado de arame farpado nos aguardava.

3 NO TIBETE

Novamente do lado de lá da fronteira — Uma melhor recepção — Gartok, sede de um vice-rei — Mais uma viagem extenuante — Um templo vermelho com telhados dourados — Tradún — Kopp parte para o Nepal.

O meu plano era agarrar a primeira oportunidade e atravessar novamente a fronteira para o Tibete. Estávamos convencidos de que todas as autoridades que até agora tínhamos encontrado simplesmente não tinham competência para decidir sobre o nosso caso. Desta vez teríamos de abordar alguma autoridade superior. Para tal teríamos de ir até Gartok, capital do Tibete Ocidental, e sede do governador da região.

Caminhámos alguns quilómetros pela grande e muito frequentada rota comercial até chegarmos à primeira vila indiana, Namgya, onde podíamos ficar sem levantar suspeitas, já que vínhamos do Tibete e não das planícies indianas. Fizemo-nos passar por soldados americanos, comprámos novas provisões e dormimos num albergue público. Então separámo-nos. Aufschnaiter e Treipel desceram a estrada principal que flanqueava o Sutlej, enquanto Kopp e eu conduzimos o nosso jumento para um vale que se estendia para norte, em direcção a uma cordilheira que levava ao Tibete. Conforme os nossos mapas indicavam, primeiro teríamos de passar pelo vale de Spiti, que era habitado. Eu estava muito contente por Kopp se ter aliado a mim pois era um companheiro inteligente, prático e bem disposto e a sua veia de humor berlinense nunca se esgotava.

Durante dois dias palmilhámos a margem do rio Spiti; seguimos então um dos vales próximos que nos levaria para além dos Himalaias. Esta região não estava bem assinalada no nosso mapa, e ficámos a saber pelos nativos que já tínhamos cruzado a fronteira ao atravessar uma ponte chamada Sangsam. Durante toda esta parte do nosso percurso tínhamos à nossa direita o Riwo Phargyul, um belo pico montanhoso com mais de 6700 metros de altitude, no topo dos Himalaias. Tínhamos entrado no Tibete num dos poucos pontos onde o território tibetano se estende até à cadeia dos Himalaias. Claro que começámos a ficar ansiosos e a imaginar até onde conseguiríamos chegar desta vez. Felizmente ninguém nos conhecia e

nenhum funcionário hostil tinha voltado a população contra nós. Quando nos faziam perguntas, dizíamos ser peregrinos a caminho da montanha sagrada de Kailás.

A primeira vila tibetana que alcançámos chamava-se Kyurik, com apenas duas casas. A seguinte, Dotso, era consideravelmente maior e deparámo-nos com um enorme grupo de monges — mais de cem — procurando troncos de choupo que iriam transportar pela cordilheira até Trashi-gang para serem usados na construção de um dos edifícios do templo. Este mosteiro é o maior da província de Tsurubyin e o seu abade é o funcionário secular mais importante. Quando encontrámos este alto dignatário, começámos a temer que a nossa jornada tivesse um fim prematuro. No entanto, quando nos interrogou, dissemos que éramos os batedores de uma grande expedição europeia que tinha obtido autorização do governo central, em Lassa, para entrar no Tibete. Ele pareceu acreditar e, bastante aliviados, prosseguimos viagem. Enfrentámos uma esgotante escalada até ao topo de uma cordilheira a que os ti-betanos chamam Búd-Biid La e que deve estar a mais de 5500 metros de altitude. O ar era desagradavelmente rarefeito e abaixo do nosso trilho podíamos avistar os picos de gelo de um glaciar vizinho.

No caminho encontrámos alguns *bhutías* que também seguiam para o interior. Eram pessoas simpáticas e amigáveis e convidaram-nos para partilhar da sua fogueira e beber uma chávena de chá rançoso. Como tínhamos acampado perto, à noite trouxeram-nos um saboroso prato de espinafres selvagens.

A região pela qual viajávamos era completamente desabitada e durante os oito dias que se seguiram só encontrámos uma pequena caravana. Tenho uma recordação nítida de uma pessoa que encontrei nesta parte da estrada, um jovem nómada agasalhado com um longo casaco de pele de carneiro e que usava uma trança como todos os homens no Tibete que não são monges. Conduziu-nos à sua tenda preta de pele de iaque onde o aguardava a mulher, uma criatura alegre sempre a rir-se. Dentro da tenda encontrámos um tesouro que nos fez água na boca — um pernil de veado. O nosso anfitrião alegremente nos vendeu um bocado da carne por uma ninharia, mas pediu-nos encarecidamente que mantivéssemos segredo da sua caça,

pois poderia ficar em apuros. Tirar a vida a seres humanos ou animais é contra os princípios do Budismo e, conseqüentemente, a caça é proibida. O Tibete é governado por um sistema feudal segundo o qual homens, animais e terra pertencem ao Dalai Lama, cujas ordens são lei.

Descobri que conseguia fazer-me entender por estes companheiros camponeses, e a sensação de que o meu conhecimento da língua estava a melhorar deu-me um grande prazer. Combinámos ir caçar juntos no dia seguinte e, entretanto, instalámo-nos confortavelmente na tenda do jovem casal. O nómada e a sua mulher foram os primeiros tibetanos bem humorados e amigáveis que conhecemos e nunca os esquecerei. O ponto alto da hospitalidade do nosso anfitrião consistiu em apresentar uma garrafa de madeira com cerveja de cevada, um líquido pastoso que não tinha qualquer semelhança com aquilo a que chamamos cerveja mas que produzia o mesmo efeito.

Na manhã seguinte fomos os três caçar. O nosso jovem amigo tinha uma arma pré-diluviana de carregar pela boca e num bolso do casaco levava balas de chumbo, pólvora e um pau de fósforo. Quando avistámos o primeiro rebanho de cabras selvagens foi com muito custo que acendeu o fósforo com o auxílio de uma pederneira. Estávamos ansiosos por saber como esta peça de museu iria funcionar. Ouviu-se um estrondo de trovão e quando consegui livrar-me da nuvem de fumo não havia sequer vestígios de cabras. Avistámos então o rebanho que se afastava a galope; antes de desaparecerem por trás de uma crista da montanha, algumas viraram-se e lançaram-nos um olhar de desdém. Só nos restava rir da nossa própria falta de jeito, mas para não regressarmos de mãos a abanar apanhámos algumas cebolas selvagens que crescem por toda a parte nas encostas e que combinam tão bem com a carne de veado. A mulher do nosso amigo parecia estar já acostumada à má sorte do marido nas caçadas. Quando nos viu chegar sem qualquer peça de caça desatou a rir, e os seus olhos rasgados quase desapareciam na sua hilaridade. Tinha preparado cuidadosamente uma refeição com alguma carne que o marido tinha caçado dias antes e agora dedicava-se entusiasticamente a cozinhá-la. Nós assistíamos à operação e ficámos um pouco atónitos quando ela, sem o mínimo constrangimento, tirou a parte de cima do seu manto de pele, em cuja cintura usava um colorido cinto. A pesada pele do manto obstruía-lhe os

movimentos e por isso despiu-se até à cintura e continuou as suas tarefas alegremente. Mais tarde encontrámos frequentemente exemplos semelhantes de naturalidade espontânea. Foi com grande pesar que nos separámos deste casal amigável e fi-zemo-nos ao caminho com as nossas barrigas cheias de óptima carne fresca. A medida que prosseguíamos, avistávamos com frequência os vultos negros dos iques selvagens que pastavam à distância nas encostas das montanhas. A visão destes iques incitou o nosso burro a tentar a independência: precipitou-se através de um riacho e antes que o pudéssemos alcançar sacudiu do lombo as nossas mochilas. Fomos atrás dele gritando imprecações e conseguimos apanhá-lo. Enquanto nos ocupávamos a secar as nossas coisas numa margem do rio, duas figuras surgiram subitamente no nosso horizonte. Reconhecemos o primeiro imediatamente pelo seu passo regular e lento de montanhista — era Peter Aufschnaiter e um carregador alugado. Poderá pensar-se que tal encontro num lugar destes é inverosímil; mas como só através de certos vales e desfiladeiros é que se pode ultrapassar a cadeia de montanhas, tanto nós como Peter tínhamos escolhido um destes trajectos mais acessíveis. Depois de uma calorosa recepção, Aufschnaiter começou a contar-nos o que lhe tinha acontecido entretanto. A 17 de Junho tinha-se separado de Treipel, que partira para a Índia a cavalo, com a intenção de se fazer passar por inglês. Tinha comprado o cavalo com o seu último dinheiro. Aufschnaiter por sua vez tinha estado doente, mas quando recuperou veio atrás de nós. No caminho tinha ouvido algumas das últimas notícias da guerra, que escutámos avidamente embora estivéssemos noutro mundo.

A princípio Aufschnaiter não queria vir connosco para Gartok, pois acreditava que seríamos novamente expulsos do país e que seria mais sensato seguir directamente para o Tibete central e aí juntarmo-nos aos nómadas. Por fim, prosseguimos todos juntos e Aufschnaiter e eu continuámos juntos durante anos. Se tudo corresse bem, sabíamos que dentro de cinco dias estaríamos em Gartok. Tivemos de atravessar uma outra cordilheira a grande altitude, a Bongru La. Acampar nestes tempos não era nenhum prazer. A 5200 metros as noites eram geladas!

Alguns pequenos incidentes quebravam a rotina. Numa ocasião foi o espectáculo de uma luta entre dois burros selvagens, dois garanhões que provavelmente disputavam a primazia sobre as éguas da manada. Voavam

pedaços de terra e o terreno tremia sob os seus cascos. Os adversários estavam tão concentrados na sua luta que nem repararam nos observadores. Entretanto, as éguas, ávidas de sensações, dançavam em volta e a arena frequentemente desaparecia sob uma nuvem de poeira.

Depois de atravessar duas cordilheiras tínhamos os Himalaias atrás de nós mais uma vez; e eu estava contente por isso, pois aproximávamo-nos finalmente de regiões mais quentes. Na descida para o vale do Indus encontrámos uma coluna de iaques que transportava lã para a Índia.

Ficámos admirados pelo tamanho e comprimento destas bestas. Os seus condutores também eram jovens bem constituídos que, a despeito do frio cortante, andavam em tronco nu. Homens e mulheres usavam os seus casacos de pele virados do avesso, com a pele encostada ao corpo, mantendo os braços fora das mangas para não dificultar os movimentos. Os condutores impulsionam os iaques atirando-lhes pedras e usam o mesmo método para os manter nos trilhos. Não pareciam minimamente interessados em nós e prosseguimos o nosso caminho sem interrupções.

Caminhámos durante cinco dias consecutivos ao longo das águas do Indus antes de chegarmos a Gartok. O cenário era inesquecível. As cores encantavam a vista e eu raramente presenciara todos os tons da paleta tão harmoniosamente misturados. Paralelamente às águas límpidas do Indus havia campos de bórax de um amarelo claro, com os rebentos verdes da Primavera a crescerem por perto (pois nestas regiões a Primavera só chega em Junho). Ao fundo brilhavam os picos de neve.

A primeira vila no lado mais distante dos Himalaias é Trashigang, apenas algumas casas agrupadas em redor de um convento semelhante a um forte e cercado por um fosso. Mais uma vez encontrámos uma população mal disposta, mas a nossa aparição não os espantou e não nos causaram problemas. Desta vez tínhamos chegado precisamente na época em que os comerciantes indianos afluem a esta região para comprar lã. Não tivemos dificuldade em comprar provisões a esta gente. Aufschnaiter tentou em vão trocar a sua pulseira de ouro por dinheiro. Se tivesse conseguido, poderia ter seguido directamente para o interior do Tibete sem passar por Gartok.

Durante toda a nossa marcha fomos repetidamente abordados por tibetauos a cavalo, de aspecto próspero, que perguntavam o que tínhamos para vender. Como não tínhamos criados e conduzíamos um burro de carga, imaginavam que éramos negociantes. Convencemo-nos de que o tibetano, pobre ou rico, é um negociante nato para quem o comércio e a troca são a principal paixão.

Pelas nossas leituras sabíamos que Gartok era a capital do Tibete Ocidental e sede do vice-rei; os nossos livros de Geografia indicavam que era a cidade mais alta do mundo. Porém, quando finalmente vimos este famoso lugar mal pudemos conter o riso. A primeira coisa que avistámos foram umas poucas tendas de nómadas espalhadas pela imensa planície; de seguida, vimos algumas barracas de tijolo de lama seca. Era isto Gartok. A excepção de alguns cães vadios, não existiam sinais de vida.

Montámos a nossa pequena tenda na margem do Gar-tang-Chu, um afluente do Indus. Por fim, alguns curiosos aproximaram-se e por seu intermédio ficámos a saber que nenhuma das altas patentes estava na cidade e que só o representante do «segundo vice-rei» nos poderia receber. Decidimos submeter a nossa petição a esta personalidade imediatamente. Ao entrar no seu escritório tivemos que nos baixar pois não havia porta, apenas um buraco na parede na frente do qual pendia uma cortina sebenta. Entrámos para um quarto mal iluminado, com papel colado às janelas. Quando os nossos olhos se acostumaram à escuridão distinguimos um homem de aparência inteligente e distinta sentado como um Buda no chão à nossa frente. Da sua orelha esquerda pendia um brinco com pelo menos quinze centímetros de comprimento, sinal da sua patente. Também estava presente uma mulher que era esposa do funcionário ausente. Atrás de nós comprimia-se uma multidão de crianças e criados que desejavam observar de perto estes peculiares estrangeiros.

Convidaram-nos a sentarmo-nos e ofereceram-nos carne seca, queijo, manteiga e chá. A atmosfera era cordial e aqueceu-nos o coração e a conversa decorreu de um modo desembaraçado com a ajuda de um dicionário in-glês-tibetano e gestos suplementares. As nossas esperanças aumentavam rapidamente, mas abstinemo-nos de revelar todas as nossas

preocupações nesta primeira entrevista. Dissemos que éramos fugitivos alemães e implorámos pela hospitalidade do Tibete neutro.

No dia seguinte, levei ao representante alguns remédios como presente. Ficou muito satisfeito e pergun-tou-me como usá-los, e eu escrevi algumas indicações. Nessa altura arriscámo-nos a perguntar-lhe se não poderia conceder-nos um salvo-conduto para viajar. Não recusou directamente, mas pediu-nos para aguardarmos o regresso do seu chefe, que estava em peregrinação ao Monte Kailás e que chegaria dentro de alguns dias.

Nesse interregno fizemos uma boa amizade com o representante. Dei-lhe uma lente que servia para acender fogo, um objecto que no Tibete pode ser muito útil. O habitual presente de retribuição não se fez esperar. Uma tarde, alguns carregadores trouxeram-nos manteiga, carne e farinha. E pouco depois veio o próprio representante, acompanhado por um séquito de criados, para retribuir a nossa visita. Quando viu como as nossas instalações eram rudimentares não conseguiu esconder o espanto pelo facto de haver europeus levando uma vida tão simples.

No entanto, à medida que se aproximava a altura do regresso do seu chefe, a sua amizade começou a esmorecer e quase abandonou completamente a nossa companhia. A responsabilidade começava a oprimi-lo. De facto, chegou ao ponto de recusar vender-nos provisões; felizmente, porém, havia comerciantes indianos prontos a ajudarem-nos por bom dinheiro.

Certa manhã ouvimos o som de campainhas à distância, à medida que uma enorme caravana de mulas se aproximava da vila. A frente marchavam soldados seguidos por um enxame de criados masculinos e femininos e a seguir membros da nobreza tibetana, também montados, que víamos agora pela primeira vez. O mais importante dos dois vice-reis, a quem no Tibete chamam Garpõns, estava a chegar. Ele e a sua mulher vestiam esplêndidos robes de seda e carregavam pistolas nos seus cinturões. Toda a vila se reuniu para assistir ao espectáculo. O Garpón deslocou-se solenemente em procissão ao templo para agradecer aos deuses ter regressado são e salvo da sua peregrinação.

Aufschnaiter compôs uma breve carta a solicitar a nossa audiência. Como não recebemos nenhuma resposta, ao fim da tarde fomos visitar o Garpõn. No essencial a sua casa não era diferente da do representante, mas o interior era mais limpo e de melhor qualidade. O Garpõn é uma autoridade de alta patente e enquanto exerce é investido com o quarto grau na hierarquia da nobreza. É responsável por cinco distritos administrados por nobres dos quinto, sexto e sétimo graus. Durante a sua permanência no cargo usa um amuleto de ouro no cabelo, mas só o pode usar enquanto está de serviço em Gartok. Em Lassa é rebaixado ao quinto grau. Todos os nobres no Tibete são classificados em sete categorias, à primeira das quais apenas pertence o Dalai Lama. Todos os funcionários seculares usam o cabelo apanhado no topo da cabeça; os monges têm a cabeça rapada e a população comum usa trança.

Por fim fomos levados à presença deste potentado. Explicámos-lhe o nosso caso detalhadamente e ele ou-viu-nos com uma bondosa paciência. Muitas vezes não conseguia disfarçar um sorriso por causa do nosso tibetano deficiente, enquanto os seus servos riam à gargalhada. Esta descontração acrescentou um certo interesse à nossa conversa e criou uma atmosfera amigável. O Garpõn prometeu estudar cuidadosamente o nosso caso e discuti-lo com o representante do seu colega. No fim da audiência fomos tratados hospitaleiramente e ofereceram-nos chá preparado à moda europeia. Mais tarde o Garpõn enviou presentes às nossas tendas e começámos a ter esperanças num resultado feliz.

A audiência seguinte foi bastante mais formal mas ainda cordial. Tratava-se de uma reunião oficial normal. O Garpõn sentou-se numa espécie de trono e a seu lado, num banco mais baixo, estava o representante do seu colega. Numa pequena mesa estava uma pasta com cartas escritas em papel tibetano. O Garpõn informou-nos de que só poderia conceder-nos autorização e transporte para chegarmos à província de Ngari. Em circunstância alguma nos seria permitido entrar nas províncias interiores do Tibete. Discutimos rapidamente o assunto entre nós e sugerimos que nos desse autorização para viajar para a fronteira do Nepal. Depois de alguma hesitação prometeu transmitir o nosso pedido ao governo em Lassa, mas explicou que a resposta poderia demorar meses a chegar. Não desejávamos esperar tanto tempo em Gartok. Não tínhamos desistido da ideia de

prosseguir para oriente e estávamos ansiosos por continuar a viagem a qualquer custo. Como o Nepal era um país neutro que se situava na direcção em que queríamos ir, considerámos que o resultado das negociações era satisfatório.

O Garpõn convidou-nos então gentilmente para permanecermos alguns dias como seus convidados, pois era necessário ainda providenciar um guia e animais de carga. Ao fim de três dias os nossos salvo-condutos foram-nos entregues. Estipulavam que a nossa rota deveria passar pelos seguintes lugares — Ngakhyu, Sersok, Mõntse, Bar-kha, Tokchen, Lhõlung, Shamtsang, Truksum e Gyabnak. Determinava também que tínhamos direito a requisitar dois iaques. Uma cláusula muito importante requeria aos habitantes que nos vendessem provisões a preços locais e nos cedessem gratuitamente combustível e criados para as noites.

Estávamos muito contentes por ter obtido tantas facilidades. O Garpõn convidou-nos para um jantar de despedida durante o qual consegui vender-lhe o meu relógio. Depois pediu a nossa palavra de honra em como não pretendíamos partir para Lassa.

Finalmente, a 13 de Julho despedimo-nos de Gartok e iniciámos a nossa viagem. A nossa pequena caravana tinha agora proporções decentes: dois iaques e o seu condutor e o meu jumento, que agora estava em boa forma e carregava apenas um bule de chá. A seguir vinha o nosso guia a cavalo, um jovem tibetano chamado Norbu, enquanto nós, os três europeus a pé, formávamos modestamente a retaguarda.

Viajávamos já há quatro semanas. Durante todo o mês seguinte não passámos por qualquer lugar habitado — apenas campos de nómadas e casas *tasam* isoladas que funcionam como postos de muda e onde se pode trocar os iaques e encontrar alojamento.

Numa destas *tasam* consegui trocar o meu burro por um iaque. Fiquei muito orgulhoso com o negócio que assim multiplicava as minhas posses, mas a minha satisfação durou pouco — a besta revelou-se tão teimosa que de boa vontade me livraria dela. De facto, mais tarde tive a oportunidade de a trocar por um animal mais novo e mais pequeno. Também esta criatura me arranhou problemas e só depois de lhe perfurar o nariz com uma argola de

madeira de zimbro atada a uma corda é que consegui mantê-lo na estrada. Chamávamos-lhe *Armin*.

A região pela qual viajávamos há dias tinha uma beleza inigualável. As vastas planícies apresentavam pedaços de terreno montanhoso com pequenas cordilheiras. Frequentemente tínhamos de passar a vau correntes rápidas de água gelada. Enquanto estávamos em Gartok, ocasionalmente tinham caído aguaceiros de granizo, mas agora o tempo era quase sempre bom e quente. Por esta altura, todos tínhamos longas barbas que ajudavam a proteger—nos do sol. Já não víamos um glaciar há muito tempo, mas quando nos aproximávamos de uma *tasam* em Barkha avistámos uma cadeia de glaciares que reluziam com o sol. O relevo era dominado pelo pico de Guria Mandhata a 7600 metros; não tão aparatosa, mas bem mais famosa, era a montanha sagrada de Kailás, 900 metros mais abaixo, que se ergue majestosamente isolada, separada da cadeia dos Himalaias. Quando a avistámos pela primeira vez, os nossos tibetanos prostraram-se no chão e rezaram. Para os budistas e hindus esta montanha é o lar dos seus deuses e o maior desejo de todos os devotos é visitá-la como peregrino uma vez na vida. Os fiéis viajam frequentemente milhares de quilómetros para a alcançar e passam anos em peregrinação. Durante a viagem sobrevivem de esmolas e esperam que a sua recompensa seja uma encarnação superior numa vida futura. Estradas de peregrinos convergem para aqui de todos os pontos cardiais. Nos lugares em que é possível avistar a montanha amontoam—se pedras que ao longo dos séculos alcançaram proporções gigantescas, numa manifestação de pureza quase infantil dos peregrinos que, em obediência à tradição ancestral, acrescentam novas pedras ao monte. Nós também gostaríamos de viajar em redor da montanha como fazem os peregrinos, mas o antipático encarregado do posto de muda de Barkha impediu-nos, ameaçando cancelar as nossas regalias de transporte caso não continuássemos o nosso caminho.

Durante dois dias inteiros tivemos os glaciares para admirar. Como montanhistas, éramos mais fortemente atraídos pelo majestoso Guria Mandhata, espelhado nas águas do lago Manasarovar, do que pela Montanha Sagrada. Montámos as nossas tendas na margem do lago e regalámos a vista com a soberba paisagem desta tremenda montanha que parecia nascer dentro do lago. Este é seguramente um dos locais mais

bonitos do mundo. O lago é considerado sagrado e à sua volta encontram-se muitos templos pequenos onde os peregrinos se alojam e se dedicam às suas orações. Muitos destes peregrinos rastejam de joelhos à volta do lago e levam para casa cântaros com água sagrada. Todos eles se banham nas águas geladas. Nós também o fizemos, embora não por devoção. Aqui quase entrei em apuros. Depois de me ter afastado um pouco da margem a nado, caí num local pantanoso donde só consegui sair com enorme esforço. Os meus camaradas não repararam na minha luta desesperada para sair da lama.

Como estávamos adiantados em relação à peregrinação, a maioria das pessoas que encontrámos eram comerciantes. Também vimos muita gente de aspecto suspeito, pois esta região é o Eldorado dos ladrões, que dificilmente resistem à tentação de atacar os negociantes que frequentam os mercados. O maior mercado da região é Gya-nyima, com centenas de tendas formando um enorme acampamento onde se compra e vende. As tendas dos indianos são feitas de um material barato à base de algodão, enquanto as dos tibetanos são de pele de iaque entrelaçado e tão pesadas que é preciso um ou mesmo dois iaques para as carregarem.

Durante umas horas vagueámos ao longo do lago em direcção a oriente e sentimo-nos como se estivéssemos num passeio à beira-mar. O nosso deleite com a beleza da paisagem só foi perturbado pelos mosquitos que não nos largaram enquanto não nos afastámos do lago.

A caminho de Tokchen encontrámos uma caravana de aspecto importante. Era o novo governador distrital de Tsaparang a caminho do seu posto em Lassa. Parámos na berma da estrada e o nosso guia, com quem realmente nunca tínhamos feito amizade, fez uma profunda vénia e pôs a língua de fora em sinal de saudação — um retrato perfeito de subserviência. Explicou a nossa presença: as armas que nos tinham sido apontadas foram afastadas e deram-nos fruta seca e castanhas.

Já não havia vestígios de superioridade europeia nas nossas pessoas. Vivíamos como nómadas, nos últimos três meses tínhamos dormido principalmente ao relento, e os nossos padrões de conforto eram inferiores aos da população nativa. Independentemente do tempo, acampávamos, cozinávamos e acendíamos as nossas fogueiras ao ar livre, enquanto os

nômadas encontravam abrigo nas suas tendas. Mas se parecia termos decaído na vida, a nossa inteligência não estava embotada e as nossas mentes estavam continuamente ocupadas. Poucos europeus tinham estado nestas regiões e nós sabíamos que tudo o que observávamos poderia ter valor futuramente. Nessa altura ainda pensávamos que iríamos regressar à civilização dentro de algum tempo. Os perigos e esforços comuns tinham—nos unido num estreito laço de camaradagem; cada um conhecia as virtudes e defeitos do outro, e assim conseguíamos ajudar-nos mutuamente em momentos de depressão.

Prosseguimos através de cordilheiras a baixa altitude até chegarmos à nascente do Brahmaputra, a que os tibetanos chamam Tsangpo. Esta região não é apenas de importância religiosa para os peregrinos; é também altamente interessante em termos geográficos pois contém as nascentes do Indus, do Sutlej, do Karnali e do Brahmaputra. Para os tibetanos, que estão acostumados a atribuir um significado religioso e simbólico a todas as designações, os nomes destes rios estão associados aos animais sagrados — o leão, o elefante, o pavão e o cavalo.

Durante a quinzena seguinte seguimos o curso do Tsangpo, alimentado por diversos afluentes oriundos dos vizinhos Himalaias e que alarga cada vez mais, e quanto maior fica mais tranquila se torna a sua corrente. Agora o tempo mudava constantemente. Num espaço de minutos, congelava-se ou assava-se à luz do sol alternadamente. Tempestades de granizo, chuva e sol sucediam-se rapidamente — uma manhã, ao acordar, encontrámos a nossa tenda enterrada na neve, que em poucas horas derreteu com o sol quente. As nossas roupas europeias eram muito pouco apropriadas para estas contínuas mudanças de temperatura e invejávamos os práticos casacos de pele de ovelha dos tibetanos, atados à cintura e com mangas suficientemente compridas para servirem de luvas.

Não obstante estes inconvenientes, progredíamos, parando sempre que encontrávamos um albergue. De tempos a tempos tínhamos a visão dos Himalaias, cuja beleza natural supera qualquer outra coisa que eu tenha visto. Encontrávamos cada vez menos nômadas e as únicas criaturas vivas que vimos na margem direita do Brahmaputra eram gazelas e onagros. Aproximávamo-nos agora de Gyabnak, o último nome na lista de

localidades mencionadas no nosso salvo-conduto. Daqui em diante a autoridade do nosso amigo cessava. A decisão sobre o que fazer em seguida foi-nos retirada, pois no terceiro dia da nossa estadia em Gyabnak chegou um ofegante mensageiro que nos convocou imediatamente para Tradún. Dois funcionários de alta patente queriam ver-nos. Não lamentámos deixar Gyabnak, que era tão pequeno que dificilmente merecia o nome de povoação, pois tinha uma casa, pertencente a uma autoridade monástica da província de Bongpa. A tenda nómada mais próxima estava a mais de uma hora de marcha. Partimos imediatamente e passámos a noite num lugar solitário apenas habitado por burros selvagens.

Hei-de recordar sempre o dia que se seguiu: tive uma das mais bonitas experiências que já vivi. A medida que caminhávamos avistámos à distância as torres douradas e reluzentes de um templo. Acima delas, resplandecendo sob o sol matinal, erguiam-se tremendas falésias de gelo, e gradualmente apercebemo-nos de que estávamos a olhar para o trio gigante: Dhaulagiri, Annapurna e Manaslu. Como Tradún e as suas torres de filigrana ficavam na extremidade da planície, ainda tínhamos muitas horas para apreciar a paisagem destas imponentes montanhas. Nem mesmo a necessidade de atravessar a vau as águas geladas do Tsachu atenuou a nossa excitação. Era de noite quando entrámos em Tradiin. Sob os últimos raios do sol poente o templo vermelho com o seu telhado dourado assemelhava-se a um palácio de fadas na encosta. As casas dos habitantes, as usuais construções de tijolos de lama, ficavam atrás da colina para as abrigar do vento. Encontrámos toda a população reunida à nossa espera em silêncio. Fomos imediatamente levados para uma casa preparada para nós. Mal tínhamos descarregado a nossa bagagem quando chegaram vários criados que nos convidaram a ir ter com os seus mestres. Acompanhámo—los cheios de expectativa até à casa de dois importantes funcionários.

Caminhámos por entre uma multidão sussurrante de criados até ao interior de uma sala de generosas proporções onde, no mais alto dos lugares, estava sentado um sorridente e bem alimentado monge e a seu lado, ao mesmo nível, o seu colega secular. Um pouco mais abaixo estavam sentados um abade, a autoridade monástica de Gyab-nak e um mercador do Nepal. O mercador falava algumas palavras em inglês e actuava como intérprete. Tinham preparado um banco com almofadas de forma a que não tivéssemos

de nos sentar no chão, de pernas cruzadas como os tibetanos. Ofereceram-nos bolos e chá e o interrogatório foi educadamente adiado. Por fim, pediram-nos para apresentarmos o nosso salvo-conduto e passaram-no de mão em mão, sendo cuidadosamente estudado por todos os presentes. Houve então um momento de silêncio opressivo. Os dois funcionários expuseram as suas apreensões. Seríamos realmente alemães? Era simplesmente incrível que fôssemos prisioneiros de guerra, fugitivos, e muito mais provável que fôssemos ingleses ou russos. Mandaram-nos ir buscar a nossa bagagem, que expuseram e espalharam no chão do pátio para a examinarem cuidadosamente.

A sua maior preocupação era a ideia de que poderíamos ter armas ou equipamento transmissor e foi difícil persuadi-los de que não tínhamos nada disso. As únicas coisas entre os nossos pertences que levantaram suspeitas foram uma gramática tibetana e um livro de História.

O nosso salvo-conduto atestava que queríamos ir para o Nepal. A ideia parecia agradar aos nossos interrogadores e prometeram ajudar-nos em tudo o que fosse necessário. Disseram que poderíamos seguir no dia seguinte e que atravessando a cordilheira de Korela estaríamos no Nepal em dois dias. Isto não nos servia de modo algum. Desejávamos permanecer no Tibete a qualquer custo e estávamos determinados a não desistir sem oferecer resistência. Implorámos pelo direito ao asilo, martelámos no tema da neutralidade tibetana e comparámos a situação do Tibete com a da Suíça. Teimosamente, mas de forma educada, os funcionários insistiram nas condições impostas pela nossa autorização de viagem. No entanto, durante a nossa temporada no Tibete tínhamo-nos familiarizado com a mentalidade dos asiáticos e sabíamos que era contra as suas regras ceder facilmente. O resto da nossa discussão passou-se na mais perfeita calma. Bebemos chávenas de chá sem conta e os nossos anfitriões informaram-nos de que estavam numa missão de colecta de impostos e que em Lassa não eram pessoas tão importantes como pareciam ser em Tradún. Viajavam com vinte criados e um grande número de animais de carga, e por isso ficava-se com a impressão de que eram, no mínimo, ministros.

Antes de os deixarmos, afirmámos claramente que desejávamos permanecer em Tradún por mais alguns dias. No dia seguinte, um criado

trouxe-nos um convite dos Põnpos — como são chamadas todas as altas individualidades no Tibete — para almoçar com eles. Ofereceram-nos uma maravilhosa refeição de massa chinesa e penso que devíamos parecer esfomeados, a julgar pelas enormes quantidades de comida que empilharam nos nossos pratos. Ficámos muito impressionados com a habilidade com que manejavam os pauzinhos e foi com grande espanto que os víamos apanhar grãos de arroz um a um. A admiração mútua ajudou a criar uma atmosfera amigável e houve muita gargalhada. No fim da refeição a cerveja servida aumentou a alegria do encontro. Reparei que os monges não bebiam.

A conversa encaminhou-se gradualmente para os nossos problemas e disseram-nos que as autoridades tinham enviado uma carta para o governo central em Lassa com o nosso pedido para permanecer no Tibete. Disseram-nos para escrever uma petição em inglês, que os dois funcionários queriam enviar juntamente com a sua carta. Fizemos isto de imediato e a petição foi anexada à carta oficial que já tinha sido preparada. Foi selada com a devida cerimónia e entregue a um mensageiro que partiu imediatamente para Lassa.

Mal podíamos acreditar na recepção calorosa que recebêramos e na autorização para ficarmos em Tradiin até que a resposta de Lassa chegasse. A nossa experiência com funcionários inferiores não tinha sido satisfatória, por isso pedimos confirmação por escrito da autorização verbal para residir em Tradiin, o que nos foi concedido. Regressámos às nossas acomodações felizes por tudo ter corrido tão bem. Mal tínhamos chegado quando a porta se abriu e uma autêntica procissão de criados bastante carregados encaminhou-se para o interior. Traziam-nos sacos de farinha, arroz e *tsampa*, assim como quatro ovelhas já esquartejadas. Não sabíamos quem tinha mandado estes presentes, mas o encarregado que acompanhava os carregadores explicou-nos que tinham sido enviados pelos dois funcionários. Quando tentámos agradecer-lhe, o encarregado declinou modestamente todo o mérito, e ninguém parecia disposto a admitir a acção generosa. Quando nos despedíamos, o afável tibetano disse algo que viria a ser de grande proveito para mim. A pressa dos europeus não tem lugar no Tibete. Temos de aprender a ser pacientes se desejamos alcançar os nossos objectivos.

Entretanto, sentados ali sozinhos apreciávamos os presentes e mal podíamos acreditar na mudança da nossa sorte. O nosso pedido de permissão para residir no Tibete estava a caminho de Lassa e tínhamos agora provisões suficientes para meses. Como abrigo agora tínhamos um espesso telhado em vez de uma inconsistente tenda, e uma empregada — diabos! nem nova nem bonita — para acender o fogo e ir buscar água. Lamentávamos não ter nada de valor que pudéssemos enviar ao Põnpo em sinal da nossa gratidão. Só nos restavam alguns medicamentos para lhe oferecer, mas esperávamos por uma oportunidade para expressar o nosso agradecimento devidamente. Assim como em Gartok, aqui tivemos ocasião de conhecer a cortesia dos nobres de Lassa, sobre os quais eu tinha lido tantos elogios nos livros de *Sir Charles Bell*.

Como iríamos ficar meses aqui, fizemos planos para passar o tempo. Devíamos sem falta fazer expedições às regiões de Annapurna e Dhaulagiri e às planícies do norte. Mas pouco depois recebemos a visita do abade que nos auxiliara a pedido do encarregado. Disse-nos que a nossa permanência em Tradún só fora aprovada na condição de nunca nos afastarmos da cidade mais do que um dia de marcha. Podíamos fazer excursões aonde quiséssemos contanto que voltássemos ao anoitecer. Se não obedecêssemos a estas instruções, seria obrigado a informar Lassa e isso iria sem dúvida prejudicar todo o nosso caso.

A aldeia consistia em cerca de vinte casas dominadas pela colina onde se erguia o convento que apenas abrigava sete monges. As casas da aldeia eram estreitas e amontoadas umas sobre as outras, mas cada casa tinha o seu próprio quintal, no qual armazenavam mercadorias. Todos os habitantes da aldeia estavam de alguma forma relacionados com o comércio ou o transporte; os verdadeiros nómadas viviam espalhados pela planície. Tivemos oportunidade de assistir a vários festivais religiosos, o mais impressionante dos quais foi o agradecimento pelas colheitas. Já tínhamos estabelecido um relacionamento amigável com todos os habitantes e costumávamos medicá-los, com particular sucesso no tratamento de ferimentos e cólicas.

A monotonia da vida em Tradiin era quebrada de vez em quando pela visita de altos dignatários, e eu tenho uma viva recordação da chegada do segundo Garpõn a caminho de Gartok.

Muito antes de qualquer sinal da sua caravana apareceram soldados a anunciar a sua chegada. Depois chegou o seu cozinheiro, que imediatamente começou a preparar a comida, e foi só no dia seguinte que o próprio Garpõn chegou com a sua caravana e comitiva de trinta criados. A população inteira, incluindo nós próprios, aglomerou-se para o ver chegar. O grande homem e a sua família montavam esplêndidas mulas, e os anciãos da aldeia conduziam os membros da família, segurando as rédeas dos animais, para os aposentos que lhes tinham sido preparados. Ficámos menos impressionados com o Garpõn do que com a sua filha. Era a primeira mulher admirável que víamos desde 1939 e achámo-la realmente bonita com as suas roupas de seda pura e as suas unhas envernizadas de vermelho. Talvez tivesse exagerado ligeiramente a maquilhagem, mas exalava frescura e asseio. Perguntámos-lhe se era a rapariga mais bonita de Lassa mas ela respondeu modestamente que não e declarou que havia muitas raparigas mais bonitas na capital. Ficámos muito tristes por perder a sua companhia encantadora quando a comitiva seguiu viagem no dia seguinte.

Pouco depois tivemos um novo convidado em Tradiin — um funcionário público do Nepal que veio visitar-nos mas que se fez passar por peregrino. Sentimos que ele queria persuadir-nos a ir para o Nepal contra a nossa vontade. Disse que seríamos bem recebidos em Katmandu, a capital, onde poderíamos encontrar ocupação. A nossa viagem seria organizada pela administração e já tinham sido destinadas 300 rupias para as nossas despesas. Tudo isso parecia muito atractivo — talvez atractivo demais — pois sabíamos que a influência britânica na Ásia era grande. Não aceitámos a sua proposta.

Ao fim de três meses começámos a perder a paciência e a enervar-nos uns aos outros. Kopp repetia constantemente que aceitaria de bom grado o convite para o Nepal. Aufschnaiter, como habitualmente, seguiu o seu caminho. Comprou quatro ovelhas para servirem de animais de carga e queria ir para Changthang. É verdade que isto era contrário à nossa decisão

inicial de aguardar a carta de Lassa, mas duvidávamos seriamente de obter uma resposta favorável.

Aufschnaiter, impaciente, pôs-se a caminho uma tarde com as suas ovelhas carregadas e acampou a alguns quilómetros de Tradiin. Ajudámo-lo a carregar as suas coisas até lá e tencionávamos visitá-lo no dia seguinte. Kopp também começou a fazer as malas e as autoridades locais prometeram arranjar-lhe transporte, pois estavam muito satisfeitos com a sua decisão de ir para o Nepal, mas desaprovavam o comportamento de Aufschnaiter. Desse dia em diante passaram a dormir guardas à nossa porta. Mas no dia seguinte, para nossa surpresa, Aufschnaiter regressou com a sua bagagem. As suas ovelhas tinham sido atacadas por lobos, que comeram duas delas. Isto compeliu-o a regressar e assim passámos os três mais uma noite juntos.

Na manhã seguinte Kopp despediu-se de nós. Toda a população se juntou para o ver partir. Agora, dos sete que tinham escapado do campo de concentração e dos quais cinco se tinham dirigido para o Tibete, só restávamos Aufschnaiter e eu. Éramos os únicos montanhistas no grupo e, conseqüentemente, mais bem preparados física e psicologicamente para a vida solitária e desgastante desta terra inóspita.

Estávamos agora em fins de Novembro e as rotas das caravanas já não eram tão frequentadas. O funcionário monástico enviou-nos algumas ovelhas e doze carregamentos de esterco de iaque para combustível — e bem precisávamos, pois a temperatura já chegava aos doze graus centígrados abaixo de zero.

4 A ALDEIA DA FELICIDADE

Ordem para prosseguir — Kyirong, a aldeia da felicidade — O nosso primeiro Ano Novo no Tibete — Esquis improvisados — Termina a guerra — O Abominável Homem das Neves?

Não obstante o tempo invernosso, estávamos mais do que nunca determinados a sair de Tradiin, com ou sem salvo-conduto. Começámos a aprovisionar mantimentos e comprámos um segundo iaque. Mas

precisamente a meio desses preparativos apareceu o abade com a notícia de que a tão esperada carta de Lassa tinha chegado. Aquilo que secretamente receávamos tinha-se concretizado. Estávamos proibidos de viajar para o interior do Tibete. A carta não nos foi entregue pessoalmente. Foi-nos simplesmente dito que deveríamos seguir para o Nepal pela rota mais directa, mas que poderíamos viajar por território tibetano até Kyirong. A fronteira nepalesa ficava apenas a treze quilómetros daí e a capital, Katmandu, a sete dias de marcha. Iam ceder-nos transporte e criados.

Concordámos imediatamente com estas disposições, uma vez que este trajecto nos levaria um pouco mais para o interior do Tibete; e quanto mais tempo permanecêssemos do lado da lei, melhor.

A 17 de Dezembro partimos de Tradún, que nos tinha abrigado durante quatro meses. Não sentíamos qualquer ressentimento contra os tibetanos por não nos deixarem ir para Lassa. Toda a gente sabe que é difícil um estrangeiro sem passaporte entrar em qualquer país. Ao darem-nos presentes e ao providenciarem-nos transporte, os tibetanos tinham demonstrado uma hospitalidade muito superior à de outros países. Embora na altura eu não desse tanto valor à nossa sorte como agora, mesmo assim Aufschnaiter e eu estávamos gratos pelos oito meses que tínhamos passado fora da vedação de arame farpado.

Agora estávamos novamente a caminho. A nossa caravana era formada por Aufschnaiter e eu próprio acompanhados por dois criados. Um deles levava a carta do governo, embrulhada como uma relíquia, para a autoridade distrital em Kyirong. Todos montávamos animais e os nossos dois iaques eram levados por um condutor. Podia perceber-se à distância que a nossa caravana pertencia a pessoas importantes — muito diferente dos três deploráveis vagabundos que alguns meses antes tinham atravessado os Himalaias em direcção ao Tibete.

A estrada conduzia novamente para além da bacia hidrográfica dos Himalaias, em direcção a sudeste. O Tsang-po já estava congelado quando o atravessámos e as noites na tenda eram terrivelmente frias.

Depois de uma semana de marcha chegámos a Dzon-gka, que era visível a uma grande distância por causa de uma nuvem de fumo que pairava sobre

as casas. Continha aproximadamente uma centena de casas de tijolos de lama agrupadas em redor de um templo, e à volta da aldeia havia campos cultivados. A aldeia estava situada junto à confluência de duas correntes que formam o rio Kosi e que, penetrando nos Himalaias, fluem para o Nepal. O lugar estava cercado por uma muralha de dez metros e a tudo isso sobrepunha-se um pico de montanha com uma altitude de 6100 metros a que os nativos chamavam Cho-gulhari. Era dia de Natal quando chegámos a Dzongka — o nosso primeiro Natal desde que tínhamos escapado. Ficámos instalados em alojamentos surpreendentemente confortáveis. A área arborizada estava apenas a dois dias de distância, e a madeira já não era um luxo extravagante; podia ser usada nas construções e para todas as necessidades domésticas. Uma engenhoca em lata servia de fogão, no qual queimávamos madeira de zimbro que rapidamente aquecia todo o quarto de maneira muito agradável. Quando anoiteceu acendemos alguns candeeiros tibeta-nos a manteiga, e para celebrar o dia em breve tínhamos uma perna de carneiro a cozinhar.

Tal como em todos os outros lugares do Tibete, aqui não havia estalagens. As autoridades atribuíam rotativamente acomodação em casas particulares aos viajantes, para não causar muito inconveniente à população; este acordo faz parte do sistema de contribuição de impostos.

Não tínhamos planeado demorar-nos aqui, mas os intensos nevões mantiveram-nos em Dzongka. Durante todo o dia caíam pesados flocos de neve e as comunicações ficaram interrompidas. Estávamos contentes com o nosso descanso aqui; interessávamo-nos pelas actividades dos monges e apreciámos como espectadores as exhibições de um grupo de dançarinos de Nyenam.

Viviam aqui algumas autoridades aristocráticas e em breve travámos amizade com eles. Por esta altura já falávamos bem tibetano e entabulávamos longas conversas através das quais aprendemos muito sobre os hábitos e costumes deste país. A noite de São Silvestre passou sem ser celebrada, e mais do que nunca os nossos pensamentos voltaram-se para a nossa terra.

Durante este compasso de espera, fazíamos pequenas excursões pela vizinhança sempre que podíamos, e encontrávamos muitas cavernas de

arenito, uma mina de interesse para nós, pois continham ídolos de madeira ou barro e folhas das sagradas escrituras tibetanas — sem dúvida ofertas aos santos que costumavam habitar estas cavernas.

A 19 de Janeiro as estradas estavam suficientemente transitáveis para nos permitirem prosseguir na companhia de uma enorme caravana de iaques. A nossa frente seguia uma manada de iaques, sem carga, que actuava como limpa-neves e que parecia apreciar bastante o exercício. A região era entrecortada por vales e ravinas e nos dois primeiros dias atravessámos nada menos que doze pontes sobre o Kosi. O meu iaque era de Changthang e não estava acostumado a pontes, recusando-se vigorosamente sempre que tinha que atravessar uma. Só empurrando atrás e puxando à frente — uma operação na qual os condutores nos ajudavam entusiasticamente — era possível fazê-lo atravessar. Eu já tinha sido avisado para não o trazer para Kyirong pois não iria suportar o clima quente de Verão, mas eu não quis deixá-lo para trás devido aos nossos planos de fuga, que não tínhamos abandonado. Durante todo este tempo o meu termómetro indicava a temperatura invariável de 30 graus centígrados negativos. Não havia mais marcas negativas no instrumento!

Ficámos profundamente impressionados com um mosteiro em rocha nas proximidades da aldeia de Longda. Duzentos metros acima do vale havia templos vermelhos e inúmeras celas empoleiradas na rocha como ninhos de pássaros. Apesar do perigo de avalanches, Aufschnaiter e eu não conseguimos resistir a escalar a parede rochosa e assim obtivemos mais uma maravilhosa vista dos Hima-laias. Também encontrámos alguns monges e freiras e ficámos a saber que este convento fora fundado pelo famoso Milarepa, um tibetano santo e poeta que viveu no século xi. Estávamos cientes de que o glorioso ambiente circundante e a solidão deste lugar se adaptavam peculiarmente à meditação e à poesia. Deixámos este lugar com pesar, esperando regressar um dia.

Cada dia encontrávamos menos neve e depois de alcançarmos a área arborizada em breve chegámos a uma região tropical. Nesta atmosfera, as vestimentas de Inverno que nos tinham sido oferecidas pelo governo do Tibete tornaram-se muito quentes. Agora chegávamos a Dro-thang, a última paragem antes de Kyirong. Lembro-me de que todos os habitantes deste

lugar tinham papeiras muito desenvolvidas, o que raramente se vê no Tibete. Demorámos uma semana a chegar a Kyirong; quando a estrada está boa fica a três dias de marcha de Dzongka e pode ser alcançada num só dia por um mensageiro rápido.

O nome Kyirong significa «a aldeia da felicidade e esta aldeia realmente merece essa designação. Nunca vou deixar de pensar neste lugar com saudade, e se eu puder escolher o local para passar a minha velhice, será em Kyirong. Construiria uma casa de madeira de cedro vermelho e desviaria um dos riachos da montanha para atravessar o meu jardim, repleto de toda a espécie de fruta, pois apesar de a altitude ser de 2800 metros, Kyirong fica no paralelo 28. Quando chegámos em Janeiro, a temperatura estava mesmo abaixo de zero; raramente desce para além dos 10 graus negativos. As estações correspondem às dos Alpes, mas a vegetação é subtropical. Pode-se esquiar todo o ano, e no Verão há a cadeia de montanhas com 6000 metros para escalar.

Existem aproximadamente oitenta casas e a povoação é a sede de dois governadores distritais que administram trinta aldeias. Disseram-nos que éramos os primeiros europeus a vir a Kyirong, e os habitantes assistiram atónitos à nossa chegada. Desta vez ficámos hospedados na casa de um agricultor, que me lembrava as nossas casas tirolesas. De facto, toda a aldeia poderia ter sido transplantada dos Alpes, excepto pelos telhados, que em vez de terem chaminés eram decorados com bandeiras de oração com as cinco cores alusivas aos vários aspectos da vida no Tibete.

No rés-do-chão ficavam os estábulos para vacas e cavalos, separados dos quartos da família por um espesso tecto e aos quais se tinha acesso por umas escadas que vinham do quintal. Colchões grossos serviam de camas e cadeiras e junto deles havia mesas pequenas e baixas. Os membros da família guardavam as roupas em armários pintados com cores vivas, e perante o inevitável altar em madeira entalhada ardiam as lamparinas de manteiga. No Inverno, toda a família se sentava nas tábuas de pinho do chão à volta de uma enorme lareira aberta bebendo chá.

O quarto em que Aufschnaiter e eu ficámos acomodados era bastante pequeno e por isso mudei-me para o celeiro ao lado. Aufschnaiter continuou a nossa incessante luta contra ratos e insectos, enquanto eu tive

que me haver com pulgas e pequenos ratos. Nunca consegui levar a melhor à bicharada, mas a vista sobre os glaciares e a floresta de rododendros compensava o meu desconforto. Também nos tinham atribuído um criado, mas preferíamos ser nós próprios a cozinhar. No nosso quarto havia uma lareira e lenha. Gastávamos pouquíssimo dinheiro; as nossas provisões não custavam mais do que duas libras por mês a cada um. Mandeï fazer um par de calças e o alfaiate cobrou meia coroa.

A comida tradicional nesta região é *tsampa*: aquece-se areia a uma temperatura elevada numa panela de ferro e acrescenta-se grãos de cevada, que rebentam com um pequeno estalido; despeja-se a areia e os grãos para uma peneira fina para escoar a areia e depois mói-se bastante os grãos. A farinha resultante é mexida até formar uma pasta juntamente com chá tibetano, leite ou cerveja e está pronta a servir. Os tibetanos fazem da *tsampa* um culto especial e têm várias maneiras de a preparar. Acostumámo-nos rapidamente a esta comida, mas nunca nos interessámos muito pelo chá tibetano, normalmente feito com manteiga rançosa e repugnante para o gosto europeu. No entanto, é bebido e apreciado universalmente pelos tibetanos, que frequentemente chegam a beber sessenta chávenas por dia. Para além do chá tradicional e *tsampa*, os tibetanos de Kyirong comem arroz, trigo, milho, batatas, nabos, cebolas, feijão e rabanetes. A carne é uma raridade, pois Kyirong é um lugar particularmente sagrado e jamais abatem animais. A carne só aparecia à mesa quando tinha sido trazida de outro distrito ou, mais frequentemente, quando ursos ou panteras deixavam parte das suas presas intocadas. Nunca entendi como esta doutrina podia ser conciliada com o facto de todos os Outonos algumas 15 000 ovelhas atravessarem Kyirong a caminho dos matadouros no Nepal e os tibetanos cobrarem impostos de exportação sobre elas.

Logo no início da nossa estadia fomos visitar as autoridades distritais. O nosso salvo-conduto já tinha sido entregue por um criado e o Põnpo pensava que íamos seguir directamente para o Nepal. Essa não era de forma alguma a nossa intenção, e dissemos-lhe que gostaríamos de ficar algum tempo em Kyirong. Aceitou isto muito calmamente e prometeu, a nosso pedido, informar Lassa. Também visitámos o representante do Nepal, que descreveu o seu país nos termos mais atractivos. Entretanto ficámos a saber

que Kopp, depois de permanecer algum tempo na capital, tinha sido levado para um campo de concentração na Índia. A sedução dos automóveis, bicicletas e cinemas que, segundo nos foi dito, iríamos encontrar em Katmandu, não nos atraía.

Não podíamos realmente ter esperanças de obter de Lassa permissão de residência, e se fôssemos para o Nepal contávamos ser expulsos para a Índia. Por isso decidimos recuperar as nossas forças nesta aldeia de conto de fadas e ficar aqui até termos elaborado um novo plano de fuga. Não podíamos prever nessa altura que iríamos permanecer quase nove meses em Kyirong.

Não estávamos minimamente aborrecidos. Preenchíamos cadernos de exercícios com apontamentos sobre os hábitos e costumes dos tibetanos. Na maior parte dos dias saíamos para explorar os arredores. Aufschnaiter, que tinha sido secretário da Fundação Himalaia em Munique, aproveitava as suas oportunidades para traçar mapas. Havia apenas três nomes no mapa da região que tínhamos trazido, mas agora já tínhamos inscrito mais de duzentos. Na verdade, não só apreciávamos a nossa liberdade como também fazíamos uso prático dela.

As nossas excursões, que a princípio se limitavam às redondezas mais próximas, gradualmente expandiram-se para mais longe. Os habitantes estavam bem acostumados à nossa presença e ninguém interferia connosco.

Naturalmente, eram as montanhas que nos atraíam mais, e a seguir as nascentes de água quente à volta de Kyirong. Havia várias, e a mais quente ficava numa floresta de bambu nas margens do gelado rio Kosi. A água brotava do chão a borbulhar, quase em ponto de ebulição, e era conduzida para uma bacia artificial onde ainda mantinha uma temperatura de aproximadamente 40 graus. Eu costumava mergulhar alternadamente na piscina quente e nas águas geladas do Kosi.

Na Primavera, existe uma época balnear normal neste lugar. Multidões de tibetanos chegavam e barracas de bambu surgiam por todo o lado neste lugar habitualmente solitário, a duas horas de distância de Kyirong. Homens e mulheres atiravam-se nus para a piscina e quaisquer sinais de pudor provocavam estrondosas gargalhadas. Muitas famílias visitam estas

termas nas suas férias. Partem de suas casas com sacos cheios de mantimentos e barris de cerveja e durante uma quinzena acampam nas barracas de bambu. As classes altas também estão acostumadas a visitar as nascentes e chegam com caravanas e comitivas de criados. Mas toda a temporada banhar dura pouco tempo pois o fluxo do rio transborda com a neve derretida e inunda as nascentes.

Em Kyirong travei conhecimento com um monge que tinha estudado na escola de medicina em Lassa. Era bastante respeitado e vivia desafogadamente das provisões que recebia em troca dos seus serviços. Os seus métodos de tratamento eram diversos. Um deles era pressionar um carimbo de oração no local afectado, o que parecia resultar com os seus pacientes histéricos. Em casos graves, marcava o paciente com um ferro em brasa. Posso testemunhar que conseguiu assim devolver a consciência a um caso aparentemente perdido, mas o seu tratamento afectava diferentemente muitos dos seus pacientes. Também empregava este método drástico em animais domésticos. Como me consideravam uma espécie de paramédico, além de me interessar muito por tudo o que esteja relacionado com a medicina, costumava ter longas conversas com este monge. Confessou-me que o seu conhecimento era limitado, mas que não se preocupava demais com isso e que conseguia evitar incidentes desagradáveis mudando de residência frequentemente. A sua consciência era aliviada pelo facto de que os emolumentos provenientes das suas duvidosas curas serviam para financiar as suas peregrinações.

Em meados de Fevereiro tivemos o nosso primeiro Ano Novo no Tibete. O ano rege-se pelo calendário lunar e tem dois nomes, um de animal e outro de um elemento. Depois das datas do nascimento e da morte de Buda, o festival do Ano Novo é o maior evento do ano. Durante a noite anterior já tínhamos ouvido as vozes dos mendigos cantores e dos monges itinerantes que pediam esmolas de casa em casa. De manhã, os telhados estavam decorados com pinheiros recém-cortados enfeitados com bandeiras, recitava-se textos religiosos e oferecia-se *tsampa* aos deuses. O povo traz uma oferenda de manteiga para os templos e em breve os enormes caldeirões de cobre transbordam. Só então os deuses ficam propícios e dispostos a conceder favores para o Ano Novo. *Echarpes* de seda branca

cobrem as estátuas douradas em sinal de especial respeito e os adoradores pousam reverentemente a testa sobre elas.

Pobres ou ricos, todos vêm cheios de devoção e sem reservas íntimas, depositando as suas oferendas perante os deuses e rezando pela sua bênção. Existirá algum povo tão uniformemente apegado à sua religião e tão obediente aos seus ensinamentos na vida quotidiana? Sempre invejei os tibetanos pela simplicidade da sua fé pois toda a minha vida tenho procurado respostas. Embora tenha aprendido a forma de meditar enquanto vivi na Ásia, a resposta final para o enigma da vida nunca me foi revelada. Mas aprendi pelo menos a contemplar os eventos da vida com tranquilidade e a não permitir que as circunstâncias me façam derivar de um lado para o outro num mar de dúvidas. O povo não se limitava a rezar na passagem do ano: durante sete dias dançavam, cantavam e bebiam sob o olhar benevolente dos monges. Em cada casa havia uma festa e nós também éramos convidados.

E triste recordar que as celebrações festivas na nossa casa foram ensombradas por uma tragédia. Um dia fui chamado ao quarto da irmã mais nova da nossa anfitriã. O quarto estava escuro e só quando umas mãos quentes seguraram nas minhas é que percebi que estava ao pé dela. Quando os meus olhos se acostumaram à escuridão, olhei para a cama e recuei num horror que não consegui disfarçar. Ali estava, completamente transformada pela doença, uma rapariga que há dois dias atrás era bonita e saudável. Embora sendo leigo, reconheci instantaneamente que tinha varíola. A sua laringe e linguaça estavam atacadas e só conseguia gemer em voz rouca que estava a morrer. Tentei dizer-lhe que não e então procurei escapar do quarto o mais depressa possível para me lavar exaustivamente. Não havia nada a fazer e só restava esperar que não deflagrasse uma epidemia. Aufschneider também a visitou e concordou com o meu diagnóstico. Dois dias depois morreu.

Assim, e depois das alegrias do festival, este lúgubre acontecimento fez-nos conhecer as cerimónias de um funeral tibetano. O pinheiro decorado que estava no telhado foi retirado e ao nascer-do-sol, no dia seguinte, o corpo foi envolto em túnicas fúnebres brancas e transportado para fora da casa por um coveiro profissional. Nós seguimos o cortejo fúnebre constituído apenas

por três homens. Perto da aldeia, num lugar alto e identificável à distância como cemitério dada a multidão de abutres e corvos que ali pairavam, um dos homens esartejou o corpo em bocados com um machado. Sentado ali próximo, um outro murmurava orações e rufava um pequeno tambor. O terceiro homem afugentava os pássaros e, a intervalos, servia aos outros dois cerveja ou chá para os animar. As ossadas da rapariga morta foram partidas aos bocados para que também pudessem ser consumidas pelos pássaros e não restassem vestígios do corpo.

Por mais bárbara que possa parecer, a cerimónia tem a sua origem nos mais profundos motivos religiosos. Os tibetanos não querem deixar vestígios após a morte do seu corpo, pois sem a alma não têm significado. Os cadáveres dos nobres e dos Lamas mais graduados são cremados, mas entre a população a maneira habitual é o desmembramento e só os corpos de gente muito pobre, para quem esta solução é muito cara, são atirados ao rio, onde os peixes fazem o trabalho dos abutres. Quando pessoas pobres morrem de doenças contagiosas, os seus corpos são eliminados por indivíduos especializados pagos pelo governo.

Felizmente, havia poucos casos de varíola e só um pequeno número deles era fatal. A nossa casa ficou quarenta e nove dias de luto, e então uma nova árvore com bandeiras de oração foi içada no telhado. A esta cerimónia compareceram vários monges que rezaram orações acompanhadas pela sua própria música peculiar. Tudo isto custa dinheiro naturalmente, e quando ocorre uma morte na família os tibetanos habitualmente vendem algumas jóias ou as posses do defunto para pagar as exéquias realizadas pelos monges e o óleo utilizado nas inúmeras lamparinas.

Durante todo este período continuámos com as nossas caminhadas diárias e a óptima neve deu-nos a ideia de construir esquis. Aufschnaiter arranhou um par de varas de vidoeiro que descascámos e secámos ao lume no nosso quarto. Comecei a fazer os bastões e as correias e com a ajuda de um carpinteiro conseguimos produzir dois pares de esquis de aspecto razoável. Estávamos deliciados com a sua aparência rudimentar e era com grande excitação que ansiávamos experimentá-los. Qual relâmpago no céu claro chegou a ordem do Põnpo proibindo-nos de sair de Kyi-rong, excepto para as caminhadas na vizinhança mais próxima. Protestámos energicamente,

mas disseram-nos que a Alemanha era uma nação poderosa e que se algo nos acontecesse nas montanhas seriam apresentadas queixas em Lassa e as autoridades de Kyirong seriam responsabilizadas. O Põnpo manteve-se inabalável perante os nossos protestos e fez o possível para nos convencer de que nas montanhas corríamos grande perigo de ser atacados por ursos, leopardos ou cães selvagens. Nós sabíamos que a preocupação deles com a nossa segurança não passava de um pretexto, mas conjecturámos que tinham adoptado esta atitude atendendo a pedidos da população supersticiosa, que possivelmente acreditava que a nossa presença nas montanhas podia enfurecer os deuses. De momento não havia nada a fazer senão obedecer.

Durante as semanas seguintes obedecemos às ordens, mas não conseguíamos resistir à tentação de ir esquiar. A atracção pela neve e pelas rampas de gelo era demasiada e um dia recorremos a um estratagema. Instalei-me provisoriamente junto a uma das nascentes de água quente apenas a meia hora de distância da aldeia. Alguns dias depois, quando a população se acostumou à minha ausência fui buscar os esquis e transportei-os à luz do luar até ao sopé da montanha. Cedo na manhã seguinte, Aufschnaiter e eu escalámos para além da linha de árvores e divertimo-nos numa esplêndida superfície de neve. Ficámos ambos estupefactos por conseguir esquiar tão bem depois de tanto tempo sem praticar. Como ninguém nos viu, voltámos no dia seguinte, mas desta vez partimos os esquis e escondemos os restos destes estranhos instrumentos. A população de Kyirong nunca descobriu que tínhamos andado a «montar a neve, como diziam.

Quando a Primavera chegou, começou o trabalho nos campos e o milho de Inverno brotou em amorosos rebentos verdes. Tal como nos países católicos, os campos de milho são abençoados por padres. Uma longa procissão de monges, seguida pelos aldeões, transportava os 108 volumes da bíblia tibetana em volta da aldeia, acompanhados por orações e música sacra.

A medida que o tempo foi aquecendo o meu iaque adoeceu. Tinha febre e o veterinário local declarou que somente uma vesícula de urso o poderia curar. Comprei isso a muito custo, não tanto por não acreditar nas suas

propriedades mas apenas para satisfazer o «doutor. Não fiquei surpreso com a ausência de resultados. Aconselharam-me então a tentar vesícula de carneiro e almíscar e eu, subconscientemente, tinha esperanças de que a longa experiência dos tibetanos no tratamento de iaques enfermos salvaria a minha preciosa besta. Contudo, passados alguns dias fui obrigado a mandar abater o pobre *Armin*, já que tencionava pelo menos aproveitar a sua carne.

Para estas situações a população usa um carnicheiro, um homem obrigado a viver marginalizado nas imediações da aldeia, como o ferreiro, cuja profissão no Tibete é das menos honrosas. O carnicheiro recebe os pés, a cabeça e os intestinos do iaque como pagamento. A maneira como ele despachou o animal era mais rápida e mais humana do que os métodos dos nossos carnicheiros. Com um golpe ligeiro abriu o corpo, enfiou a mão e arrancou a artéria cardíaca, causando morte instantânea. Levámos a carne e defumámo-la sobre uma fogueira ao ar livre, providenciando desta forma uma provisão de comida para quando escapássemos novamente.

Por esta altura uma epidemia alastrou em Dzongka causando várias mortes. A autoridade distrital veio para Kyirong com a sua jovem e simpática esposa e quatro crianças para escapar ao perigo. Infelizmente, as crianças trouxeram o vírus da doença com elas, uma espécie de disenteria, e foram sucumbindo uma a uma. Nessa altura eu ainda tinha *algumyatren*, o melhor remédio para a disenteria, e ofereci-o à família. Isto representou um sacrifício considerável para Aufschnaiter e para mim, pois tínhamos guardado estas últimas doses para nós próprios em caso de necessidade. Infelizmente não resultou e três das crianças faleceram. Não *havia,yatren* para a quarta, a mais nova, que adoeceu depois das outras. Tentávamos desesperadamente salvá-la e aconselhámos os pais a mandarem urgentemente um mensageiro a Katmandu com uma amostra das fezes para descobrir o remédio indicado. Aufschnaiter escreveu uma carta em inglês para este efeito, mas nunca foi enviada. A criança foi tratada pelos monges, que chegaram ao ponto de chamar um Lama reencarnado vindo de um local distante. Todos os seus esforços foram em vão e ao fim de dez dias a criança morreu. Este triste episódio de certa forma ilibou-nos de culpa, pois se a última criança tivesse recuperado teríamos sido responsabilizados pela morte das outras.

Os pais destas crianças e muitos outros adultos também adoeceram, mas recuperaram. Durante a enfermidade comeram substancialmente e beberam grandes quantidades de álcool, o que pode ter contribuído para a sua recuperação. Durante a doença as crianças tinham recusado comida e a sua força rapidamente se desvaneceu.

Mais tarde viemos a ser muito amigos dos pais, que embora sentissem profundamente a sua perda, consolavam-se em certa medida com a sua fé na reencarnação. Permaneceram em Kyirong por mais algum tempo numa eremitagem e nós íamos visitá-los frequentemente. O pai chamava-se Wangdíila e era um homem progressista e de mentalidade aberta. Era ávido de conhecimento e fez-nos contar muitas coisas sobre a vida fora do Tibete. A seu pedido, Aufschnaiter desenhou de memória um mapa—múndi. A sua mulher era uma beldade tibetana de vinte e dois anos que falava hindi fluente que tinha aprendido numa escola na Índia. Formavam um casal muito feliz.

Passados alguns anos voltámos a ter notícias suas. Tiveram um destino trágico. Nasceu um outro bebé e a mãe morreu durante o parto. Wangdíila enlouqueceu de desgosto. Era um dos mais amigáveis tibetanos que já conheci, e a sua melancólica história comoveu-me profundamente.

Durante o Verão as autoridades convocaram-nos novamente e deram-nos ordem para sair de Kyirong. Entretanto tínhamos sido informados pelos mercadores e pelos jornais de que a guerra tinha acabado. Tínhamos conhecimento de que após a I Guerra Mundial os ingleses tinham mantido em actividade os campos de prisioneiros de guerra na Índia até cerca de dois anos depois do fim das hostilidades. Naturalmente não desejávamos perder a nossa liberdade agora e estávamos determinados a fazer outra tentativa para penetrar no interior do Tibete. A fascinação que esta terra exercia sobre nós aumentava e estávamos prontos a arriscar tudo para satisfazer a ambição de a conhecer melhor. O nosso conhecimento da língua já era bom e tínhamos adquirido muita experiência. O que nos poderia impedir de ir mais longe? Ambos éramos montanhistas e tínhamos aqui uma oportunidade única para fazer um levantamento dos Himalaias e dos distritos nómadas. Já tínhamos desistido há muito de regressar a casa nos próximos tempos e queríamos agora abrir caminho até à China através das

planícies do nordeste tibetano, e talvez encontrar trabalho lá. O término da guerra gorara os nossos planos de alcançar as linhas japonesas.

Assim, prometemos aos Põnpos partir no Outono se em contrapartida nos dessem liberdade de movimentos. Aceitaram. De tempos a tempos o objectivo principal das nossas excursões era encontrar uma passagem que nos permitisse alcançar o planalto tibetano sem passar por Dzongka.

Durante estas expedições de Verão ficámos a conhecer a fauna da região. Encontrámos uma grande variedade de animais, incluindo espécies de macacos que devem ter migrado para aqui através do profundo vale do rio Kosi. Houve um período em que os leopardos costumavam matar bois e iaques todas as noites e os aldeões tentavam caçá-los com armadilhas. Eu costumava trazer no bolso uma caixa de rapé cheia de pimenta vermelha como precaução contra os ursos, que, como já referi, só são perigosos de dia, altura em que atacam o homem. Muitos dos lenha-dores tinham profundas cicatrizes no rosto, resultantes de encontros com ursos, e um deles tinha perdido a vista devido a uma patada de urso. A noite era possível afugentar estes animais com uma tocha.

Junto ao bosque, uma vez encontrei pegadas na neve recém-caída que não consegui identificar. Poderiam ter sido feitas por um homem. Pessoas com uma imaginação maior do que a minha talvez as atribuíssem ao Abominável Homem das Neves.

Eu fazia questão em manter-me em forma e não me faltavam ocupações enérgicas; ajudava nos campos ou na debulha; derrubava árvores ou cortava tochas de madeira de pinho resinenta. A resistência física dos tibetanos deve—se ao clima tonificante e ao trabalho pesado.

São também aficcionados dos desportos competitivos. Todos os anos se realiza um encontro oficial de atletas em Kyirong, que se prolonga por vários dias. Os principais eventos são as corridas a cavalo, tiro ao arco, lançamento em altura e distância, corridas a pé e salto em altura e comprimento. Existe também um torneio para os homens mais fortes, que têm que levantar e carregar enormes pedras a uma certa distância.

Eu contribuí para o gáudio do público participando em algumas provas e quase ganhei a corrida a pé; depois de uma partida tumultuosa, liderei uma grande parte do percurso, mas eu não estava a par dos métodos locais. No último e mais íngreme trecho da pista um dos concorrentes agarrou-me pelos fundos das calças. Fiquei tão surpreendido que parei completamente para olhar para trás. Era disso que o malandro estava à espera. Ultrapassou-me e cruzou a linha da meta em primeiro lugar. Eu não estava preparado para este tipo de situação e, por entre a gargalhada geral, recebi a medalha destinada ao segundo lugar.

A vida em Kyirong era bastante variada. No Verão, todos os dias passavam caravanas. Depois da safra do arroz no Nepal, homens e mulheres traziam arroz em cestos e trocavam-no por sal, uma das mais importantes exportações do Tibete, trazido dos lagos estanques em Changthang.

O transporte entre Kyirong e o Nepal é efectuado por *coolies*¹, uma vez que a estrada atravessa ravinas estreitas e é frequentemente talhada em degraus. A maioria dos carregadores são mulheres do Nepal que usam vestidos baratos e que por debaixo das suas saias curtas exibem as suas pernas vigorosas e musculosas. Testemunhámos um drama curioso quando os nepaleses vieram buscar mel. O governo do Tibete proibira oficialmente os tibetanos de extraírem mel porque a sua religião não lhes permite privarem os animais da sua alimentação. No entanto, tal como noutros lugares, as pessoas gostam de contornar a lei, e assim os tibetanos, incluindo os Põnpos, permitem aos nepaleses ficarem com o mel que colheram para depois o comprar de volta.

A recolha do mel é uma aventura arriscada pois as abelhas escondem os favos sob rochas salientes em despenhadeiros profundos. Os homens penduram longas escadas de bambu e descem setenta ou oitenta metros, balançando livremente sobre o abismo. Abaixo deles corre o rio Kosi e se a corda que segura a escada rebentar, isso significa morte certa. Usam bolas de fumo para manterem as abelhas zangadas à distância enquanto recolhem os favos de mel, que são içados dentro de cestos por uma segunda corda. Para o sucesso desta operação é essencial uma coordenação perfeita e bem ensaiada pois os gritos ou assobios perdem-se entre o bramido do rio em baixo. Nesta ocasião, onze homens trabalharam durante uma semana na

ravina, e o preço a que venderam o mel não tinha qualquer relação com os riscos que correram. Infelizmente não tinha uma câmara de filmar para registrar esta cena dramática.

Quando as chuvas torrenciais de Verão terminaram, começámos a explorar sistematicamente os extensos vales. Ficávamos fora vários dias, levando connosco mantimentos, material de desenho e bússola. Nestas ocasiões acampávamos nas pastagens altas junto dos pastores que, tal como nos Alpes, passam os meses de Verão transumando o seu gado pelos luxuriantes pastos da montanha. Havia centenas de vacas e fêmeas iaques a alimentarem-se dos troços verdes de pastagem no meio de um mundo de glaciares. Muitas vezes eu ajudava a fazer a manteiga e era um prazer receber um bloco de manteiga fresca e dourada em troca dos meus esforços.

Junto a todas as cabanas habitadas encontram-se cães agressivos e ferozes. Na maior parte das vezes ficam acorrentados e à noite protegem o gado dos leopardos, lobos e cães selvagens. Estes cães de constituição muito robusta devem a sua enorme força à dieta de leite e carne de bezerro com que são alimentados. São realmente perigosos e eu tive vários encontros desagradáveis com eles. Numa ocasião, um destes cães soltou-se da corrente que o prendia quando eu me aproximava e tentou morder-me a garganta. Desviei-me do ataque e ele cravou os dentes no meu braço e não o largou até eu o ter neutralizado. As minhas roupas ficaram em farrapos mas o cão jazia inerte no chão. Liguei os meus ferimentos com o que restava da minha camisa, mas ainda hoje tenho feias cicatrizes no braço. As minhas feridas sararam rapidamente graças a prolongados banhos nas nascentes de água quente que nesta altura do ano são mais frequentadas por cobras do que por tibetanos. Mais tarde os pastores disseram-me que eu não tinha sido o único sofredor nesta batalha. O cão deitou-se no seu canto e durante uma semana recusou-se a comer.

Durante as nossas excursões encontrávamos montes de morangos selvagens, mas os melhores nasciam em locais com muitas sanguessugas. Por meio de leituras, eu sabia que estas criaturas eram a praga de muitos vales dos Himalaias, e agora aprendia por experiência própria o quanto somos indefesos contra elas. Caem das árvores em cima de homens e animais e penetram por qualquer abertura na roupa, até pelos ilhós dos

sapatos. Se uma pessoa as arranca, perde mais sangue do que se as deixar sugar o seu quinhão, caindo então por si próprias. Alguns dos vales estão a tal ponto infestados de sanguessugas que é simplesmente impossível protegemo-nos delas. A melhor maneira de as manter afastadas é usar meias e calças banhadas em sal.

As nossas excursões deram-nos muitas oportunidades de esboçar e fazer mapas, mas não encontrámos uma passagem adequada para a nossa fuga. Sem cordas e outros mecanismos de auxílio não tínhamos esperança de conseguir atravessar as encostas escarpadas, pois iríamos estar pesadamente carregados. E nenhum de nós estava entusiasmado com a ideia de regressar pela estrada de Dzongka que já conhecíamos. Enviámos uma petição ao Nepal para saber se seríamos ou não entregues aos ingleses caso fôssemos para lá, mas não obtivemos resposta. Tínhamos ainda dois meses para fugir antes de sermos obrigados a deixar Kyirong, e ocupávamos os nossos dias com preparativos para a viagem. De forma a aumentar o meu capital, empres-tei-o a um mercador à taxa de juro habitual de 33%. Mais tarde vim a lamentar esta decisão, pois o meu devedor atrasou o pagamento e isto quase impediu a nossa partida. O nosso contacto com os pacíficos e industriais camponeses tinha-se tornado cada vez mais íntimo. Eles não avaliavam o seu trabalho à hora, mas usavam cada minuto de luz do dia. Como havia falta de mão-de-obra nas regiões rurais, a fome e a pobreza eram desconhecidas. Os inúmeros monges, que não tinham qualquer trabalho manual e se ocupavam com as questões espirituais, eram sustentados pela comunidade. Os lavradores são abastados e possuem vestuário asseado para toda a família usar em dias de festa. As mulheres costuram a sua própria roupa em casa.

Não existe polícia, na nossa acepção da palavra. Os malfeitores são condenados publicamente. As penas são bastante drásticas mas parecem adequar-se à mentalidade da população. Contaram-me a história de um homem que tinha roubado uma lamparina de ouro de um dos templos em Kyirong e que fora condenado com uma sentença que nós consideraríamos desumana: cortaram-lhe as mãos em público e em seguida foi enfiado e fechado dentro de um saco de pele de iaque molhado que, após ter secado, foi atirado a um precipício.

Nunca tínhamos visto castigos tão cruéis como este. Com o passar do tempo, os tibetanos parecem ter-se tornado mais condescendentes. Lembrome de testemunhar uma flagelação pública que não achei suficientemente severa. Os condenados eram um monge e uma freira que pertenciam à Igreja Budista reformada, que obriga ao celibato. A freira tinha coabitado com o monge e gerara uma criança que logo matou ao nascimento. Ambos foram denunciados e postos no pelourinho. A sua culpa foi declarada publicamente e foram condenados a cem chicotadas cada um. Durante o açoitamento, os habitantes suplicavam às autoridades para terem piedade e ofereciam-lhes dinheiro. Isto resultou numa redução da pena e entre a multidão de observadores ouviam-se soluços e suspiros de alívio. O monge e a freira foram expulsos do distrito e destituídos da sua condição religiosa. A simpatia demonstrada por toda a população foi quase inconcebível, segundo a nossa concepção. Os pecadores receberam inúmeras ofertas de dinheiro e provisões e partiram de Kyirong com sacos bem cheios para irem em peregrinação. O sector reformista, ao qual estas duas pessoas pertenciam, tem um papel dominante no Tibete, embora na nossa vizinhança existissem vários conventos que seguiam outras orientações, nos quais monges e freiras viviam maritalmente e cujas crianças permaneciam no templo. Trabalhavam nos seus campos mas nunca eram apontados para cargos públicos, reservados para os membros da «Igreja Amarela reformista.

A supremacia das ordens monásticas no Tibete é algo de único e pode muito bem ser comparada a uma severa ditadura. Os monges desconfiam de qualquer influência do mundo exterior que possa minar a sua autoridade. São suficientemente espertos para não acreditarem que o seu poder seja ilimitado, mas punem quem sugerir o contrário. Por essa razão alguns dos monges de Kyirong desaprovavam o nosso convívio com os aldeões. O nosso comportamento, que não era influenciado pelas suas superstições, deve ter dado que pensar aos tibetanos. Costumávamos ir à floresta de noite sem sermos molestados por demónios e escalávamos montanhas sem acender fogueiras de sacrifício; mesmo assim, nada nos acontecia. Em alguns lugares notávamos uma certa reserva que só podia ser atribuída à influência dos Lamas. Devem ter-nos atribuído poderes sobrenaturais, pois estavam convencidos de que as nossas excursões tinham um propósito oculto. Perguntavam-nos constantemente por que estávamos sempre em

comunhão com pássaros e rios. Nenhum tibetano jamais dá um passo sem um objectivo concreto, e pensavam que quando vagueávamos pelas matas ou nos sentávamos junto a um riacho não o fazíamos por acaso.

5 A CAMINHO

Partida dramática de Kyirong — Através da cordilheira de Chakhyungla — Para o Lago Pelgu — Monte Evereste, uma visão inesquecível — Uma jornada cruel — Entre nómadas amigáveis.

Entretanto chegou o Outono e a nossa autorização de permanência chegava ao fim. Era duro ter que deixar este paraíso da natureza, mas não tínhamos conseguido obter um visto de residência, e não havia dúvida de que teríamos que partir. Por experiência anterior, estávamos conscientes da importância de uma suficiente reserva de mantimentos; arranjámos então um esconderijo a vinte quilómetros de distância, na estrada para Dzongka, onde depositámos *tsampa*, manteiga, carne seca, açúcar e alho. Tal como quando fugimos do campo, não tínhamos transporte e tivemos que carregar todos os mantimentos às costas.

Fortes nevões prenunciaram um Inverno antecipado e interferiram com os nossos cálculos. Já tínhamos decidido o peso máximo que podíamos carregar, e agora tínhamos que optar por levar um cobertor extra para cada. O Inverno era, obviamente, a época mais desfavorável para atravessar o alto planalto da Ásia Central, mas não podíamos permanecer em Kyirong. Por algum tempo considerámos a possibilidade de nos esconder algures no Nepal e passar aí o Inverno, mas desistimos pois a guarda fronteiriça deste país é conhecida pela sua eficiência.

Quando o nosso depósito ficou pronto, lançámo-nos à tarefa de improvisar um candeeiro portátil. Os aldeões sabiam que estávamos a tramar qualquer coisa e espiavam—nos constantemente; por isso, para preparar o nosso candeeiro fomos um dia para as montanhas e aí manufacturámos uma espécie de lanterna com papel tibetano e a capa de

um livro, dentro da qual colocámos uma caixa de cigarros cheia de manteiga para manter a chama acesa. Precisávamos de uma luz, por mais fraca que fosse, pois havíamos decidido viajar de noite enquanto estivéssemos em regiões habitadas. Agora estava à espera da devolução do dinheiro que tinha emprestado. Contava recebê-lo no dia seguinte e por isso ficámos prontos para entrar em acção.

Por razões tácticas acordámos que Aufschnaiter devia seguir primeiro sob o pretexto de uma excursão. Saiu da vila a 6 de Novembro de 1946, em plena luz do dia e com a mochila às costas. Com ele ia o meu peludo cão tibetano — uma prenda de um notável de Lassa. Entretanto tentei recuperar o meu dinheiro mas não tive sorte. O meu devedor estava desconfiado e não queria pagar-me até Aufschnaiter regressar. Não admira que suspeitassem de um plano de fuga. Se realmente quiséssemos ir para o Nepal, não haveria necessidade de segredos. Os funcionários temiam represálias do governo caso conseguíssemos alcançar o interior do Tibete e por isso incitaram a população contra nós, que vivia em constante receio das autoridades locais e obedecia às suas ordens.

Foi organizada uma expedição para caçar Aufschnaiter e eu fui detido e interrogado. As minhas fúteis tentativas de persuadir as autoridades de que ele tinha ido numa das suas habituais excursões não surtiram efeito. No que respeita ao meu dinheiro, tive que esperar mais um dia e só recebi parte dele. Nunca seria pago na totalidade até ao regresso de Aufschnaiter.

Na noite de 8 de Novembro eu tinha resolvido ir embora — à força se fosse preciso. Era seguido para toda a parte. Havia espiões dentro e fora da casa. Aguardei até às dez na esperança de que fossem para a cama, mas ninguém dava sinais disso. Foi então que fiz uma cena, fingindo estar muito zangado e argumentando que a conduta do pessoal da casa tinha tornado impossível a minha permanência ali e portanto iria dormir na floresta. Enquanto me observavam preparei a minha mochila. A minha anfitriã e a sua mãe apareceram a correr e quando se aperceberam do que se estava a passar, atiraram-se para o chão à minha frente e, em lágrimas, suplicaram-me para não ir. Disseram-me que se eu fosse seriam banidas da vila e perderiam a sua casa. Elas não mereciam isto da minha parte. A velha mãe entregou-me uma *écharpe* branca em sinal de respeito e quando viu que os

seus apelos não me demoviam ofereceu-me dinheiro. Fiquei com pena das duas mulheres e tentei convencê-las de que nada lhes aconteceria se eu me fosse embora. Infelizmente, os seus gritos tinham acordado a aldeia inteira e eu tinha que agir imediatamente.

Ainda posso ver os rostos mongóis besuntados de manteiga a olharem-me fixamente pela janela com a luz das suas tochas a brilhar sobre eles. E agora tinham chegado os dois autarcas ofegantes com uma mensagem do Põnpo: se eu permanecesse até de manhã, poderia então ir para onde quisesse. Eu sabia que isto era um ardil para me manter ali e não respondi. Saíram então a correr para ir chamar os seus chefes. A minha anfitriã agarrou-se a mim a chorar e a dizer que eu fora sempre como uma das suas crianças e que não era justo causar-lhe tal sofrimento. Os meus nervos estavam em franja. Alguma coisa tinha que acontecer. Coloquei resolutamente a mochila às costas e caminhei para fora da casa. Fiquei estupefacto com a multidão que se juntou à porta sem interferir comigo. Diziam «Ele vai, ele vai, mas ninguém me tocou — devem ter percebido a minha determinação. Dois homens novos ainda gritaram para me deterem, mas não passaram disso. Passei livremente através da multidão que abria caminho à minha frente.

Mas fiquei contente quando saí do alcance das luzes das tochas e desapareci na escuridão. Durante um bocado apressei-me ao longo da estrada para o Nepal, de forma a despistar possíveis perseguidores; fiz um largo desvio à volta da vila e pela manhã estava no nosso depósito. Aufschneider estava sentado na berma da estrada e o meu cão saltou para me cumprimentar. Caminhámos por um bocado à procura de um bom esconderijo para passar o dia.

Pela última vez em anos acampámos numa mata. Na noite seguinte subimos o vale e pouco depois estávamos muito acima da orla da floresta. Conhecíamos bem os trilhos da montanha graças às nossas excursões e a nossa ténue lanterna fez o seu trabalho. Mesmo assim, ocasionalmente perdíamos o caminho. Tínhamos que ser muito cuidadosos ao atravessar as estreitas pontes de madeira sobre o rio, pois estavam cobertas com uma camada de gelo e tínhamos que nos equilibrar como trapezistas. Fizemos um bom progresso, embora cada um de nós carregasse um peso de quase 36

quilos. De dia encontrávamos sempre um recanto isolado para descansar, mas acampar com estas temperaturas não se podia considerar um prazer.

Um belo dia descobrimos que não podíamos prosseguir. A nossa frente havia uma parede rochosa impossível de escalar. Um trilho conduzia até ela e desaparecia na parede. O que havíamos de fazer? Nunca conseguiríamos escalar a falésia com pesadas cargas às costas, por isso decidimos voltar e tentar passar a vau uma corrente que aqui se dividia em várias. O frio era intenso — quinze graus abaixo de zero. Quando tirámos os sapatos e meias para atravessar o rio, a terra e as pedras geladas colaram-se aos nossos pés e arrancá-las para nos calçarmos novamente foi uma operação dolorosa. E então deparámo-nos com mais rios. Devia haver uma saída pois as caravanas passavam por aqui, mas não conseguíamos encontrá-la. Decidimos passar a noite onde estávamos e no dia seguinte observaríamos como as caravanas lidavam com a situação. Pouco depois do amanhecer chegou uma caravana e parou em frente à parede rochosa; e então (mal podíamos acreditar no que víamos) os *coolies* carregadíssimos escalaram agilmente o trilho na rocha como se fossem alados, uns atrás dos outros — uma lição para nós, endurecidos montanhistas —, enquanto os iaques passavam a corrente a vau com os condutores em cima.

Decidimos tentar novamente. Depois de um dia que pareceu interminável, ao anoitecer enfrentámos a difícil escalada. Tínhamos o luar para nos iluminar, que era muito mais útil que a nossa lanterna. Se não tivéssemos visto os *coolies* marinhar aquela parede teríamos desistido outra vez, mas lá conseguimos. Depois de mais duas noites de marcha já tínhamos contornado Dzongka e encontrávamo-nos numa região desconhecida. O nosso próximo objectivo era o rio Brah-maputra, que representava a maior incógnita no nosso itinerário. Como poderíamos atravessá-lo? Esperávamos que já estivesse congelado. Só tínhamos uma vaga noção da estrada que conduzia ao rio, mas tínhamos esperança de que não oferecesse obstáculos sérios. A melhor coisa era seguir em frente o mais rápido possível e evitar todos os lugares em que pudéssemos encontrar autoridades. Pouco depois de passar Dzongka acampámos numa gruta onde encontrámos centenas de ídolos de barro. O lugar devia ser uma ermida antiga. Na noite seguinte escalámos abruptamente, na esperança de ultrapassar a cordilheira de uma só vez. Mas tínhamos sobrestimado a nossa força: ofegantes e exaustos pelo

ar rarefeito a uma altitude de 4800 metros, tivemos que parar num campo gelado. Estávamos a aproximar-nos novamente da bacia hidrográfica dos Himalaias. A paisagem que se vislumbrava do cume da cordilheira Chakhyungla era desanimadora; restava—nos a satisfação de pensar que éramos provavelmente os primeiros europeus a atravessá-la, mas estava muito frio para sentirmos prazer ou orgulho em qualquer coisa!

Nesta vastidão gelada e deserta arriscámo-nos a viajar de dia. Depois de termos passado a noite a congelar no campo, fizemos um bom progresso e fomos recompensados na manhã seguinte com a magnífica visão do grande lago Pelgu, de um azul profundo, que se estendia abaixo de nós. O planalto onde estávamos era pontilhado por uma reluzente cadeia de glaciares; sentíamo-nos orgulhosos por saber os nomes dos dois picos, Gosainthan (8000 metros) e Lapchi Kang, até aí nunca conquistados, tal como a maioria dos picos dos Himalaias. Os nossos dedos estavam congelados mas pegámos nos cadernos de apontamentos e em poucos traços desenhámos os contornos destas montanhas. Aufschnaiter tirou as coordenadas dos picos mais importantes com uma velha bússola e apontou os números, que um dia podiam vir a ser úteis. Descemos através deste fantástico cenário de Inverno até à margem do lago onde encontrámos as ruínas de um abrigo, e mais uma vez tivemos que passar a noite na neve.

Na verdade estávamos surpreendidos com o facto de suportarmos tão bem a altitude e com a velocidade a que nos deslocávamos, tendo em conta o peso da nossa bagagem. Mas o nosso pobre cão estava miserável. Estava praticamente morto de fome. A noite ajudava-nos a aquecer deitando-se aos nossos pés, e bem precisávamos, pois a temperatura devia rondar os vinte e dois graus negativos.

Como ficámos felizes por encontrar sinais de vida no dia seguinte! Um rebanho de ovelhas aproximava-se lentamente na nossa direcção seguido por alguns pastores agasalhados com espessos capotes. Indicaram-nos a localização das habitações mais próximas e na mesma noite chegámos à vila de Trakchen, que ficava ligeiramente afastada da rota das caravanas. Já era mais do que tempo de encontrarmos seres humanos novamente, uma vez que os nossos mantimentos já tinham acabado. Mesmo que fôssemos presos...!

Esta pequena localidade seguramente merecia o nome de vila. Continha cerca de quarenta casas e um templo construído numa encosta; era um lugar com melhor aspecto do que Gartok, que se erguia a uma altitude maior. De facto tínhamos descoberto o lugar habitado situado a maior altitude da Ásia e talvez do mundo inteiro.

Os nativos tomaram-nos por indianos e venderam-nos provisões livremente. Fomos hospitaleiramente recebidos numa casa, e como apreciámos o luxo do calor depois de longas marchas na neve e no gelo! Descansámos aqui durante um dia e uma noite, comendo bem e alimentando o nosso cão. Evitámos encontrar as autoridades locais já que o Põnpo se fechara em casa e ignorara a nossa presença. Talvez quisesse evitar responsabilidades.

Tínhamos que comprar outra pele de ovelha pois as nossas roupas não serviam para o Inverno tibetano. E depois de um longo e agradável regateio comprámos um iaque, o quarto na nossa linhagem de *Armins*, e não era diferente dos outros, excepto talvez por ser mais mandrião.

Daqui seguimos para a cordilheira de Yagula, sem encontrar ninguém no caminho. Ao fim de três dias chegámos às terras cultivadas da grande vila de Menkhap Me. Mais uma vez apresentámo-nos como indianos e comprámos palha para o nosso iaque e *tsampa* para nós próprios. O povo aqui leva uma vida muito dura, pois os campos de cevada e lentilha estão cheios de pedras e exigem imenso trabalho para produzirem uma colheita fraca. Mas são pessoas animadas e amigáveis e à noite sentávamo-nos e bebíamos cerveja. Nas encostas à volta da vila existem pequenos templos que os aldeões mantêm em funcionamento, não obstante todas as dificuldades com que vivem, mercê da sua habitual religiosidade e espírito de sacrifício. Em toda a parte encontrámos ruínas de dimensões surpreendentes, testemunhos de melhores épocas que esta região tinha vivido. Não sabíamos precisar se a decadência tinha sido causada por guerras ou por uma mudança de clima.

Caminhávamos há já uma hora quando alcançámos a enorme planície de Tingri. Por trás — e sustivemos a respiração — erguia-se a maior montanha do mundo, o Monte Everest. Tomados de admiração, entusiasmo e fascínio, olhámos para o imponente pico e pensámos nas inúmeras expedições em

que homens corajosos tinham perdido a vida tentando em vão conquistar o cume. Fizemos alguns esboços da montanha, que seguramente nunca tinha sido contemplada por nenhum europeu do lugar onde estávamos.

Era difícil desviar a atenção deste maravilhoso espectáculo mas tínhamos que passar ao nosso próximo objectivo, a cordilheira de Kora, com 5500 metros, que ficava a norte. Antes de começar a escalada, passámos a noite numa pequena aldeia chamada Khargyu no sopé da cordilheira. Desta vez não podíamos passar por indianos tão facilmente porque os aldeões já tinham visto muitos europeus. Próximo dali situava-se a vila de Tingri, onde todas as expedições inglesas ao Everest costumavam contratar os seus carregadores. Os habitantes pareciam avaliar-nos e primeiro perguntaram-nos se tínhamos visitado o Põnpo em Sutso. Percebemos então que a casa grande que vimos nesse lugar devia ser a residência oficial. Tínhamos reparado bem na casa, pois situava-se numa colina donde se podia avistar todo o distrito. Felizmente passámos sem ser observados.

Agora tínhamos que ser cautelosos. Procurámos não aprofundar o assunto mas repetimos a nossa história da peregrinação. Os aldeões pareceram ficar satisfeitos e indi-caram-nos a estrada que deveríamos seguir, que segundo parecia era uma boa estrada.

Ao fim da tarde atingimos o topo da cordilheira e em breve começaríamos a descer novamente. Por ora termináramos as desgastantes escaladas e estávamos contentes com isso. No entanto, o nosso iaque tinha outra opinião, pois fugiu para trás e correu pela encosta acima em direcção à cordilheira. Conseguimos apanhá-lo após inúmeras dificuldades, mas não conseguíamos movê-lo e fomos obrigados a acampar num local inóspito onde não podíamos sequer acender uma fogueira — e por isso jantámos *tsam-pa* seca e carne crua. A nossa única consolação era a visão do Monte Everest sob a luz do sol poente.

No dia seguinte, o *Armin* começou outra vez a «improvisar. Atámos-lhe uma corda aos chifres e arrastámo-lo ao longo do trilho mas ele continuou a rebelar-se. Estávamos fartos do *Armin IV* e decidimos trocá-lo por outro animal na primeira oportunidade.

A oportunidade surgiu pouco depois. Na aldeia seguinte fiz aparentemente um ótimo negócio e troquei-o por um pônei de aspecto duvidoso. Ficámos radiantes e seguimos o nosso caminho na melhor disposição.

No mesmo dia chegámos a um extenso vale atravessado por uma corrente de água esverdeada com pequenos blocos de gelo à superfície. Era o Tsangpo (Brahmaputra). Isso pôs fim ao nosso sonho de encontrar o rio congelado e atravessá-lo por cima do gelo. Mas não perdemos as esperanças. Na margem oposta avistámos templos e algumas casas e deduzimos que deveria haver alguma forma de atravessar o rio. Pensamos numa jangada e enquanto a procurávamos encontrei os pilares de uma ponte de corda, que era ótima para nós mas não servia para o nosso cavalo. Os animais têm que atravessar a nado, embora por vezes os *coolies* consigam carregar às costas os seus burros através das instáveis pontes de corda. Tentámos empurrar o nosso cavalo para a água mas ele simplesmente não se movia. Por esta altura já estávamos bastante acostumados a ter problemas com animais; por isso, desgostoso, tomei a decisão de regressar à aldeia e tentar efectuar outra troca. Custou-me dinheiro e muita discussão reaver o *Armin* mas consegui-o. Ele não demonstrou nem alegria nem tristeza por voltar a ver-me.

Já era escuro quando cheguei à ponte. Era muito tarde para tentar atravessá-lo, por isso ateiei-o a uma estaca próxima. Aufschnaiter entretanto tinha-nos arranjado acomodação e passámos uma noite agradável e aquecida debaixo de um tecto. Os aldeões estavam acostumados a mercadores viajantes e não nos prestaram muita atenção.

Na manhã seguinte, perdoei ao *Armin* todo o seu mau comportamento. Quando conseguimos persuadi-lo a entrar na água, provou ser um excelente nadador. Frequentemente submergia sob as águas revoltas e foi arrastado pela corrente, mas isso não o perturbou. Continuou a nadar energicamente e quando chegámos à outra margem admirámos a forma graciosa como trepou a íngreme margem e sacudiu a água do seu longo pêlo. Passámos o resto do dia na aldeia Chung Riwoche — um lugar muito interessante com um famoso convento que continha vários templos com inscrições chinesas nas portas, erguendo-se directamente das falésias rochosas que flanqueavam o rio. Uma das coisas mais extraordinárias neste convento era um

gigantesco *Chòrten* (uma espécie de túmulo), com aproximadamente vinte metros de altura, que atestava a santidade do local. A sua volta estavam agrupados inúmeros moinhos de oração — contei cerca de oitocentos — que giravam continuamente com os seus tambores contendo tiras de papel onde estão inscritas orações a suplicar a bênção dos deuses. É importante que estejam continuamente em movimento e até havia um monge que se atarefava a lubrificar os eixos. Nenhuma pessoa devota passava por estes moinhos sem os fazer girar. Velhinhos e mulheres sentam-se amiúde junto a estes gigantescos tambores durante um dia inteiro e fazem-nos girar com devoção, rezando aos céus para que lhes concedam a si e aos seus a reencarnação num estado mais elevado. Outros levam consigo pequenos moinhos de oração manuais quando vão em peregrinação. Estes moinhos de oração e a mentalidade infantil que expressam são características do Tibete, tão típicos como os montículos de pedras e as bandeiras de oração que tínhamos encontrado em todos os trilhos das montanhas.

Como estávamos muito satisfeitos com as nossas acomodações e fascinados por todas as coisas interessantes que víamos, decidimos ficar mais uma noite. Valeu a pena pois tivemos uma visita muito interessante, um tibetano que tinha vivido vinte e dois anos numa missão católica na Índia e que agora tinha regressado, com saudades do Tibete. Também tinha percorrido sozinho as cordilheiras sob a neve de Inverno, mas quando pôde juntou-se às caravanas. Mostrou-nos jornais ingleses ilustrados nos quais vimos pela primeira vez fotografias de cidades bombardeadas e lemos a respeito do fim da guerra. Foram momentos esmagadores e ansiávamos por saber mais. Apesar destas notícias pouco animadoras, estávamos contentes por encontrar alguém que nos trazia uma lufada de ar do mundo exterior — o nosso mundo. O que ele nos disse reforçou a nossa decisão de continuar a viagem para a Ásia Central. Teríamos ficado muito felizes por o levar connosco como companheiro de viagem, mas não lhe podíamos oferecer protecção nem conforto. Comprámos-lhe alguns lápis e papel, de forma a podermos continuar a escrever os nossos diários; despedimo-nos e prosseguimos viagem sozinhos.

A nossa rota afastava-nos agora do Brahmaputra. Seguimos esse percurso até outra cordilheira e em dois dias chegámos a Sangsang Gevu, e assim voltámos mais uma vez para a rota das caravanas de Gartok para Lassa, da

qual nos tínhamos desviado há um ano atrás para ir para Kyirong. O representante do Põnpo em Sangsang fez-nos muitas perguntas mas tratou-nos bem. Sentimos que o cavalheirismo com que as autoridades em Tradiin nos tinham tratado se repercutira por toda a região até Sangsang, e tinha servido de exemplo para outras autoridades. Felizmente, este funcionário não fazia ideia de que a nossa presença aqui era contrária às instruções.

Foi uma bênção ele não ter acrescentado dificuldades à nossa viagem pois já tínhamos preocupações de sobra. De uma forma ou de outra tínhamos que tomar uma decisão. Só nos restavam 80 rupias e uma moeda de ouro. O resto tinha sido gasto em mantimentos e na compra de um quinto iaque para substituir o nosso último *Armin*. Descobrimos que os preços eram mais altos à medida que nos aproximávamos das vilas e era claramente impossível pensarmos em chegar à fronteira chinesa com o dinheiro que tínhamos. Ainda faltavam milhares de quilómetros para chegarmos à China. Mas o nosso dinheiro era suficiente para chegarmos a Lassa. Sentíamos de novo a atracção pela «Cidade Proibida. E a possibilidade de virmos a conhecer o objectivo dos nossos sonhos estava agora quase ao nosso alcance. De qualquer maneira, não conseguíamos controlar o nosso desejo de ir lá e este novo objectivo parecia-nos digno de qualquer sacrifício.

Enquanto estávamos no campo de concentração tínhamos lido avidamente todos os livros que conseguíamos arranjar sobre Lassa. Havia poucos e todos tinham sido escritos por ingleses. Sabíamos que em 1904 uma expedição punitiva inglesa formada por um pequeno batalhão tinha marchado até à capital e que nos últimos vinte anos vários europeus a tinham visitado. Desde então o mundo só tem tido um conhecimento superficial de Lassa; e para um explorador o objectivo mais atractivo é a casa do Dalai Lama. E nós, estando tão próximos, não deveríamos tentar chegar lá? Por que outra razão tínhamos ultrapassado toda a espécie de dificuldades com habilidade e estratégias, esforçando-nos até ao limite da nossa resistência e aprendendo a falar a língua deste país? Quanto mais pensávamos nisto mais forte era a nossa determinação, e «A caminho de Lassa passou a ser o nosso lema. A nossa experiência tinha-nos provado que era muito mais fácil lidar com funcionários superiores do que com subordinados. Achávamos que uma vez chegados a Lassa não teríamos problemas. Eu pensava sempre num exemplo brilhante que deveríamos

seguir, o do padre Johann Griiber, que há trezentos anos atrás se escondera numa caravana para entrar em Lassa e fora hospitaleiramente recebido.

Por isso não havia dúvidas quanto à nossa meta: só não sabíamos como chegar lá. Sentíamo-nos atraídos pela muito frequentada estrada principal com os seus albergues. Se seguissemos esta estrada dentro de poucas semanas estaríamos em Lassa. Mas arriscávamo-nos a ser descobertos e detidos. Mesmo contornando Shigatse, a segunda maior cidade do Tibete, encontraríamos vários outros centros administrativos que poderiam reter-nos. O risco que este percurso acarretava era muito grande. Por isso decidimos viajar através das planícies a nordeste, a que chamam Changthang, um distrito unicamente habitado por nómadas com quem podíamos associar-nos em segurança. Daí poderíamos aproximar-nos de Lassa por noroeste. Ninguém conta com estrangeiros vindos dessa direcção e seria mais fácil entrar discretamente na cidade. Sven Hedin tivera um plano semelhante há quarenta anos atrás, mas falhou devido à obstinação de algumas autoridades locais. A sua tentativa fracassada de entrar em Lassa deve ter sido uma grande frustração para ele, mas permitiu-lhe explorar regiões completamente desconhecidas até então. Não existiam mapas nem descrições da rota que pretendíamos seguir: tínhamos que avançar em direcção ao desconhecido, mantendo sempre o rumo de noroeste. Provavelmente encontraríamos nómadas pelo caminho e pedir-lhes-íamos informações sobre distâncias e direcções.

Enquanto permanecemos em Sangsang não contámos os nossos planos a ninguém mas comentámos que queríamos ir para os depósitos de sal no norte. As pessoas ficavam horrorizadas com a ideia e tentaram dissuadir—nos a todo o custo, pois a região era tão inóspita que só um lunático iria lá. Mas o nosso estratagema teve o efeito desejado de eliminar qualquer suspeita de que poderíamos estar a caminho de Lassa. Na realidade, o nosso plano envolvia perigos consideráveis; e as tempestades geladas que encontrámos em Sangsang davam-nos uma ideia do que podíamos esperar.

Fosse como fosse, a 2 de Dezembro de 1945 pusemo-nos a caminho. Durante a nossa estadia em Sangsang tínhamos feito amizade com alguns Sherpas, tibetanos que vivem no Nepal com boa reputação como guias e carregadores nos Himalaias. Têm a alcunha de «tigres dos Hima-imaia».

Deram-nos conselhos preciosos sobre os preparativos e ajudaram-nos a encontrar um novo iaque, o que foi um serviço inestimável, já que até agora tínhamos sido sempre vigarizados quando comprávamos uma destas criaturas. Reparámos com satisfação que o nosso novo iaque era uma besta bem comportada, um poderoso macho preto com algumas malhas brancas e um longo pêlo que quase varria o chão. Quando era novo tinham-lhe removido os chifres e a operação parecia ter melhorado o seu temperamento sem lhe diminuir a força. Nas narinas tinha a habitual argola. Com um pouco de encorajamento conseguia-se fazê-lo exceder a sua velocidade média de três quilómetros por hora. O pobre diabo tinha muito peso para carregar pois a nossa regra era ter sempre alimentação para oito dias.

O nosso primeiro dia fora de Sangsang passou sem dificuldades. O caminho passava por um vale ligeiramente inclinado e, mesmo quando o sol se escondia e o frio cortante começou a penetrar nas nossas roupas, avistámos, como se a tivéssemos encomendado, uma tenda preta nómada, montada num abrigo formado por uma parede de rocha semicircular a que chamam *Ibega*. Estes abrigos encontram-se espalhados por todo o Tibete pois os nómadas deslocam-se constantemente para novas pastagens e constroem pequenos muros de pedra à volta das suas tendas. Os *lhegas* também ajudam a proteger os seus animais do frio e dos ataques dos lobos. Quando nos aproximámos da tenda, alguns cães vieram a ladrar ao nosso encontro, atraindo um nómada para fora da tenda. Não se mostrou muito prestável quando lhe pedimos abrigo por uma noite e recusou abertamente deixar-nos entrar na tenda; mas depois trouxe-nos algum esterco seco de iaque com o qual podíamos fazer uma fogueira. Tivemos que acampar ao ar livre, mas conseguimos ficar razoavelmente confortáveis; apanhámos ramos de junípero para manter uma confortável fogueira acesa durante toda a noite.

Mesmo assim não consegui dormir. Tinha uma sensação na boca do estômago que me fazia lembrar o que tinha sentido antes de enfrentar a subida da parede norte do Eiger. Ainda bem que não sabíamos o que nos esperava. Se tivéssemos uma vaga ideia teríamos seguramente voltado para trás. Estávamos a meter-nos numa terra incógnita apenas assinalada por espaços brancos no mapa, desenhados sob a lupa da nossa ambição de exploradores.

No dia seguinte chegámos ao topo da cordilheira e ficámos estupefactos ao descobrir que não havia descida do outro lado e que estávamos simplesmente num planalto elevado. A vista sobre a interminável planície era pouco animadora. Parecia que estávamos perante o infinito e os espaços imensos demorariam com certeza meses a atravessar. Tanto quanto podíamos vislumbrar, não havia sinais de vida e um vento gelado soprava sobre a neve.

Passámos a noite que se seguiu em *lhegas* abandonados e encontrámos esterco de iaque suficiente para fazer uma fogueira, pois no Verão viviam aqui nómadas e passavam caravanas pela região. Nessa altura as planícies de neve deviam parecer pastagens alpinas — e este pensamento recordou-nos que não tínhamos escolhido a melhor altura do ano para fazer esta viagem.

Tivemos então um dia de sorte. Encontrámos uma tenda e fomos calorosamente recebidos por um velho casal e pelo seu filho, que estavam acampados ali há vários meses. Tinham passado um mau bocado pois, desde os fortes nevões, oito semanas atrás, mal tinham saído da tenda. Muitos dos seus iaques e ovelhas tinha morrido pois a neve intensa tinha enterrado os pastos. Os restantes mantinham-se apaticamente junto à tenda ou pontapeavam a neve na esperança de encontrar alguma forragem. Estes nevões intensos são raros na Ásia Central e não fazem parte dos riscos normais do quotidiano.

Os nossos anfitriões pareciam contentes por voltarem a ver rostos humanos. Era a primeira vez que nos convidavam a entrar numa tenda nómada e a pernoitar. Tomaram-nos por indianos e não levantámos suspeitas. Havia muita carne uma vez que muitos animais tinham sido abatidos. Comprámos um pernil de iaque por um *sang* e cortámos imediatamente um enorme bocado para preparar uma refeição. Os nossos anfitriões ficaram horrorizados ao saber da rota que nos propúnhamos seguir e aconselharam-nos vivamente a desistir. Contudo, no decorrer da conversa afirmaram que iríamos encontrar outras tendas nómadas no nosso percurso, e esta informação fortaleceu a nossa determinação de continuar.

No dia seguinte, pouco depois de retomarmos a marcha caímos dentro de uma depressão no terreno onde o vento tinha acumulado neve. Caminhar

sem calçado apropriado em breve se tornou numa tortura. A crosta superficial da neve era traiçoeira e nós e o nosso iaque frequentemente nos afundávamos. Em alguns lugares havia riachos sob a neve e quando nos apercebíamos, estávamos a caminhar dentro de água gelada que podíamos sentir mas não víamos, e os nossos sapatos e meias em breve estavam congelados. Tivemos um dia exaustivo e percorremos apenas alguns quilómetros. Ficámos deveras contentes ao avistar outra tenda nómada ao fim do dia. Desta vez os seus moradores não nos convidaram a entrar, mas não foram hostis e montaram uma pequena barraca de pele de iaque para nós. Fiquei feliz por finalmente poder tirar os sapatos dos meus doloridos pés. Alguns dedos mostravam já sinais de queimaduras do gelo mas esfreguei-os durante bastante tempo e por fim recuperaram a circulação.

As dificuldades deste dia de marcha e as queimaduras tinham-nos deixado tensos, e Aufschnaiter e eu tivemos uma conversa longa e sincera. Ainda estávamos a tempo de retroceder, e pensámos seriamente nessa possibilidade. Estávamos preocupados com o nosso iaque, que já não se alimentava em condições há alguns dias, e podíamos contar pelos dedos quantos mais iria sobreviver. Mas não podíamos prosseguir sem ele. Durante algum tempo discutimos prós e contras e concordámos continuar por mais um dia e só então decidiríamos, conforme as condições da neve.

No dia seguinte, passámos por um terreno ondulante até chegarmos a uma cordilheira. Ao atravessá-la, qual não foi o nosso espanto ao verificar que não havia mais neve! A Providência tinha decidido por nós.

Em breve alcançámos uma tenda nómada onde fomos bem recebidos e nos permitiram pastar o nosso iaque até se dar por satisfeito. Desta vez o nosso anfitrião era uma mulher. Preparou-nos canecas de chá tibetano e pela primeira vez bebi esta mistela com alívio. O calor percorreu os nossos corpos gelados e devolveu-nos à vida. Só então reparámos na pitoresca figura da nossa anfitriã: sobre a pele nua usava um capote de pele de ovelha que chegava ao chão; na sua longa trança preta usava conchas, moedas de prata e vários ornamentos baratos importados do estrangeiro. Disse-nos que os seus dois maridos tinham ido recolher os animais, 1500 ovelhas e uma enorme quantidade de iaques. Ficámos atónitos por encontrar a prática da poliandria entre os nómadas. Só quando estávamos em Lassa ficámos a

conhecer todas as complicadas razões que conduziram à existência simultânea de poligamia e poliandria no Tibete.

Quando os dois homens chegaram a casa, cumprimentaram-nos tão calorosamente como a sua mulher tinha feito. Prepararam um abundante jantar e até nos deram leite azedo para beber, um prazer do qual já não desfrutávamos desde o tempo em que costumávamos ajudar os homens em Kyirong a fazer manteiga. Durante um bom bocado sentámo-nos confortavelmente em volta da fogueira e sentimo-nos recompensados pelas agruras da estrada. Rimos e gracejámos muito; e como é habitual quando a companhia consiste em vários homens e uma única mulher, jovem e bonita, a nossa anfitriã teve a sua parte de provocação.

Acordámos frescos e descansados no dia seguinte, contentes por ter deixado o terreno inóspito e gelado para trás. Aqui e ali detectávamos sinais de vida. Rebanhos de cabras selvagens apareciam nas encostas e às vezes aproximavam-se tanto que uma pistola teria garantido uma costeleta para o jantar. Infelizmente não tínhamos nenhuma.

Foi uma agradável surpresa encontrar mais nómadas amigáveis ao anoitecer, que chamaram os seus cães quando nos aproximámos; decidimos descansar um dia entre eles e dar ao nosso iaque a oportunidade de se alimentar nas suas férteis pastagens.

No Inverno os homens que levam uma vida nómada não têm muito que fazer, ocupando-se com várias tarefas domésticas e caçando com as suas antiquadas espingardas de carregar pela boca. As mulheres apanham esterco de iaque e geralmente carregam os seus bebés consigo enquanto trabalham. Ao anoitecer recolhem os rebanhos e ordenham as vacas — embora no Inverno tenham pouco leite. Como se pode imaginar, os nómadas têm métodos muito simples de cozinhar. No Inverno comem quase exclusivamente carne com tanta gordura quanto possível. Também comem vários tipos de sopa — a *tsampa*, a dieta típica dos distritos rurais, é aqui uma raridade.

Todo o modo de vida dos nómadas é organizado de forma a aproveitar ao máximo as escassas ajudas que a natureza fornece. A noite dormem sobre peles estendidas no chão e, despindo as mangas, usam os capotes de pele de

ovelha como cobertores. Antes de se levantarem de manhã atizam as brasas da fogueira com um fole e a primeira coisa que fazem é chá. A fogueira é o coração do lar e nunca pode extinguir-se. Tal como nas casas dos aldeãos, há um altar em cada tenda, geralmente uma pequena cómoda sobre a qual colocam um amuleto ou uma pequena imagem de Buda. Existe sempre um retrato do Dalai Lama. Uma pequena lamparina de manteiga arde no altar, e no Inverno a chama é quase invisível devido ao frio e à falta de oxigénio.

O maior acontecimento do ano na vida dos nómadas é o mercado anual de Gyanyima, para onde conduzem os seus rebanhos e trocam algumas das ovelhas por sementes. É aí que compram artigos domésticos, agulhas, potes e panelas de alumínio e bijuterias coloridas para as suas mulheres.

Lamentávamos ter de partir novamente depois de termos saboreado a vida doméstica. Gostaríamos de ter podido retribuir a hospitalidade desta gente. Oferecemo-lhes pequenos presentes de fio colorido e paprica — era tudo o que tínhamos.

Depois disto, caminhámos durante algum tempo a uma média de quinze a trinta quilómetros por dia, dependendo do tempo e encontrarmos ou não tendas no nosso caminho. Acampávamos frequentemente ao ar livre e nessas ocasiões era necessária toda a nossa energia para apanhar esterco de iaque e encontrar água, e até falar era um desperdício de força. Sofríamos muito com as nossas mãos, que estavam sempre congeladas pois não tínhamos luvas e em vez disso usávamos um par de meias. Uma vez por dia cozinhávamos carne e sorvíamos o molho directamente da panela a ferver. Podia-se fazer isso aqui sem medo de escaldar a linguaça que o ponto de fervura era muito baixo. Só cozinhávamos à noite, e aquecíamos sempre qualquer sobra antes de continuarmos de manhã. Prosseguíamos todo o dia sem parar.

Poderia escrever um capítulo sobre os tormentos que passávamos à noite, quando nos deitávamos encostados um ao outro e não conseguíamos dormir por causa do frio e dos piolhos que nos atormentavam. O leitor pode imaginar o que sofremos.

A 13 de Dezembro chegámos a Labrang Trova, uma «localidade com uma única casa cuja família só a usava para acampar, vivendo numa tenda que

tinham montado ali perto. Quando lhes perguntámos porquê, responderam que a tenda era muito mais quente. Percebemos pela conversa que tínhamos ido parar à casa de uma autoridade. O Pónpo não se encontrava lá, mas o seu irmão estava a representá-lo. Começou a fazer-nos perguntas, mas em breve pareceu contentar-se com a nossa história de sermos peregrinos. Pela primeira vez admitimos que queríamos ir para Lassa, pois neste local estávamos a uma distância segura da rota das caravanas. O nosso homem sacudiu a cabeça incrédulo e tentou explicar-nos que o caminho melhor e mais rápido para Lassa seria por Shigatse. Eu tinha a minha resposta pronta. Tínhamos escolhido o caminho mais difícil para que a nossa peregrinação tivesse maior mérito. Ele ficou impressionado com esta explicação e com todo o prazer deu-nos bons conselhos.

Disse-nos que tínhamos duas alternativas. A primeira era seguir uma rota muito difícil que nos levaria através de muitas cordilheiras e trechos de regiões desertas. A segunda era mais fácil mas implicava atravessar a região Khampa pelo meio. Lá estava outra vez o nome «Khampa a ser pronunciado num tom misterioso, que já tínhamos ouvido de tantos nómadas. Khampa devia significar um habitante da província oriental do Tibete, que se chama Kham. Mas o nome era sempre mencionado num tom de receio e aviso. Por fim compreendemos que a palavra era sinónimo de «ladrão.

Infelizmente não demos muita importância ao aviso e escolhemos a rota mais fácil.

Passámos duas noites com a família do Põnpo — infelizmente não como convidados na sua tenda, uma vez que os orgulhosos tibetanos não nos consideraram a nós, pobres «indianos, dignos de tal honra. Mas o irmão do Põnpo era um homem impressionante, muito compenetrado e de poucas palavras, mas quando dizia alguma coisa fazia sentido. Partilhava a mulher do seu irmão e vivia dos seus rebanhos. A família parecia ser abastada e vivia numa tenda consideravelmente maior do que as da maioria dos nómadas. Tivemos oportunidade de reabastecer as nossas provisões e o dinheiro das compras foi aceite normalmente.

OceanofPDF.com

6 A PIOR JORNADA

Um encontro com ladrões Khampas — Fome e frio: e um inesperado presente de Natal — O salvo-conduto — Bandeiras de oração no «Caminho dos Peregrinos» — Um condenado como companheiro de estadia — Aproximamo-nos de Lassa.

Já estávamos a caminho há algum tempo quando deparámos com um homem vestindo roupas que nos chamaram a atenção por serem diferentes do habitual. Falava um dialecto diferente do dos nómadas e perguntou-nos de onde vínhamos e para onde íamos. Contámos-lhe a nossa história da peregrinação e seguiu o seu caminho sem nos molestar. Para nós era claro que tínhamos encontrado o nosso primeiro Khampa.

Algumas horas depois avistámos à distância dois homens montados em pequenos póneis, usando o mesmo tipo de roupa. Começámos a sentir-nos pouco à vontade e prosseguimos sem esperar por eles. Muito depois de escurecer passámos por uma tenda e tivemos sorte, pois era habitada por uma simpática família nómada, que hospitaleiramente nos convidou a entrar e arranjou uma fogueira só para nós.

A noite conversámos sobre os salteadores. Ao que parece, eram uma praga habitual. O nosso anfitrião já vivia neste distrito há tempo suficiente para fazer um épico sobre eles. Mostrou-nos orgulhosamente um rifle *Mannli-cher* pelo qual tinha pago uma fortuna a um Khampa — quinhentas ovelhas, nada menos! Mas os bandos de ladrões na vizinhança consideraram este pagamento uma espécie de tributo e deixaram-no em paz desde então.

Contou-nos algumas coisas sobre a vida dos assaltantes. Viviam em grupos de três ou quatro tendas que servem como quartel-general das suas campanhas, que conduzem da seguinte maneira: fortemente armados com espingardas e espadas, invadem a tenda de um nómada e insistem em ser tratados hospitaleiramente com toda a abundância e tudo que houver. O nómada aterrorizado dá-lhes tudo o que tem. Os Khampas encham a barriga

e os bolsos e levam algum gado com eles, desaparecendo na vastidão da planície. Cada dia repetem a operação noutra tenda até toda a região ter sido depenada. Então mudam o seu quartel-general e começam novamente noutro lugar. Os nómadas que não possuem armas resignam-se com o seu destino, e o governo é impotente para os proteger nestas regiões remotas. Contudo, se numa escaramuça ocasional uma autoridade distrital levar a melhor a estes salteadores, não tem nada a perder com isso pois tem direito a ficar com toda a pilhagem. Uma punição selvagem é aplicada aos malfeitores, normalmente decepando-lhes os braços. Mas isto não cura os Khampas da sua delinquência. Contavam-se histórias da crueldade com que matavam as suas vítimas, chegando ao ponto de assassinar peregrinos, monges e freiras. Uma conversa perturbadora para nós! O que não daríamos para poder comprar a *Mann-licher* do nosso anfitrião! Mas não tínhamos dinheiro e nem sequer a mais primitiva arma. Os varões de tenda que levávamos nem sequer impressionavam os cães-pastores.

Na manhã seguinte prosseguimos o nosso caminho com muitas apreensões que aumentaram quando vimos um homem armado que parecia acompanhar-nos pela encosta. De qualquer maneira continuámos em frente e o homem desapareceu. Ao anoitecer encontrámos mais tendas — primeiro uma isolada e depois um grupo delas.

Chamámos as pessoas da primeira tenda e apareceu uma família de nómadas. Com uma expressão de horror recusaram admitir-nos e apontaram furtivamente para as outras tendas. Não havia nada a fazer senão ir em frente. Não ficámos menos surpreendidos com a recepção amigável que recebemos na tenda seguinte. Toda a gente saiu para fora, mexendo nas nossas coisas e ajudando-nos a descarregar — algo que nenhum nómada jamais fizera — e subitamente apercebemo-nos de que eram os Khampas. Tínhamos sido apanhados como ratos numa ratoeira. Os habitantes da tenda eram dois homens, uma mulher e um adolescente. Tivemos que encarar a triste situação com uma cara alegre. Pelo menos estávamos atentos e, com educação, estratégia e diplomacia, tínhamos esperança de conseguir sair desta trapalhada.

Mal nos tínhamos sentado junto à fogueira quando a tenda começou a encher-se de visitantes que vinham das tendas vizinhas para ver os

forasteiros. A nossa preocupação era proteger a nossa bagagem. Esta gente era insistente e indiscreta como os ciganos. Quando ouviram dizer que éramos peregrinos, recomendaram-nos que na nossa viagem para Lassa levássemos um dos seus homens connosco, um guia particularmente experiente. Queria que seguíssemos uma estrada ligeiramente mais a sul do que a nossa rota, que segundo ele era muito mais fácil de percorrer. Trocámos olhares. O homem era baixo e forte e carregava uma longa espada à cintura. Não era do tipo que inspirasse confiança. No entanto, aceitámos a sua oferta e concordámos com o seu preço. Não havia nada a fazer: se indispuséssemos esta gente, podiam abater-nos sem mais nem menos.

Os visitantes das outras tendas foram-se retirando gradualmente e preparámo-nos para nos deitarmos. Um dos nossos dois anfitriões insistia em usar a minha mochila como almofada e eu tive a maior dificuldade em mantê-la comigo. Provavelmente pensaram que continha uma pistola. Se assim era, isso servia os nossos propósitos e eu ia tentar aumentar as suas suspeitas com o meu comportamento. Por fim parou de incomodar-me. Permanecemos acordados e alerta durante toda a noite, o que não era muito difícil, embora estivéssemos muito cansados, pois a mulher murmurava orações sem parar. Ocorreu-me que estivesse a pedir antecipadamente perdão para o crime que o marido tencionava cometer contra nós no dia seguinte. Ficámos aliviados quando o dia nasceu. A princípio tudo estava em paz. Troquei um espelho de bolso por miolos de iaque que cozinhámos para o pequeno-almoço. Então começámos a preparar-nos para partir. Os nossos anfitriões seguiam os nossos movimentos com os seus rostos reluzentes e pareciam prestes a atacar-me quando comecei a entregar os nossos volumes a Aufschnaiter, que estava fora da tenda. Afastámo-los e carregámos o nosso iaque. Olhámos em redor à procura do nosso guia, mas para nosso alívio não se encontrava por ali. A família de Khampas aconselhou-nos prontamente a seguir a estrada a sul, pois os nómadas da região estavam a preparar uma caravana de peregrinação a Lassa. Prometemos acatar este conselho e partimos a toda a pressa.

Tínhamos caminhado algumas centenas de metros quando dei pela falta do meu cão. Habitualmente correria atrás de nós sem que fosse necessário chamá-lo. Quando olhámos em volta vimos três homens atrás de nós que

em breve nos alcançaram; disseram que também eles estavam a caminho das tendas dos peregrinos nómadas e apontaram para uma coluna de fumo à distância. Isso pareceu-nos muito suspeito pois nunca tínhamos visto tais colunas de fumo sobre as tendas nómadas. Quando perguntámos sobre o cão disseram-nos que tinha ficado para trás na tenda. Um de nós podia voltar e ir buscá-lo. Agora percebíamos o seu plano. As nossas vidas estavam em jogo. Tinham ficado com o cão de forma a conseguirem separar-me de Aufschnaiter, pois não tinham coragem para atacar ambos ao mesmo tempo. E provavelmente tinham companheiros à espera no local onde havia fumo. Se seguíssemos para aí estaríamos em séria desvantagem numérica e facilmente nos dominariam. Ninguém saberia do nosso desaparecimento. Agora lamentávamos profundamente não ter dado ouvidos aos avisos bem intencionados dos nómadas.

Como quem não suspeita de nada, caminhámos mais um pouco na mesma direcção falando rapidamente um com o outro. Os dois homens caminhavam agora ao lado de cada um de nós enquanto o rapaz vinha atrás. Com um rápido olhar para a esquerda e para a direita estimámos as nossas hipóteses no caso de uma luta. Os dois homens usavam capotes duplos de pele de ovelha, como fazem os salteadores para se protegerem de facadas, e das suas cinturas pendiam longas espadas. A sua expressão era inocente como a de um cordeiro. Algo tinha que acontecer. Aufschnaiter achou que tínhamos que mudar de direcção para não caminharmos cegamente para uma emboscada. Dito e feito. Sempre a conversar, demos a volta repentinamente.

Os Khampas pararam por um momento surpreendidos, mas logo se aproximaram e barraram a nossa passagem, perguntando em tom pouco amistoso aonde íamos. «Buscar o cão, respondemos secamente. A maneira como falámos pareceu intimidá-los. Pressentiram que estávamos preparados para tudo e deixaram-nos passar; depois de nos observarem por uns momentos, seguiram apressadamente na direcção oposta, provavelmente para informarem os seus cúmplices.

Quando nos aproximámos das tendas, a mulher veio ao nosso encontro com o cão por uma trela. Depois de um cumprimento amistoso prosseguimos, mas desta vez pela estrada por onde tínhamos vindo para o

acampamento de salteadores. Não valia a pena pensar em seguir para a frente — tínhamos que retroceder. Desarmados como estávamos, continuar significaria uma morte certa. Depois de uma marcha forçada, ao anoitecer chegámos à tenda da família amistosa com quem tínhamos ficado duas noites antes. Não ficaram surpreendidos ao ouvir o nosso relato e disseram-nos que o acampamento dos Khampas se chamava Gyak Bongra, um nome que espalhava o medo pela região. Depois desta aventura era uma bênção poder passar uma noite pacífica com pessoas amigas.

No outro dia de manhã elaborámos um novo plano de viagem. Não havia alternativa senão seguir a estrada mais difícil que atravessava a região deserta. Comprámos mais carne aos nómadas pois provavelmente íamos passar uma semana sem encontrar vivalma.

Para evitar regressar a Labrang Trova tomámos um atalho difícil e íngreme mas que, segundo esperávamos, conduzia à rota que queríamos seguir. A meio da inclinada encosta parámos para apreciar a paisagem e vimos, para nosso horror, dois homens que nos seguiam à distância. Não havia dúvida de que eram Khampas. Tinham provavelmente visitado os nómadas e sabiam a direcção que tínhamos seguido.

O que havíamos de fazer? Ficámos em silêncio, mas mais tarde confessámos um ao outro que tínhamos silenciosamente decidido vender as nossas vidas o mais caro possível. Primeiro tentámos acelerar o passo, mas não podíamos ir mais rápido do que o iaque, que parecia mo-ver-se a passo de caracol. Continuámos a olhar para trás mas não conseguíamos certificar-nos se os nossos perseguidores estavam a aproximar-se ou não. Compreendíamos perfeitamente como era esmagadora a nossa desvantagem por não termos armas. Só tínhamos os varapaus e as pedras para nos defendermos contra as espadas afiadas deles. Só podíamos contar com a nossa perspicácia... Caminhámos durante uma hora que pareceu interminável, ofegantes com o esforço e a olhar para trás constantemente. Então vimos que os dois homens se tinham sentado. Apressámo-nos até ao topo de uma cumeada, e à medida que avançávamos, procurávamos um lugar que servisse de campo de luta caso fosse necessário. Os dois homens levantaram-se e pareciam conferenciar; vimo-los dar a volta e ir embora.

Respirámos fundo e pusemos o nosso iaque em marcha para lá do lado oposto da montanha de modo a desaparecermos rapidamente de vista.

Quando chegámos ao cume entendemos por que os nossos perseguidores tinham preferido voltar para trás. A nossa frente estendia-se a terra mais inóspita que eu alguma vez vira. Um mar de montanhas cobertas de neve prolongava-se infinitamente no horizonte. Lá longe estavam os Trans-Himalaias e, como uma falha numa fileira de dentes, sobressaía a passagem que nós calculávamos ser a que nos levaria à estrada a que nos dirigíamos. Assinalado pela primeira vez num mapa por Sven Hedin, este desfiladeiro — o Selala — conduz a Shigatse. Sem termos a certeza de que os Khampas tinham realmente desistido da perseguição, continuámos mesmo depois do anoitecer. Felizmente a Lua ia alta e, devido à neve, iluminava bastante bem. Podíamos até avistar as montanhas distantes.

Nunca esquecerei essa caminhada nocturna. Nunca tinha passado por uma experiência que exigisse tamanho esforço físico e mental. Só escapámos aos Khampas devido à desolação desta região, cuja natureza nos fez confrontar novos obstáculos. Ainda bem que eu tinha deitado fora o meu termómetro há muito tempo; aqui iria seguramente marcar 30 graus negativos, que era o máximo negativo que conseguia registar. Mas isso era seguramente menos do que a realidade. Sven Hedin tinha registado 40 graus negativos nesta área e na mesma época do ano.

Durante horas andámos aos saltos na neve virgem e à medida que avançávamos as nossas mentes vagueavam ainda mais longe nas suas próprias viagens. Eu era atormentado por visões de um quarto quente e confortável, comida quente e deliciosa e bebidas fumegantes. Bastante curiosa foi a evocação de um café em Graz dos meus tempos de estudante — quase enlouqueci. Os pensamentos de Aufschnaiter estavam virados para outro lado, maquinando obscuros planos de vingança contra os salteadores e jurando voltar com um arsenal de armas. Ai de todos os Khampas! Por fim interrompemos a nossa caminhada, descarregámos o iaque e rastejámos para um abrigo. Tirámos para fora o nosso saco com *tsampa* e alguma carne crua pois estávamos famintos, mas mal levávamos à boca uma colher cheia de farinha seca o metal colava-se aos lábios e não se desprendia mais. Foi preciso, entre gritos e imprecações, arrancar a colher à força. Com os

apetites embotados por esta dolorosa experiência, aconchegámo-nos debaixo dos cobertores, e apesar do frio cortante caímos no pesado sono da exaustão.

No dia seguinte prosseguimos penosamente, seguindo as pegadas do nosso iaque e praticamente sem tirar os olhos do chão. De tarde, subitamente julgámos ver *afata morgana* (*Fata morgana* = *miragem*. (N. do T.) pois ao longe, no horizonte, mas muito nítidas, apareceram três caravanas de iaques que se deslocavam muito lentamente através do cenário de neve. Pareceram parar — mas não desapareceram; por isso não era uma miragem. Esta visão renovou a nossa coragem. Reunimos todas as nossas forças e incitámos o nosso iaque; após três horas de marcha alcançámos o local onde as caravanas tinham acampado. Havia cerca de quinze pessoas na caravana, homens e mulheres — e quando chegámos já tinham montado as suas tendas. Ficaram estupefactos quando nos viram, mas receberam-nos amigavelmente e levaram-nos para dentro para nos aquecermos junto à fogueira. Ficámos a saber que regressavam de uma viagem de peregrinação e comércio ao Monte Kailás e agora encaminhavam-se para as suas casas no Lago Namtso. Tinham sido avisados pelas autoridades distritais sobre os salteadores e por isso tinham escolhido este percurso difícil de forma a evitar a região infestada pelos Khampas. Levavam para casa cinquenta iaques e duas centenas de ovelhas. O resto dos seus rebanhos tinha sido trocado por mercadoria, que seria um rico prémio para os ladrões. Era por isso que os três grupos se tinham reunido e agora convidavam-nos a seguir viagem com eles. Os reforços seriam úteis se se encontrassem com os Khampas.

Que prazer estar uma vez mais sentado junto a uma fogueira a sorver sopa quente! Sentimos que este encontro se devia à Providência. Não nos esquecemos do nosso bravo *Armin*, pois sabíamos o quanto lhe devíamos, e pedimos ao líder da caravana que nos deixasse carregar a nossa bagagem num dos seus iaques, pelo qual pagaríamos um dia de aluguer. Assim a nossa besta pôde gozar uma pequena folga.

Prosseguíamos dia após dia com as caravanas e montávamos a nossa pequena tenda de montanhismo junto às deles. Sofríamos muito com a dificuldade de armar a tenda durante os furacões que frequentemente

assolavam esta região. Ao contrário das pesadas tendas de pele de iaque que resistiam ao vento, a nossa leve barraca de lona não se aguentava em pé sob a intempérie e às vezes éramos obrigados a pernoitar ao ar livre. Jurámos que se alguma vez voltássemos a empreender uma expedição ao Tibete traríamos connosco três iaques, um condutor, uma tenda nómada e um rifle!

Tivemos muita sorte por nos terem permitido acompanhar as caravanas. A única coisa que nos perturbava era a extrema lentidão com que nos deslocávamos. Em comparação com as nossas marchas anteriores agora parecíamos ir num passeio. Os nómadas começam cedo, e depois de percorrerem cinco ou seis quilómetros montam novamente as suas tendas e põem os seus animais a pastar. Antes do anoitecer recolhem-nos e cercam-nos próximo das tendas, onde ficam a salvo dos lobos e podem ruminar em paz.

Só agora nos apercebíamos de como tínhamos abusado do nosso pobre *Armin*. Éramos loucos, tal como os tibetanos pensavam quando passávamos os dias a escalar montanhas à volta de Kyirong. Durante os longos períodos de descanso dedicávamos muito tempo a actualizar os nossos diários que recentemente tínhamos negligenciado. Também começámos a recolher informações sobre a estrada para Lassa. Questionávamos as pessoas separadamente e gradualmente organizámos uma sequência definitiva de nomes de localidades. Isto era muito valioso pois mais tarde poderíamos perguntar aos nómadas o caminho de um lugar para outro. Já tínhamos assentado há muito que não poderíamos passar o resto da nossa vida a fazer pequenas caminhadas. Na noite de Natal separámo-nos dos nossos amigos e partimos sozinhos. Sentíamo-nos frescos e descansados e no primeiro dia percorremos mais de vinte quilómetros. Ao fim do dia chegámos a uma vasta planície onde se encontravam algumas tendas isoladas. Os seus ocupantes pareciam estar muito alerta, pois quando nos aproximámos dois homens de aspecto selvagem e fortemente armados vieram ao nosso encontro. Gritaram connosco agressivamente e mandaram-nos para o diabo. Não nos mexemos mas levantámos as mãos para mostrar que não estávamos armados e explicámos-lhes que éramos peregrinos inofensivos. Apesar dos dias de descanso com a caravana, o nosso aspecto devia meter dó. Depois de um pequeno colóquio, o dono da tenda principal convidou-nos a pernoitar. Aquecemo-nos junto ao fogo e ofereceu—nos chá tibetano

e uma iguaria rara — um pedaço de pão de trigo, bolorento e duro como pedra; mas este pequeno presente na noite de Natal, nas terras agrestes do Tibete, representou mais para nós do que qualquer outro jantar de Natal em casa.

A princípio o nosso anfitrião tratou-nos rudemente. Quando lhe dissemos a rota que pretendíamos seguir para chegar a Lassa, comentou secamente que se não morrêramos até ali, então isso aconteceria certamente nos próximos dias. A região estava infestada de Khampas e sem armas seríamos uma presa fácil. Disse isto num tom fatalista, como quem constata uma evidência. Sentimo-nos muito desanimados e pedimos-lhe conselhos. Recomendou-nos que seguíssemos a estrada para Shigatse, que poderíamos alcançar numa semana. Não queríamos ouvir falar nisso. Pensou por um bocado e então aconselhou-nos a pedir auxílio à autoridade distrital da região, cuja tenda estava apenas a alguns quilómetros de distância. Este funcionário poderia escoltar-nos se teimássemos em atravessar a região dos assaltantes.

Nessa noite tínhamos tanto para discutir que nem pensámos no Natal em nossas casas. Por fim concordámos em correr o risco de visitar o Pónpo. Demorámos apenas umas horas a chegar à sua tenda e achámos que era um bom sinal ele ter-nos recebido amistosamente e ter posto uma tenda à nossa disposição. Chamou então o seu colega e sentámo-nos a conferenciar. Desta vez dispensámos a história de sermos peregrinos indianos. Apresentámo-nos como europeus e pedimos protecção contra os bandidos. Viajávamos com autorização do governo e en-treguei-lhe o velho salvo-conduto que o Garpõn nos tinha dado em Gartok. (Este documento tinha uma história: tínhamos tirado à sorte quem ficava com ele e Kopp tinha ganho; mas quando ele nos deixou, tive a brilhante ideia de lho comprar. E agora tinha chegado a sua hora.) Os dois funcionários examinaram o selo e ficaram nitidamente impressionados com o documento. Estavam convencidos de que tínhamos direito a estar no Tibete. A única pergunta que fizeram foi onde estava o terceiro membro do grupo. Explicámos que adoecera e regressara à Índia via Tradiin. A resposta satisfez os Põnpos, que nos prometeram uma escolta que nas diferentes etapas seria revezada por novos homens que nos levariam até à estrada principal de nordeste.

Estes eram autênticos votos de Feliz Natal para nós! E agora, por fim, sentíamos vontade de comemorar a festa. Em Kyirong tínhamos guardado um pouco de arroz especialmente para esta ocasião. Cozinhámo-lo e convidámos os Põnpos a partilhá-lo connosco. Eles trouxeram toda a espécie de petiscos e passámos uma feliz e amigável noite juntos.

No dia seguinte, um nómada acompanhou-nos até ao próximo acampamento e «entregou-nos lá. Era como uma corrida de estafeta em que nós éramos o bastão. Depois disso o nosso guia regressou. Com o guia seguinte fizemos um progresso maravilhoso e apercebemo-nos de como era útil ter um companheiro que realmente conhecesse o caminho, embora ele não garantisse segurança absoluta em relação aos assaltantes.

Os nossos companheiros permanentes eram o vento e o frio. Parecia-nos que o mundo inteiro era uma tempestade de neve a trinta graus negativos. Sofríamos imenso com as roupas insuficientes e tive sorte em poder comprar um velho capote de pele de cabra a um nómada. Ficava-me apertado e faltava-lhe metade de uma manga, mas cus-tou-me apenas duas rupias. Os nossos sapatos estavam num estado miserável e não durariam muito mais; quanto a luvas, simplesmente não tínhamos nenhuma. Aufschnaiter tinha sofrido queimaduras do gelo nas mãos e eu tinha problemas nos pés. Suportávamos o sofrimento com triste resignação e era necessária muita energia para cumprir a nossa quota diária de quilómetros. Como ficaríamos felizes por poder descansar alguns dias numa acolhedora tenda nómada. Até mesmo a vida dos nómadas, dura e marcada pela pobreza, nos parecia sedutoramente luxuosa. Mas não nos atrevíamos a atrasar-nos se queríamos chegar a Lassa antes de acabarem as nossas provisões. E depois? Bem, era preferível não especular.

Muitas vezes avistávamos, felizmente à distância, homens a cavalo que sabíamos serem Khampas devido à peculiar raça de cães que os acompanhava, criaturas menos peludas que os cães tibetanos comuns, magros, ágeis como o vento e indescritivelmente feios. Agradecemos a Deus não termos de nos confrontar com eles nem com os seus donos.

Nesta fase da nossa viagem descobrimos um lago gelado, que numa busca posterior não conseguimos encontrar no mapa. Aufschnaiter desenhou-o imediatamente no nosso mapa. Os habitantes locais chamavam-lhe

Yôchabt-so, «água sacrificial». Situa-se na base de uma cadeia de glaciares. Antes de chegarmos à estrada principal encontrámos alguns salteadores armados com modernos rifles europeus contra os quais nenhuma coragem nos teria valido. Porém deixaram-nos em paz — sem dúvida por causa da nossa aparência miserável. Há ocasiões em que a pobreza visível tem as suas vantagens.

Após cinco dias de marcha chegámos à famosa estrada de Tasam. Pensávamos que era uma estrada normal que, uma vez alcançada, iria pôr fim a todos os sofrimentos da nossa marcha. Imagine-se o nosso desapontamento quando não conseguimos sequer encontrar vestígios de uma pista. O terreno não diferia em nada daquele que vínhamos palmilhando há semanas. Havia de facto algumas tendas vazias nas quais as caravanas podiam parar, mas mais nenhum sinal de uma rota organizada.

Na última etapa tínhamos sido acompanhados por duas robustas mulheres que agora, após uma comovente despedida, nos deixavam na estrada de Tasam. Alojamo-nos numa das pequenas tendas e acendemos uma fogueira, após o que avaliámos a nossa situação. Tínhamos alguns motivos para satisfação. A parte mais difícil da nossa jornada tinha sido ultrapassada e agora estávamos num percurso frequentado que em quinze dias de marcha nos conduziria directamente a Lassa. Deveríamos ficar felizes por estarmos tão próximos do nosso objectivo. Mas, na realidade, os nossos tremendos esforços tinham-nos abatido de tal forma que já não éramos capazes de sentir alegria: com as queimaduras do frio, a falta de dinheiro e de comida, só podíamos sentir angústia. Preocupávamo-nos sobretudo com os nossos animais. O meu fiel cão estava reduzido a pele e ossos. A comida praticamente não chegava para sobrevivermos e quase não sobrava para ele. As suas patas estavam num estado tão deplorável que não conseguia acompanhar-nos e muitas vezes tínhamos que esperar horas no acampamento até ele chegar. A situação do iaque era um pouco melhor, embora já não tivesse erva suficiente para se alimentar há semanas e estivesse assustadoramente magro. E verdade que já tínhamos deixado a neve para trás depois de partir do lago Yôchabtso, mas a erva era escassa e seca e havia pouco tempo para pastar.

De qualquer forma, no dia seguinte tínhamos que avançar; e o facto de estarmos agora numa rota de caravanas e não termos que nos sentir como um Marco Polo perante o desconhecido levantou a nossa moral.

O nosso primeiro dia na rota de Tasam variou muito pouco em relação à pior fase na região desabitada. Não encontrámos uma alma. Uma terrível tempestade, fortes nevões e faixas de nevoeiro fizeram da nossa jornada um inferno. Felizmente, o vento estava nas nossas costas e empurrava-nos para a frente. Se estivéssemos contra ele não conseguiríamos avançar um passo. Ficámos contentes quando avistámos a tenda na berma da estrada ao anoitecer. Nessa noite fiz o seguinte apontamento no meu diário:

31 de Dezembro de 1945. Forte tempestade de neve com neblina — a primeira que encontramos no Tibete. Temp.: aproximadamente 30 graus negativos. O dia mais exaustivo da nossa viagem até à data. A carga caía constantemente do iaque e quase congelámos as mãos ao tentar ajustá-lo. Perdemos-nos uma vez e tivemos de retroceder três quilómetros. Ao anoitecer alcançámos o posto de Nyatsang. Oito tendas, uma delas ocupada pelo guarda da estrada e a sua família. Bem recebidos.

Por isso esta era a nossa segunda noite de Ano Novo no Tibete. Era desanimador pensar no que tínhamos conquistado durante todo este tempo. Ainda éramos viajantes «ilegais — dois vagabundos miseráveis e esfomeados forçados a esquivar-se das autoridades, ainda no encalço de um objectivo visionário que nos parecia impossível de alcançar: a Cidade Proibida. Numa noite como esta, os nossos pensamentos voltam-se para casa e para a família, numa retrospectiva sentimental. Mas tais sonhos não podiam distrair-nos da dura realidade da luta para nos mantermos vivos, que exigia toda a nossa força física e espiritual. Uma noite passada numa tenda acolhedora era mais importante do que se recebêssemos um carro desportivo como prenda de Natal na segurança das nossas casas. Por isso mantivemos o Dia de São Silvestre dentro dos nossos moldes. Queríamos permanecer aqui um pouco mais de forma a descongelarmos e proporcionarmos aos nossos animais um dia de descanso. O nosso velho documento de viagem fez o seu trabalho aqui também; o funcionário deste posto era amigável e pôs os seus criados à nossa disposição, enviando-nos água e combustível.

Relaxámos e dormimos até tarde. Estávamos a tomar o pequeno-almoço pouco antes do meio-dia quando se ouviu uma agitação junto às tendas. O cozinheiro de um Põnpo, com um gorro de pele de raposa, tinha chegado para anunciar a vinda do seu mestre é tratar dos seus preparativos. Corria de um lado para o outro e fazia valer a sua importância.

A chegada de uma autoridade de alta patente podia ser importante para nós, mas estávamos na Ásia há tempo suficiente para saber que o estatuto de um funcionário superior era um conceito muito relativo, e por isso não valia a pena excitarmo-nos. Mas tudo se resolveu da melhor forma. O Põnpo chegou pouco depois a cavalo, rodeado por um enxame de criados. Era um mercador ao serviço do governo e estava encarregado de trazer para Lassa um enorme carregamento de açúcar e algodão. Quando ouviu falar em nós, naturalmente quis fazer-nos perguntas. Com uma expressão virtuosa no rosto, entreguei-lhe o nosso salvo—conduto, que teve o habitual efeito positivo. Pôs de parte a sua atitude de autoridade severa e convidou-nos a viajarmos com a sua comitiva. Isso parecia óptimo; portanto desistimos do nosso dia de descanso e começámos a embalar a nossa bagagem pois a caravana ia partir de tarde. Um dos condutores sacudiu a cabeça ao olhar para o *Armin*, um autêntico esqueleto, e finalmente ofereceu-se para carregar a nossa bagagem num dos seus iaques por uma pequena quantia, de forma que o nosso animal só tinha que acompanhar-nos. Concordámos com grande satisfação. Então partimos a toda a pressa. Tínhamos que prosseguir com a caravana a pé, enquanto o Põnpo e os seus criados, que tinham trocado de cavalos no posto, seguiriam mais tarde. Alcançaram-nos pouco depois.

Tinha sido um sacrifício abdicar do nosso dia de descanso e encetar uma marcha de vinte quilómetros. O meu pobre cão estava demasiado exausto para poder acompanhar-nos e por isso deixei-o no acampamento, o que era melhor para ele do que morrer na estrada.

Acompanhando a caravana, cobríamos longas distâncias todos os dias. Beneficiávamos da protecção do Põnpo e éramos bem recebidos em toda a parte. Só em Lhõlam é que o funcionário do posto nos olhou de soslaio. Nem sequer nos quis dar combustível e insistiu que mostrássemos a nossa autorização para Lassa. Infelizmente não podíamos obedecer-lhe. Contudo,

tínhamos um telhado sobre as nossas cabeças e devíamos regozijar-nos com isso, porque pouco depois da nossa chegada toda a espécie de indivíduos de aspecto suspeito começaram a reunir-se em volta das tendas. Reconhecemo-los imediatamente: eram Khampas; mas estávamos demasiado cansados para nos incomodar com eles e deixámos que o resto da comitiva tratasse da situação. Pelo menos não tínhamos nada que valesse a pena roubar. Alguns deles tentaram entrar na nossa tenda, mas os nossos gritos afastaram-nos.

Na manhã seguinte o nosso iaque tinha desaparecido. Na noite anterior tínhamo-lo amarrado e pensámos que talvez estivesse a pastar algures, mas não conseguimos encontrar sinais dele. Os rufiões que tinham estado aqui na noite passada também tinham desaparecido e a conexão era óbvia. A perda do iaque era um severo golpe para nós e irrompemos pela tenda do funcionário de Tasam; na minha fúria atirei a sela e os arreios a seus pés, acusando-o de responsabilidade pelo roubo do nosso animal. Tínhamo-nos afeiçoado muito ao *Armin V*, o único iaque que nos tinha servido bem, mas não tínhamos tempo para lamentar a sua perda. Precisávamos de apanhar a caravana, que partira algumas horas antes com a nossa bagagem.

Caminhávamos já há alguns dias em direcção a uma enorme cadeia de montanhas, a cordilheira Nyenchen-thanghla. Só havia um caminho para as atravessar e a passagem conduzia directamente a Lassa. A caminho das montanhas passávamos através de pequenas colinas. A região era completamente deserta e nem sequer avistámos burros selvagens. O tempo tinha melhorado imenso e a visibilidade era tão boa que, a uma distância de dez quilómetros, a nossa paragem seguinte parecia estar diante de nós.

A próxima paragem era um lugar chamado Tokar. Daqui começava a subida das montanhas, e a estação seguinte estava a cinco dias de viagem. Não nos atrevíamos a pensar como poderíamos aguentar até lá. Em todo o caso, fazíamos o que podíamos para manter as forças e comprámos muita carne para aprovisionar.

Os dias pareciam intermináveis e as noites ainda mais longas. Viajávamos através de uma terra invulgarmente bela e chegámos a um dos maiores lagos do mundo — o Nam Tso ou Tengri Nor. Mas praticamente não olhávamos para ele, embora ansiássemos há muito por admirar este lago de proporções oceânicas. A paisagem outrora almejada não conseguia sacudir-

nos da nossa apatia. A escalada através do ar rarefeito tinha-nos deixado sem respiração e a perspectiva de mais uma subida de quase 6000 metros era paralisante. De tempos a tempos olhávamos

fascinados para picos ainda mais altos visíveis do nosso trilho. Por fim, chegámos ao cume da nossa cordilheira, Guring La. Antes de nós, esta cordilheira só tinha sido atravessada uma vez por um europeu, Littledale, um inglês que a conquistou em 1895. Sven Hedin tinha estimado a sua altitude em aproximadamente 6000 metros e descreveu-a como a mais alta das cordilheiras na região dos Trans-Himalaias. Creio poder afirmar que é a cordilheira mais alta do mundo, transponível em qualquer altura do ano.

Aqui encontrámos mais uma vez os típicos montículos de pedras e, flutuando acima deles, as bandeiras de oração com as cores mais brilhantes que eu alguma vez tinha visto. Perto havia uma fila de mesas de pedra com orações inscritas — uma indelével expressão da alegria sentida por milhares de peregrinos quando, após uma longa e penosa marcha, viam a cordilheira abrindo à sua frente a estrada para a mais sagrada das cidades.

Encontrámos também uma inacreditável multidão de peregrinos de regresso aos seus distantes lares. Quantas vezes não tinham ecoado nesta estrada as palavras «Om mani padme hum, a ancestral e venerada fórmula de oração que todos os budistas usam e que os peregrinos murmuram incessantemente, na esperança de que, entre outras coisas, ela as proteja daquilo que acreditam ser gases venenosos e que nós sabemos tratar-se de falta de oxigénio. Fariam melhor se mantivessem a boca fechada! De vez em quando, nas encostas abaixo víamos esqueletos de animais que testemunhavam a natureza perigosa da estrada. Os nossos condutores disseram-nos que quase todos os Invernos havia peregrinos que perdiam a vida nas tempestades de neve na travessia destas montanhas. Agradecemos a Deus pelo bom tempo durante esta escalada de 1200 metros.

A primeira parte da nossa descida transpunha um glaciário. Eu tinha novas razões para me extasiar com a firmeza do caminhar dos iaqueiros na sua busca de uma passagem através do gelo. À medida que avançávamos aos tropeções não pude deixar de pensar como seria mais fácil deslizar com esquis sobre esta superfície lisa e intacta. Suponho que Aufschnaiter e eu

fomos as únicas pessoas que alguma vez falaram em esquiar na estrada dos peregrinos para Lassa.

Enquanto caminhávamos, um casal jovem veio ter connosco. Vinham de muito longe e também se dirigiam para Lassa. Estavam contentes por se juntarem à caravana e entabulámos conversa com eles. A sua história era notável.

Esta mulher jovem e bonita, de faces rosadas e grossas tranças pretas, tinha vivido feliz e satisfeita com os seus três maridos — três irmãos — numa tenda nómada em Changthang. Certa noite um jovem desconhecido pediu para pernoitar. A partir desse instante tudo mudou. Deve ter sido um caso de «amor à primeira vista. Os dois jovens entenderam-se sem trocar uma palavra e na manhã seguinte fugiram juntos. Encararam a fuga através da planície agreste com grande naturalidade. Agora estavam felizes por ter chegado aqui, e tencionavam começar uma vida nova em Lassa.

Lembro-me desta rapariga como de um raio de sol nestes tempos duros e penosos. Certa ocasião, enquanto descansávamos, ela pegou na sua bolsa e, sorridente, deu um damasco seco a cada um. Esta modesta prenda era tão preciosa para nós como o pão de trigo que o nómada nos tinha dado na Noite de Natal.

No decorrer da nossa jornada apercebi-me de como as mulheres tibetanas são fortes e resistentes. Esta mulher jovem acompanhava facilmente o nosso passo e transportava a sua carga tão bem como um homem. Não se preocupava com o seu futuro, pois em Lassa poderia trabalhar como mulher-a-dias e com a sua saúde robusta de mulher do campo facilmente ganharia o seu sustento.

Caminhámos durante três dias consecutivos sem encontrar nenhuma tenda. Então avistámos à distância uma grande coluna de fumo que se erguia para o céu. Não sabíamos se seria uma chaminé ou uma casa a arder, mas quando nos aproximámos vimos que se tratava de vapor libertado por nascentes de água quente. Pouco depois estávamos boquiabertos perante um cenário natural de incrível beleza. Uma série de nascentes borbulhava no chão e no meio da nuvem de vapor esguichava um esplêndido géiser a cinco metros de altura. Depois da poesia, a prosa! O nosso pensamento seguinte

foi tomar um banho. O jovem casal desaprovava, mas não deixámos que isso nos detivesse. Quando brotava do chão a água vinha a ferver, mas era rapidamente arrefecida pelo ar gélido até a uma temperatura suportável. Apressadamente transformámos uma das piscinas naturais numa confortável banheira. Que prazer! Desde que deixáramos as nascentes de água quente em Kyirong não tínhamos podido lavar-nos ou tomar banho. Agora, sentados em água quase a ferver, a temperatura do ar era tão baixa que os nossos cabelos e barbas endureciam congelados num instante. No riacho que fluía da nascente havia imenso peixe de tamanho razoável. Esfomeados, discutimos a forma de os pescar — poderíamos cozinhá-los facilmente na nascente — mas não encontramos uma solução e assim, muito refrescados, saímos apressadamente no encalço da caravana.

Passámos a noite com os condutores de iaques na sua tenda. Foi aí que pela primeira vez na vida tive um sério ataque de ciática. Sempre considerei que estas queixas dolorosas eram uma doença da velhice e nunca sonhei vir a conhecê-la tão cedo. Provavelmente contraí-a pelo facto de dormir todas as noites no chão frio.

Certa manhã não consegui levantar-me. Para além das terríveis dores, tremia ao pensar que não poderia prosseguir. Cerrei os dentes e ergui-me nos pés e dei alguns passos. O movimento ajudava, mas desde então todos os dias eu sofria muito durante os primeiros quilómetros de marcha.

Na noite do quarto dia, após termos atravessado a cordilheira, chegámos a Samsar, onde havia uma estação viária. Finalmente estávamos num lugar habitado, com casas, templos e um castelo. Este era um dos mais importantes entroncamentos de estrada no Tibete. Cruzam-se aqui cinco vias e existe um intenso tráfego de caravanas. Os albergues estão sempre cheios e trocam-se animais nos estábulos de muda. O nosso Põnpo já aqui estava há dois dias, mas mesmo em missão do governo teve de esperar cinco dias por novos iaques. Arranjou-nos um quarto, lenha e um criado. O tráfego era intenso, por assim dizer, e tínhamos que optar por uma espera prolongada, pois não podíamos prosseguir sozinhos.

Aproveitámos o nosso lazer para fazer uma excursão de um dia a umas nascentes de água quente que tínhamos visto fumegar à distância e que revelaram ser um fenómeno natural único. Chegámos a um lago normal

cujas bor-bulhantes águas negras fluíam para um riacho cristalino. Claro que decidimos tomar banho, e entrámos na água num local onde era agradavelmente quente. Conforme subíamos a corrente em direcção ao lago a água tornava-se cada vez mais quente. Aufschnaiter desistiu primeiro, mas eu continuei, na esperança de que a temperatura fizesse bem à minha ciática. Era agradável espojar-me na água quente. Tinha trazido comigo o meu último pedaço de sabão de Kyirong e coloquei-o numa margem ao meu lado ansioso por uma profunda ensaboadura como auge do meu banho. Infelizmente não tinha reparado num corvo que me observava interessado e que num voo rasante carregou subitamente o meu tesouro. Saltei para a margem com uma praga, mas num instante estava de volta à água quente com os dentes a bater de frio. No Tibete, os corvos são tão ladrões como as nossas pegadas.

No caminho de regresso vimos pela primeira vez um regimento do exército tibetano — quinhentos soldados em manobras. A população não é muito entusiástica em relação a estes exercícios militares, uma vez que os soldados têm o direito de requisitar o que querem. Acampam nas suas próprias tendas, que são montadas de forma muito organizada, e portanto não há necessidade de os alojar; mas a população local tem a obrigação de lhes fornecer transporte e até cavalos para montar.

Quando chegámos ao nosso alojamento, aguardava—nos uma surpresa. O nosso companheiro de quarto era um homem com grilhões nos tornozelos e que só conseguia andar com passos muito curtos. Sorridente, contou-nos, como se fosse uma coisa perfeitamente normal, que era um assassino e ladrão e que tinha sido inicialmente condenado a receber duzentas chicotadas e depois a usar grilhões para o resto da vida. Isto fez-me arrepiar. Será que já estávamos a ser equiparados a assassinos? Porém, pouco depois ficámos a saber que no Tibete um criminoso condenado não é necessariamente marginalizado. O nosso homem não tinha desvantagens sociais: conversava com toda a gente e vivia de esmolas. E não passava assim tão mal.

Tinha constado que éramos europeus, e pessoas curiosas vinham visitar-nos constantemente. Entre elas encontrava-se um simpático jovem monge que trazia alguma mercadoria para o templo de Drebung e que partiria no

dia seguinte. Quando soube que apenas tínhamos uma carga de bagagem e que estávamos ansiosos por seguir viagem, ofereceu-nos um iaque disponível na sua caravana. Não nos fez qualquer pergunta sobre o nosso salvo-conduto. Já havíamos chegado à conclusão de que quanto mais próximos da capital menos problemas tínhamos — pois se havia estrangeiros neste ponto do interior do Tibete, é porque obviamente tinham um salvo-conduto. Não obstante, achávamos mais sensato não permanecer muito tempo no mesmo local para não estimular a curiosidade.

Aceitámos a oferta do monge imediatamente e despedimo-nos do nosso Põnpo com sinceras manifestações de gratidão. Partimos quando era noite cerrada, pouco depois da meia-noite. Depois de atravessar o distrito de Yang-pachen entrámos num vale que desembocava na planície de Lassa.

Finalmente estávamos próximos de Lassa! O nome causava-nos sempre um arrepio. Nas nossas penosas marchas e durante as noites geladas, agarrávamo-nos a este nome e retirávamos dele novas forças. Nenhum peregrino da mais distante província poderia jamais ter ansiado pela Cidade Sagrada mais do que nós. Já nos havíamos aproximado muito mais de Lassa do que Sven Hedin. Ele tinha tentado duas vezes atravessar a região pela qual tínhamos vindo, mas ficou sempre retido em Changthang pela escarpa de Nyenchenthanghla. Nós dois, pobres andarilhos, éramos naturalmente menos conspícuos do que a sua caravana e o nosso conhecimento de tibetano ajudava-nos, para além dos estratagemas que havíamos sido compelidos a usar; por isso tínhamos algumas coisas a nosso favor.

De manhã cedo chegámos à localidade seguinte, De-chen, onde iríamos passar o dia. A ideia não nos agradava, pois havia duas autoridades distritais permanentes e não contávamos poder enganá-las com um qualquer documento de viagem.

O nosso amigo monge ainda não tinha chegado. Dormia um sono em condições, pois viajava a cavalo, e partira sem dúvida mais ou menos à hora a que chegámos a De-chen.

Começámos cautelosamente a procurar alojamento e tivemos uma maravilhosa oportunidade. Travámos conhecimento com um jovem tenente que cordialmente nos ofereceu o seu quarto pois tinha que partir por volta

do meio-dia. Tinha estado na vizinhança a colectar contribuições em dinheiro em substituição do serviço militar. Aven-turámo-nos a perguntar-lhe se não poderia levar a nossa bagagem na sua caravana, pelo que naturalmente pagaríamos. Aceitou imediatamente e poucas horas depois saímos da vila caminhando despreocupados atrás da caravana.

A nossa satisfação foi prematura, pois quando passávamos diante das últimas casas da vila alguém nos chamou e quando nos voltámos deparámos com um senhor de aspecto distinto vestido com finas roupas de seda: inconfundivelmente, o Põnpo. Perguntou-nos educadamente, mas num tom autoritário, donde vínhamos e para onde íamos. Só a presença de espírito poderia salvar-nos. Por entre vénias e salamaleques, dissemos que íamos num pequeno passeio e não tínhamos trazido os nossos documentos. No regresso teríamos prazer em aguardar a convocação de sua alteza. O truque deu certo e desaparecemos.

Demos por nós a caminhar num cenário primaveril. As pastagens tornavam-se mais verdes à medida que avançávamos. Pássaros chilreavam nas plantações e sentíamos calor dentro dos nossos capotes de pele de ovelha, embora fosse meados de Janeiro.

Lassa estava apenas a três dias de viagem. Caminhámos sozinhos e só ao anoitecer alcançámos o tenente e a sua pequena caravana. Nesta região usava-se toda a espécie de animais para transporte — burros, cavalos, vacas e bois castrados. Só se viam iaques nas caravanas, uma vez que os camponeses não tinham pastagens suficientes para alimentar os rebanhos. Por todo o lado observávamos os aldeões a irrigar os campos. As ventanias da Primavera viriam mais tarde e se os solos estivessem muito secos tudo seria varrido como poeira. Muitas vezes demorava gerações a irrigar constantemente o solo para se tornar fértil. Aqui há pouca neve para proteger a semente de Inverno e os camponeses só conseguem uma colheita por ano. A altitude tem naturalmente uma grande influência na agricultura. A 5000 metros só a cevada vinga e os lavradores são semi-nómadas. Em algumas regiões, a cevada amadurece em sessenta dias. O vale de Tölung, que atravessávamos agora, está 3800 metros acima do nível do mar, e aqui também se cultivava beterraba, batata e mostarda.

Passámos a última noite antes de chegar a Lassa em casa de um camponês. Não era nada que se parecesse com as atractivas casas estilizadas de madeira de Kyirong. Nestes lados a madeira é rara. A excepção das pequenas mesas e das armações das camas em madeira, praticamente não existe mobília. As casas, construídas com tijolos de lama, não têm janelas; a luminosidade entra apenas pela porta ou pelo buraco da chaminé no tecto.

Os nossos anfitriões pertenciam a uma família abastada de camponeses. Como é habitual num país de organização feudal, o lavrador gere a propriedade do seu patrão e deve produzir uma determinada quota para ele antes de ter algum lucro para si próprio. Neste núcleo familiar havia três filhos, dois trabalhavam na propriedade e o terceiro preparava-se para ser monge. A família criava vacas, cavalos, umas poucas galinhas e porcos — os primeiros que eu via no Tibete; não são alimentados mas comem restos e tudo o que conseguem fossar nos campos.

Passámos uma noite inquieta a pensar no dia seguinte, que iria decidir o nosso futuro. Agora colocava-se a grande questão: mesmo que conseguíssemos introduzir—nos na cidade, seria possível permanecermos lá? Já não tínhamos dinheiro e não sabíamos como iríamos viver. E a nossa aparência! Parecíamos-nos mais com salteadores do Changthang do que com europeus. Sobre as nossas sujas calças de lã e camisas rasgadas usávamos os sebentos capotes de pele de ovelha que, mesmo à distância, mostravam bem pelo que tinham passado. Aufschnaiter calçava os restos de um par de botas do exército indiano, e eu tinha os meus sapatos em fragmentos. Ambos estávamos mais descalços do que calçados. Não, seguramente a nossa aparência não estava a nosso favor. As nossas barbas eram talvez a nossa característica mais aparatosa. Como todos os mongóis, os tibetanos quase não têm pêlos na cara ou no corpo; ao passo que nós tínhamos barbas fartas, longas e encaracoladas. Por esta razão fomos frequentemente confundidos com Kazaks, uma tribo da Ásia Central cujos membros migraram em bandos da Rússia para o Tibete durante a guerra. Vieram com as suas famílias e rebanhos e pilhavam a torto e a direito, e o exército tibetano via-se aflito para os expulsar para a Índia. Os Kazaks geralmente têm a pele clara e olhos azuis e as barbas crescem normalmente. Não é de

admirar que fôssemos confundidos com eles e que os nómadas nos recebessem friamente.

Não havia nada a fazer em relação à nossa aparência. Não podíamos aperaltar-nos antes de entrar em Lassa. Mesmo que tivéssemos dinheiro, onde iríamos comprar roupas?

Depois de deixar Nangtse — a última vila — tínhamos ficado por nossa conta. O tenente tinha prosseguido a cavalo para Lassa e tivemos que regatear com o nosso anfitrião para arranjar transporte para a nossa bagagem. Emprestou-nos uma vaca e um criado e depois de pagarmos restou-nos uma rupia e meia e uma moeda de ouro cosida dentro de um pedaço de pano. Tínhamos decidido que se não conseguíssemos arranjar transporte simplesmente deixaríamos as nossas coisas para trás. Para além dos diários, mapas e apontamentos, não possuíamos nada de valor. Nada nos deteria.

7 A CIDADE PROIBIDA

Os telhados dourados do Palácio Potala — Dois vagabundos mendigam comida e cama — Os fugitivos são mimados — Hóspedes na casa da família do Dalai Lama.

Estávamos a 15 de Janeiro de 1946 quando iniciámos a nossa última marcha. Vindos de Tölung, chegámos ao extenso vale de Kyichu. Ao transpor uma curva vimos, brilhando à distância, os telhados dourados do Potala, a residência de Inverno do Dalai Lama e a mais famosa referência de Lassa. Este momento compensou-nos de tudo. Sentimos vontade de nos ajoelharmos como os peregrinos e tocar o chão com a testa. Desde que partíramos de Kyi-rong tínhamos percorrido mais de 1000 quilómetros com a visão desta fabulosa cidade na mente. Tínhamos caminhado durante setenta dias e descansado apenas cinco. Isso representava uma média diária de quase quinze quilómetros. Quarenta e cinco dias da nossa jornada tinham sido passados a atravessar o Changthang — dias de sofrimento e de incessante luta contra o frio, a fome e o perigo. Agora, enquanto admirávamos extasiados os pináculos dourados, tudo isso estava esquecido — mais dez quilómetros e teríamos alcançado o nosso objectivo.

Sentámo-nos junto aos montículos de pedras que os peregrinos tinham colocado a assinalar a primeira visão da Cidade Sagrada. Enquanto isso, o nosso condutor entregava-se às suas devoções. Em breve chegámos à vila de Shingdongka, a última povoação antes de Lassa. O homem da vaca recusou-se a ir mais longe, mas nada podia desencorajar-nos agora. Fomos à procura do Põnpo e muito calmamente informámo-lo de que éramos os batedores de um poderoso personagem estrangeiro a caminho de Lassa e que tínhamos que chegar à cidade o mais rapidamente possível para encontrar aposentos para o nosso mestre. O Põnpo engoliu a nossa história e deu-nos um jumento e um condutor. Anos mais tarde esta história ainda fazia rir as pessoas nas festas em Lassa, mesmo na casa de ministros. O facto é que os tibetanos se orgulham muito do seu empenho para manter os estrangeiros fora do país, e consideraram que a maneira como furámos as barreiras não só merecia atenção como era altamente cómica. Isto jogava a nosso favor pois os tibetanos são um povo que adora o humor.

Durante os últimos dez quilómetros misturámo-nos com uma fila de peregrinos e caravanas. De vez em quando, passávamos por quiosques que exibiam toda a espécie de guloseimas — doces, pão branco e tudo o mais — que quase nos encheram os olhos de lágrimas. Mas não tínhamos dinheiro. A nossa última rupia pertencia ao condutor.

Em breve começámos a identificar os pontos referenciais da cidade sobre os quais tanto lêramos. Mais além deveria estar Chagpori, a colina sobre a qual se ergue uma das duas famosas Escolas de Medicina. E à nossa frente estava Debrung, o maior templo do mundo, habitado por dez mil monges, e que constitui uma cidade em si próprio, com as suas incontáveis casas de pedra e centenas de pináculos dourados apontados para o céu por cima dos santuários. Um pouco mais abaixo situavam-se os terraços de Nechung, um outro templo que durante séculos tem guardado o maior mistério do Tibete. Aqui manifesta-se a presença de uma Divindade protectora cujos oráculos secretos guiam os destinos do Tibete e que é consultada pelo Governo antes de serem tomadas quaisquer decisões importantes. Ainda nos faltavam oito quilómetros e a cada passo que dávamos havia algo de novo para ver. Passávamos através de prados vastos e bem cuidados, coroados por bosques onde o Dalai Lama pasta os seus cavalos.

Durante quase uma hora um longo muro de pedra flanqueou a nossa estrada e disseram-nos que por trás ficava o palácio de Verão do Rei Divino. A seguir, passámos pela Legação Britânica, que se situava mesmo no perímetro da cidade, semi-encoberta por salgueiros. O nosso condutor virou-se para ir nessa direcção pensando que esse era o nosso destino e tivemos alguma dificuldade em persuadi-lo a seguir em frente. De facto, por um momento nós próprios hesitámos, mas a memória do campo de concentração ainda estava presente nas nossas mentes e pensámos que, afinal de contas, estávamos no Tibete e era aos tibetanos que devíamos pedir hospitalidade.

Ninguém nos deteve nem incomodou. Não conseguíamos compreender isso, mas por fim apercebemo-nos de que ninguém era suspeito, nem mesmo um europeu, porque nunca entrara ninguém em Lassa sem uma autorização.

A medida que nos aproximávamos, o Potala agiganta-va-se à nossa frente. Por enquanto não conseguíamos ver nada da cidade em si, que ficava por trás das colinas sobre as quais se erguiam o Palácio e a Escola de Medicina. Avistámos então um enorme portão coroadado com três *Chórten* que cobriam o espaço entre as duas colinas e formava a entrada para a cidade. A nossa excitação era intensa. Agora íamos com certeza saber qual seria o nosso destino. Quase todos os livros sobre Lassa relatam a presença de sentinelas que guardam a entrada da Cidade Sagrada. Aproximámo-nos com o coração aos pulos. Mas não havia nada. Nem soldados, nem posto de controlo, só alguns mendigos com as mãos estendidas a pedir esmola. Misturámo-nos com um grupo de pessoas e caminhámos livremente através do portão para dentro da cidade. O nosso condutor disse-nos que o grupo de casas à nossa esquerda era só uma espécie de subúrbio e por isso continuámos através de uma área descampada, aproximando-nos cada vez mais do centro da cidade. Não pronunciamos uma palavra, e até hoje não consigo encontrar termos para descrever a intensidade das nossas sensações. As nossas mentes, exaustas pelas provações por que tínhamos passado, não conseguiam absorver o choque de tantos e tão fortes sentimentos.

Em breve chegámos a uma ponte coberta por um telhado turquesa e pela primeira vez vimos as espirais da Catedral de Lassa. O sol banhava este cenário com uma luz irreal. Tremíamos de frio e precisávamos de encontrar abrigo, mas em Lassa não era tão simples entrar numa casa como numa tenda no Changthang. Provavelmente comunicariam de imediato a nossa presença às autoridades. Mas tínhamos que tentar. Na primeira casa encontrámos um criado mudo, que não nos prestou atenção. Na casa seguinte havia apenas uma empregada que gritou por socorro até chegar a sua patroa, que nos suplicou que fôssemos para outro lado qualquer pois seria expulsa do bairro se nos recebesse. Não podíamos acreditar que o governo fosse assim tão rígido, mas não queríamos causar-lhe problemas e por isso fomos embora. Caminhámos por ruas estreitas e quando demos por nós já estávamos do outro lado da cidade. Fomos ter a uma casa muito maior, com estábulos no quintal e com melhor aspecto do que todas as que tínhamos visto até então. Apressámo-nos a entrar e deparámos com criados que nos insultaram e mandaram embora. Não estávamos dispostos a isso e começámos a descarregar o nosso burro. O condutor tinha reparado que havia algo de errado e já há algum tempo que nos pressionava para o

deixarmos voltar para casa. Pagámos-lhe e ele foi-se embora com um suspiro de alívio.

Os criados ficaram desesperados quando perceberam que tínhamos vindo para ficar. Suplicaram e imploraram que nos fôssemos embora e explicaram que teriam problemas terríveis quando o seu amo voltasse. Também não nos sentíamos confortáveis com a ideia de exigir hospitalidade à força, mas não nos mexemos. Cada vez havia mais gente atraída pelo barulho, e a cena lembrava-me a minha partida de Kyirong. Permanecemos insensíveis a todos os protestos. Sentámo-nos no chão junto às nossas trouxas, mortos de cansaço e de fome, indiferentes ao que pudesse acontecer-nos. Só queríamos sentarmo-nos, descansar e dormir.

Subitamente, os gritos enfurecidos da multidão cessaram. Tinham visto os nossos pés inchados e cobertos de feridas e, como povo simples e generoso que são, sentiram pena de nós. Uma mulher tomou a iniciativa. Era a que nos tinha implorado para sair da casa dela. Agora trazia—nos chá tibetano. E então todos nos traziam toda a espécie de coisas — *tsampa*, provisões e até combustível. O povo queria reparar a sua recepção hostil. Atirámo-nos sofregamente à comida e temporariamente esquecemos tudo o resto.

De repente ouvimos alguém dirigir-nos a palavra em inglês fluente. Olhámos para cima, e apesar de quase não haver luz reconhecemos que o tibetano ricamente vestido que falava connosco devia ser uma pessoa da mais alta posição. Estupefactos e contentes, perguntámos-lhe se por acaso não seria um dos quatro nobres enviados para estudar em Rugby. Ele respondeu que não, mas que tinha passado muitos anos na Índia. Em poucas palavras contámos-lhe o que nos tinha acontecido, dizendo que éramos alemães e que suplicávamos abrigo. Ele pensou por um momento e disse que não podia receber-nos em sua casa sem a aprovação do magistrado da cidade, mas iria ter com ele e pedir-lhe permissão.

Quando saiu, as outras pessoas disseram-nos que era um importante funcionário, responsável pelos trabalhos de electricidade. Não nos atrevemos a acreditar muito no que ele nos tinha dito, mas de qualquer forma começámos a preparar-nos para passar ali a noite. Sentámo-nos junto à fogueira e conversámos com as pessoas que iam e vinham constantemente. Veio então um criado ter connosco e pediu-nos que o

acompanhássemos, dizendo que o Sr. Thangme, o «Mestre da Electricidade, nos convidava para sua casa. Chamavam-lhe respeitosamente Ku-ngõ, equivalente a Alteza.

Thangme e a sua jovem esposa receberam-nos muito cordialmente. Os seus cinco filhos rodearam-nos e olhavam para nós boquiabertos. O funcionário tinha boas notícias para nós. O magistrado tinha-o autorizado a acolher-nos por uma noite, mas uma solução futura teria que ser decidida pelo Gabinete. Mas agora não nos interessava preocuparmo-nos com o futuro. Afinal, estávamos em Lassa e éramos hóspedes de uma família nobre. Já tinha sido preparado um bonito e confortável quarto com um pequeno fogão que nos aquecia bem. Há sete anos que não víamos um fogão! O combustível usado era madeira de ju-nípero, que cheirava muito bem e era um autêntico luxo pois para chegar a Lassa requeria semanas de viagem sobre os lombos dos iaques. Com as nossas roupas esfarrapadas mal nos atrevíamos a tocar nas camas com colchas limpas. Trouxeram-nos um excelente jantar chinês e enquanto comíamos ficaram todos à nossa volta falando sem parar. Estavam com curiosidade de saber as nossas aventuras. Não queriam acreditar que tínhamos atravessado o Chang-thang durante o Inverno e que tínhamos escalado a cordilheira de Nyenchenthanghla. O nosso conhecimento de tibetano deixava-os estupefactos. Mas sentíamos-nos feios e andrajosos neste ambiente civilizado. As nossas coisas, que tinham sido indispensáveis para a nossa viagem, subitamente perderam todo o interesse e sentimos que seria uma alegria livrarmo-nos delas.

Mortos de cansaço e com as mentes confusas, fomos finalmente para a cama, mas não conseguíamos adormecer. Tínhamos passado muitas noites no chão duro, apenas com os nossos capotes e um cobertor rasgado para nos cobrir. Agora tínhamos camas fofas e um quarto bem aquecido, mas os nossos corpos não conseguiam habituar-se rapidamente à mudança e os nossos pensamentos giravam como pás de moinho nas nossas cabeças. Tudo aquilo por que tínhamos passado povoava as nossas mentes — o campo de concentração, as aventuras e sofrimentos de vinte e um meses desde a nossa fuga. E pensámos nos nossos companheiros e na infundável monotonia das suas vidas, pois os prisioneiros continuavam cativos embora a guerra já tivesse terminado há muito. Mas seríamos nós *lipres*?

Antes mesmo de despertarmos completamente encontrámos um criado com chá e bolos junto às nossas camas. Trouxeram-nos água quente e lâminas para atacarmos as nossas longas barbas. Depois de barbeados ficámos com um aspecto mais respeitável, mas os nossos cabelos compridos eram um sério problema. Chamaram um barbeiro muçulmano para se ocupar das nossas jубas. O resultado foi um tanto ou quanto exótico, mas causou grande admiração. Os tibetanos não têm problemas com cabeleireiros: ou usam tranças ou a cabeça rapada.

Não vimos Thangme até ao meio-dia, quando regressou a casa muito aliviado após uma visita ao Ministro dos Negócios Estrangeiros. Trouxe-nos boas notícias e disse-nos que não seríamos entregues aos ingleses. Por enquanto poderíamos permanecer em Lassa, mas éramos gentilmente convidados a não sair de casa até que o Regente, que estava num retiro em Taglung Tra, decidisse o nosso futuro. Deram-nos a entender que era uma medida preventiva devido a incidentes prévios envolvendo monges fanáticos. O governo estava disposto a alimentar-nos e vestir-nos.

Ficámos deliciados. Alguns dias de descanso era justamente do que precisávamos. Atacámos uma montanha de velhos jornais com entusiasmo, embora as notícias não fossem propriamente hilariantes. O mundo inteiro ainda fumegava e o nosso país atravessava tempos difíceis.

Nesse mesmo dia recebemos a visita de um funcionário enviado pelo magistrado da cidade. Acompanhavam—no seis polícias de aspecto sujo e pouco fiável. Mas o nosso visitante era muito educado e pediu licença para inspeccionar a nossa bagagem. Estávamos espantados com a exactidão com que conduzia o seu trabalho. Tinha consigo um relatório de Kyirong e comparava-o com as datas do nosso itinerário. Arriscámos perguntar-lhe se todas as autoridades dos distritos por onde tínhamos passado seriam punidas. «A questão será apresentada ao Gabinete», disse pensativamente, «e os funcionários devem contar com a punição. Isto perturbou-nos imenso, e para sua diversão contámos-lhe como nos tínhamos esquivado às autoridades e como as tínhamos enganado tantas vezes. Foi a nossa vez de rir quando nos contou que na noite anterior tinha estado à espera de uma invasão alemã. Segundo parecia, toda a gente com quem faláramos fora

logo participar ao magistrado, e por isso pensavam que tropas alemãs marchavam sobre a cidade!

De qualquer forma éramos o assunto da cidade. Toda a gente queria ver-nos e ouvir a nossa história com os seus próprios ouvidos, e como não nos era permitido sair as pessoas vinham visitar-nos. A Sra. Thangme estava sempre atarefada e preparou o seu melhor serviço de chá para receber as visitas. Fomos iniciados no cerimonial das festas de chá. O respeito pelos convidados mede-se pelo valor e beleza do serviço de chá. As chávenas consistem em três partes: um pires, uma xícara de porcelana e uma tampa. O pires e a tampa são geralmente em prata e ouro.

Todos os dias vinham visitas importantes a casa do Sr. Thangme. Ele próprio era um nobre da quinta casta, e uma vez que a etiqueta é rigorosamente observada, até agora só tinha recebido a visita de pessoas com uma posição igual ou inferior à dele. Mas as personalidades de categorias mais elevadas queriam ver-nos. Entre elas destacava-se o filho do célebre ministro Tsarong e a sua mulher. Já tínhamos lido muito a respeito do seu pai: provinha de uma família humilde e tinha-se tornado no favorito do décimo terceiro Dalai Lama, ascendendo a uma posição e adquirindo uma grande fortuna com a sua inteligência e espírito de sacrifício. Há quarenta anos atrás o Dalai Lama tinha sido forçado a fugir dos chineses para a Índia, e Tsa-rong prestou então valiosos serviços ao seu mestre. Durante muitos anos foi ministro do Gabinete e, sendo o principal favorito do Lama, tinha virtualmente os poderes de um Regente. Mais tarde, um novo favorito chamado Khiinpe-la desalojou Tsarong da sua posição de autoridade, que no entanto manteve a sua posição e honrarias. Tsarong era actualmente um nobre da terceira casta e Mestre da Casa da Moeda.

O seu filho tinha vinte e seis anos, fora criado na Índia e falava inglês fluentemente. Consciente da sua própria importância, usava um amuleto de ouro na trança, um direito que assiste aos filhos dos ministros.

Quando este jovem nobre nos visitou, os criados serviram chá e em pouco tempo a conversa ficou animada. O filho do ministro era um jovem extremamente versátil, com interesse especial em assuntos técnicos. Perguntou—nos pelas descobertas mais recentes e disse-nos que tinha

montado o seu próprio rádio transmissor e um gerador eólico no telhado da sua casa.

Estávamos no meio de uma discussão técnica em inglês quando a sua mulher nos interrompeu rindo e dizendo que queria fazer-nos algumas perguntas. Chamava-se Yangchenla e era uma das beldades de Lassa, bem vestida e muito sofisticada, claramente familiarizada com o uso da maquiagem. Não era nada tímida, como se podia constatar pela maneira animada com que nos fazia perguntas em tibetano sobre a nossa viagem. De vez em quando interrompia as nossas explicações com gargalhadas e uma gesticulação ágil. Divertia-se particularmente com o modo como burlávamos as autoridades com os nossos documentos de viagem caducados. A nossa fluência em tibetano surpreendia-a, mas reparámos que nem ela nem os mais sérios dos nossos visitantes conseguiam evitar rirem-se de nós de vez em quando. Mais tarde, os nossos amigos explicaram-nos que falávamos um dialecto extremamente rústico. Era como se um aldeão do mais remoto vale alpino falasse na sua gíria num salão de Viena. Os nossos visitantes divertiam-se imenso mas eram demasiado educados para nos corrigir.

Quando este jovem casal foi embora já nos tínhamos tornado amigos. Tinham trazido alguns presentes que foram muito bem-vindos — roupa de cama, camisolas e cigarros, e mostraram-se disponíveis sempre que precisássemos de alguma coisa. O filho do ministro prometeu ajudar-nos e mais tarde entregou-nos uma mensagem do seu pai a convidar-nos a hospedarmo-nos em casa dele, se o Governador nos desse o seu consentimento. Tudo isto era muito reconfortante.

Apareceram mais visitantes. Um deles era um general do exército tibetano, desesperadamente ansioso por saber tudo o que fosse possível sobre Rommel. Falava entusiasticamente do general alemão e disse-nos que com os seus poucos conhecimentos de inglês tinha lido tudo o que encontrava sobre ele nos jornais. Neste aspecto, Lassa não era nada isolada. Por meio da Índia chegavam jornais de todo o mundo. Existem mesmo algumas pessoas na cidade que recebem a *Life*. Os jornais diários indianos chegam regularmente uma semana após a publicação.

A procissão de visitantes continuava, entre eles alguns monges importantes que cordialmente nos traziam prendas. Mais tarde alguns deles passaram a ser bons amigos meus. Então veio um representante da Legação Chinesa e depois dele um funcionário que pertencia à Legação Britânica em Sikkim.

Ficámos particularmente honrados com a visita do comandante geral do exército tibetano, o general Ktin-sangtse, que insistiu em nos visitar antes de partir numa missão amigável para a China e Índia. Era o irmão mais novo do Ministro dos Negócios Estrangeiros e era um homem extraordinariamente bem informado. Tirou-nos um peso da consciência quando nos assegurou que o nosso pedido de permissão para ficar no Tibete seria certamente aprovado.

Começámos gradualmente a sentirmo-nos em casa. O nosso relacionamento com Thangme e a sua mulher transformou-se numa amizade cordial. Éramos acarinhados e bem alimentados e toda a gente ficava satisfeita por termos bom apetite. Contudo sofriámos de toda a espécie de males menores, sem dúvida como consequência dos sofrimentos e angústias. Aufschneider teve um ataque de febre e a minha ciática causava-me imensos problemas. Thangme mandou vir o médico da Legação Chinesa, que tinha estudado em Berlim e em Bordéus. Examinou-nos no melhor estilo europeu e receitou vários medicamentos.

É provável que mais nenhum país no mundo tivesse acolhido dois pobres fugitivos como o Tibete nos acolheu. A nossa encomenda de roupa, oferta do governo, chegou com um pedido de desculpas pelo atraso, causado pelo facto de sermos mais altos do que a média dos tibetanos e não haver roupa pronta para o nosso tamanho. Por isso os nossos fatos e sapatos foram feitos sob medida. Estávamos satisfeitos como crianças. Por fim podíamos deitar fora os nossos miseráveis trapos velhos. Embora os nossos fatos novos não estivessem à altura dos melhores padrões de vestuário, eram decentes e engomados e serviam perfeitamente.

Nos intervalos das numerosas visitas trabalhávamos nos nossos apontamentos e diários. Em pouco tempo fizemos amizade com as crianças dos Thangme, que geralmente iam para a escola antes de nos levantarmos. Ao fim da tarde mostravam-nos os trabalhos de casa, que me interessavam

muito, uma vez que estava a ter dificuldades em aprender a escrita. Aufschnaiter já há muito que a estudava e durante os nossos passeios tinha-me ensinado alguma coisa, mas demorei anos a aprender a escrever mais ou menos fluentemente. Os caracteres isolados não representavam nenhuma dificuldade, mas a sua organização por sílabas não é uma tarefa fácil. Muitos deles provêm das antigas escrituras indianas, e a escrita tibetana parece-se mais com hindi do que com chinês. Utiliza-se papel fino semelhante a pergaminho e tinta-da-china. No Tibete existem várias oficinas onde fazem papel de madeira de juní-pero. Para além disso, importam anualmente milhares de toneladas de papel do Nepal e do Butão, onde o material é manufacturado da mesma forma que no Tibete. Observei muitas vezes o processo de fabricar papel nas margens do rio Kyichu. A principal desvantagem do papel tibetano é a superfície não ser suficientemente lisa, o que torna a escrita difícil. Dão tábuas de madeira às crianças para os seus exercícios e usam tinta aguada e canetas de aparo de bambu. A escrita pode ser apagada depois com um pano húmido. Os filhos de Thangme geralmente apagavam os seus exercícios vinte vezes antes de acertarem.

Em pouco tempo éramos tratados como membros da família. A Sra. Thangme comentava os seus problemas connosco e ficava encantada quando elogiávamos a sua aparência ou o seu bom gosto. Certa ocasião convidou-nos a entrar no seu quarto para apreciarmos as suas jóias. Havia uma grande cómoda com os seus tesouros guardados em pequenos estojos para jóias ou embrulhados em seda fina. Valia a pena admirar as suas preciosidades. Tinha uma maravilhosa tiara de coral, turquesa e pérolas e muitos anéis, bem como brincos de diamantes e alguns pequenos medalhões tibetanos que se usam pendurados ao pescoço por um cordão de coral. Muitas mulheres nunca tiram estes medalhões pois contêm um amuleto que actua como talismã contra o mal.

A nossa anfitriã estava lisonjeada com a nossa admiração perante os seus tesouros. Explicou-nos que os homens tinham obrigação de presentear as esposas com jóias equivalentes à sua condição. Promoção de cargo significava promoção de jóias! Mas não bastava ser rico, pois a riqueza não conferia o direito de usar jóias caras. Claro que os homens resmungavam por causa das pretensões das suas mulheres pois, tal como no Ocidente, as

mulheres procuram ofuscar as suas rivais. A Sra. Thangme, cujas jóias deviam valer vários milhares de libras, disse-nos que só saía acompanhada por um criado, pois era comum haver assaltos a mulheres da alta sociedade.

Durante oito dias ficámos obedientemente em casa. Foi uma grande surpresa quando um dia um criado chegou com um convite para visitarmos imediatamente a casa dos pais do Dalai Lama. Como nos sentíamos comprometidos com a nossa promessa de não sair de casa, consultámos o nosso anfitrião. Ficou horrorizado por termos dúvidas — um convite desta natureza estava acima de qualquer outra coisa. Uma convocação do Dalai Lama ou do Regente tinha prioridade sobre todas as outras considerações. Ninguém se atreveria a deter-nos ou a pedir-nos responsabilidades posteriormente. Pelo contrário, hesitação em obedecer seria uma ofensa grave.

Ficámos contentes por saber a sua opinião, mas depois começámos a ficar nervosos quanto aos motivos desta convocação. Seria um bom presságio para o nosso futuro? De qualquer forma, preparámo-nos apressadamente para a visita, vestindo pela primeira vez as roupas novas e calçando botas tibetanas. Estávamos bastante apresentáveis. Thangme deu-nos então um par de *écharpes* de seda branca a cada um e enfatizou que devíamos oferecê-las quando fôssemos recebidos em audiência. Já tínhamos testemunhado este costume em Kyirong e reparámos que era observado mesmo pelas pessoas mais simples. Quando se visitava ou apresentava uma petição a uma pessoa de nível mais elevado, ou por ocasião de grandes festivais, devia-se oferecer *écharpes*; há-as de toda a espécie e qualidades e o tipo de *écharpe* oferecido deve condizer com o estatuto da pessoa que oferece.

A casa dos pais do Dalai Lama não era longe. Em pouco tempo encontrámo-nos diante de um grande portão, junto ao qual um porteiro já nos procurava. Quando nos aproximámos curvou-se respeitosamente. Fomos conduzidos através de um grande jardim cheio de canteiros com vegetais e núcleos com esplêndidos salgueiros até chegarmos ao palácio. Levaram-nos para o primeiro andar: abriu—se uma porta e encontrámo-nos na presença da mãe do Rei Divino, perante a qual nos curvámos em reverência. Estava sentada num pequeno trono, num salão amplo e

iluminado, rodeada de criados. Era a imagem da dignidade aristocrática. A humilde admiração que os tibetanos sentem pela Grande Mãe» é algo de estranho para nós, mas achámos o momento de uma grande solenidade.

A «Grande Mãe sorriu para nós e ficou visivelmente satisfeita quando lhe entregámos as *écharpes* com profundas reverências e esticando ao máximo os nossos braços conforme Thangme nos tinha instruído. Recebeu-as e entregou-as imediatamente aos criados. Então, com uma postura radiante, apertou-nos as mãos, ao contrário do costume tibetano. Nesse momento entrou o pai do Dalai Lama, um respeitável senhor de idade. Dobrámo—nos novamente numa vénia e com a devida cerimónia entregámos-lhe as *écharpes*, após o que nos apertou a mão de forma despretensiosa. De vez em quando vinham europeus a esta casa, e os nossos anfitriões estavam até certo ponto familiarizados com esses costumes europeus e mostravam orgulho nisso.

Sentámo-nos e tomámos um chá que tinha um sabor estranho, feito de uma forma diferente da habitual mistura tibetana. Quando inquirimos sobre o chá, o gelo quebrou-se e os nossos anfitriões contaram-nos sobre a sua casa anterior. Tinham vivido em Amdo como simples camponeses até o seu filho ter sido reconhecido como a Encarnação do Dalai Lama. Amdo situa-se na China, na província de Chinghai, mas os seus habitantes são quase todos tibetanos. Tinham trazido o seu chá consigo e não o faziam como os tibetanos, com manteiga, mas acrescentando leite e sal. Trouxeram algo mais da sua antiga casa — o dialecto que falavam. Ambos tinham uma pronúncia que parecia das províncias centrais, mas era diferente. O irmão do Dalai Lama, de catorze anos de idade, servia de intérprete. Tinha vindo para Lassa ainda criança e rapidamente aprendera a falar tibetano puro. Agora só falava o dialecto de Amdo com os pais. Enquanto conversávamos com os nossos anfitriões tivemos oportunidade de os observar. Cada um deles causava muito boa impressão. A sua origem humilde mani-festava-se numa simplicidade atraente, mas a sua postura e o seu comportamento eram aristocráticos. Era um grande passo, de uma pequena casa da aldeia numa província distante para um reinado na capital. Agora possuíam o palácio onde viviam e grandes propriedades no campo. Mas pareciam ter sobrevivido à súbita reviravolta nas suas vidas sem se terem deteriorado.

O rapaz, Lobsang Samten, era animado e muito atento. Estava cheio de curiosidade a nosso respeito e fazia toda a espécie de perguntas sobre a nossa experiência. Dis-se-nos que o seu «divino irmão mais novo o tinha encarregado de nos descrever exactamente. Sentimo-nos agradavelmente excitados com a notícia de que o Dalai Lama estava interessado em nós, e gostaríamos de saber mais sobre ele. Disseram-nos que o nome Dalai Lama nunca era usado no Tibete. E uma expressão da Mongólia que significa «Vasto Oceano. Normalmente, o Dalai Lama é referido como o «Gyalpo Rinpoche, que significa «Rei Precioso. Os seus pais e irmãos usam um outro título ao referirem-se a ele. Chamam-lhe «Kundín, o que quer dizer simplesmente «Presença.

Os Grandes Pais tinham ao todo seis filhos. O filho mais velho, muito antes da descoberta do Dalai Lama, tinha sido reconhecido como uma Encarnação de Buda e fora investido com a dignidade de Lama no mosteiro de Tagtsel. Também era tratado por Rinpoche, o nome dado a todos os Lamas. O segundo filho, Gyalo Töndrup, estava a estudar na China. O nosso jovem amigo Lobsang estava predestinado para a vida monástica. O próprio Dalai Lama tinha agora onze anos. Também tinha duas irmãs. Posteriormente, a Grande Mãe» deu à luz outra «Encarnação, Ngari Rinpoche. Como progenitora de três «Encarnações, detinha o recorde do mundo budista*.

A nossa visita deu lugar a um relacionamento cordial com esta mulher versátil e inteligente, que se prolongaria até ela se exilar na sequência da invasão dos comunistas chineses. A nossa amizade não tinha nada a ver com a veneração transcendental que a Grande Mãe» recebia dos outros. Mas embora eu tenha uma atitude bastante céptica em relação a assuntos metafísicos, não pude deixar de reconhecer o poder da personalidade e da fé que ela possuía.

A distinção que este convite representava tornou-se gradualmente clara para nós. Não se pode esquecer que, à excepção da família e de uns poucos criados pessoais que são abades, ninguém tem o direito de se dirigir ao Rei Divino. Não obstante o seu isolamento em relação ao mundo, ele interessara-se pelo nosso destino. Quando nos levantamos para ir embora, perguntaram-nos se precisávamos de alguma coisa. Agradecemos aos

nossos anfitriões mas modestamente preferimos não pedir nada; mesmo assim, uma fila de criados avançou com sacos de farinha e *tsam-pa*, uma quantidade de manteiga e uns belos cobertores de lã macia. «Por vontade expressa do Kundún, disse a «Grande Mãe sorrindo, e embrulhou nas nossas mãos uma nota de cem *sangs*, como se fosse um procedimento comum e de uma forma tão natural que não sentimos vergonha por aceitar.

Depois de muitas manifestações de agradecimento e profundas vénias saímos do salão um tanto embaraçados.

A forma de reconhecimento do Dalai Lama é descrita no capítulo 16. (*N. do E.*)

Como uma prova final de amizade, Lobsang, em nome dos seus pais, pendurou-nos as *écharpes* ao pescoço enquanto nos inclinávamos perante ele. Levou-nos então para o jardim e mostrou-nos os terrenos e os estábulos onde vimos alguns esplêndidos cavalos de Siling e Ili que eram o orgulho do seu pai. No decorrer da conversa sugeriu que eu poderia dar-lhe lições sobre algumas áreas do conhecimento ocidental. Isso vinha ao encontro dos meus próprios desejos íntimos. Frequentemente tinha pensado que poderia sustentar-me dando aulas às crianças de famílias nobres.

Regressámos a casa dos Thangme carregados com presentes e escoltados por criados. Estávamos muito contentes e sentíamos que agora a nossa sorte estava em vias de melhorar. Os nossos anfitriões aguardavam-nos com uma excitação impaciente. Tínhamos que contar-lhes tudo o que acontecera, e os nossos visitantes seguintes foram informados em detalhe da honra que nos fora concedida. A nossa cotação subiu abruptamente.

No dia seguinte, quando os irmãos do Dalaí Lama vieram visitar-nos, a nossa anfitriã a princípio escondeu-se em sinal de reverência e só apareceu quando toda a família já se tinha perfilado para os cumprimentar. O jovem Rinpoche, agora com vinte e cinco anos, tinha de facto vindo do seu templo para nos ver. Com um toque da mão abençoou cada membro da família. Era o primeiro Lama Encarnado que conhecíamos. As pessoas estão acostumadas a pensar que todos os monges tibetanos são Lamas. Na

verdade este nome só é dado às Encarnações» e a mais alguns monges que se tenham distinguido por uma vida ascética ou milagres. Todos os Lamas têm o direito de abençoar e são venerados como santos.

8 ÁGUAS CALMAS

Dão-nos liberdade de circulação — Visitas importantes em Lassa — A hospitalidade generosa de Tsarong — O Tibete não tem pressa — Mais uma vez ameaçados com a expulsão — As festividades do Ano Novo.

Dez dias depois da nossa chegada recebemos do Ministério dos Negócios Estrangeiros a notícia de que podíamos circular livremente. Ao mesmo tempo forneceram-nos esplêndidos capotes de pele de carneiro à nossa medida — cada um deles requeria sessenta peles. No mesmo dia saímos para um passeio pela cidade e com os capotes tibeta-nos não atraímos as atenções. Queríamos ver tudo. A parte interior da cidade só tem armazéns. As lojas formam uma linha contínua e os mercadores transbordam para as ruas. Não existem montras na nossa acepção da palavra. Encontram-se imensos armazéns retalhistas com uma variedade de mercadorias desde agulhas a botas de borracha; na vizinhança, lojas sofisticadas vendem cortinados e sedas. Os armazéns de mantimentos dispõem dos produtos locais, carne de conserva americana, manteiga australiana e uísque escocês. Não há nada que não se possa comprar, ou pelo menos encomendar. Até se encontram as especialidades da *Elizabeth Arden* e existe uma enorme procura. Galochas americanas da última guerra são expostas no meio de peças de carne de iaque e blocos de manteiga. Também se pode encomendar máquinas de costura, aparelhos de rádio e gira-discos e procurar os últimos discos de Bing Crosby para a próxima festa. A multidão de consumidores garridamente vestida ri, discute e grita. Têm um prazer especial em regatear, apreciando os regateios prolongados. É possível observar um nómada a trocar pele de iaque por rapé, e ao lado uma dama da sociedade com um enxame de criados mergulhando durante horas numa montanha de sedas e brocados. As mulheres nómadas não são menos exigentes ao seleccionar as suas peças de algodão indiano para as suas bandeiras de oração.

A população comum geralmente usa *nambu*, um pano feito de lã pura caseira, praticamente impossível de rasgar, feito de tiras com aproximadamente vinte centímetros de largura. Fardos do material usado para estes *nambus* são expostos nos armazéns. A lã é branca ou tingida de malva com uma mistura de anil e ruibarbo. O *nambu* branco praticamente só é usado pelos condutores de jumentos pois a ausência de cor é considerada um sinal de pobreza. Uma vez que aqui não se usam fitas métricas, medem o pano pelo comprimento do braço. Graças aos meus longos braços lucrei sempre com este costume.

Encontrámos uma loja cheia de chapéus de feltro europeus que são o *dernier cri* em Lassa. Usar um sofisticado chapéu de feltro com um traje tibetano parece seguramente esquisito, mas os tibetanos apreciam os chapéus europeus de aba larga pois protegem do sol. Os rostos bronzeados não exercem qualquer atracção. Os chapéus tradicionais do Tibete condizem muito melhor com os trajes tibetanos e têm um aspecto mais atraente nas ruas; e, de facto, nessa altura o governo estava a tentar refrear o influxo de modas europeias, não com o intuito de interferir nas liberdades individuais, mas de forma a preservar o bonito estilo dos trajes nativos.

Os tibetanos são também adeptos dos guarda-chuvas e sombrinhas, que existem em todos os tamanhos, cores e qualidades. Os monges são os melhores clientes destes artigos pois, à excepção das solenidades, andam com a cabeça rapada a descoberto.

Quando chegámos a casa, encontrámos o Secretário da Legação Britânica à nossa espera. Era um amigo pessoal de Thangme e a sua visita não era de modo algum oficial. Disse que tinha ouvido falar muito de nós e que estava muito interessado na nossa viagem e nas nossas experiências. Ele próprio tinha sido representante do comércio britânico em Gartok e sabia alguma coisa acerca da região que tínhamos atravessado. Considerámos a sua visita muito oportuna pois estávamos desejosos de enviar notícias para as nossas famílias, que provavelmente já nos tinham dado como desaparecidos há muito. Só o Representante Britânico tinha contacto directo com o mundo exterior, uma vez que o Tibete não pertence à União Postal Mundial e o seu sistema de correios é um tanto complicado.

O nosso visitante encorajou-nos a requisitar pessoalmente assistência nesta questão e assim, no dia seguinte, dirigimo-nos à Legação, que já tínhamos notado por ocasião da nossa entrada na cidade. Criados de libré vermelha conduziram-nos primeiro ao jardim, onde encontrámos Reginald Fox, o operador de comunicações, a dar o seu passeio matinal. Fox já vivia em Lassa há muitos anos e era casado com uma rapariga tibetana. Tinham quatro filhos encantadores de cabelos louros e olhos grandes, pretos e amendoados. Os dois mais velhos estavam num colégio interno na Índia.

Fox era o único homem em Lassa que possuía um motor fiável e para além do seu trabalho na Legação ocupava-se regularmente a recarregar todos os rádios e a bateria da cidade. Podia comunicar com a Índia por rádio-telefone e era muito apreciado em Lassa pela sua habilidade e rectidão.

Entretanto os criados anunciaram-nos e fomos conduzidos ao primeiro andar do edifício. O Chefe da Legação Britânica, o Sr. Hopkinson, cumprimentou-nos cordialmente e convidou-nos para um bom pequeno-almoço inglês que tinha sido preparado na varanda. Parecia que fora há tanto tempo desde a última vez que nos sentáramos em cadeiras confortáveis e víamos mesas decoradas, flores em vasos e livros — um ambiente verdadeiramente europeu. Deixámos a vista passear em silêncio pela sala. Era como se, de alguma forma, tivéssemos regressado a casa. O nosso anfitrião interpretou os nossos pensamentos. Quando nos viu observar os seus livros, ofereceu-se generosamente para nos deixar usar a sua biblioteca. Em breve começámos a conversar livremente. A questão que mais nos preocupava, nomeadamente se ainda nos considerava prisioneiros de guerra, foi tacticamente evitada. Por fim, perguntámos-lhe abertamente se os nossos companheiros ainda estavam atrás do arame farpado. Ele não sabia responder mas prometeu obter informações da Índia. Falou então francamente sobre a nossa situação e dis-se-nos que tinha sido detalhadamente informado da nossa fuga e viagem subsequente; sabia através do governo tibetano que em breve deveríamos ser enviados para a Índia. Esta perspectiva não nos agradava e por isso perguntou-nos se estaríamos interessados em arranjar trabalho em Sikkim. Não escondemos o nosso desejo de permanecer no Tibete, mas dissemos que se isso não fosse possível seria um prazer considerar a sua proposta.

A importância da questão que discutíamos não estragou o nosso apetite, e com o encorajamento do nosso anfitrião fizemos mais do que jus à ótima comida que nos ofereceram. Quando tínhamos terminado achámos que tinha chegado a altura de pedir autorização para enviar notícias às nossas famílias. O nosso anfitrião prometeu tomar as medidas necessárias para que uma mensagem seguisse por intermédio da Cruz Vermelha. Mais tarde foi —nos permitido enviar cartas de vez em quando através da Legação, mas na maioria das vezes tivemos que usar o complicado sistema postal tibetano, enviando as nossas cartas para a fronteira em envelopes duplos, tendo o exterior o carimbo tibetano. Na fronteira tínhamos arranjado uma pessoa que removia o envelope exterior, colocava um selo indiano no envelope interior e punha a carta no correio. Com sorte a carta só demorava quinze dias a chegar à Europa. No Tibete, o correio é transportado por corredores que trabalham por estafetas de seis quilómetros cada. Ao longo de todas as estradas principais há cabanas onde os estafetas aguardam os seus colegas para os substituírem. Os estafetas do correio trazem consigo lanças com campainhas como identificação do seu ofício, e podem, se necessário, ser usadas como armas; as campainhas servem para afugentar os animais selvagens à noite. Os selos são impressos em cinco categorias e estão à venda nos postos de correio. A nossa visita à Legação Britânica aliviou-nos muito. Fomos bem recebidos e tínhamos razões para pensar que os ingleses se apercebiam de que éramos inofensivos.

No regresso, alguns criados disseram-nos que o seu patrão desejava que o visitássemos: quando perguntámos quem era, ficámos a saber que se tratava de um alto funcionário monástico ao serviço do governo, um dos quatro Tríinyi Chemo, em cujas mãos se concentrava toda a autoridade sobre todos os monges do Tibete.

Conduziram-nos a uma enorme e imponente mansão, escrupulosamente limpa e bem tratada. Podia-se comer em cima das pedras do chão. Os criados eram todos monges. Fomos recebidos por um gentil senhor de idade e ofereceram-nos chá e bolos. Após as cortesias habituais encetámos uma conversa e pouco depois ficámos a saber a razão por que o nosso anfitrião estava interessado em nós. Declarou abertamente que o Tibete era um país atrasado e que homens como nós podiam ser muito úteis. Infelizmente, nem toda a gente era da mesma opinião. Contudo, ia ver o que podia ser feito e

dar o seu aval. Entretanto perguntou-nos quais tinham sido as nossas profissões no nosso país e que matérias tínhamos estudado. Ficou particularmente interessado pelo facto de Aufschnaiter ser engenheiro agrícola. No Tibete ninguém era perito nesta área apesar de o campo de acção ser enorme neste país!

No dia seguinte fizemos visitas oficiais a cada um dos membros do Gabinete de Ministros. Estes homens estavam apenas subordinados ao Regente e representam a suprema autoridade no Tibete. Três deles são dignatários civis e o quarto é um funcionário monástico. Todos eles pertencem às famílias mais nobres e vivem em grande estilo.

Não sabíamos por quem começar. Devíamos ter começado pelo ministro-monge mas resolvemos contornar o protocolo e visitar primeiro o ministro mais novo, Sur-khang, que tinha trinta e dois anos e era considerado mais progressista do que os seus colegas. Contávamos com o aconselhamento e a compreensão de um homem novo.

Recebeu-nos com uma cordialidade franca e imediatamente nos relacionámos bem. Estava surpreendentemente bem informado sobre os acontecimentos no mundo exterior. Ofereceu-nos um jantar principesco e quando nos fomos embora tivemos a sensação de que já nos conhecíamos há anos.

O ministro que visitámos a seguir era Kabshôpa, um cavalheiro corpulento e um pouco presunçoso que nos tratou com uma certa condescendência. Sentámo-nos em duas cadeiras à frente do seu confortável trono e tentou impressionar-nos com uma enxurrada de frases eloquentes. Pontuava as suas passagens mais importantes com um ruidoso pigarrear, e então um criado avançava apressadamente para lhe oferecer uma cuspidreira em ouro. Cuspir não é uma incorrecção social no Tibete e em todas as mesas são colocadas pequenas cuspidreiras; mas era novo para nós ver uma a ser apresentada por um criado à pessoa que cuspia.

Neste primeiro encontro tivemos dificuldade em fazer um juízo de Kabshôpa. Continuou a conduzir a conversa e submetemo-nos passivamente à sua eloquência, respondendo polidamente e na altura certa às suas boas maneiras. Bebemos a chávena de chá cerimonial de uma forma

exemplar. Como ele não tinha percebido que falávamos tibetano, pediu ao sobrinho que servisse de intérprete. O conhecimento de inglês tinha garantido a este jovem um posto de trabalho no Ministério dos Negócios Estrangeiros e mais tarde frequentemente tratámos de assuntos com ele. Era um exemplo típico da nova geração. Estudara na Índia e tinha imensos planos para reformar o Tibete, embora ainda não se tivesse aventurado a defender as suas teorias na presença dos monges conservadores. Uma ocasião, quando estávamos sozinhos, comentou que Aufs-chnaiter e eu deveríamos ter vindo para o Tibete alguns anos mais tarde, pois se ele e alguns dos aristocratas mais jovens fossem ministros, haveria imenso trabalho para nós.

O ministro-monge que vivia em Lingkhör, a estrada de peregrinos com oito quilómetros que circunda Lassa, recebeu-nos menos formalmente. Já não era novo e tinha uma bonita e pequena barba branca da qual se orgulhava muito, pois no Tibete a barba é uma raridade. De uma forma geral parecia muito independente e, em contraste com os outros ministros, evitava expressar quaisquer opiniões definitivas. Chamava-se Rampa e era um dos poucos monges com um cargo público que pertencia à aristocracia. A forma como a situação política estava a evoluir devia causar-lhe uma secreta ansiedade. Interessou-se muito pelas nossas opiniões sobre a política russa e disse-nos que as antigas escrituras profetizavam que um grande poder vindo do norte iria dominar o Tibete, destruindo a religião e tornando-se senhor do mundo inteiro.

Por fim visitámos Púnkhang, o mais velho dos quatro ministros, um pequeno homem forçado a usar óculos de lentes grossas por causa da miopia. Isto era algo de invulgar no Tibete, onde os óculos são desaprovados por serem considerados «não-tibetanos. Nenhum funcionário era autorizado a usá-los e esse uso era desencorajado mesmo em casa. O nosso ministro tinha recebido uma autorização especial do Dalai Lama para os usar no escritório. Em cerimónias oficiais a sua miopia deixava-o paralisado. A mulher de Púnkhang estava presente quando ele nos recebeu. É verdade que a sua condição era superior à dela, mas não era preciso ser um grande observador para perceber que era a *madame* quem usava calças. Depois das primeiras palavras de cumprimento Piinkhang mal se

pronunciou, enquanto a sua senhora nos encharcou com um chuveiro de perguntas.

Mais tarde ele mostrou-nos a sua capela doméstica. Era descendente de uma das famílias que tinha gerado um Dalai Lama e orgulhava-se disso. Mostrou-nos uma imagem do Sagrado na sua capela poeirenta e mal iluminada.

Com o decorrer do tempo vim a conhecer os filhos de Piinkhang. O mais velho era governador de Gyantse e casado com uma princesa de Sikkim de descendência tibetana. Ela era mais interessante do que o seu marido, e para além disso era a mulher mais bonita que eu já vi. Possuía o indescritível charme da mulher asiática e a marca da ancestral cultura oriental. Era inteligente, bem educada e totalmente moderna, e tinha sido educada numa das melhores escolas da Índia. Foi a primeira mulher no Tibete a recusar casar-se com o irmão do seu marido por ser contra os seus princípios. Em conversa igualava as mulheres mais inteligentes que se poderia encontrar num salão europeu. Interessava-se por política, cultura e tudo o que acontecia no mundo. Frequentemente falava de igualdade de direitos para as mulheres... mas o Tibete tem um longo caminho a percorrer antes de chegar a esse ponto.

Quando nos despedimos de Piinkhang pedimos-lhe que apoiasse o nosso pedido de autorização para residir no Tibete. Ofereceu-se para fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para nos ajudar, mas nós já estávamos na Ásia há tempo suficiente para saber que ninguém recusava nada abertamente.

De forma a assegurar a nossa posição em todas as frentes, tentámos estabelecer um bom relacionamento com a Legação Chinesa. O secretário geral recebeu-nos com a habitual educação do seu povo, e quando lhe perguntámos sobre a possibilidade de sermos admitidos na China e aí arranjarmos trabalho, prometeu submeter a questão ao seu governo.

Fazíamos tudo o que podíamos para arranjar apoio de todos os lados e convencer as pessoas de que éramos inofensivos. Durante os nossos passeios éramos frequentemente abordados por estranhos que nos faziam perguntas intrigantes. Um dia um chinês tirou-nos uma fotografia. Uma máquina fotográfica em Lassa era algo muito invulgar, e o incidente deu-

nos que pensar. Já tínhamos ouvido dizer que havia pessoas em Lassa que forneciam informações para países estrangeiros. Talvez acreditassem que nós também éramos agentes de uma potência estrangeira. Só os ingleses sabiam como éramos inocentes, pois sabiam de onde tínhamos vindo e estavam em posição de confirmar as nossas afirmações. Outras pessoas, menos bem informadas a nosso respeito, poderiam pensar qualquer coisa. De facto, não tínhamos ambições políticas. Tudo o que pedíamos era abrigo e trabalho até chegar a altura de podermos regressar à Europa.

Entretanto tinha chegado a Primavera e o tempo agradável e quente, embora fosse apenas o princípio de Fevereiro. Lassa fica a sul do Cairo, e a altitudes elevadas os raios solares parecem sensivelmente mais fortes. Sentía-mo-nos muito bem mas faltava-nos uma ocupação permanente. A nossa vida reduzia-se a convites diários e visitas e banquetes que duravam horas, enquanto éramos passados de mão em mão como animais estranhos. Em pouco tempo estávamos fartos desta vida ociosa e ansiávamos por trabalho e desporto. Para além de um pequeno campo de basquetebol, Lassa não tinha infra-estruturas para jogos. Os jovens tibetanos e chineses que o jogavam ficavam muito contentes quando nos oferecíamos para jogar com eles. Também havia duches de água quente na praça, mas um simples duche custava dez rupias — um preço exorbitante se levarmos em conta que uma ovelha não custa mais.

Disseram-nos que há alguns anos atrás existira um campo de futebol na cidade. Havia onze equipas e um campeonato. Um dia, durante uma partida ocorreu uma tempestade de granizo que causou imensos prejuízos, e por causa disso o futebol foi proibido. Talvez o Regente desaprovasse o desporto, muito provavelmente por o considerar uma ameaça à influência da Igreja, pois a população era entusiasta do jogo e muitos monges de Será e Drebung assistiam às partidas. De qualquer forma, a tempestade foi interpretada como um sinal de que os deuses desaprovavam este frívolo desporto, e o futebol foi abolido.

A propósito desta história, perguntámos aos nossos amigos se realmente existiam Lamas que podiam deter tempestades de granizo ou convocar aguaceiros, uma crença fortemente difundida no Tibete. Em todos os campos há torres de pequenas pedras que contêm oferendas de conchas nas

quais queimam incenso quando uma tempestade se aproxima. Na verdade, muitas aldeias têm o seu curandeiro oficial, habitualmente monges que gozam da reputação de terem poderes especiais para controlar as condições atmosféricas. Para executar o seu ritual mágico, sopram em conchas que fazem um som vibrante. Em muitas das aldeias de montanha tocam os sinos da igreja quando uma tempestade se aproxima, e o efeito destas conchas pode ser comparado à vibração dos sinos. Mas é claro que os tibetanos não reconhecem nenhuma explicação física — para eles é tudo mágica e feitiço e diversão dos deuses.

Contaram-nos uma bela história do tempo do décimo terceiro Dalai Lama, que naturalmente tinha o seu feiticeiro da chuva, o feiticeiro mais famoso que já se conheceu. A sua especialidade era proteger o jardim de Verão do Rei Divino das tempestades. Um belo dia uma forte tempestade de granizo assolou o jardim destruindo todas as flores e arruinando a fruta madura. O curandeiro foi convocado à presença do Buda Vivo, que resmungava sentado no seu trono e que ordenou ao apavorado mágico que realizasse um milagre imediatamente, caso contrário seria demitido e castigado. O homem pros-trou-se a seus pés e pediu uma peneira — apenas uma peneira comum. Perguntou então ao Sagrado se ficaria satisfeito se deitasse a água na peneira e ela não vertesse do outro lado. O Dalai Lama assentiu — e a água que foi deitada na peneira não verteu. A reputação do mágico ficou salva e foi autorizado a manter o seu emprego.

Durante todo este tempo dávamos voltas à cabeça para encontrar uma forma de ganhar a vida enquanto estávamos em Lassa. Até à data éramos tratados com toda a generosidade, recebendo encomendas de *tsampa*, farinha, manteiga e chá. Uma agradável surpresa foi receber 500 rupias do sobrinho de Kabshõpa como oferta do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Na nossa carta de agradecimento dissemos que estávamos preparados para trabalhar para o governo em troca de alimentação e alojamento.

Há três semanas que usufruíamos da hospitalidade de Thangme. Agora o abastado Tsarong convidava-nos a ficar com ele e aceitámos com gratidão. Thangme tinha quatro filhos e precisava do nosso quarto. Tinha-nos tirado da rua quando éramos pobres vagabundos e provara ser um bom amigo.

Nunca esqueceremos a sua bondade. Por altura do Ano Novo foi o primeiro a receber *écharpes* brancas da nossa parte; e mais tarde, quando eu já tinha a minha casa, era um convidado habitual das minhas festas de Natal.

Em casa de Tsarong deram-nos um amplo quarto com mobiliário europeu, uma mesa, poltronas, camas e luxuosas carpetes. Na porta ao lado tínhamos um pequeno quarto para nos lavarmos. Também encontrámos algo cuja falta sentíamos muito — uma retrete para alívio da natureza. Neste aspecto os habitantes do Tibete são descontraídos ao máximo e qualquer lugar é considerado uma latrina apropriada.

Tsarong podia dar-se ao luxo de ter vários cozinheiros. O seu *chef* tinha trabalhado vários anos no melhor hotel de Calcutá e entendia de culinária europeia. As suas carnes assadas eram maravilhosas e para além disso era um excelente pasteleiro. Um dos outros cozinheiros tinha sido enviado para a China e voltara com um repertório de pratos chineses. Tsarong gostava de impressionar os seus convidados com iguarias desconhecidas. Ficámos surpreendidos ao reparar que nas melhores casas as mulheres nunca eram cozinheiras — apenas ajudantes.

O horário das refeições no Tibete não é bem como o nosso. De manhã cedo bebe-se chá tibetano e muito mais vezes ao longo do dia. Ouvi falar em pessoas que bebiam duzentas chávenas num só dia, mas será um exagero. Há duas refeições principais durante o dia, uma às dez da manhã e outra ao fim da tarde. A primeira compõe-se de um prato de *tsampa* e alguns acompanhamentos, e tomávamo-la juntos no nosso quarto. Para a refeição da noite éramos geralmente convidados a juntar-nos ao nosso anfitrião. A família toda sentava-se à volta de uma mesa grande e eram servidos muitos pratos; esta refeição era o principal momento do dia, durante o qual toda a gente se reunia e discutia os acontecimentos do dia.

Depois do jantar sentávamo-nos todos na sala de estar, que com os seus numerosos tapetes, armários e estatuetas parecia atravancada. Fumávamos cigarros e bebíamos cerveja. Também tínhamos oportunidade de admirar as aquisições mais recentes do nosso anfitrião, pois comprava sempre algo de novo. Tinha um maravilhoso tran-sístor portátil que captava todas as estações do mundo. A sintonia era excelente, pois no «tecto do mundo» não existe interferência atmosférica. Depois havia os últimos discos para ouvir,

uma máquina de filmar para inspeccionar, um novo aparelho que ampliava fotografias, e uma noite desembulhou um teodolito! Tsarong estava perfeitamente familiarizado com todos estes instrumentos. Suponho que tinha mais passatempos do que qualquer outra pessoa na cidade. Não poderíamos ter desejado um melhor lar do que a sua casa. Coleccionava selos e mantinha correspondência com gente de todas as partes do mundo — o seu filho sabia inglês e ajudava-o nesta tarefa; possuía também uma biblioteca bem seleccionada, incluindo uma esplêndida colecção de livros ocidentais, muitos dos quais eram ofertas, pois todo o europeu que vinha a Lassa ficava em sua casa e a maioria deles deixava livros como recordação da sua visita.

Tsarong era um homem extraordinário. Tinha-se empenhado constantemente em introduzir reformas, e sempre que o governo se deparava com um problema importante era chamado para dar o seu parecer. Era responsável pela única ponte de ferro do país, que mandara construir na Índia, sendo transportada peça por peça para o Tibete por iaques e carregadores. Tsarong era um vencedor da mais moderna estirpe e a sua habilidade teria feito dele uma personalidade de destaque mesmo nos países ocidentais.

O seu filho George — tinha mantido o seu nome da escola indiana — seguia os passos do pai. No nosso primeiro encontro tínhamos ficado impressionados com o seu conhecimento e variedade de interesses. Nesta altura a sua paixão era a fotografia e o seu trabalho merecia ser apreciado. Certa noite surpreendeu-nos com um filme a cores feito por ele. Estava tão bem realizado e tão pouco ruidoso que à primeira vista parecia que estávamos num cinema de primeira classe. Contudo, depois ocorreram problemas com o motor e a bobina, que Aufschnaiter e eu ajudámos a consertar.

Os nossos jantares com Tsarong e os livros que ele e a Legação Britânica nos emprestavam constituíam a nossa única forma de entretenimento nocturno. Em Lassa, não havia cinemas ou teatros, nem sequer hotéis ou bares. A vida social estava reduzida às casas particulares.

Passávamos os dias a recolher impressões, pois receávamos ter de partir antes de ter visto tudo. Não havia motivos para apreensão, mas achávamos

que não poderíamos contar com o apoio dos nossos amigos no caso de haver problemas, pois já tinham feito muito por nós. Tínhamos ouvido várias vezes uma história que soava como um aviso. Um professor inglês tinha sido convidado pelo governo para criar em Lassa uma escola do tipo europeu e tinha assinado um contrato a longo prazo. Ao fim de seis meses fez as malas e foi-se embora. Os monges reaccionários conseguiram minar a sua tarefa.

Continuámos a retribuir visitas diariamente — muita gente tinha-nos visitado — e assim adquirimos um bom conhecimento da vida doméstica dos tibetanos. Havia um aspecto em que podíamos comparar favoravelmente os habitantes de Lassa com os das nossas cidades: tinham sempre tempo.

O Tibete ainda não foi contaminado pela pior doença da vida moderna, a pressa constante. Aqui ninguém faz horas extras e os funcionários têm uma vida calma. Chegam ao escritório a meio da manhã e regressam a casa a meio da tarde. Se um funcionário tem visitas ou outra razão para não ir trabalhar, simplesmente manda um criado ter com um colega e pede-lhe para o substituir.

As mulheres nada sabem sobre igualdade de direitos e estão perfeitamente felizes assim. Passam horas a maqui-lhar-se, a apertar os seus colares de pérolas, a escolher um novo tecido para vestidos e a pensar como ofuscar as outras na próxima festa. Não têm que preocupar-se com as tarefas domésticas, todas feitas por criados. Mas para mostrar que são as senhoras da casa, trazem sempre um enorme molho de chaves (em Lassa qualquer bugiganga é guardada e fechada a sete chaves).

Depois há o *mdh-jong*¹, que em tempos foi uma paixão universal. As pessoas estavam simplesmente fascinadas e jogavam dia e noite, negligenciando tudo o mais — deveres oficiais, tarefas domésticas e família. As apostas eram

frequentemente muito altas e toda a gente jogava — até os criados, que por vezes perdiam em poucas horas as quantias que tinham levado anos a amealhar. Por fim o governo achou que era demais. Proibiu o jogo, comprou todos os conjuntos de *mah-jong* e impôs pesadas multas e

trabalhos forçados aos infractores. E conseguiram erradicá-lo! Para meu espanto, embora toda a gente resmungasse e ansiasse por jogar novamente, respeitaram a proibição. Depois do *mah-jong* ter sido abolido, gradualmente tornou-se evidente como tudo o mais tinha sido negligenciado durante a epidemia. Aos sábados — o dia de descanso — as pessoas jogavam agora xadrez ou *balma*² ou ocupavam-se inofensivamente com jogos de palavras ou *puzzles*.

A 16 de Fevereiro fez precisamente um mês desde a nossa chegada a Lassa. O nosso destino ainda estava por decidir: não tínhamos trabalho e preocupávamo-nos com o nosso futuro. Nesse mesmo dia Kabshôpa veio ter connosco com um olhar muito solene, como enviado do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Pela sua expressão pressentimos que trazia más notícias. Disse-nos que o governo não aprovava a nossa permanência no Tibete e que deveríamos seguir prontamente para a Índia. No nosso íntimo sempre tivéramos consciência dessa possibilidade mas ficávamos desconcertados com a realidade. Começámos a protestar, mas Kabshôpa encolheu os ombros e disse-nos que deveríamos fazê-lo a um nível mais elevado.

A nossa reacção a esta pesarosa notícia foi recolher todos os mapas do Tibete Oriental que conseguimos encontrar em Lassa. De noite dedicámo-nos a traçar uma rota e a fazer planos. Duma coisa tínhamos a certeza — arame farpado outra vez, não! Preferíamos fugir e tentar a nossa sorte na China. Tínhamos algum dinheiro e estávamos bem equipados. Não seria difícil conseguir mantimentos. Mas eu tinha que pensar na minha ciática, que não estava a melhorar. Aufschneider já tinha chamado o médico da Legação Britânica para me examinar, que me receitara alguns medicamentos e aplicara umas injeções, mas não tinham surtido efeito. Será que esta maldita doença ia arruinar os nossos planos? Sentia-me desesperado.

No dia seguinte, desalentado como estava, arrastei-me até à casa dos pais do Dalai Lama. Pensámos que a sua intervenção poderia ajudar-nos. A «Grande Mãe e Lobsang Samten prometeram contar toda a história ao jovem Rei Divino e tinham a certeza de que ele iria interceder a nosso favor. Embora o jovem Dalai Lama ainda não tivesse quaisquer poderes

executivos, a sua boa vontade certamente iria ser-nos útil. Entretanto, Aufschnaiter contactava os nossos conhecimentos com o objectivo de pôr a engrenagem a funcionar. E para que nenhuma precaução fosse descurada, compusemos uma petição em inglês na qual enumerámos todos os argumentos favoráveis à autorização da nossa permanência no Tibete.

O destino parecia conspirar contra nós pois subitamente a minha ciática piorou tanto que eu não podia mexer-me. Tinha imensas dores e tive que permanecer na cama, enquanto Aufschnaiter corria pela cidade até criar calos nos pés.

A 21 de Fevereiro apareceram alguns soldados à nossa porta e disseram-nos para fazermos as malas pois tinham ordens para nos escoltar até à Índia. Deveríamos partir na manhã seguinte. Isto parecia ser o fim de tudo, mas como poderia eu viajar? Não conseguia sequer caminhar até à janela, como tentei demonstrar ao tenente, cujo rosto mostrava uma expressão de impotência. Como todos os soldados, ele tinha que obedecer a ordens e não estava qualificado para receber explicações. Fazendo um esforço para compor-me, pedi-lhe para explicar ao seu superior que eu não poderia sair de Lassa a menos que fosse transportado. Os soldados foram-se embora.

Recorremos imediatamente à ajuda e aos conselhos de Tsarong, mas ele não tinha nada de novo para nós. Dis-se-nos que não se podia contrariar uma ordem do governo. Sozinhos no nosso quarto, amaldiçoámos a minha ciática. Se eu estivesse em forma nada nos impediria de escapar e teríamos partido nessa mesma noite. Preferíamos o sofrimento e o perigo aos mais confortáveis aposentos atrás do arame farpado. Como estava impossibilitado de caminhar decidi amargamente adoptar uma atitude de resistência passiva.

Mas na manhã seguinte não aconteceu nada — os soldados não vieram nem houve notícias. Ansiosos, pedimos a presença de Kabshôpa, que veio pessoalmente e parecia embaraçado. Aufschnaiter explicou como eu estava doente e começou a discutir o problema. «Não seria possível, disse ele, com uma expressão séria, «chegar a um acordo?».

Entretanto, começámos a suspeitar de que os ingleses estavam por trás desta história, tendo pedido ao Tibete para nos extraditar.

Compreendíamos que o Tibete era uma nação pequena e que era do seu interesse manter um bom relacionamento com os seus vizinhos. Para quê arriscar um desentendimento com a Inglaterra por causa de um assunto tão insignificante como um par de alemães prisioneiros de guerra? Assim, Aufschnaiter propôs que o médico inglês, presentemente Secretário Geral da Legação, emitisse um atestado sobre a minha condição. Kabshôpa aceitou a sugestão com tanta prontidão que nós, com uma troca de olhares, tivemos a certeza de que as nossas suspeitas eram justificadas.

O médico visitou-me no decorrer do dia e informou—me que o governo deixara a seu cargo a decisão relativa à data da nossa partida. Aplicou-me injeções que não melhoraram nada. Recebi mais conforto do presente que Tsa-rong me deu, alguma lâ termogénea.

Agora dedicava-me a superar a minha doença, pois não deveria atrapalhar mais os nossos planos. Exercendo toda a minha força de vontade, forcei-me a mim próprio a fazer exercícios todos os dias. Um Lama tinha-me recomendado que rolasse um pau para trás e para a frente com as plantas dos pés. Fazia isto durante horas todos os dias, sentado numa cadeira. O exercício era extremamente doloroso, mas a minha condição melhorou gradualmente e conseguia ir até ao jardim e aquecer-me, como um velho, ao sol da Primavera.

Estávamos agora em plena Primavera. Março tinha começado e no dia quatro iniciou-se o Festival do Ano Novo — a maior das festas tibetanas, que dura semanas. Ai! Eu não poderia participar. Ouvia à distância os tambores e os trombones e pela excitação que reinava na casa via como tudo isto era importante. Tsarong e o seu filho vinham visitar-me todos os dias e exhibir os seus esplêndidos robes novos de seda e brocados. Aufschnaiter, claro, ia a toda a parte e à noite contava-me tudo.

Este era o «Ano do Cão de Fogo. A 4 de Março (ou numa data próxima, já que o Ano Novo tibetano é flexível, à semelhança da nossa Páscoa) o Magistrado da Cidade entrega a sua autoridade aos monges — simbolizando a devolução do ofício pelo poder secular à religião, a quem originalmente pertencia. Isto marca o princípio de um rígido e formidável regime. Para começar, toda a cidade é limpa e durante esta época Lassa é famosa pelo seu asseio — o que não é habitual. Simultaneamente é

proclamada uma espécie de trégua civil. Todos os conflitos param. Os escritórios públicos são encerrados, mas o comércio de rua torna-se mais animado do que nunca, excepto durante as procissões do festival. Crimes e outras ofensas, incluindo o jogo, são punidos com especial severidade. Os monges são juízes implacáveis e estão acostumados a infligir açoites assustadores que ocasionalmente provocam a morte da vítima (embora seja verdade que o Regente intervém em tais casos punindo os responsáveis).

Nós parecíamos ter sido esquecidos no meio de todas estas celebrações e tínhamos cuidado para não atrair as atenções. O governo provavelmente estava satisfeito com a declaração do médico inglês sobre a minha impossibilidade de viajar. Estávamos a ganhar um tempo precioso. O ideal seria eu recuperar e então talvez pudéssemos concretizar a nossa fuga para a China.

Tomava banhos de sol no jardim dia após dia e apreciava o calor que aumentava, por isso foi ainda maior a minha surpresa quando uma manhã acordei e deparei com toda a verdura da Primavera mergulhada em neve. Nesta altura do ano é muito raro cair neve em Lassa, que se situa tão profundamente no coração da Ásia que as depressões atmosféricas raramente a atingem. Mesmo durante o Inverno a neve não dura por muito tempo. Nesta ocasião, derreteu pouco depois. De certa forma foi conveniente, pois ao transformar a areia e o pó em lama minimizou os incómodos causados pela tempestade de areia que se seguiu.

Estas tempestades ocorrem regularmente na Primavera e continuam por um período de aproximadamente dois meses. Geralmente atingem a cidade ao princípio da tarde. É possível observar a sua aproximação a uma rapidez incrível, envoltas numa enorme nuvem preta. O Palácio Pota-la desaparece e imediatamente toda a gente foge para casa. A vida nas ruas pára, as janelas rangem, e os animais nos campos resignadamente viram as caudas contra o vento e esperam pacientemente até poderem recomeçar a pastar. Os inúmeros cães vadios amontoam-se nas esquinas. (Habitualmente não são tão pacíficos. Um dia Aufschneider voltou para casa com o capote rasgado — tinha sido atacado por cães, que tinham matado e devorado um cavalo ainda moribundo; a matilha já tinha provado sangue.)

O período das tempestades de areia é a altura mais desagradável do ano. Mesmo dentro de um quarto fica-se cheio de areia entre os dentes pois não há janelas duplas em Lassa. A única consolação que se obtém destas tempestades primaveris é saber que o Inverno realmente acabou. Todos os jardineiros sabem que daí em diante já não têm que temer mais geada. Nesta época, os prados ao longo dos canais recebem a sua primeira camada de verde e o «cabelo de Buda começa a florescer. É assim que chamam ao famoso salgueiro chorão junto ao portão da catedral. Na Primavera, os ramos delgados e pendentes com delicadas flores amarelas dão verdadeiro significado a este nome poético.

Assim que pude começar a coxear novamente pelas redondezas estava ansioso por me tornar útil de qualquer forma. Tsarong tinha plantado centenas de pequenas árvores de fruta no seu jardim. Todas elas tinham crescido e até agora não tinham dado fruto. Acompanhado por Geor-ge (o filho do meu anfitrião), agora dedicava-me a enxertá-las sistematicamente. Isto deu à família novos motivos para risota. No Tibete, a prática de enxerto é quase desconhecida e não existe uma palavra para a descrever. Chamam-lhe «casamento e acham tudo muito divertido.

Os tibetanos são um povo feliz cheio de um humor infantil. Ficam gratos por qualquer oportunidade para rir. Se alguém tropeça ou escorrega é motivo para riso durante horas. O prazer com o azar dos outros é quase universal mas, de alguma forma, não é mal intencionado. Satirizam tudo e todos. Como não têm jornais, veiculam o seu criticismo sobre acontecimentos inconvenientes ou pessoas reprováveis através de canções e sátiras. Rapazes e raparigas passeiam ao longo da Barkhor à noite cantando os seus versos. Mesmo as mais destacadas personagens têm que estar preparadas para serem feitas em bocados. Às vezes o governo proscree uma cantiga em particular, mas ninguém é punido por a cantar. Deixa de ser cantada em público mas passa a ser ainda mais ouvida em particular.

A Barkhor é mais frequentada no Ano Novo. Esta rua forma um círculo à volta da Catedral e é aí que está concentrada a maior parte da vida da cidade e muitas das grandes casas comerciais; é aqui que começam e acabam todas as procissões militares e religiosa. Ao anoitecer, especialmente nos feriados nacionais, cidadãos devotos enchem a Barkhor murmurando as suas preces,

e muitos dos fiéis cobrem toda a sua distância de rastos. Mas nem só a religiosidade está representada na Barkhor. Também se encontram bonitas mulheres exibindo os seus vestidos e namoriscando com a jovem nobreza. Damas de vida fácil também lá estão a título profissional.

Em suma, a rua Barkhor é um centro de negócios, sociabilidade e futilidade.

A 15 do primeiro mês tibetano eu já tinha melhorado tanto que também podia participar nas festividades. Nesse dia realiza-se uma imponente procissão na qual o Dalai Lama participa. Tsarong tinha-nos prometido uma janela numa das suas casas com vista para a Barkhor. Os nossos lugares eram no rés-do-chão pois ninguém é autorizado a ficar a um nível superior ao das cabeças dos nobres, que marcham a passos regulares ao longo da rua. Nenhuma casa em Lassa pode ter mais de dois andares pois é blasfémia competir com a Catedral ou o Potala. Esta regra é estritamente observada e as cabanas de madeira — facilmente desmontáveis — que alguns nobres montam nos telhados planos das suas casas durante o Verão desaparecem como que por magia quando o Dalai Lama ou o Regente participam numa procissão.

Enquanto a multidão vivamente colorida passava pelas ruas, sentámo-nos à janela com a Sra. Tsarong, uma simpática senhora idosa que sempre nos tinha acarinhado. Estávamos muito contentes com a sua companhia neste ambiente completamente estranho e a sua voz familiar e amiga explicava-nos todas as novidades com que os nossos olhos se deparavam.

Vimos uns estranhos objectos com aspecto de estruturas que se erguiam do chão a uma altura de nove metros ou mais. Disse-nos que era para as imagens de manteiga. Pouco depois do pôr-do-sol traziam estas obras de arte feitas em manteiga pelos monges. Existem departamentos nos mosteiros onde monges particularmente talentosos, verdadeiros artistas na sua especialidade, amassam e modelam imagens em manteiga de diferentes cores. Este trabalho, que exige uma paciência inesgotável, frequentemente é feito em delicada filigrana. Há uma competição na produção destas obras-primas de uma só noite, pois o governo atribui um prémio à melhor. Por muitos anos o templo de Gyu tem sido o vencedor. Em breve, a fachada da rua Barkhor estaria encoberta por estas pirâmides de manteiga alegremente

coloridas. À sua frente seguia uma interminável multidão e nós interrogávamo-nos se conseguiríamos ver alguma coisa. Começava a escurecer quando os regimentos de Lassa iniciaram a sua marcha ao som de clarins e tambores. Alinharam-se ao longo da rua e pressionaram os espectadores contra as casas para deixar o caminho livre.

A noite caiu rapidamente, mas logo o cenário foi brilhantemente iluminado por inúmeras luzes. Havia milhares de lamparinas de manteiga que tremeluziam e alguns candeeiros a petróleo com o seu assustador clarão de luz. A lua surgiu sobre os telhados para iluminar ainda melhor os acontecimentos. Os meses no Tibete são lunares e por isso era lua cheia no dia 15. Tudo estava pronto: o palco estava preparado e o grande festival já podia começar. As vozes da multidão silenciaram-se com a expectativa. O grande momento tinha chegado.

As portas da Catedral abriram-se e o jovem Rei Divino saiu acompanhado à direita e à esquerda por dois abades. O povo curvou-se em adoração; de acordo com o cerimonial deveriam prostrar-se, mas hoje não havia espaço. A medida que ele se aproximava, curvavam-se como um campo de milho perante a força do vento. Ninguém se atrevia a olhar. Com passos regulares, o Dalai Lama começou o seu solene circuito pela Barkhor. De vez em quando parava diante das imagens de manteiga e admirava-as. Era seguido por um brilhante séquito de altos dignatários e nobres. A seguir vinham os funcionários por ordem de importância. Reconhecemos o nosso amigo Tsarong, que seguia de perto atrás do Dalai Lama. Como todos os nobres, levava na mão incenso a arder.

A multidão mantinha-se silenciosa em sinal de respeito. Apenas a música dos monges se fazia ouvir — os oboés, as tubas e os tamboretes. Era como uma visão de outro mundo, um acontecimento estranho e irreal. Sob a luz amarela das lamparinas bruxuleantes as grandes imagens de manteiga moldada pareciam ganhar vida. Imaginamos ver estranhas flores atiradas pela brisa sobre as suas cabeças e julgámos ouvir o roçar dos robes dos deuses. Os rostos destas portentosas imagens estavam distorcidos num esgar demoníaco. Então o Deus levantou a mão numa bênção.

Agora o Buda Vivo aproximava-se. Passou muito perto da nossa janela. As mulheres vergaram-se numa profunda vénia e mal se atreviam a respirar.

A multidão estava paralisada. Profundamente comovidos, escondemo-nos atrás das mulheres como que para nos protegemos de ser arrastados para o círculo mágico deste Poder.

Repetíamos para nós próprios: «É apenas uma criança. Uma criança, de facto, mas o coração da fé concentrada de milhares, a essência das suas orações, das suas aspirações e esperanças. Seja em Lassa ou em Roma, todos são unidos por um só desejo: encontrar Deus e servi-Lo. Fechei os olhos e concentrei-me nas orações murmuradas, na música solene e no doce incenso que se elevava em direcção ao céu nocturno.

Pouco depois o Dalai Lama tinha completado o seu passeio pela Barkhor e desaparecia no interior do Tsug Lag Khang. Os soldados afastaram-se marchando ao som das bandas.

Como se tivessem acordado de um sono hipnótico, os milhares de espectadores passaram da ordem ao caos. A transição foi incrivelmente súbita. A multidão começou aos gritos e a gesticular freneticamente. Há um momento atrás estavam a chorar e a rezar ou mergulhados numa meditação estática, e agora formavam um tropel de loucos. Os monges-guardas entraram em acção. São uns tipos enormes com os ombros almofadados e as caras pintadas de preto para os tornar mais terríveis. Faziam estalar os seus chicotes mas a população espreme-se freneticamente à volta das estátuas de manteiga, que agora corriam o risco de cair. Mesmo aqueles que já tinham apanhado voltavam para a barafunda. Poderia pensar-se que estavam possuídos por demónios. Seriam realmente as mesmas pessoas que ainda agora se curvavam humildemente perante uma criança?

Na manhã seguinte as ruas estavam desertas. As imagens de manteiga tinham sido levadas e não restavam quaisquer vestígios da reverência ou da euforia da noite anterior. Barracas do mercado ocupavam agora o lugar dos palanques que tinham carregado as estátuas. As brilhantes e coloridas imagens dos santos tinham derretido e seriam usadas como combustível para candeeiros ou transformadas em remédios mágicos.

¹ Jogo chinês para quatro jogadores, que consiste em movimentar pequenas peças pintadas de madeira, osso ou outros materiais. Um conjunto completo contém 152 peças divididas em 7 séries. Depois de misturadas as peças, cada jogador constrói um pequeno muro com duas filas de altura com a face das peças para baixo e todos juntam as suas peças para formar um quadrado. O objectivo é obter combinações (uma série de 4 peças idênticas). O primeiro a conseguir essas combinações ganha e os outros jogadores pagam-lhe de acordo com o valor das peças reunidas.

² Jogo para o qual se utiliza um tabuleiro com 256 casas.

9 ASILO CONCEDIDO

Os nossos primeiros empregos — Desportos atléticos diante dos portões de Lassa — Uma população mista — Finalmente permitem-nos ficar.

Muitas pessoas vieram visitar-nos. Os tibetanos vinham de todos os lados para assistirem ao Festival do Ano Novo em Lassa, entre eles muitas pessoas que tínhamos conhecido durante a nossa viagem. Não era difícil encontrarem-nos pois ainda éramos muito falados e qualquer criança sabia onde morávamos. Alguns trouxeram-nos presentes de carne seca, que é muito apreciada em Lassa. Ficámos também a saber que as autoridades cujos distritos tínhamos atravessado tinham sido severamente censuradas pelo governo. Deprimia-nos pensar que pessoas que nos tinham recebido tão amigavelmente tenham sofrido consequências tão desagradáveis por nossa causa. Mas parecia que não tinham ressentimentos contra nós. Encontrámos um Pônpo que tínhamos ludibriado com o nosso velho salvo-conduto e ele apenas se riu e parecia contente em nos rever.

As celebrações do Ano Novo não decorreram sem contratempos pois ocorreu um acidente na Barkhor que atraiu muita atenção.

Todos os anos são erguidos altíssimos mastros de bandeira feitos de pesados troncos encaixados uns nos outros. Estes troncos são trazidos de lugares distantes e transportá-los para Lassa é uma manobra complicada. E

tudo feito de uma forma muito primitiva, e fiquei indignado quando vi, pela primeira vez, uma procissão destas a chegar. Fez-me lembrar os barqueiros do Volga. Cerca de vinte homens arrastam um tronco atado à cintura por cordas. Cantam uma toada monótona à medida que avançam, mantendo o passo acertado uns com os outros. Transpiram e ofegam, mas o capataz, que orchestra o coro, não lhes dá pausa para descanso. Este trabalho forçado é em parte uma substituição para o pagamento de impostos. Os carregadores são seleccionados nas aldeias ao longo da estrada e são dispensados quando chegam à próxima localidade. Os monótonos cânticos supostamente distraem as suas mentes da dureza da tarefa. Fariam melhor se poupassem o fôlego. A espécie de resignação fatalista com que se entregam a esta árdua labuta costumava enfurecer-me. Como filho da era moderna, eu não conseguia entender por que razão o povo do Tibete se opunha tão rigidamente a qualquer forma de progresso. Haveria de certeza melhor maneira de transportar estes fardos do que manualmente. Os chineses tinham inventado a roda e usavam-na há milhares de anos. Mas os tibetanos não queriam nada disso, embora o seu emprego tivesse representado um enorme impulso para o comércio e para o transporte e melhorado de uma forma geral o nível de vida em todo o país.

Mais tarde, quando eu estava envolvido em trabalhos de irrigação, fiz várias descobertas que reforçaram a minha convicção de que os tibetanos tinham conhecido e usado a roda há muitos séculos atrás. Desenterrámos centenas de grandes blocos de pedra do tamanho de guarda-fatos e que só poderiam ter sido trazidos mecanicamente das remotas pedreiras de onde tinham sido talhados. Quando os meus trabalhadores queriam deslocar um destes blocos de um lado para outro, tinham primeiro que o partir em oito pedaços.

Cada vez mais me convencia de que os dias grandiosos do Tibete pertenciam ao passado. Existe um obelisco datado de 763 d.C. e que confirma a minha teoria, pois regista o facto de nesse ano os exércitos tibetanos terem marchado até aos portões da capital chinesa e aí terem ditado aos chineses os termos de paz, que incluíam um tributo anual de cinquenta mil fardos de seda.

E há também o Palácio Potala, que deve datar da época áurea do Tibete. Hoje em dia ninguém pensaria em erigir um edifício daqueles. Uma vez perguntei a um pedreiro que estava a trabalhar para mim por que já não se construíam tais edifícios. Respondeu indignado que o Potala era trabalho manual dos deuses. O homem nunca teria conseguido realizar nada parecido. Espíritos bons e seres sobrenaturais tinham trabalhado de noite neste maravilhoso templo. Esta opinião era mais um sintoma da indiferença ao progresso e à ambição que caracterizava a atitude dos homens que arrastavam os troncos.

Quando os troncos chegam a Lassa, são atados uns aos outros com tiras de couro de iaque para formar um grosso mastro com quase vinte metros de altura. Pregam ao mastro uma enorme bandeira com orações inscritas que se estende desde o topo até à base. Nesta ocasião, os troncos que compunham o mastro eram provavelmente muito pesados para as tiras de couro pois soltaram-se e esmagaram mortalmente três pessoas e feriram várias outras. O Tibete inteiro interpretou o acidente como um mau presságio e o povo profetizou um futuro negro para o país, desde catástrofes, terremotos ou cheias. Os homens falavam de guerra e olhavam significativamente em direcção à China. Todos, mesmo aqueles que tinham tido uma educação inglesa, eram presas da superstição.

No entanto, não levaram os homens feridos neste acidente aos seus Lamas, mas à Legação Britânica, onde havia um hospital com um determinado número de camas para tibetanos. O médico inglês tinha imenso trabalho. Todas as manhãs havia uma fila de clientes aguardando à sua porta, e à tarde visitava os seus pacientes na cidade. Os monges toleravam em silêncio esta intrusão no seu território. Dificilmente poderiam agir de outra forma, porque era impossível ignorar o sucesso do médico.

A política do governo em relação à medicina é um capítulo obscuro na história do Tibete moderno. Os médicos das missões britânica e chinesa eram os únicos qualificados para uma população de três milhões e meio. O Tibete seria um rico campo de actividade para os médicos, mas o governo nunca consentiu que os estrangeiros exercessem. O poder estava todo nas mãos dos monges, que criticavam até funcionários do governo quando estes chamavam médico inglês.

Foi um ótimo presságio para o nosso futuro quando um alto funcionário monástico convocou Aufschnaiter e o encarregou de construir um canal de irrigação. Não tínhamos palavras para expressar a nossa alegria! Era o nosso primeiro passo para uma vida estável em Lassa e eram os monges que nos davam a mão.

Aufschnaiter começou imediatamente a trabalhar nas suas medições. Eu queria ajudá-lo já que ele não tinha um assistente treinado, e por isso dirigi-me ao seu local de trabalho em Lingkhör. Aguardava-nos uma cena indescritível: centenas, não, milhares de monges vestidos com os seus hábitos vermelhos estavam agachados a fazerem algo para o qual a privacidade é geralmente considerada essencial. Prosseguimos obstinadamente com o nosso trabalho sem olhar para a direita nem para a esquerda, mas prometemos a nós próprios sair daquela vizinhança o mais rapidamente possível.

Aufschnaiter fez bons progressos e em duas semanas estava pronto para começar a escavar. Foram postos à sua disposição cento e cinquenta trabalhadores e começámos a sentirmo-nos como empreiteiros importantes. Mas ainda nos faltava aprender os métodos de trabalho praticados neste país.

Entretanto eu também tinha arranjado um trabalho. Ainda estava inválido, e o jardim de Tsarong era o melhor lugar para um homem nas minhas condições; mas eu estava sempre a pensar no que poderia fazer para o tornar mais bonito. Então tive uma inspiração. Ia fazer um chafariz.

Tirei medidas e fiz desenhos e em breve tinha preparado uma bela planta. Tsarong estava entusiástico. Escolheu os trabalhadores que iriam ajudar-me, e eu sentava-me confortavelmente ao sol e dirigia a minha equipa. Em pouco tempo instalaram os tubos subterrâneos e escavaram um tanque. Tsarong insistiu em ajudar pessoalmente na cimentação. Desde a montagem da famosa ponte de ferro que ele se tornara numa autoridade em cimento armado. Em seguida tivemos que construir uma cisterna no telhado da casa para abastecer o chafariz com água. Era um trabalho bastante pesado bombear a água para a cisterna, mas fiz da necessidade uma virtude e usei a bomba manual para treinar os músculos.

Por fim o grande momento chegou e pela primeira vez um jacto de água, da altura da casa, esguichou do chafariz. Ficámos todos contentes como crianças. Este era o único repuxo no Tibete e de agora em diante era *apièce de résistance* das festas no jardim de Tsarong.

Novas impressões e uma invulgar actividade quase nos fizeram esquecer as nossas preocupações. Um dia Thangme trouxe-nos um jornal em tibetano e mostrou-nos um artigo a nosso respeito, que relatava com um espírito solidário como tínhamos rompido as barreiras montanhosas e alcançado Lassa; e como agora pedíamos a protecção deste piedoso país neutro. Achámos que estas linhas amigáveis só poderiam ter uma influência favorável na opinião pública e esperávamos que pudessem dar alguma força à nossa petição. E verdade que o jornal em questão teria tido muito pouco impacto na Europa. Circulava uma vez por mês e era publicado em Kalimpong, na Índia. A sua tiragem não excedia os quinhentos exemplares, mas era amplamente divulgado em certos círculos de Lassa e eram enviadas cópias individuais aos tibetólogos espalhados pelo mundo.

As celebrações do Ano Novo ainda não tinham acabado, apesar de já se terem realizado as principais cerimónias. Agora aproximava-se a concentração atlética na Bar-khor diante do Tsug Lag Khang. Como já tinha sido atleta, estava particularmente interessado e todos os dias ao nascer do sol já me encontrava nos jogos que começavam de manhã cedo. Conseguimos assegurar lugares numa janela do segundo andar da Legação Chinesa, donde assistíamos bem escondidos atrás de uma cortina, pois era a única forma de contornar a ordem que proibia que alguém se sentasse acima do nível do chão na presença do Regente, que ficava instalado por trás de uma cortina de musselina no primeiro andar do Tsug Lag Khang. Os quatro ministros do Gabinete assistiam das janelas.

Os primeiros eventos foram combates de luta livre. Eu não conseguia determinar se os métodos dos lutadores se assemelhavam mais à luta greco-romana ou ao estilo apa-nha-quem-puder. Obviamente tinham as suas regras. Aqui aplicava-se uma falta cada vez que qualquer parte do corpo sem ser os pés tocasse no chão. Não existem listas de concorrentes nem quaisquer avisos preliminares. Esten-de-se um tapete de feltro e homens saídos da multidão confrontam-se. Os lutadores usam apenas uma tanga e

tremem com o ar frio da manhã. São indivíduos musculosos e bem constituídos. Pavoneiam-se em redor dos seus adversários com bizarros gestos de mímica e assumem um ar de coragem arrogante. Mas não têm noção da arte da luta livre e seriam facilmente derrotados por um verdadeiro lutador. Os assaltos acabam rapidamente e um novo par entra em cena. Nunca parece haver um verdadeiro esforço para vencer. Os vencedores não recebem nenhuma distinção especial, mas vencedores e perdedores recebem *écharpes* brancas. Fazem uma vénia ao Põnpo, que lhes entrega as *écharpes* com um sorriso benevolente, e prostram-se no chão três vezes em honra do Regente, regressando para o seio da multidão na melhor das camaradagens.

A seguir teve lugar uma competição de levantamento de pesos. O peso é uma pedra lisa e pesada, que já deve ter participado em centenas de festivais do Ano Novo. Tem que ser levantada e carregada à volta do mastro da bandeira. Poucos conseguem realizar esta proeza. As pessoas riem-se à gargalhada quando um competidor se pavoneia até à pedra com um ar de presunçosa confiança e depois descobre que mal consegue levantá-la do chão; ou quando esta lhe escorrega das mãos, ameaçando esmagar-lhe os dedos dos pés.

Então subitamente ouve-se à distância o baque surdo do galopar de cavalos. O levantamento de pesos termina. As corridas de cavalos estão a começar. Aí vêm os animais envoltos numa espessa nuvem de poeira. Nestas corridas não existe um percurso delineado. Os cavalos, sem cavaleiro, escolhem o seu próprio trajecto frequentemente através da multidão, que os monges-guardas tentam afastar com as suas mocas. Estas corridas, assim como alguns outros eventos, são difíceis de compreender. Os animais sem cavaleiro partem em manada de um local a alguns quilómetros da cidade e irrompem pelo meio do público excitado, que é forçado a afastar-se para os lados da pista para os deixar passar a caminho da meta. Só os cavalos de raça tibetana podem participar e cada cavalo traz no dorso um pano com o nome do dono. A competição entre as estrebarias é acirrada, mas quando o Dalai Lama ou um ministro têm um cavalo na competição, é óbvio que este tem que ganhar. Quando um cavalo desconhecido parece estar prestes a vencer um cavalo «oficial, os moços de estrebaria correm para o deter antes que possa alcançar a meta. As corridas

são acompanhadas com enorme excitação. A multidão e os criados dos proprietários urram e gritam para encorajar os animais, enquanto os nobres senhores que possuem estes animais tentam manter uma pose digna.

Os cavalos passam num galope furioso a caminho da meta, que fica um pouco além nas traseiras da cidade.

A nuvem de poeira levantada pelos cascos dos cavalos ainda não assentara e já chegavam, ofegantes, os primeiros corredores a pé. E que turba formavam! Qualquer um pode participar nas corridas, desde velhos a crianças. Aqui vinham eles — com os pés cheios de bolhas e a sangrar, sem fôlego e com os rostos distorcidos. Vê-se que nunca treinaram nas suas vidas. Muitos desistem antes de completarem o percurso de oito quilómetros, sem terem ganho nada com o seu esforço à excepção das gargalhadas dos espectadores.

Os últimos corredores ainda chegam a coxear quando começa o evento seguinte. Desta vez é uma corrida de cavalos montados por cavaleiros vestidos com trajes históricos. São recebidos com gritos de entusiasmo e usam os seus chicotes brutalmente para obterem o máximo das suas montadas. A multidão agita os braços e grita, um cavalo escoiceia e o seu cavaleiro é lançado pelo ar para o meio dos espectadores. Ninguém liga. Esta é a última prova atlética do evento, e em seguida os vencedores aproximam-se, cada um com uma tabuleta de madeira indicando a sua ordem de chegada. Há aproximadamente cem corredores e praticamente o mesmo número de cavaleiros nas duas provas. Recebem *écbarpes* coloridas ou brancas dos juízes, mas os espectadores não aplaudem.

Para encerrar as actuações realiza-se uma prova de equitação num enorme campo fora de Lassa. Apressámo-nos a seguir a multidão e ficámos contentes por sermos convidados por um nobre para a sua tenda. Estas tendas festivas constituem um maravilhoso cenário, montadas em fileiras organizadas por categoria hierárquica e cada uma recheada de acordo com o estatuto do seu dono. Muitas delas têm cortinados de seda e brocados e estão decoradas com esplêndidos ornamentos. Acrescente-se os belos robes dos homens e mulheres e obtém-se uma autêntica sinfonia de cores. Autoridades civis de quarta categoria ou superiores usam brilhantes robes de seda amarela com chapéus de aba larga em forma de prato e debruados

com pele de raposa azul (estas peles vêm de Hamburgo! Os ti-betanos não consideram as suas raposas suficientemente boas).

A competição na elegância da indumentária não se limita às mulheres. Os homens também participam. A sua paixão asiática pelos adornos coloca-os em contacto com várias partes do mundo. Assim, as raposas azuis vêm de Hamburgo, as pérolas cultivadas do Japão, as turquesas da Pérsia via Bombaim, os corais da Itália e o âmbar de Berlim ou Kõnisberg. Escrevo muitas cartas a pedido de nobres ricos destinadas a endereços em todo o mundo, encomendando este ou aquele artigo de *luxe*. Aqui, a pompa e a decoração são uma necessidade e esta ostentação ocorre privilegiadamente no vestuário e no recheio das casas. O povo comum não gosta do luxo para si próprio mas aprecia-o nos seus superiores.

Os grandes festivais são realmente uma ocasião para exhibir pompa e poder, e os altos dignatários sabem que devem oferecer ao povo a oportunidade de um bom espectáculo. No último dia da festa, os quatro membros do Gabinete de Ministros trocam os seus caros toucados pelos chapéus de franjas vermelhas dos seus criados para mostrarem por um momento a sua igualdade com o povo, e então o entusiasmo e a admiração do público ultrapassam todos os limites.

Esta prova de equitação é o mais popular de todos os espectáculos. É provavelmente uma reminiscência das grandes paradas militares de outros tempos. No passado, os senhores feudais tinham por vezes que desfilar as suas tropas diante do seu suserano e assim mostrar a sua prontidão para a guerra: mas esse significado desapareceu há muito. Não obstante, há muitas características destes jogos que lembram os tempos de guerra de influência mongol, quando maravilhosos feitos equestres estavam na ordem do dia.

Tivemos oportunidade de assistir a algumas proezas incrivelmente habilidosas dos cavaleiros tibetanos. Todas as famílias nobres inscrevem um certo número de participantes para estes jogos e naturalmente existe o maior interesse em escolher o melhor homem para que a equipa possa obter uma boa classificação final. Os concorrentes têm que exhibir a sua habilidade como cavaleiros e como atiradores. Quando vi o que faziam, simplesmente não quis acreditar! Punham-se de pé na sela e enquanto os seus cavalos passavam a galope por um alvo pendurado, apontavam as suas espingardas

e disparavam acertando no centro do alvo. Antes de chegarem ao alvo seguinte, a vinte metros de distância, já tinham trocado os seus mosquetes por arcos e flechas. O arqueiro a cavalo que acertava no alvo era aclamado com gritos de alegria. É incrível a destreza dos tibetanos em trocarem uma arma por outra.

Nestas festividades, o governo tibetano demonstra uma hospitalidade típica, mesmo para com estrangeiros. Esplêndidas tendas de honra eram montadas para todas as missões estrangeiras, e criados e diplomatas asseguravam-se de que nada faltava aos seus convidados.

Reparei numa quantidade invulgar de chineses no campo de desporto. Apesar de pertencerem à mesma família racial, são facilmente distinguíveis dos tibetanos. Os tibetanos não têm os olhos tão rasgados; têm um rosto simpático, traços finos e faces avermelhadas. Os ricos trajes chineses cederam lugar, em muitos casos, aos fatos europeus, e muitos chineses, nesta matéria mais progressistas do que os tibetanos, usam óculos. A maioria dos chineses em Lassa são comerciantes que mantêm prósperas relações comerciais com o seu país. Gostam de viver no Tibete e muitos fixam-se permanentemente em Lassa. Uma das razões para isto é que muitos deles são apaixonados fumadores de ópio, e no Tibete não existe uma proibição explícita do consumo de ópio. Às vezes o tibetano, seduzido pelo exemplo dos chineses, afeiçoa-se ao cachimbo de ópio. Se o fizer, provavelmente será punido. Não existe perigo de o consumo de ópio se tornar num vício nacional. A vigilância das autoridades é muito apertada. Fumar tabaco já é considerado um vício que eles controlam muito de perto; embora se possa comprar qualquer tipo de cigarros em Lassa, é proibido fumar nos escritórios, nas ruas e em cerimónias públicas. Quando os monges assumem o comando durante o festival do Ano Novo proíbem inclusivamente a venda de cigarros.

E por isso que todos os tibetanos cheiram rapé. Os leigos e os monges usam os seus próprios preparados de rapé, que consideram estimulante. Toda a gente se orgulha de ter a sua própria mistura e quando dois tibetanos se encontram, a primeira coisa que fazem é sacar das suas caixinhas e trocar uma pitada. As caixas de rapé também são motivo de orgulho. Existem em todos os materiais, desde jade a chifre de iaque. O consumidor inveterado

de rapé espalha a sua dose no polegar, e depois de a inalar sopra uma nuvem de pó pela boca sem sequer sonhar espirrar. Se alguém espirrava assustadoramente, era sempre eu, que invariavelmente provocava o riso da audiência.

Também há nepaleses em Lassa, ricamente vestidos e bem constituídos fisicamente. Vê-se, mesmo à distância, que são prósperos. Graças a um velho tratado, estão isentos de impostos e dispõem dos meios para explorar esta situação favorável da melhor forma. Os melhores negócios da rua Barkhor pertencem-lhes. São peritos em comércio, com um sexto sentido para um bom negócio. A maioria deixa as famílias em casa e de tempos a tempos regressam, ao contrário dos chineses, que são propensos a casar com mulheres tibetanas dando maridos exemplares. Nas festividades oficiais, os representantes do Nepal suplantam mesmo os coloridos tibetanos com a exuberância do seu vestuário, e as túnicas vermelhas dos Gurkhas, que formam a sua escolta, são conspícuas à distância. Estes Gurkhas adquiriram uma certa reputação em Lassa. Só eles se arriscam a desobedecer à proibição da pesca. Quando o governo tem conhecimento de tais violações da lei, manda solenes protestos para a Legação do Nepal. Isto dá azo a uma pequena comédia. Naturalmente que os infractores devem ser punidos, uma vez que a Legação preza muito as boas relações com o governo tibetano. Mas na realidade geralmente estão envolvidas pessoas importantes e não os meros soldados - aliás, muitos tibetanos da classe alta apreciam um prato de peixe sempre que o podem obter. Os pobres culpados recebem um terrível sermão e são sentenciados a chicotadas, mas o açoitamento é infligido de maneira a não os magoar.

Ninguém se atreveria a pescar em Lassa. Em todo o Tibete só há um lugar onde é permitido pescar, num ponto em que o rio Tsangpo atravessa um deserto de areia. Aqui não há plantações nem pastos para os animais: de facto não existe nada para comer senão peixe, e por isso a lei foi atenuada. O povo desta região é menosprezado, como os ferreiros e os carnicheiros. Em termos numéricos, os muçulmanos representam uma parte considerável da população de Lassa. Têm uma mesquita própria e gozam de total liberdade para praticar a sua religião. (Uma das melhores características do povo tibetano é a sua total tolerância para com outros credos. A sua teocracia monástica nunca tentou a conversão de infiéis.) A maioria dos

muçulmanos imigrou da Índia e misturou-se com os tibetanos. O seu zelo religioso levou—os inicialmente a exigir que as suas mulheres se convertessem à sua religião, mas o governo tibetano interveio e impôs a condição de que as mulheres nativas só podem casar com muçulmanos se mantiverem a sua própria fé.

Durante o festival é possível apontar exemplos de todos os grupos étnicos. Vêm-se ladhakis, butaneses, mongóis, sikkimeses, kazaks e representantes de todas as tribos vizinhas, entre as quais se encontram os hui-huis — chineses muçulmanos da província de Kuku-Nor. Esta gente é proprietária dos matadouros situados num quarteirão especial nos arredores do Lingkhör. Os budistas olham para eles de soslaio porque matam animais, mas permitem-lhes ter o seu próprio santuário.

No fim do festival os nobres e os notáveis caminham de regresso à cidade formando uma resplandecente procissão. O povo assiste na berma da estrada e admira o esplendor dos seus semideuses. E o seu quinhão de excitação e drama e durante muito tempo reterão na memória estas estupendas cerimónias durante as quais o Rei Divino apareceu em pessoa. O trabalho do dia-a-dia recomeça. As lojas abrem e comercia-se com o mesmo entusiasmo de sempre. Os jogadores de dados aparecem nas esquinas das ruas e os cães, que durante o jejum do Lenten migraram para os arredores do Lingkhör, regressam à cidade. A nossa vida continuava pacificamente. O Verão aproximava-se. A minha ciática melhorou e nada foi dito sobre a nossa expulsão. Eu recebia regularmente tratamento do médico inglês, mas nos dias bons podia trabalhar no jardim. E tinha muito que fazer, pois quando se soube que eu era responsável pelo chafariz e vários outros arranjos no jardim de Tsarong, muitos outros notáveis pediram —me que fizesse o mesmo para eles.

Aufschnaiter estava muito ocupado a construir o seu canal desde manhã cedo até à noite, só parando nos dias de festa. Era muito bom ele ter sido contratado pelos monges, pois embora os nobres tenham um papel importante na administração do país, quem tem a última palavra em tudo é um pequeno grupo de monges. Por esta razão a minha satisfação foi enorme quando um dia fui convocado para o jardim dos Tse-drungs.

Os monges desta congregação são funcionários que formam uma espécie de ordem monástica. Educados para serem estritamente leais à sua própria comunidade, tornaram-se mais poderosos do que os funcionários seculares. São eles que formam a comitiva mais próxima do Dalai Lama, e todos os criados pessoais do jovem deus pertencem a esta ordem. Os seus camareiros, o seu tutor e os seus guardas pessoais são todos monges Tsedrung de alto nível. Para além disso, o Dalai Lama assiste às obrigatórias reuniões diárias para discutir os problemas da sua comunidade.

Os elementos desta ordem são, sem excepção, rigorosamente treinados. A sua escola está situada na ala leste do palácio Potala e os seus professores são, por tradição, oriundos do famoso claustro de Mõndroling, especializado em caligrafia tibetana e gramática. Qualquer um pode entrar para a escola, mas ser adoptado pela ordem é muito difícil. Uma regra com vários séculos de existência prevê que o número de membros da ordem Tsedrung não deverá exceder os 175.

Quando um estudante chega ao décimo oitavo ano e passa nos exames, poderá entrar na ordem se tiver um poderoso apadrinhamento. Começando por baixo, e se for suficientemente capaz, poderá alcançar a terceira classe na ordem. Os monges Tsedrung usam os tradicionais hábitos vermelhos e ainda vestimentas que distinguem o seu escalão. A maioria dos estudantes na escola de Tsedrung são oriundos da população e constituem um útil contrapeso à influência dos nobres hereditários. Têm um vasto campo de actividade pois qualquer departamento governamental tem pelo menos um funcionário monástico para cada leigo. Este sistema de controlo duplo é considerado uma segurança contra o exercício de poder ditatorial, que é um dos maiores perigos do feudalismo.

Foi o camareiro-mor que mandou chamar-me. Propôs que eu reorganizasse o jardim dos Tsedrungs. Era uma grande oportunidade para mim. Disseram-me que também seriam feitos melhoramentos no jardim do Dalai Lama; e se o meu trabalho fosse satisfatório, recorreriam de novo a mim. Meti mãos à obra imediatamente com a maior dedicação. Colocaram alguns homens às minhas ordens e em pouco tempo tínhamos os trabalhos em andamento. Agora não tinha tempo para as lições particulares de Inglês e Matemática que vinha dando a alguns jovens nobres.

Inesperadamente, quando eu começava a sentir-me seguro da nossa posição, dada a poderosa protecção de que agora usufruíamos, tive um choque assustador. Certa manhã recebemos a visita do Sr. Kyibub, um alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros e o último dos quatro tibetanos que tinham recebido educação em Rugby há muitos anos atrás. Estava visivelmente incomodado com a sua missão. Depois de muitas desculpas e manifestações de pesar, disse-nos que o médico inglês tinha agora certificado que eu estava apto para viajar e o Governo esperava que partíssemos imediatamente. Para confirmar, mostrou-nos o certificado que declarava que embora eu não estivesse completamente curado, poderia viajar sem pôr a minha vida em perigo.

Para Aufschnaiter e para mim era um estonteante e inesperado golpe. Recompusemo-nos e tentámos, calma e educadamente, expor o nosso lado da questão. Explicámos que a minha doença poderia reaparecer a qualquer momento. O que faria eu se, no meio de uma dura viagem, descobrisse que não podia dar mais um passo? Além disso, a estação quente na índia começara e quem vivia há tanto tempo no saudável ar de montanha do Tibete não suportaria a transição sem prejudicar a saúde. E o que ia acontecer às tarefas de que tínhamos sido encarregados pelas mais altas autoridades e que nos tínhamos comprometido a terminar? Prometemos submeter uma nova petição ao Governo.

Desse dia em diante nunca mais ouvimos uma palavra sobre a ordem de expulsão, embora durante algum tempo tivéssemos vivido numa expectativa constante.

Entretanto tínhamo-nos ambientado em Lassa e as pessoas tinham-se acostumado a nós. Já não recebíamos visitas de pessoas curiosas — só de amigos. A Legação Britânica parecia convencida de que não éramos perigosos, pois embora Deli tivesse pedido a nossa rendição, a questão fora protelada. As autoridades tibetanas asseguraram—nos de que não éramos considerados indesejáveis. Agora ganhávamos tão bem que já não dependíamos da hospitalidade de Tsarong. No decorrer do nosso trabalho fazíamos muitos amigos e o tempo passava rapidamente. A única coisa por que ainda ansiávamos eram notícias de casa. Já não tínhamos notícias há dois anos. Mesmo assim confortávamo-nos com o pensamento de que a

nossa vida era agora muito tolerável e de que tínhamos muitas razões para satisfação. Tínhamos um bom telhado sobre as nossas cabeças e já não precisávamos de lutar para existir. Não sentíamos falta das comodidades do Ocidente e a Europa, com a sua vida conturbada, parecia muito distante. Frequentemente sentávamo-nos a ouvir na rádio relatos do nosso país e sacudíamos a cabeça com as deprimentes notícias. Não parecia haver qualquer razão para ir para casa.

10 A VIDA EM LASSA

O filho mais novo da Grande Mãe — A procissão a Norbulingka — A religião tibetana — A seca e o oráculo de Gadong — O dia-a-dia — Médicos, curandeiros e adivinhos.

Todas as minhas experiências anteriores foram eclipsadas pela primeira festa oficial a que assisti na casa dos pais do Dalai Lama. Estava ali por mero acaso. Estava a plantar canteiros novos no jardim quando a Grande Mãe mandou chamar-me e disse-me para terminar o trabalho por esse dia e juntar-me aos seus convidados. Foi com algum embaraço que me juntei ao resplandecente grupo no salão de entrada. Alguns trinta nobres estavam aí reunidos, todos trajando os seus melhores robes e a cena era de digno esplendor. A recepção era para celebrar o nascimento do filho mais novo da nossa anfitriã, nascido três dias antes. Hesitante, gaguejei os meus parabéns e ofereci uma *écharpe* branca que tinha conseguido pedir emprestada. A Grande Mãe sorriu graciosamente. Era maravilhoso observá-la a andar despreocupada pela sala e a entreter os seus convidados. As mulheres aqui recuperam do parto com uma velocidade miraculosa, e são muito discretas em relação ao facto de dar à luz. Não chamam médicos e as mulheres ajudam-se mutuamente. Todas elas se orgulham de ter muitos filhos saudáveis. A mãe cuida da sua própria criança e por vezes continua a amamentá-la durante três ou quatro anos.

Quando uma criança nasce numa família nobre, recebe imediatamente uma ama especial, que nunca a deve deixar de dia ou de noite. Ao

nascimento da criança seguem-se grandes celebrações, mas não existe nada semelhante à nossa cerimónia de baptismo e não há padrinhos. Antes de dar um nome à criança (ou melhor, nomes, pois toda a criança tem vários), os pais consultam um Lama, que decide como a criança deverá chamar-se depois de estudar os aspectos astrológicos do caso. Se a criança vier posteriormente a sofrer de uma doença grave, é habitual dar-lhe novos nomes. Um dos meus amigos adultos mudou de nome uma vez depois de um ataque de disenteria, para minha perpétua confusão.

Durante a celebração do nascimento do irmão mais novo do Dalai Lama foi-nos oferecido um banquete *Lucul-lan*, durante o qual nos sentámos em almofadas à frente de pequenas mesas, na devida ordem de precedência. Por duas horas consecutivas os criados serviram prato após prato — eu contei quarenta, mas isso não foi tudo. Comer durante um jantar destes requer um treino especial. Será escusado mencionar todas as iguarias que nos ofereceram, mas lem-bro-me de que incluíam toda a espécie de pratos indianos picantes e terminavam com uma sopa de macarronete miúdo. Para beber tínhamos, entre outras coisas, cerveja, uísque e vinho do Porto. Quando o repasto terminou, muitos dos convidados estavam ébrios, mas isso não é nenhuma desgraça no Tibete; contribui para a alegria geral.

A festa acabou pouco depois do banquete. Lá fora, cavalos e criados providenciados pelo anfitrião aguardavam os convidados para os levarem a casa. Convites para outras festas eram feitos indiscriminadamente e era preciso ter um ouvido perspicaz para distinguir os que eram autênticos daqueles que eram apenas uma forma de educação.

Aufschnaiter e eu éramos frequentemente convidados para esta casa e em breve eu tinha consolidado uma amizade cordial com Lobsang Samten. Este cativante jovem estava precisamente a iniciar a sua carreira como monge. Como irmão do Dalai Lama, tinha perspectivas brilhantes. Um dia viria a desempenhar um importante papel como mediador entre o seu irmão e o governo. Mas o fardo de uma posição de tanta responsabilidade já começava a pesar-lhe. Não podia escolher livremente as suas amizades e o que quer que fizesse ou onde quer que fosse suscitava toda a espécie de interferências. Quando visitava um alto funcionário em alguma ocasião oficial, a sua entrada na sala provocava um silêncio de admiração e toda a

gente, mesmo os Ministros do Gabinete, se levantava em sinal de respeito pelo irmão do Rei Divino. Tudo isto poderia facilmente ter subido à cabeça de um jovem, mas Lobsang Samten nunca perdeu a modéstia do seu comportamento.

Muitas vezes falava comigo sobre o seu irmão, que levava uma vida solitária no Palácio Potala. Eu já tinha reparado que todos os convidados nas festas se escondiam quando a figura do Dalai Lama aparecia a passear pelo telhado plano do Palácio. Lobsang deu-me uma explicação comovente para isto. O jovem Deus possuía vários telescópios potentes e binóculos e divertia-o observar a vida e os afazeres dos seus súbditos na cidade. Para ele, o Potala era uma prisão dourada. Passava muitas horas nos salões escuros do Palácio a rezar e a estudar. Tinha pouco tempo livre e poucos prazeres. Quando os convidados de uma festa se sentiam observados, desapareciam o mais rapidamente do campo de visão. Não queriam entristecer o coração do jovem soberano, que nunca poderia ter a esperança de apreciar tais distrações!

Lobsang Samten era o seu único amigo e confidente e tinha acesso a ele a qualquer hora. Servia de elo entre o irmão e o mundo exterior e tinha que contar-lhe tudo o que estava a acontecer. Através de Lobsang fiquei a saber que ele se interessava muito pelas nossas actividades e que frequentemente me observava através do telescópio enquanto eu trabalhava no jardim. Também me disse que o seu irmão estava ansioso por se mudar para a sua residência de Verão em Norbulingka. O bom tempo já tinha chegado e ele sentia-se atrofiado no Potala e ansiava por poder praticar exercícios ao ar livre.

Agora a época das tempestades de areia tinha terminado e os pessegueiros estavam em flor. Nos picos de montanha mais próximos os últimos vestígios de neve brilhavam intensamente à luz do sol quente, com aquele charme peculiar da Primavera que eu recordava do cenário montanhoso da nossa terra natal. Um dia declararam oficialmente a temporada de Verão e já se podia usar roupas de veraneio. Não se podia largar os agasalhos quando se queria. Todos os anos, depois de analisar os presságios, era fixado um dia para os nobres e os monges vestirem as suas roupas de Verão. O tempo até podia já estar muito quente, ou ainda se podia esperar neve e tempestades.

Isso não interessava. As roupas de Verão só podiam ser usadas a partir dessa data. A mesma coisa acontece no Outono, quando a roupa de Inverno é oficialmente reposta. Eu estava sempre a ouvir queixas de que a mudança tinha chegado muito cedo ou muito tarde e de que as pessoas estavam a sufocar ou semicongeladas.

A troca de vestuário é acompanhada por uma cerimónia que dura horas. Os criados trazem as novas roupas atadas em fardos que carregam às costas. Para os monges a transição é mais fácil. Simplesmente trocam os seus chapéus debruados com pele por toucados rasos *empapier—maché*. A aparência da cidade altera-se quando subitamente toda a gente aparece com o novo vestuário.

Existe, contudo, uma outra ocasião para uma troca de roupa, quando toda a comunidade oficial acompanha o Dalai Lama numa espectacular procissão até ao Jardim de Verão. Aufschnaiter e eu ansiávamos por essa ocasião. Achávamos que talvez conseguíssemos ver de perto o Buda Vivo.

Era um glorioso dia de Verão e a cidade inteira deslocava-se através do portão ocidental, ao longo do trecho de três quilómetros que separa os palácios Potala e Norbu-lingka. Não era fácil arranjar espaço para caminhar sem ser atropelado.

Eu lamentava não ter uma câmara para fotografar a multidão multicolor. Claro que só um filme a cores lhe faria justiça. Era um dia de regozijo para toda a gente, o dia de abertura do Verão, e eu estava contente pelo rapaz que ia trocar a sua soturna prisão por um adorável jardim de Verão. Ele já tinha muito pouca luz do sol na sua vida.

Apesar de externamente ser esplêndido e imponente, o Palácio Potala é terrivelmente escuro e desconfortável como lugar para viver. É provável que todos os Reis Divinos ficassem contentes por sair de lá quanto antes, pois a residência do Jardim de Verão de Norbulingka tinha sido planeada no tempo do reinado do sétimo Dalai Lama, mas apenas fora terminada durante o décimo terceiro reinado.

Este monarca era um grande reformador e ao mesmo tempo um homem de ideias modernas. Na verdade importou três automóveis para o seu

próprio uso, tendo sido desmontados na fronteira e transportados por carregadores e iaques através das montanhas, até à capital onde um mecânico treinado na Índia os montou novamente. Este homem foi então nomeado motorista de Sua Majestade e frequentemente falava-me com tristeza dos seus três carros que agora estavam imobilizados num barracão. Eram dois *Austin* e um *Dodge*. Durante um breve período tinham sido a sensação no Tibete, e agora estavam de luto pelo seu falecido senhor e enferrujavam num honroso declínio. A história de como o décimo terceiro Dalai Lama usava os seus automóveis para escapar da sua prisão de Inverno ainda provoca risos. No Outono, ele costumava regressar ao Potala com toda a pompa e circunstância, mas assim que a multidão dispersava entrava num dos seus carros e regressava para Norbulingka.

Ouvimos o toque de trombetas. A procissão aproximava-se. Os murmúrios da multidão calaram-se e reinava um silêncio reverente, pois a cabeça da coluna estava à vista. Uma comitiva de monges-criados formava a vanguarda. Traziam consigo os objectos pessoais e roupas do Rei Divino embrulhados em trouxas, cada trouxa envolta num pano de seda amarela. O amarelo é a cor da Igreja La-maística reformada, que também é conhecida como Igreja Amarela. Uma antiga lenda conta o motivo da escolha desta cor.

Tsong Kapa, o grande reformador do Budismo no Tibete, era o último de uma fila de noviços no dia da sua entrada para o mosteiro de Sakya. Quando chegou a sua vez de receber a indumentária tinham-se esgotado os chapéus vermelhos. Para que ele não ficasse com a cabeça descoberta, alguém agarrou no primeiro chapéu que lhe veio à mão e pô-lo na sua cabeça. Calhou ser um chapéu amarelo. Tsong Kapa nunca desistiu de o usar e assim o amarelo veio a ser adoptado como a cor da Igreja Reformista. O Dalai Lama costumava usar sempre uma capa amarela em recepções e cerimónias, e todos os objectos que usava eram desta cor. O uso do amarelo era um privilégio exclusivamente seu.

Pouco depois vimos os pássaros favoritos do Rei Divino a serem transportados nas suas gaiolas. De vez em quando um papagaio pronunciava uma palavra tibetana de boas-vindas, que a fiel multidão recebia com suspiros de êxtase, como se fosse uma mensagem pessoal do

seu Deus. A uma certa distância dos servos vinham os monges com flâmulas decoradas com escrituras. A seguir veio uma banda de músicos a cavalo trajados de uma forma colorida e antiquada e a tocarem instrumentos obsoletos, com os quais produziam sons curiosamente lamurientos. Atrás deles vinha um exército de monges da ordem de Tsedrung, também a cavalo e ordenados hierarquicamente, seguidos por moços de estrebaria que conduziam pelas rédeas os cavalos favoritos do Dalai Lama, esplendidamente aparelhados com os seus arreios amarelos e os seus estribos e freios em ouro puro.

Vinha também um grupo de altos dignatários e membros seniores do pessoal doméstico do Rei Divino, estes últimos todos monges com a categoria de abade. À exceção dos seus pais, irmãos e irmãs, estas são as únicas pessoas que têm o direito de dirigir a palavra ao Dalai Lama. A seu lado marchavam as imponentes figuras do corpo da guarda — indivíduos enormes escolhidos pela sua força e tamanho. Disseram-me que nenhum media menos de dois metros de altura e um deles media dois metros e quarenta centímetros. Os seus ombros almofadados fazem—nos parecer ainda mais formidáveis e trazem nas mãos longos chicotes. O único som que se ouvia provinha deles pois com a sua voz profundamente grave avisavam a multidão para se afastar e tirar os chapéus. Isto era obviamente parte do cerimonial pois as pessoas já estavam em absoluto silêncio, de cabeça baixa e com as mãos juntas na berma da estrada.

Depois surgiu o comandante geral do exército, segurando a espada em continência. Comparado com as sedas e os brocados dos outros dignatários, o seu uniforme de caqui parecia extremamente modesto. No entanto, como podia escolher os adornos, as insígnias do seu posto e as suas dragonas eram de ouro puro. Na cabeça usava um capacete para o proteger do sol.

E agora aproximava-se o palanquim amarelo e forrado a seda do Buda Vivo, reluzindo como ouro à luz do sol. Os carregadores eram homens de um metro e noventa que usavam capotes de seda verde e chapéus rasos vermelhos. Um monge segurava sobre o palanquim um enorme e iridescente guarda-sol feito com penas de pavão. A cena toda era um banquete para os olhos — uma imagem reconstituída de um conto de fadas do Oriente há muito esquecido.

A nossa volta todas as cabeças estavam inclinadas numa profunda vénia e ninguém se atrevia a levantar o olhar. Aufschnaiter e eu devemos ter chamado a atenção com as nossas cabeças apenas ligeiramente inclinadas. Tínhamos absolutamente que ver o Dalai Lama! E lá estava ele — sorridente, a cumprimentar-nos com um aceno de cabeça por detrás da vidraça da sua cadeirinha. Os seus traços finos eram cheios de charme e dignidade, mas o seu sorriso era o de um rapaz, e adivinhámos que também ele estava curioso por nos ver.

O auge da procissão já tinha passado. Agora vinham as autoridades seculares. Os quatro ministros do Gabinete montavam esplêndidos cavalos de ambos os lados do Soberano. Atrás deles vinha um outro magnífico palanquim, transportado por menos carregadores, no qual estava sentado o Regente, Tagtra Gyeltsap Rinpoche, conhecido como «A Rocha do Tigre», um idoso cavalheiro de setenta e três anos. Olhava severamente para a frente e não sorria para cumprimentar ninguém. Parecia não ver o povo. Severo e rígido no cumprimento dos seus deveres, tem tantos amigos como inimigos. Atrás dele vinham a cavalo os representantes dos Três Pilares do Estado, os abades de Será, Drebung e Ganden. Seguiram-se os nobres na devida ordem hierárquica, cada grupo trajando o vestuário apropriado ao seu estatuto. As ordens juniores usavam barretes absurdamente pequenos que só lhes cobriam o cocuruto da cabeça e estavam atados por baixo do queixo com uma fita.

Absorto na contemplação do espectáculo, subitamente ouvi o som de uma música familiar. Sim — não havia dúvida, era o hino nacional britânico! A banda do corpo da guarda tinha tomado o seu lugar a meio do trajecto, e a Cadeira Real já deveria ter chegado. Assim, para honrar o seu Deus, tocaram *God Save the Queen*. Já ouvi boas interpretações, mas jamais alguma me causou tanto espanto. Mais tarde fiquei a saber que o maestro da banda tinha sido treinado no exército indiano. Tinha percebido que esta melodia tinha um papel importante em todas as cerimónias e por isso trouxera a música consigo. Foi adaptada para o tibetano, mas nunca a ouvi ser cantada. A banda de metais terminou o hino razoavelmente, com excepção de algumas notas desafinadas dos clarins devido ao ar rarefeito, e então gaiteiros da banda da polícia tocaram uma selecção de melodias escocesas.

A música tibetana desconhece harmonias, mas as suas melodias são agradáveis ao ouvido. A mesma música passa facilmente de melancólica para alegre, e as mudanças de ritmo são frequentes.

A procissão desapareceu atrás dos portões do Palácio de Verão e a multidão dispersou, na sua maioria para passar o resto do dia ao ar livre. Os nómadas, a suarem dentro dos seus capotes de pele de carneiro, desmontam as suas tendas e partem rumo aos seus abrigos nas terras altas do Changthang. Nenhum tibetano está disposto a ir em peregrinação à Índia no Verão, e nenhum nómada vem de livre vontade para Lassa durante a época quente. A capital fica apenas a 3650 metros acima do nível do mar, e como a maioria dos nómadas vive a uma altitude de 4500 metros, acham o calor opressivo.

Regressámos profundamente impressionados por tudo o que tínhamos visto. Não poderíamos ter testemunhado um melhor exemplo da distribuição da autoridade no Tibete do que naquela procissão que tinha passado à nossa frente — com o Dalai Lama e o Regente destacando-se, e as diferentes classes escalonadas em ordem descendente da frente para trás. O facto de os monges caminharem à frente era significativo do seu poder no Estado.

A religião é o coração da estrutura do Estado. Peregrinos das mais remotas partes do Changthang sujeitam-se a infinitas provas para virem uma vez por ano e testemunhar esta brilhante manifestação da sua fé; e alimen-tam-se da memória durante as suas vidas duras e solitárias. O quotidiano dos tibetanos é regulado pela sua crença religiosa — há sempre palavras devotas nos seus lábios; os moinhos de oração giram sem parar; as bandeiras de oração flutuam nos telhados das casas e nos cumes das cordilheiras; a chuva, o vento, todos os fenómenos da natureza, os picos solitários das montanhas cobertas de neve são testemunhas da presença universal dos deuses cuja cólera se manifesta através das tempestades de granizo, e cuja benevolência é demonstrada pelos frutos e fertilidade da terra. A vida do povo é regulada pela vontade divina, cujos intérpretes são os Lamas. Antes de qualquer coisa ser feita, eles devem avaliar os prognósticos. Deve-se suplicar incessantemente aos deuses, aplacá-los ou agra-decer-lhes. Lamparinas de oração ardem em toda a parte, na casa do

nobre e na tenda do nómada — é a mesma fé que as mantém acesas. A existência terrena tem pouco valor no Tibete e a morte é encarada sem terrores. Os homens sabem que vão nascer novamente e têm esperança numa forma mais elevada de existência na próxima vida, merecida por uma conduta piedosa na vida actual. A Igreja é a mais alta instância de apelo, e o mais simples dos monges é respeitado pelo povo e tratado pelo título de *Kusho*, como se fosse um membro da nobreza. Em todas as famílias, pelo menos um filho dedica-se ao claustro em sinal da reverência pela Igreja e para garantir à criança um bom começo na vida.

Em todos estes anos nunca conheci ninguém que tivesse as mínimas dúvidas sobre a verdade dos ensinamentos de Buda. Existem, é verdade, muitas escolas, mas diferem apenas em questões externas. E impossível fecharmos o coração ao fervor religioso que erradia de toda a gente. Depois de algum tempo no país, já não era possível ma-tar-se uma mosca irreflectidamente, e na presença de um tibetano nunca esmaguei um insecto que me incomodasse. A atitude das pessoas nestas questões é comovente. Se durante um piquenique uma formiga trepa pela nossa roupa, é gentilmente retirada e posta no chão. É uma catástrofe quando uma mosca cai dentro de uma chávena de chá. Deve ser salva do afogamento a todo o custo pois pode ser a reencarnação da nossa falecida avó. No Inverno quebram o gelo dos lagos para salvar os peixes de morrerem congelados, e no Verão resgatam-nos antes dos lagos secarem, mantendo-os em baldes ou latas até poderem ser devolvidos à sua origem. Entretanto os salvadores fizeram algo de bom pelas suas próprias almas. Quanto mais vidas se puder salvar mais feliz se é.

Nunca mais esquecerei uma experiência que tive com o meu amigo Wangdúla. Um dia fomos ao único restaurante chinês e observamos um ganso a correr pelo quintal, aparentemente a caminho da panela. Wangdtila rapidamente tirou do bolso uma nota de valor considerável e comprou o ganso ao dono do restaurante. Mandou então o seu criado levar o ganso para casa, e por muitos anos depois eu costumava ver a afortunada criatura a chapinhar no seu quintal.

Típica desta atitude para com todas as criaturas vivas era a escritura emitida em todas as partes do país para as pessoas envolvidas em operações

de construção — isto foi durante os três anos que o Dalai Lama passou em meditação. Esclarecia que minhocas e insectos poderiam morrer durante o trabalho de construção, e proibia a construção de edifícios em geral. Mais tarde, quando eu estava encarregado dos trabalhos de jardinagem, vi com os meus próprios olhos como os trabalhadores costumavam inspeccionar cada pazada de terra para retirarem qualquer coisa com vida.

Subjacente a este princípio está a ausência da pena capital no Tibete. O assassinio é considerado o mais hediondo dos crimes, mas o assassino só é açoitado e agrilhado nos tornozelos. E verdade que os açoitamentos são mais desumanos do que a pena de morte como ela é executada pelos ocidentais. A vítima sofre uma morte agonizante depois da pena lhe ter sido aplicada, mas o princípio religioso não foi infringido. Criminosos condenados a uma pena perpétua com grilhões são enviados para a prisão estatal de Shõ ou para um governador distrital que fica responsável pela sua custódia. O seu destino é seguramente preferível ao dos condenados nas prisões, que só podem sair da cela no dia de nascimento e morte de Buda, para pedir esmolas na rua Lingkhör acorrentados a outros prisioneiros.

O roubo e várias outras ofensas menores são punidos com açoitamentos públicos. E pendurada uma tabuleta à volta do pescoço do prevaricador na qual está escrita a sua ofensa e ele tem que ficar por uns dias numa espécie de pelourinho. Mais uma vez, pessoas caridosas dão-lhe de comer e de beber. Quando salteadores da estrada ou ladrões são apanhados, geralmente são condenados a ter um pé ou uma mão decepados. Fiquei horrorizado ao ver como esterilizavam as feridas: o local da amputação é mergulhado em manteiga a ferver. Mas nem isso detém os malfeitores. Um governador contou-me que havia criminosos que estendiam as mãos num gesto de arrogância para serem punidos e que passadas umas semanas retomavam a sua actividade criminosa. Em Lassa, tais formas selvagens de punição foram agora banidas. As penalidades para ofensas políticas são muito severas. As pessoas ainda falam dos monges de Tengyeling que há quarenta anos atrás tentaram aliar-se aos chineses. O seu mosteiro foi destruído e os seus nomes apagados.

Não existe um sistema organizado de tribunais no Tibete. A investigação dos crimes fica a cargo de duas ou três pessoas da nobreza, mas

infelizmente a corrupção prevalece; na realidade poucos nobres são íntegros. As somas recebidas como suborno são consideradas por muitos como parte das vantagens do sistema feudal. Se um acusado considera ter sido injustamente condenado, é-lhe permitido apelar para o Dalai Lama. Se a sua inocência for provada, recebe o perdão, caso contrário o seu castigo é duplicado.

Em Lassa, o magistrado da cidade actua permanentemente como juiz, excepto durante os vinte e um dias a seguir ao Ano Novo, quando toda a autoridade é exercida pelos monges. O magistrado é auxiliado por dois assessores que estão sempre muito ocupados, pois para além dos peregrinos há muitos malfeitores que vêm para a capital.

Depois de o Dalai Lama se ter mudado para a sua residência de Verão, o tempo tornou-se muito quente, mas não desagradável. Nesta época, durante o dia a temperatura nunca ultrapassa os 30 graus e as noites são frescas. O ar é muito seco e raramente chove. Em pouco tempo toda a gente está a rezar para que chova. Existem algumas nascentes nos arredores de Lassa, mas quase todos os anos secam e então as pessoas têm que ir buscar água ao rio Kyi-chu, que corre límpido e frio devido aos glaciares.

Quando as nascentes deixam de brotar e os campos de cevada ficam secos e murchos, o governo decreta que todo o cidadão deve regar as ruas até ordem em contrário. Toda a cidade mete imediatamente mãos à obra e apressa-se a correr para o rio com jarros e baldes para trazer água. Os nobres mandam os seus criados buscar a água, mas quando a trazem dão uma mão para a deitar nas ruas e ajudam os vizinhos. Existe um carnaval de água oficial em que todos participam sem distinção de posição ou classe social. Rios de água caem das janelas e dos telhados nas cabeças dos transeuntes, e é má educação ficar ofendido quando nos encharcam. As crianças divertem-se como nunca. Pelo que me toca, sendo alto e conspícuo, levei com mais do que o meu quinhão de água. Toda a gente achava que o «alemão Henrigla» era um alvo fácil.

Enquanto a guerra de água dura nas ruas, o oráculo de Gadong, o mais famoso Feiticeiro da Chuva do Tibete, é convocado para o jardim do Dalai Lama. Aqui se reúnem os mais altos funcionários do governo, e o Grande Lama em pessoa preside à cerimónia. O Feiticeiro da Chuva, um monge,

em breve entra em transe. Os seus membros começam a sacudir-se convulsivamente e ele emite uns estranhos grunhidos. Nesse momento uma das autoridades monásticas solenemente suplica ao oráculo para garantir a chuva e assim salvar as colheitas. Os movimentos do Feiticeiro da Chuva tornam-se cada vez mais extáticos, e esca-pam-lhe algumas palavras pronunciadas em falsete. Um escrivão anota a mensagem e entrega-a ao Gabinete de Ministros. Entretanto o corpo do extasiado médium, agora abandonado pela divindade que o possuía, cai inerte no chão e é transportado dali.

Depois deste ritual, toda a gente em Lassa aguarda a chuva com excitação. Quer se acredite em milagres ou se procure uma explicação lógica, o facto é que pouco depois deste drama ser representado chove sempre. Os tibetanos não duvidam de que a Divindade Protectora se apossa do corpo do médium enquanto ele está em transe e que escuta e acede às súplicas do povo.

Naturalmente que essa explicação não me satisfazia e tentei encontrar uma solução mais científica. Interroga-va-me se não seria talvez a intensa irrigação das ruas que tinha causado evaporação, ou se as chuvas da monção tinham alastrado ao Tibete. A Legação Britânica tinha montado uma estação meteorológica e media a precipitação cientificamente. Equivalia a uma média de 350 milímetros por ano e ocorria principalmente nesta estação. Aufs-chnaiter instalou depois um aparelho medidor do nível da água no Kyichu e registou a primeira subida no nível do rio quase no mesmo dia todos os anos. Se seguisse os métodos do Feiticeiro da Chuva poderia ter-se estabelecido com êxito como oráculo.

A precipitação em Lassa deve ter sido muito maior noutros tempos. Costumavam existir grandes florestas que contribuíam para um tempo mais frio e chuvoso. A desflorestação ao longo dos séculos tinha feito o seu trabalho nas províncias. A própria Lassa, com os seus prados e bosques de choupos e salgueiros, era um pequeno oásis verde no vale desertificado do Kyichu.

Em Lassa éramos constantemente convidados para sair e para consultas. Assim ficámos a conhecer a vida da cidade sob todos os ângulos. Tínhamos oportunidade de estudar os detalhes da administração pública e da vida familiar, as opiniões, os hábitos e a moral. Algo de novo surgia todos os

dias e muitos mistérios deixaram de o ser para se tomarem coisas banais, mas não todos. Uma coisa tinha seguramente mudado na nossa situação. Já não éramos intrusos. Fazíamos parte da comunidade.

Tinha chegado a época balnear. Velhos e novos, grandes e pequenos convergiam para os jardins na margem do rio e divertiam-se a nadar e a chapinhar na água pouco profunda. As pessoas elegantes organizavam piqueniques e montavam as suas tendas. Muitas raparigas que tinham estudado na Índia exibiam os seus modernos fatos de banho. Nos intervalos das brincadeiras na água os banhistas comiam e jogavam dados, e à noite todos os grupos acendiam incenso junto ao rio, gratos aos deuses por um dia maravilhoso.

Eu estava muito admirado com as minhas proezas como nadador. Os tibetanos não sabem muito sobre natação pois a água é demasiado fria para se aprender. Aqueles que sabem nadar minimamente conseguem apenas manter-se à superfície. Agora tinham um perito entre eles. Convidavam-me de todos os lados, claro, na esperança de que eu demonstrasse as minhas habilidades, mas a minha ciática tornava a natação um passatempo doloroso, pois a água era muito fria — nunca acima dos 5 graus. Às vezes mergulhava para divertir os meus amigos, mas raramente. Mesmo assim houve alturas em que a minha presença foi útil. Consegui salvar três pessoas de morrerem afogadas, pois havia alguns locais perigosos no rio onde obstruções tinham criado redemoinhos e correntes.

Um dia em que era convidado de Surkhang, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, e da sua família, que tinha montado a sua tenda junto à água, o único filho do ministro, Jigme (que significa «Destemido») estava lá em férias da sua escola na Índia. Tinha aprendido a nadar, mais ou menos, na escola. Estava eu a flutuar pela corrente abaixo quando de repente ouvi gritos e vi pessoas a gesticularem desesperadamente na margem e a apontarem para a água. Nadei rapidamente para terra e corri para a tenda. Vi Jigme a rodopiar dentro de um redemoinho e mergulhei imediatamente; embora o turbilhão me apanhasse também, como era um bom nadador consegui agarrar no rapaz inconsciente e trazê-lo para a margem. Tendo sido instrutor, eu sabia como o reanimar, e em pouco tempo ele já respirava novamente para grande alegria do seu pai, que derramava lágrimas e

grandes manifestações de gratidão. Eu tinha salvo uma vida e isso era considerado um grande mérito.

Como resultado deste episódio, o meu relacionamento com a família Surkhang tornou-se íntimo e tive a oportunidade de estudar uma combinação conjugal que mesmo no Tibete era bastante invulgar.

O ministro estava separado da sua primeira mulher. A segunda, a mãe de Jigme, tinha morrido. Surkhang partilhava agora a jovem esposa de um nobre de um estrato inferior. No contrato de casamento Jigme surgia como terceiro marido, porque o seu pai não queria deixar toda a sua fortuna à viúva. Complicações semelhantes aconteciam com muitas famílias. Uma vez tive conhecimento de um caso em que a mãe era também cunhada da própria filha. No Tibete encontra-se poligamia e poliandria, mas a maioria das pessoas são monógamas.

Quando um homem tem várias esposas, o seu relacionamento com elas é diferente daquele que prevalece nos haréns muçulmanos. É uma prática comum um homem casar com várias filhas de uma família onde não exista um filho herdeiro. Este sistema evita que a fortuna da família se disperse. O nosso anfitrião Tsarong tinha casado com três irmãs e obtivera permissão do Dalai Lama para adoptar o seu apelido.

Não obstante as relações frequentemente invulgares criadas por estas alianças, os casamentos desfeitos não são mais comuns no Tibete do que entre nós. Isto deve-se principalmente ao facto de que estas pessoas não se deixam arrastar pelos seus sentimentos. Quando vários irmãos partilham a mesma mulher, o mais velho é o chefe da casa e os outros só têm direitos na sua ausência ou quando ele está ocupado noutro lado qualquer. Mas ninguém fica prejudicado pois existe uma enorme população feminina. Muitos homens vivem uma vida celibatária nos templos. Em cada aldeia há um claustro. As crianças de casamentos irregulares não têm direito a herdar, e todas as propriedades vão para os filhos da esposa legítima. E por isso que não é tão importante qual dos irmãos é o pai da criança. O importante é que a propriedade se mantenha na família.

O Tibete desconhece as desvantagens do excesso de população. Durante séculos o número de habitantes tem permanecido aproximadamente igual. Para além das práticas de poliandria e celibato, a mortalidade infantil contribui para este estado de coisas. Calculo que a média da expectativa de vida entre os tibetanos é de apenas trinta anos. Um grande número de crianças morrem muito novas e entre toda a multidão de funcionários públicos só existe um septuagenário.

Eu tinha lido em muitos livros sobre o Tibete que o anfitrião está acostumado a oferecer a sua mulher ou filha ao convidado. Se eu contasse com isso teria ficado muito desapontado. Às vezes acontecia que uma jovem e bonita criada era oferecida por brincadeira, mas as raparigas não se oferecem a menos que sejam cortejadas. Claro que se pode encontrar raparigas perdidas em todas as partes do mundo, e mesmo em Lassa há algumas beldades que fazem amor a nível profissional.

Antigamente os casamentos eram arrançados pelos pais, mas hoje em dia os jovens escolhem os seus próprios companheiros. Casam muito novos, as raparigas aos dezasseis e os rapazes aos dezassete ou dezoito no máximo. Os aristocratas só podem casar com os da sua classe e esta regra é rigidamente observada. Os familiares não podem casar entre si, excepto ao fim de sete gerações, de forma a evitar consanguíneos. Só o Dalai Lama pode autorizar excepções a esta regra. Ocasionalmente são promovidos à nobreza homens competentes do povo e isso traz algum sangue novo ao pequeno círculo de cerca de duzentas famílias da aristocracia.

Os divórcios são raros e têm que ser aprovados pelo Governo. São impostos castigos drásticos às esposas infiéis, como por exemplo cortar-lhes o nariz. Mas, na realidade, nunca ouvi falar em nenhum caso em que este castigo fosse executado. Uma vez mostraram-me uma velha mulher sem nariz, que alegadamente teria cometido uma infidelidade — mas pode muito bem ter sido apenas um caso de sífilis.

As doenças venéreas são comuns no Tibete. Muitos casos ocorrem em Lassa mas não lhes é atribuída muita importância. São geralmente negligenciados e o médico é chamado quando já é muito tarde para resolver o problema. O ancestral remédio do mercúrio é conhecido dos monges nas escolas de medicina.

Quanto se poderia fazer pelo Tibete se as condições médicas e sanitárias fossem melhoradas! A cirurgia é completamente desconhecida no país. Aufschnaiter e eu costumávamos entrar em pânico só de pensar num ataque de apendicite. Qualquer dor suspeita nos alarmava. Parecia absurdo morrer desta doença no século xx. Os tibetanos não sabem nada sobre operações ao corpo humano à excepção de lancetar furúnculos. O uso de instrumentos em partos é igualmente desconhecido. A única ligação à cirurgia que os tibetanos têm é nas actividades da tribo que disseca corpos, os Domdens, que frequentemente participam aos familiares a causa da morte e informam os estudantes de medicina interessados sempre que encontram qualquer característica interessante no corpo.

Infelizmente, as escolas de Medicina opõem-se a qualquer progresso. As doutrinas ensinadas por Buda e os seus apóstolos são uma lei suprema que não pode ser adulterada. Existem duas escolas, a mais pequena situada no Chag-pori ou Montanha de Ferro, e a maior na cidade. Todos os mosteiros enviam alguns jovens inteligentes para estas escolas. O curso dura de dez a quinze anos. Sábios monges ensinam os rapazes, que se sentam de pernas cruzadas no chão com as suas ardósias sobre os joelhos. Muitas vezes existem na parede ilustrações coloridas. Uma vez eu estava presente quando um professor explicava por meio das ilustrações os sintomas de envenenamento causado por uma determinada planta. Mostravam aos pupilos desenhos da planta, dos sintomas, dos antídotos e das suas reacções — tal como os diagramas de parede nas nossas escolas.

A Astronomia é uma parte integrante da ciência médica. O calendário lunar anual é explicado nas escolas de Medicina após a consulta de antigos trabalhos. Os eclipses do sol e da lua são cuidadosamente registados e são preparadas previsões meteorológicas mensais e anuais.

No Outono, toda a escola saí em busca de ervas nas montanhas. Os rapazes apreciam imenso a expedição embora tenham muito trabalho. Todos os dias acampam num lugar novo e no fim da sua excursão conduzem os seus iaques sobrecarregados para Tra Yerpa, um dos lugares mais sagrados no Tibete, onde as ervas são separadas e postas a secar numa espécie de templo. No Inverno, os mais novos destes pequenos monges têm de moer as ervas secas e transformá-las em pós, que são guardados em bolsas de

cabedal à prova de ar e cuidadosamente rotuladas pelo abade encarregado da escola. Estas escolas funcionam como farmácias onde qualquer um pode obter medicamentos gratuitos, que também servem como um pequeno presente. Os tibetanos são realmente avançados no estudo das ervas e das suas propriedades medicinais, e eu já recorri muitas vezes a elas. Os seus comprimidos não resultaram muito com a minha ciática, mas já curei muitas constipações e febres com os seus chás de ervas.

O abade da Escola de Medicina de Lassa é também o médico pessoal do Dalai Lama, um cargo honroso mas arriscado. Quando o décimo terceiro Dalai Lama morreu aos cinquenta e quatro anos de idade levantaram toda a espécie de suspeitas, e o abade de então pôde considerar-se feliz por escapar apenas com uma despromoção, pois poderia ter sido condenado a um açoitamento.

Nas cidades e nos mosteiros é possível ser-se vacinado contra a varíola, mas essa é a única forma de inoculação praticada e muitas vidas se perdem desnecessariamente em epidemias por falta de tratamento profiláctico. O que salva o Tibete é o clima frio e o ar puro da montanha. Mas a poluição universal e as péssimas condições sanitárias poderão ocasionar pragas catastróficas. Nós pregámos sempre a necessidade de melhores meios sanitários e projectámos um sistema de drenagem para Lassa. A superstição é o inimigo. Descobrimos que as pessoas tinham mais confiança nas curas pela fé e toques de mão do que nas práticas dos monges das Escolas de Medicina. Muitas vezes os Lamas besuntam os pacientes com a sua saliva sagrada. *Tsampa*, manteiga e a urina de algum homem santo são transformadas numa espécie de papa que é administrada ao doente. Os carimbos de oração em madeira que são submersos em água benta e então aplicados nos locais doloridos não fazem mal a ninguém. Nada é mais cotado como remédio do que objectos que tenham pertencido ao Dalai Lama. Todos os nobres costumavam mostrar-me orgulhosamente relíquias do décimo terceiro Dalai Lama cuidadosamente cosidas dentro de pequenas bolsas de seda. Tsarong, como seu antigo favorito, possuía muitos artigos de uso pessoal que lhe tinham pertencido, e eu ficava atónito por Tsarong e o seu filho, que tinham sido educados na Índia, serem supersticiosos ao ponto de darem valor a estas relíquias.

Muitos homens e mulheres vivem de interpretar horóscopos e ler sinas. Uma característica de Lassa são as velhinhas que rastejam ao longo da estrada dos peregrinos e lêem a sina em troca de uma pequena quantia. Perguntam a data de nascimento, fazem uns pequenos cálculos com os seus rosários e as pessoas seguem o seu caminho consoladas com as suas misteriosas palavras. A máxima confiança é depositada nos poderes proféticos dos Lamas e das Encarnações e ninguém faz nada sem consultar antes os presságios. Ninguém pensaria iniciar uma peregrinação ou um novo trabalho antes de saber qual é a data mais propícia.

Num passado recente vivia em Lassa um Lama muito celebrado, cujas visitas e consultas estavam preenchidas com meses de antecedência. Ele costumava viajar com os seus discípulos de um lugar para o outro recebendo hospitalidade. Os seus pacientes davam-lhe tantos presentes que ele e o seu grupo viviam muito confortavelmente. Tinha uma tal reputação que até mesmo o Sr. Fox, o inglês operador de rádio, que há anos era uma vítima da gota, pediu ao Lama que o visitasse. Mas o pobre Fox perdeu a sua vez pois o velho homem morreu antes de poder visitá-lo.

O velho Lama tinha sido inicialmente um simples monge. Depois de estudar durante vinte anos num dos principais mosteiros, passou nos exames com distinção e retirou-se para uma eremitagem de vários anos. Vivia numa das celas solitárias espalhadas por todo o país e nas quais os monges se refugiam para um período de meditação. Muitos deles pedem aos seus discípulos para os emparedar e vivem apenas de *tsampa* e chá. Este monge ficou célebre pela sua vida exemplar. Nunca comeu nada a que tivesse sido tirada a vida, e abstinha-se inclusivamente de comer ovos. Tinha a reputação de não precisar de dormir e de nunca ter usado uma cama. Posso confirmar este último detalhe pois viveu perto de mim alguns dias. Também se dizia que realizava milagres. Uma vez, os poderosos raios que emanavam das mãos incendiaram o seu próprio rosário. Ofereceu à cidade de Lassa uma grande estátua de Buda banhada a ouro que ele próprio tinha pago com o dinheiro que recebia dos seus pacientes e admiradores.

No Tibete só havia uma Encarnação feminina. O seu nome, traduzido, seria a «Javalina dos Relâmpagos. Eu costumava vê-la frequentemente em cerimónias na Bar-khor, uma estudante de aparência insignificante com

aproximadamente dezasseis anos, vestida com um hábito de freira. No entanto, era a mulher mais sagrada do Tibete e onde quer que fosse o povo pedia a sua bênção. Mais tarde tornou-se abadessa num convento junto ao Lago Yamdrok.

Em Lassa circulavam sempre inúmeros rumores e histórias sobre freiras beatificadas e Lamas, e eu teria investigado com prazer alguns dos seus milagres. Mas não devemos ofender as crenças do povo. Os tibetanos são felizes com as suas próprias convicções e nunca tentaram converter-nos. Contentávamo-nos em estudar os seus costumes, visitar os seus templos como espectadores e oferecer *écharpes* brancas como recomendava a etiqueta.

11 A VIDA EM LASSA

O Oráculo do Estado — Outono em Lassa — A minha festa de Natal — A vida dos estrangeiros em Lassa.

Tal como as pessoas recorrem aos adivinhos e Lamas para aconselhamento e ajuda nas preocupações do seu dia-a-dia, também o governo consulta o Oráculo do Estado antes de tomar qualquer decisão importante. Uma vez pedi ao meu amigo Wangdiila para me levar a uma consulta oficial, e assim uma manhã dirigimo-nos para o mosteiro de Nechung. Nessa altura um monge de dezanove anos era o porta-voz do oráculo.

Fora criado em circunstâncias simples mas tinha atraído muitas atenções com os seus dons mediúnicos. A sua técnica não era tão impressionante como a do seu antecessor (que tinha colaborado na descoberta do actual Dalai Lama), mas esperava-se muito dele. Muitas vezes me interroguei se seria graças a um esforço de concentração inaudito que ele conseguia entrar em transe tão rapidamente perante centenas de pessoas ou se usaria drogas ou outros expedientes. Para poder funcionar como oráculo, o monge tem de libertar o seu espírito do corpo para permitir ao deus do templo apossar-se dele e falar através da sua boca. Nesse momento o deus manifesta-se nele. Esta é a crença dos tibetanos, e Wangdúla estava convencido desta verdade.

Conversámos sobre estas coisas durante o percurso de oito quilómetros até ao claustro. Fomos recebidos por uma música irreal e estranha. No interior o espectáculo era pavoroso. De todas as paredes espreitavam caretas hediondas e o ar era sufocante com fumos de incenso. O jovem monge tinha acabado de ser trazido dos seus aposentos para o sombrio templo. Usava um espelho redondo de metal ao peito. Assistentes vestiram-lhe um robe em seda colorida e conduziram-no para o seu trono. Então toda a gente se afastou dele. Só a sinistra música quebrava o silêncio. Observei-o cuidadosamente, nunca tirando os olhos do seu rosto — nem o mais ligeiro movimento das feições me escapou. Parecia que a vida lhe fugia. Agora estava perfeitamente imóvel, o seu rosto uma máscara estática. Então, subitamente, como se tivesse sido atingido por um raio, o seu corpo curvou-se para cima como um arco. Os observadores sustiveram a respiração. O deus apossava-se. O médium começou a tremer; todo o seu corpo estremecia e o suor escorria da sua fronte. Alguns servos aproximaram-se e colocaram-lhe um enorme e fantástico toucado na cabeça, tão pesado que foram necessários dois homens para o levantar. O delgado corpo do monge afun-dou-se ainda mais nas almofadas do trono sob o peso desta monstruosa mitra. Não admira que estes médiuns morram jovens. O esforço espiritual e físico destas sessões deve ser letal.

Os tremores tornaram-se mais violentos. A cabeça sobrecarregada do médium balançava de um lado para o outro e os olhos pareciam querer saltar das órbitas. O seu rosto estava inchado e coberto de manchas de um vermelho febril. Sons sibilantes perpassavam pelos seus dentes cerrados. De repente levantou-se de um salto. Os criados correram para o ajudar mas ele esgueirou-se por entre eles e começou a rodopiar numa estranha e exótica dança ao som lamuriento do oboé. Para além da música, os seus gemidos e o ranger dos dentes eram o único som que se ouvia no templo. Agora começava a bater no seu peito reluzente com um grande anel polegar, fazendo um ruído que abafava o monótono rufar dos tambores. Então girou num só pé, erecto sob o peso do gigantesco toucado que há momentos dois homens mal tinham conseguido levantar. Os assistentes encheram-lhe as mãos com grãos de cevada, que ele atirou sobre o aterrorizado grupo de espectadores. Todos se curvaram perante ele e receei que notassem a minha presença. O médium ficou mais calmo. Alguns servos agarraram-no e um ministro do Gabinete aproximou-se e atirou-lhe uma *écharpe* sobre a

cabeça. Começou então a fazer-lhe perguntas cuidadosamente preparadas pelo Gabinete a respeito da nomeação de um governador, a descoberta de uma nova Encarnação, assuntos que envolviam guerra e paz. Foi pedido ao oráculo que decidisse sobre todas estas questões. Muitas vezes a pergunta tinha que ser repetida várias vezes até que o médium comesse a resmungar. Tentei apanhar palavras inteligíveis, mas não consegui entender nenhum daqueles sons. Enquanto o ministro ali humildemente especado tentava entender as respostas, um velho monge anotava-as com uma velocidade incrível. Tinha feito isto centenas de vezes na sua vida pois também fora secretário do oráculo anterior. Não consegui afastar da minha mente a suspeita de que talvez o verdadeiro oráculo fosse o secretário. As respostas que ele anotava, embora ambíguas, sugeriam uma linha a ser seguida e aliviavam o Gabinete de uma pesada responsabilidade. Quando um oráculo começa a dar maus conselhos, fazem pouco caso do porta-voz e dispensam-no do seu cargo. Isto sempre me pareceu ilógico. Afinal o deus falava através do médium ou não?

Apesar dos riscos, o cargo de oráculo do Estado é muito desejado, pois também acumula o título de Dalama, correspondente à terceira classe nas ordens da nobreza, e o seu detentor é prior do claustro de Nechung com todos os seus benefícios.

As últimas perguntas feitas pelo ministro ficaram sem resposta. Estaria o médium exausto ou o deus sem disposição?

Saí do templo e parei sob o sol ofuscante, sentindo-me completamente entorpecido pelo que tinha presenciado. A minha mentalidade europeia estava perplexa com a experiência. Posteriormente, assisti a muitas consultas ao oráculo, mas nunca consegui sequer chegar a uma explicação aproximada do enigma.

Era sempre uma experiência curiosa encontrar o Oráculo do Estado na vida normal. Nunca me acostumei a sentar-me à mesa com ele e ouvi-lo comer ruidosamente a sopa de massa. Quando nos encontrávamos na rua, eu costumava tirar o meu chapéu e ele retribuía o cumprimento com uma vénia e um sorriso. Era um jovem bem parecido e não tinha qualquer semelhança com a máscara inchada, distorcida e manchada de vermelho do estático médium.

O Oráculo do Estado também tem um papel muito importante na famosa Grande Procissão, quando o Dalai Lama é levado à cidade para visitar a Catedral. A cerimónia é designada Grande Procissão para se distinguir da procissão ao Jardim de Verão que já descrevi.

Nesta ocasião Lassa inteira está a pé; não existe praticamente nenhum lugar para se estar. Há uma tenda montada numa pequena clareira e à sua volta estão postados os monges-guardas que, como habitualmente, estão atarefados em manter os curiosos à distância com os seus chicotes. Esta tenda encerra um grande mistério. No seu interior o Dalama de Nechung prepara-se para entrar em transe. Entretanto o Rei Divino aproxima-se lentamente na sua cadeirinha com os seus trinta e seis carregadores. Agora o Sagrado parava em frente à tenda até sair o monge possuído com passos cambaleantes, rosto inchado, a boca emitindo sons sibilantes e o peso do seu toucado quase o pregando ao chão. Faz sinal aos carregadores para se afastarem, abre caminho por entre eles e coloca os ombros debaixo das barras que suportam o palanquim e corre alguns metros. Parece incomodar o seu Fardo Sagrado, mas está tudo bem. Os outros carregadores retomam a carga e o Dalama cai ao chão desmaiado, sendo transportado dali numa liteira preparada para o efeito. A procissão retoma então o seu solene andamento. Nunca consegui entender o significado exacto deste ritual. Talvez pretenda simbolizar a sujeição da Divindade Protectora aos poderes superiores do Buda Vivo.

Para além do Oráculo do Estado e do Feiticeiro da Chuva, existem em Lassa pelo menos seis médiuns, incluindo uma velha que é considerada uma manifestação de uma deusa protectora e que, por uma pequena quantia, se dispunha a entrar em transe e a permitir que a deusa se manifestasse. Havia dias em que ela se submetia a este processo quatro vezes!

Também há médiuns que durante o transe conseguem dobrar longas espadas em espiral. Vários amigos meus guardam estas espadas em frente aos seus altares particulares. Já tentei várias vezes repetir esta façanha, mas não consegui sequer começar.

A consulta aos oráculos remonta a tempos pré budistas, quando os deuses exigiam sacrifícios humanos, e penso que o ritual continuou quase inalterado desde os seus primórdios. Eu ficava sempre muito impressionado

com estas misteriosas manifestações, mas feliz por saber que as minhas próprias decisões não estavam sujeitas às orientações de um oráculo.

Quando o Outono chegou já estávamos há vários meses em Lassa e tínhamo-nos adaptado completamente ao clima. Esta é a melhor estação do ano. Os jardins de flores em que eu tinha trabalhado tanto estavam a florescer plenamente e as árvores tinham começado a mudar de cor. Havia fruta em abundância — pêssegos, maçãs e uvas das províncias do sul. Esplêndidos tomates e pequenas abóboras eram expostos no mercado, e era durante esta estação que a pequena nobreza organizava as suas grandes festas nas quais ofereciam aos convidados uma inacreditável variedade de iguarias.

Também era a altura do ano apropriada para excursões, mas infelizmente nenhum tibetano escalava uma montanha por prazer. Em dias especiais os monges saem em peregrinação a algum pico sagrado de montanha, e os nobres mandam os seus criados com eles para propiciarem os deuses acendendo incenso nos cumes. Os topos das montanhas assolados pelo vento ecoam com orações e novas bandeiras são hasteadas, enquanto os corvos voam em redor à espera das ofertas de *tsampa*. Cabe acrescentar que toda a gente fica feliz por regressar à cidade ao fim de dois ou três dias nas montanhas.

Aufschnaiter e eu fazíamos questão de escalar todos os picos nas proximidades. Não ofereciam a atracção das dificuldades técnicas mas as panorâmicas eram esplêndidas. A sul podíamos avistar os Himalaias, e bem próximo de nós, a 7000 metros de altitude, erguia-se o pico da cordilheira de Nyenchenthanghla pela qual tínhamos passado há oito meses atrás no nosso caminho para Lassa.

Da cidade não se consegue avistar nenhum glaciar. A suposição de que se encontra neve e gelo em toda a parte no Tibete não é correcta. Gostaríamos de esquiar, mas mesmo que pudéssemos repetir a nossa experiência com esquis caseiros, as distâncias eram muito grandes. Iríamos precisar de cavalos, tendas e criados. O desporto em regiões desabitadas sai caro.

Por isso tínhamos que nos contentar com as nossas excursões de alpinismo. O nosso equipamento não era exactamente profissional.

Usávamos botas do exército e outros artigos de vestuário — restos vendidos ao Tibete por negociantes americanos, mas que serviam para os nossos propósitos. Os tibetanos não conseguiam evitar o espanto que lhes causava a velocidade com que completávamos os nossos passeios. Uma vez tive que acender uma grande fogueira de incenso no topo de uma montanha para que os meus amigos a avistassem do telhado de suas casas. De outra forma ninguém acreditaria que já tínhamos chegado lá. Aufschnaiter e eu costumávamos percorrer num dia a mesma distância que os criados dos nossos amigos faziam em três. O primeiro tibetano em quem consegui criar algum entusiasmo pelas expedições na montanha foi o meu amigo Wangdúla, que tinha uma ótima resistência. Mais tarde, outros amigos nos acompanharam e todos apreciaram imenso as paisagens e deslumbraram-se com as maravilhosas flores da montanha que encontrávamos.

A minha expedição favorita era a um pequeno lago de montanha apenas a um dia de marcha de Lassa. A primeira vez que lá fui foi durante a estação das chuvas, quando se temia que as águas transbordassem e inundassem a cidade. De acordo com uma antiga lenda, este lago está ligado por um túnel a um lago subterrâneo que dizem existir por debaixo da catedral. Todos os anos o governo costumava enviar monges para agradecer os espíritos do lago com orações e oferendas. Os peregrinos também costumavam lá ir e atirar anéis e moedas para a água. Na margem do lago havia algumas cabanas de pedra onde nos podíamos abrigar. Descobri que o lago não ameaçava minimamente a segurança da cidade. Mesmo que transbordasse não causaria prejuízo nenhum. Era um lugar idílico e pacífico. Rebanhos de ovelhas selvagens, gazelas, marmotas e raposas deambulavam descontraidamente por ali, e lá no alto a águia-pesqueira descrevia círculos com o seu voo. Para todas estas criaturas o homem não era um inimigo. Ninguém se atreveria a caçar nas proximidades da Cidade Sagrada. A flora em volta do lago é de tal forma que aceleraria a pulsação de qualquer botânico. Maravilhosas pa-poilas amarelas e azuis crescem nas margens. São uma especialidade do Tibete, e só se encontram também em Kew.

Estas expedições não saciavam completamente o meu apetite por desporto. Estava sempre a imaginar que mais poderia fazer, e por fim surgiu-me a ideia de construir um campo de ténis. Consegui interessar muita gente na ideia e preparei uma lista de futuros membros do Ténis

Clube de Lassa. Também angariei alguns fundos antecipadamente. A lista de membros era impressionante e tinha um carácter quase internacional. Havia indianos, sikkimeses, nepaleses e naturalmente imensos jovens cavalheiros de Lassa. Estes tinham inicialmente hesitado em inscrever-se, tendo em conta a atitude do governo em relação ao futebol. Mas consegui afastar os seus receios explicando que o ténis não atraía espectadores nem causava discórdias. Mesmo a Igreja deveria perceber que se tratava de um jogo inofensivo. Para além disso, já existia um campo de ténis na Legação Inglesa.

Contratei então uma equipa de trabalhadores e dei instruções para que nivelassem um bocado de terreno junto ao rio. Não foi fácil encontrar o tipo de solo adequado para a superfície do campo, mas num mês estava tudo pronto. Eu estava bastante orgulhoso do trabalho. Já tínhamos encomendado da Índia redes, raquetes e bolas e organizámos uma pequena festa para inaugurar o Ténis Clube de Lassa.

Havia uma competição acirrada entre as crianças para serem apanha-bolas. Eram assustadoramente desastrados pois nunca tiveram uma bola nas mãos. Mas quando convidámos membros da Legação Britânica para jogar connosco, os soldados do corpo da guarda da Legação Nepalesa vieram apanhar bolas para nós. Custava imenso vê-los a correr de um lado para o outro nos seus esplêndidos uniformes.

Em pouco tempo já tínhamos um grande número de jogadores. O melhor era incontestavelmente o Sr. Liu, secretário da Legação Chinesa; a seguir estava o Sr. Richardson, o Representante Britânico, um escocês magro, astucioso e severo na sua área profissional. Tinha um grande passatempo — o seu esplêndido jardim de flores e vegetais.

Quando o visitávamos, sentíamo-nos como num jardim de um conto de fadas.

As partidas de ténis proporcionavam novas ocasiões para um agradável relacionamento social. Organizavam-se partidas, ora nos nossos campos, ora nos da Legação Britânica, após os quais tomávamos chá e jogávamos brí-dege. Eu considerava estes encontros como passeios sociais de domingo e costumava aguardá-los com prazer. Era necessário vestirmo-nos

decentemente e, por um momento, ficávamos com a impressão de ter regressado ao meio de onde viéramos. O meu amigo Wangdúla provou o seu valor nesta área também. Era um tenista aplicado e um excelente parceiro para o brídege.

Os nossos campos de ténis tinham outra vantagem, pois podíamos usá-los o ano todo. Mas durante a época das tempestades de areia tínhamos de ser cuidadosos. Em vez de vedações de arame tínhamos usado cortinas altas para cercar os campos e assim, quando avistávamos as nuvens de pó a acumularem-se sobre o Potala, tínhamos que ser rápidos e retirá-las antes que fossem levadas pela tempestade.

No Outono, os tibetanos praticam o seu ancestral passatempo de soltar papagaios. Quando as chuvas acabam e o tempo seco de Outono se estabelece, os bazares enchem—se de papagaios coloridos. O desporto começa pontualmente no primeiro dia do oitavo mês. Mas não é apenas uma brincadeira de crianças, como acontece connosco. O dia de abertura é um festival popular e os nobres entusiasmam-se tanto com o passatempo como as pessoas mais simples. O primeiro papagaio sobrevoa o Potala e pouco depois o céu está cheio deles. Crianças e adultos ficam horas nos telhados a soltarem os seus papagaios com uma concentração tão intensa como a dos campeões de xadrez ou de ténis. Os papagaios são atados a barbante resistente tratado com cola e vidro moído. O principal objectivo do jogo é cruzar a linha do adversário e cortá-la. Quando isso acontece, ouvem-se gritos de alegria vindos dos telhados. O papagaio cortado cai lentamente e as crianças atiram-se a ele. Agora pertence-lhes. Durante um mês este jogo é praticado em todas as horas de lazer. A temporada chega então ao fim e os papagaios desaparecem tão repentinamente como apareceram.

Um dia, enquanto eu passeava por um bazar a apreciar os papagaios, aconteceu uma coisa insólita. Um estranho abordou-me para me vender um relógio — quer dizer, os restos de um relógio velho e ferrugento já sem o mostrador. O homem explicou que estava avariado e que não sabia o que fazer com ele. Como eu era europeu, talvez o pudesse reparar. E podia pagar o que quisesse por ele. Peguei nele e reconheci-o imediatamente. Era o relógio de pulso de Aufschnaiter, que ele tinha vendido quando estávamos

no Tibete Ocidental — um *Rolex* à prova de água que ele usara durante a expedição a Nanga Parbat. Aufschnaiter tinha-se desfeito dele com muita pena. Pensei que gostaria de o reaver mesmo que não funcionasse. De qualquer forma, seria uma recordação. Embora tivesse poucas esperanças de sucesso, entreguei-o a um inteligente artesão maometano para que experimentasse. Ele ficou deslumbrado com o mecanismo e em pouco tempo pô-lo a trabalhar novamente. Devolvi-o a Aufschnaiter como prenda de aniversário. Deviam ter visto a cara dele quando recebeu o relógio!

No Outono, realizam-se os grandes mercados de cavalos. Caravanas com centenas de cavalos chegam de Siling no noroeste da China. Há um intenso regateio, no qual os tibetanos são muito bons, e paga-se muito dinheiro por bons cavalos. Os nobres gostam de manter bons estábulos e insistem em ter todos os anos um novo puro-sangue para montar. Claro que só os ricos podem pagar por isto. A gente do povo, quando monta, usa pôneis tibetanos, mas a nobreza gasta dinheiro em bons cavalos. Quando saem a cavalo levam consigo criados também montados. Um ministro do Gabinete, por exemplo, deve ir acompanhado por seis homens uniformizados. O número de cavalos de um nobre varia de acordo com a sua posição — alguns chegam a ter vinte.

Muitas vezes vi mulheres a cavalo. As suas saias são suficientemente largas para poderem montar com uma perna para cada lado. Frequentemente acompanham os maridos em viagens que duram semanas, quando vão em peregrinação ou são transferidos de posto. Usam umas toucas semelhantes a telhados para se protegerem do sol, esfregam no rosto a seiva castanha escura de uma planta e tapam a boca com um xaile. Quando cavalgam pelas ruas com esta caracterização, parecem todas iguais, e eu receio ter cometido muitas *gaffes* por não reconhecer pessoas amigas em tais ocasiões.

Durante estas longas expedições a cavalo as crianças mais pequenas viajam ao colo das suas amas, e as maiores numa espécie de berço com barras em madeira para evitar que caiam.

Lá para o princípio de Dezembro tivemos um acontecimento excitante. Foi previsto um eclipse lunar e desde o cair da noite os telhados tinham estado apinhados de gente curiosa que aguardava ansiosamente o

espectáculo. Quando a sombra da Terra começou lentamente a encobrir a superfície da Lua, ouviu-se um murmúrio por toda a cidade. Em breve todos começaram a bater palmas e a gritar alto para afugentar o demónio malvado que se tinha posto à frente da lua. Quando o eclipse acabou as pessoas regressaram a casa felizes e foram entreter-se com jogos para celebrar a vitória sobre o demónio.

O Natal aproximava-se e eu tinha imaginado uma surpresa. Queria oferecer aos meus amigos uma autêntica festa de Natal com uma árvore e prendas. Tinha recebido tanta generosidade e hospitalidade que queria retribuir de alguma forma, dando aos meus amigos algum prazer, pelo menos por esta vez. Os preparativos mantiveram-me muito ocupado. O meu amigo Trethong, cujo falecido pai tinha sido ministro, emprestou-me a sua casa por alguns dias. Contratei empregados especializados e cozinheiros e comprei pequenas prendas para os meus convidados, tais como isqueiros eléctricos, canivetes, raquetes de pingue—pongue e jogos familiares. Pensei em presentes especiais para o meu anfitrião Tsarong e para a sua família. A principal atracção era a árvore de Natal. A Sra. Tsarong emprestou-me uma árvore de junípero num belo vaso e decorei-a com velas, maçãs, castanhas e doces. Parecia mesmo a árvore tradicional.

A festa começou de manhã, como é habitual em Lassa. Wangdiila ajudou-me como mestre de cerimónias pois eu ainda tinha receio de cometer alguma incorrecção de etiqueta. Os meus convidados estavam cheios de curiosidade. Examinavam a árvore de todos os lados e olhavam para os embrulhos empilhados. Toda a gente estava excitada e ansiosa, tal como as crianças nas nossas casas. Passámos o dia entretidos com jogos e a comer e beber, e quando anoiteceu pedi aos meus convidados para passarem à sala ao lado. Acendi então a árvore de Natal e Wangdúla vestiu o seu casaco de peles ao contrário e fez de Pai Natal. Pusemos a tocar o disco de «Noite Feliz»: abriu-se a porta e com os olhos esbugalhados de espanto os meus convidados aglomeraram-se à volta da árvore. O Sr. Liu conduzia o coro e alguns dos convidados que tinham frequentado escolas inglesas também participaram pois conheciam a canção. Era uma cena estranha. Uma mistura de raças no coração da Ásia, reunida em volta de uma árvore de Natal e a cantar o velho e querido hino de Natal da nossa terra. Eu tinha-me tornado exímio em controlar as minhas emoções, mas devo confessar que neste

momento não consegui evitar as lágrimas nos olhos e tive um súbito ataque de saudades.

A alegria dos meus convidados e o seu prazer com as suas prendas de Natal — aumentado por um pouco de álcool — ajudaram-me a superar a minha nostalgia. Quando os meus amigos se foram embora disseram-me repetidamente o quanto tinham apreciado o nosso «Ano Novo alemão».

Há um ano atrás, nas planícies desertas do Chang-thang acháramos que uns bocados de pão branco eram uma maravilhosa prenda de Natal. Hoje estávamos sentados à volta de uma mesa carregada de coisas boas e na companhia de almas amigas. Não tínhamos o direito de nos queixar da nossa vida.

Não fizemos nada de especial para celebrar o Ano Novo de 1947. Aufschneider tinha terminado o seu canal e tinha um importante trabalho novo para executar. Havia em Lassa uma antiga central eléctrica que tinha sido instalada há vinte anos atrás por um dos antigos alunos de Rugby. Agora estava num estado de terrível abandono e praticamente não fornecia corrente. Nos dias de trabalho só havia energia suficiente para manter as máquinas da Casa da Moeda a trabalhar, mas só aos sábados é que havia corrente suficiente para as necessidades das casas particulares.

O Tibete produz o seu próprio papel-moeda e procede à sua cunhagem. A unidade numismática é o *Sang*, que se divide e subdivide em décimas, o *sko* e o *karma*. As notas são feitas com o papel nativo de cores brilhantes e com marcas d'água. Os números são pintados à mão com enorme habilidade, e até agora todas as tentativas de falsificação falharam devido à dificuldade em os imitar. As notas bancárias têm muito boa aparência. Também são usadas moedas de ouro, prata e cobre cunhadas com o emblema do Tibete — montanhas e leões, que também aparecem nos selos postais ao lado do sol nascente.

Como a operação de cunhagem dependia tanto da corrente eléctrica, abordaram Aufschneider e perguntaram-lhe se poderia reparar a antiga instalação. Ele conseguiu convencer as autoridades de que não havia vantagem nenhuma em fazer isto pois o mais adequado seria aproveitar a energia hidroeléctrica do rio Kyichu. A central existente usava o fraco

caudal de um pequeno afluente da corrente principal. Mas manifestaram o receio de que os deuses castigassem Lassa se as águas do rio sagrado fossem usadas para tal propósito, e Aufschnaiter teve o grande mérito de conseguir persuadir as autoridades do contrário. Deram-lhe instruções para começar o levantamento topográfico imediatamente e, para evitar a longa viagem diária de ida e volta, ele instalou-se fora da cidade, na casa de campo de uma quinta.

Agora víamo-nos com muito menos frequência. O meu trabalho de professor prendia-me à cidade, e também dava lições de ténis. Os meus pupilos, grandes e pequenos, faziam bons progressos mas infelizmente os tibetanos não são famosos pela sua perseverança. Cheios de entusiasmo no princípio, e sempre prontos para qualquer coisa nova, o seu interesse desvanecia em pouco tempo. Por isso eu estava sempre a perder alunos e a substituí-los, o que não era nada satisfatório para mim. As crianças de boas famílias que eu ensinava eram inteligentes e atentas, em nada inferiores às nossas crianças em termos de compreensão. Nas escolas indianas os alunos tibetanos equiparam-se aos europeus pela sua inteligência. É preciso lembrarmo-nos de que eles têm que aprender a língua dos seus professores. Apesar dessa desvantagem, estão frequentemente adiantados em relação ao resto da classe. Havia um rapaz de Lassa no colégio St. Joseph em Darjeeling que era não só o melhor aluno como também o melhor em todos os jogos e desportos.

Para além das minhas lições eu tinha descoberto várias outras maneiras de aumentar os meus rendimentos. Em Lassa quase se pode apanhar dinheiro do chão. Só é preciso um pouco de iniciativa. Eu poderia, por exemplo, ter aberto uma leitaria para vender leite fresco e manteiga ou encomendado um frigorífico para produzir gelados. Relojoeiros, sapateiros e jardineiros tinham uma enorme procura, e se uma pessoa soubesse inglês podia facilmente arranjar emprego numa casa comercial. Mas não tínhamos intenções de nos tornar comerciantes ou simplesmente de ganhar dinheiro. Precisávamos de trabalho que simultaneamente nos desse satisfação. E acima de tudo queríamos ser úteis ao governo e assim retribuir, em certa medida, a sua hospitalidade. Éramos consultados sobre toda a espécie de assuntos e ficávamos muito contentes por ser úteis. Mas éramos exageradamente considerados polivalentes e às vezes era embaraçoso

quando nos pediam conselhos sobre assuntos que não conhecíamos tão bem como eles supunham.

Uma vez convidaram-nos para restaurar com um banho dourado os ídolos de um templo. Por sorte encontrámos num dos livros da inesgotável biblioteca de Tsarong a receita para preparar tinta dourada a partir de ouro em pó. Tivemos que encomendar vários químicos da Índia, pois os nepaleses de Lassa, entre os quais se encontram ourives profissionais, são muito zelosos das suas técnicas.

O Tibete dispõe de consideráveis depósitos de ouro, mas os métodos modernos de exploração mineira são desconhecidos. Desde tempos remotos que escavam o solo das planícies do Changthang com chifres de gazela. Um inglês disse-me certa ocasião que seria com certeza lucrativo tratar com métodos modernos o solo já explorado pelos tibetanos. E apesar de muitas províncias terem que pagar as suas taxas em ouro, só extraíam o absolutamente necessário, por receio de perturbar os deuses da terra e atrair represálias, e assim mais uma vez o progresso é retardado.

Muitos dos grandes rios da Ásia têm as suas nascentes no Tibete e nos seus caudais transportam ouro das montanhas. Mas só quando os rios alcançam os países vizinhos é que o seu ouro é explorado. O garimpo nos rios é praticado em poucas partes do Tibete, apenas onde é particularmente rentável. Existem rios no Tibete Oriental onde a corrente abre no leito do rio cavidades em forma de banheira. O ouro em pó deposita-se nestas cavidades e é preciso apenas ir recolhê-lo de tempos a tempos. Regra geral, o governador do distrito confisca estas colectas para o governo.

Sempre perguntei a mim próprio por que razão ninguém tinha ainda pensado em explorar estes tesouros para

lucro pessoal. Quando se nada debaixo de água em qualquer dos rios próximos de Lassa, pode ver-se o ouro em pó a brilhar à luz do sol. Mas tal como em tantas outras partes do país, esta riqueza natural está por explorar, principalmente porque os tibetanos consideram este trabalho — relativamente fácil — demasiado complicado para eles.

Mesmo antes do nosso segundo Ano Novo em Lassa, recebemos as primeiras cartas da família em três anos. Já tinham sido enviadas há muito tempo. Um dos envelopes tinha um carimbo de Reykjavik e já tinha dado a volta ao mundo. É fácil imaginar a nossa alegria por saber que por fim existia uma linha de comunicação entre a nossa distante e jamais esquecida terra natal e o «Tecto do Mundo em que vivíamos. Infelizmente, esta linha era muito frágil e a pobre comunicação postal não melhorou durante todos os anos da nossa permanência no Tibete. As notícias da Europa não eram encorajantes. Na verdade, reforçaram o nosso desejo de permanecer onde estávamos e de fazer de Lassa o nosso lar permanente. Nenhum de nós tinha laços muito fortes com as nossas antigas casas. O tempo que tínhamos passado neste pacífico canto do mundo tivera um efeito formativo no nosso carácter. Tínhamos compreendido a natureza e a mentalidade dos tibetanos e o nosso conhecimento da língua tinha progredido muito para além do estágio da simples comunicação. Agora sabíamos utilizar todas as fórmulas da conversação esmerada.

Um pequeno aparelho de rádio mantinha-nos em contacto com o mundo exterior. Tinha-me sido oferecido por um dos ministros, que me pediu que lhe transmitisse todas as notícias políticas, particularmente as que estivessem relacionadas com a Ásia Central. Provocava uma sensação irreal conseguir uma recepção tão nítida a partir desta pequena caixa. Era preciso lembrarmo-nos de que em Lassa não havia dentistas com as suas brocas eléctricas, nem eléctricos, nem cabeleireiros com todos os seus aparelhos eléctricos — na verdade, nada que perturbasse o ouvinte de um receptor portátil.

A primeira coisa que eu fazia todos os dias era ouvir as notícias e muitas vezes dava por mim a sacudir a cabeça, perplexo com as coisas a que o homem parecia dar importância. Aqui é o passo do iaque que dita o ritmo da vida, e tem sido assim ao longo de milhares de anos. Será que o Tibete ficaria feliz com transformações? Uma auto-estrada para a Índia iria sem dúvida melhorar imenso o nível de vida, mas ao acelerar o ritmo da existência poderia roubar ao povo a sua paz e o seu lazer. Não se deveria forçar um povo a introduzir invenções que estão muito adiantadas em relação ao seu estágio de evolução. Eles têm um bonito provérbio aqui —

«Não se pode chegar ao quinto andar do Potala sem começar pelo rés-do-chão.

A questão é saber se a cultura e o modo de vida tibetanos não compensam mais do que as vantagens das técnicas modernas. Haverá no Ocidente algo semelhante à perfeita cortesia deste povo? Aqui ninguém é desacreditado e a agressividade é desconhecida. Os próprios inimigos políticos tratam-se com consideração e educadamente e cumprimentam-se cordialmente quando se encontram na rua. As mulheres das classes superiores são cultas e elegantes, as suas roupas reflectem o seu bom gosto e são perfeitas anfitriãs. As pessoas teriam considerado perfeitamente normal se nós, solteiros, tivéssemos trazido uma ou mais mulheres para governarem a nossa casa. Os nossos amigos sugeriram, de facto, que deveríamos ter pelo menos uma companhia feminina. Em momentos de solidão ponderei muitas vezes a ideia mas, por mais atraentes que achasse muitas das raparigas, não conseguia decidir-me a comprometer-me. Havia poucos aspectos de comunhão espiritual e sem eles uma vida a dois não me teria satisfeito. Gostaria imenso de ter trazido uma esposa de casa, mas inicialmente não tinha dinheiro para isso e mais tarde foi a política que interveio.

Por isso eu vivia sozinho, e a minha independência provou ser uma grande vantagem quando posteriormente encetei uma amizade pessoal com o Dalai Lama. Os monges teriam desaprovado ainda mais os nossos encontros se eu fosse casado, pois vivem em severo celibato e estão proibidos de ter quaisquer contactos com mulheres. Infelizmente, a homossexualidade é muito comum e é inclusivamente perdoada, mais uma prova irrefutável de que as mulheres não têm lugar na vida dos monges que o praticam. Também acontece frequentemente monges apaixonarem-se por mulheres e pedirem para serem libertados dos seus votos para poderem casar, o que é concedido sem dificuldade. Quando um monge deixa uma ordem sagrada, se for um nobre de berço assume na sociedade civil um posto equivalente ao que tinha no convento; se for de origem humilde perde o seu título mas geralmente pode tornar-se comerciante. São aplicadas penas severas aos monges que se envolvem com mulheres sem antes terem pedido permissão para deixar a ordem.

Apesar da minha solidão voluntária descobri que o tempo passava muito rápido. As minhas horas de lazer eram ocupadas com leitura e com visitas. Aufschnaiter e eu visitávamo-nos um ao outro frequentemente desde que tínhamos deixado de viver juntos. Precisávamos de trocar ideias. Não estávamos completamente satisfeitos com as nossas actividades e às vezes interrogávamo-nos se não poderíamos aproveitar melhor o nosso tempo. Havia tanto por fazer em termos de explorar esta terra praticamente virgem. Muitas vezes pensávamos em sair de Lassa e vaguear através do interior, como já uma vez tínhamos feito, como pobres peregrinos de localidade em localidade e assim ficar a conhecer o Tibete como jamais algum europeu conhecera. Aufschnaiter estava sempre a sonhar com a ideia de passar um ano junto ao Namtso, o grande e misterioso mar interno, e estudar as suas marés.

A nossa vida no Tibete gradualmente perdeu a sensação de novidade, mas isso não nos impedia de compreender a sorte de podermos estar aqui. Os departamentos governamentais davam-nos com frequência cartas para traduzir vindas de todas as partes do mundo, e escritas por pessoas das mais variadas profissões. Eram principalmente pedidos de permissão para entrar no país. Muitos dos candidatos ofereciam-se para trabalhar para o governo em troca de alojamento e alimentação, de maneira a poderem conhecer o país. Outros eram pessoas que sofriam de tuberculose e tinham esperanças de se curarem com os ares de montanha do Tibete. A estes últimos respondia-se sempre transmitindo a bênção e os votos de felicidade do Dalai Lama e às vezes enviando um presente em espécie. Nunca era enviada resposta aos outros pedidos e ninguém recebia permissão para entrar no Tibete. A política inalterável era apresentar o Tibete como a Terra Proibida.

Os estrangeiros que conheci durante a minha permanência de cinco anos em Lassa não eram mais do que sete.

Em 1947, por recomendação da Legação Britânica, foi oficialmente convidado um jornalista francês chamado Amaury de Riencourt. Ficou três semanas em Lassa. Um ano mais tarde chegou de Roma o Professor Tucci, o famoso tibetólogo. Era a sua sétima visita ao Tibete, mas a primeira a Lassa. Era a maior autoridade em história e civilização do Tibete, e tinha

traduzido vários livros tibetanos e publicado vários originais. Conseguia surpreender chineses, ne-paleses, indianos e tibetanos com o seu conhecimento da história desses países. Encontrei-o frequentemente em festas e certa ocasião colocou-me numa posição delicada perante uma enorme audiência ao tomar o partido dos tibetanos contra mim numa discussão sobre o formato da Terra. No Tibete, a crença tradicional é a de que a Terra tem o formato de um prato. Isto estava a ser discutido na festa e eu defendi a teoria de que a Terra é esférica. Os meus argumentos pareciam estar a convencer os tibetanos e eu apelei ao Professor Tucci para que me apoiasse. Para minha grande surpresa ele adoptou uma atitude céptica, afirmando que na sua opinião os cientistas deviam rever as suas teorias continuamente, e que um dia a doutrina tibetana poderia perfeitamente revelar-se verdadeira! Toda a gente riu baixinho pois era sabido que eu dava lições de Geografia. O Professor Tucci ficou oito dias em Lassa e depois partiu numa visita ao mais famoso templo do Tibete, Samye; após o que deixou o país, levando consigo amostras científicas e muitos livros valiosos da Imprensa do Potala.

Outros visitantes interessantes em Lassa foram os americanos Lowell Thomas e o seu filho, em 1949. Também permaneceram por uma semana e participaram em muitas recepções em sua honra. Tiveram uma audiência com o Dalai Lama. Ambos tinham câmaras de filmar e registaram esplêndidas imagens. O filho escreveu um *best—seller* de estilo bajulador e sensacionalista e o pai, um comentador radiofónico nos E.U.A., fez gravações para os seus futuros programas. Eu invejava sobremaneira o seu esplêndido equipamento fotográfico e especialmente a sua abundância de película. Mais ou menos por essa altura eu tinha-me associado a Wangdúla na compra de uma *Leica*, mas estávamos totalmente desprovidos de película. Os americanos ofereceram-me dois rolos a cores, os primeiros e únicos que tive.

Nesta altura, a conjuntura política tinha contribuído para uma resposta favorável ao pedido de admissão dos dois americanos no Tibete. A atitude ameaçadora da China, embora habitual, intensificara-se. Todos os governos chineses, quer imperialistas, quer nacionalistas ou comunistas, tinham sempre considerado o Tibete uma província chinesa. Esta pretensão era absolutamente contrária aos desejos dos tibetanos, que amavam a sua

independência e tinham claramente direito a ela. Consequentemente, o governo tinha decidido admitir os dois americanos para organizar uma campanha publicitária a nível mundial a favor da independência do Tibete.

Para além destes quatro convidados do governo, vieram ao Tibete um engenheiro inglês e um mecânico numa missão profissional. O engenheiro fora contratado pela Companhia Geral de Electricidade para instalar novas máquinas na central. Falou muito bem do trabalho já realizado por Aufschnaiter. O mecânico, Nedbailoff, era um russo que vagueava pela Ásia desde a Revolução. Tinha finalmente ido parar a Dehra-Dun e, em 1947, estava prestes a ser repatriado para a Rússia. Para salvar a vida, tinha fugido para o Tibete mas tinha sido recapturado na fronteira. Finalmente, decidiram permitir-lhe ficar em Sikkim já que se tratava de um mecânico profissional. Daí foi convocado para Lassa a fim de reparar as máquinas da antiga central eléctrica, mas poucos meses depois da sua chegada os exércitos da China Vermelha invadiram o Tibete e mais uma vez teve de fugir. Acredito que acabou por ir parar à Austrália. A sua vida era uma fuga contínua. Era um aventureiro nato e parecia imune aos perigos e provações.

A declaração de independência da Índia determinou o destino da Legação Britânica em Lassa. O pessoal inglês foi substituído por indianos, mas o Sr. Richardson ficou até Setembro de 1950, pois os indianos não tinham nenhum candidato qualificado para o cargo. Reginald Fox foi contratado pelo governo tibetano como operador de rádio. Recebeu instruções para instalar postos de rádio em todos os pontos estratégicos, pois o receio de uma invasão-surpresa pelas forças da China comunista aumentava diariamente. Era necessário um homem de confiança para Chamdo, um ponto vital no Tibete Oriental, e Fox trouxe um jovem inglês chamado Robert Ford, que pouco depois conheci em Lassa. Adorava dançar e introduziu o samba em Lassa. Dançava-se bastante nas festas tibetanas. As danças nacionais, parecidas com as das estepes do nordeste, eram as mais populares mas o *foxtrot* também era apreciado, apesar de ser encarado com apreensão pelos mais velhos, que achavam impróprio que os pares dançassem tão agarrados.

Ford partiu com uma grande caravana para Chamdo e em breve podia-se falar com ele através do radiotrans-missor. Parece que rádio-amadores de

todo o mundo competiam pelo privilégio de falar com o solitário europeu no seu remoto posto, e Ford e Fox recebiam montanhas de cartas e presentes. Infelizmente, os apontamentos que Ford fez destas conversas inofensivas mais tarde revelaram-se um erro. Quando fugia aos invasores chineses foi interceptado e capturado. Foram levantadas contra ele as acusações mais absurdas, entre outras a de envenenar um Lama e os apontamentos nos seus cadernos foram interpretados como espionagem. Este simpático e inocente jovem ainda é prisioneiro dos Vermelhos, não obstante todos os esforços do embaixador britânico em Pequim para o libertar.

Conheci um outro branco durante a minha permanência no Tibete — o americano Bessac. Mais adiante relatarei o que lhe aconteceu.

OceanofPDF.com

12 UMA TENTATIVA DE GOLPE DE ESTADO

Uma audiência com o Dalai Lama — A conspiração dos monges de Será — Festivais religiosos em honra do Buda.

Quando chegou a altura do meu segundo Ano Novo em Lassa, presenciei todas as cerimónias desde o início. Milhares de pessoas afluíram à cidade e Lassa parecia um grande acampamento. Este ano celebravam o início do «Ano do Javali de Fogo. O esplendor das cerimónias não era inferior ao do ano passado, e eu estava naturalmente interessado nos acontecimentos que tinha perdido no ano anterior devido à minha doença. O espectáculo que mais me marcou foi a procissão tradicional de milhares de soldados em trajes históricos. Há muito tempo, um exército muçulmano que marchava sobre Lassa foi apanhado por fortes tempestades de neve no sopé das montanhas Nyen-chenthanglha e ficou completamente soterrado. Os Pónpos da região trouxeram em triunfo as armas e armaduras dos soldados congelados para Lassa. Agora são trazidas todos os anos e exibidas por mil homens. Os velhos estandartes desfilam pela rua; ouve-se o ruído metálico provocado pelas cotas de malha dos homens e cavalos; capacetes ostentando inscrições em urdu reflectem a luz do sol; os tiros de mosquete ecoam pelas ruas estreitas; no seu conjunto formam um exótico cortejo de pompa medieval nesta antiquada cidade. As tropas comandadas por dois generais marcharam através da Barkhor até a um descampado nos limites da cidade, onde eram aguardadas por milhares de pessoas sob o calor de uma enorme fogueira cujas chamas eram atiçadas por inúmeras ofertas de manteiga e cevada. A multidão parecia em transe, enquanto os monges atiravam para o fogo *cabeças-da-morte* e efígies simbólicas dos espíritos malévolos. Canhões enterrados no chão disparavam salvas em direcção aos picos das montanhas. O momento culminante foi quando o monge do Oráculo cambaleou em direcção à fogueira e, depois de uma rápida e selvagem dança, caiu por terra. Foi nessa altura que a multidão saiu abruptamente da sua imobilidade e começou a gesticular e a gritar freneticamente.

Em 1939, os membros da única expedição alemã que veio ao Tibete presenciaram este festival e foi a custo que conseguiram escapar com vida, pois tiveram a temeridade de tentar filmar o Oráculo e foram imediatamente

apedrejados pela multidão. Tiveram que fugir do local escalando cercas e telhados. Não havia nada de político na atitude da população nem sinais de xenofobia. Foi o seu fanatismo religioso que produziu semelhante reacção. Mais tarde, quando eu andava a tirar fotografias para o Dalai Lama, tinha que ser muito cuidadoso. Havia sempre cenas excitantes e eu ficava muito contente sempre que conseguia tirar algumas fotos a meu critério.

Neste Festival do Ano Novo o camareiro-mor informou-nos de que estávamos na lista de convidados para a recepção que Sua Santidade ia oferecer. Embora já tivéssemos visto o jovem Deus várias vezes e tivéssemos sido honrados pelo seu sorriso de reconhecimento durante as procissões, ficámos muito excitados com a perspectiva de comparecer perante ele no Palácio Potala. Senti que este convite tinha um grande significado para nós e, de facto, veio a ser o ponto de partida do trajecto que me conduziu à intimidade com o jovem Rei Divino.

No dia combinado vestimos os nossos casacos de peles, comprámos as *écharpes* mais caras que conseguimos encontrar na cidade e escalámos a longa escadaria do Potala por entre uma multidão de monges garridamente vestidos e nómadas e mulheres nos seus trajes festivos. A medida que subíamos, a vista sobre a cidade tornava-se cada vez mais impressionante: avistávamos os jardins e as vivendas e inúmeros moinhos de oração que os transeuntes mantinham em movimento. Passámos então através do grande portão principal para o interior do Palácio.

Havia corredores escuros cujas paredes decoradas com pinturas de estranhas divindades protectoras conduziam através dos edifícios térreos até a um pátio. Daí, escadarias íngremes com vários andares de altura levavam ao telhado plano. Os visitantes subiam-nas cuidadosamente e em silêncio. Lá em cima já estava reunida uma grande multidão, pois no Ano Novo toda a gente tem o direito de receber a bênção do Grande Ser.

Na cobertura havia uma série de pequenos edifícios com telhados vermelhos que eram os aposentos do Dalai Lama. Uma longa e sinuosa fila de devotos caminhava lentamente em direcção à porta guiados pelos monges. Nós também seguíamos logo atrás dos monges. Quando chegámos à antecâmara da audiência esticámos o pescoço para conseguir avistar o Buda Vivo sobre a floresta de cabeças. E ele também, momentaneamente

esquecido da sua dignidade, procurou ansiosamente com o olhar os dois estrangeiros de quem tanto ouvira falar.

O Dalai Lama estava sentado na pose de Buda, ligeiramente inclinado para a frente num trono coberto com um majestoso brocado. Durante horas tinha que ficar sentado a observar a interminável corrente de fiéis e abençoá-los à medida que passavam. Aos pés do trono estava uma montanha de bolsas com dinheiro, rolos de seda e centenas de *écharpes* brancas. Nós sabíamos que não deveríamos entregar as nossas *écharpes* brancas directamente ao Dalai Lama — um abade iria recebê-las da nossa mão. Quando nos encontrámos de cabeça curvada perante a Presença, não consegui resistir à tentação de levantar o olhar. Um sorriso intenso e infantil iluminou o rosto do Dalai Lama e a sua mão erguida numa bênção pousou na minha cabeça por um instante. Tudo se passou num ápice: num instante estávamos perante um trono um pouco mais baixo no qual estava sentado o Regente, que também pousou a sua mão sobre nós numa bênção. Então um abade pendurou cordões vermelhos ao nosso pescoço e fomos convidados a sentarmo-nos em almofadas. Foi servido arroz e chá e nós, obedientes ao costume, atirámos ao chão alguns grãos como oferta aos deuses.

Do nosso recanto tínhamos uma maravilhosa vista de tudo o que se passava. Uma interminável fila de gente per-filava-se diante do Rei Divino para receber a sua bênção, com as cabeças curvadas em humilde reverência e as línguas de fora, compondo um estranho cenário. Ninguém se atrevia a levantar o olhar. Um ligeiro toque com uma espécie de espanador em seda substituiu o toque de mão com que nós e os monges tínhamos sido honrados. Nenhum dos visitantes chegava de mãos vazias. Alguns traziam apenas *écharpes* em pano cru, mas havia peregrinos com um séquito de criados carregados com prendas. Todas as ofertas são imediatamente registadas pelo tesoureiro e, se utilizáveis, acrescentadas às provisões do Potala. As inúmeras *écharpes* de seda são posteriormente vendidas ou oferecidas como prémios nas provas atléticas. As ofertas em espécie permanecem como propriedade pessoal do Dalai Lama, sendo canalizadas para as salas de ouro e prata do Potala, nas quais imensos tesouros têm sido acumulados ao longo de séculos e herdados por uma Encarnação após a outra.

Mais impressionante que as ofertas era a expressão de intensa devoção nos rostos de toda esta gente. Para muitos é o principal momento das suas vidas. Muitas vezes percorrem centenas de quilómetros nas suas peregrinações, prostrando-se na poeira e às vezes caminhando de joelhos. Alguns passaram meses e anos e sofreram imenso com o frio e a fome na sua jornada para receber a bênção do Rei Divino. Parecia-me que um toque do espanador em seda era uma magra recompensa para tal devoção, mas era impossível ignorar a expressão de suprema felicidade que iluminava os seus rostos quando um monge pendurava um cordão ao pescoço de cada peregrino. Trazem estes cordões consigo até ao resto das suas vidas, presos com alfinetes ou cosidos em bolsas e consideram-nos uma protecção contra todos os males. A qualidade do cordão corresponde ao estatuto de quem o recebe, mas todos ostentam o místico triplo nó. Estes cordões com nós são preparados pelos monges, mas para os ministros e para os abades mais bem colocados é o próprio Dalai Lama quem dá os nós. A atmosfera desta sala superlotada e impregnada com o cheiro de incenso e de lamparinas de manteiga tornou-se muito opressiva com o passar do tempo, e ficámos bastante contentes quando a cerimónia chegou ao fim.

Assim que o último dos peregrinos deixou a sala, o Dalai Lama levantou-se e, ajudado pelos seus servos, encaminhou-se para os seus aposentos enquanto nós permanecemos imóveis e com a cabeça baixa. Quando íamos a sair, um monge aproximou-se de nós e entregou a cada um uma nota nova em folha de cem *sangs* dizendo Gyal-po Rinpoche ki söre» — «Isto é uma prenda do precioso soberano.

Ficámos muito surpreendidos com este gesto, principalmente quando soubemos que ninguém até à data tinha recebido um presente deste tipo. Era de esperar que em Lassa toda a gente ficasse a saber da honra que nos tinha sido concedida mesmo antes de a mencionarmos a uma alma sequer. Guardámos as notas como talismãs e quando deixámos o Tibete tivemos que admitir que elas não nos tinham desapontado.

Depois da audiência aproveitámos a oportunidade para visitar os inúmeros lugares sagrados do Potala na companhia dos peregrinos. O Potala, um dos mais imponentes edifícios do mundo, foi construído com a sua actual forma há cerca de trezentos anos pelo quinto Dalai Lama. Anteriormente tinha

existido neste local um forte que pertencia aos reis do Tibete, que foi destruído pelos mongóis durante uma das suas invasões. Pedras gigantes foram transportadas para lá por trabalhadores forçados, para serem talhadas por mestres de alvenaria — sem qualquer auxílio técnico — e transformadas no gigantesco edifício que se ergue das rochas. Quando o quinto Dalai Lama morreu subitamente, surgiu o perigo de o trabalho nunca ser completado, mas o Regente, que não podia contar com a lealdade do povo para terminar este formidável projecto, omitiu as notícias da morte de Sua Santidade. Primeiro foi anunciado que estava gravemente doente e depois que se tinha retirado deste mundo para meditar. Esta encenação continuou por dez anos até o Palácio estar pronto. Actualmente, quando se olha para este edifício único pode-se compreender e desculpar a fraude que tornou possível a sua execução.

No cimo do Potala encontrámos a sepultura do soberano a quem o Palácio deve a sua origem. Os restos mortais do quinto Dalai Lama repousam num santuário próximo do de outros Reis Divinos. Existem sete tumbas, perante as quais os monges se sentam e rezam ao som de batidas surdas de tambor. Se alguém quiser chegar até às *stupas** tem que escalar escadas muito íngremes — uma aventura perigosa. Existe pouca iluminação e os degraus tornaram-se escorregadios com a poeira dos séculos. A *stupa* maior é a do décimo terceiro Dalai Lama, que foi construída a vários andares de profundidade do Palácio. Foi utilizada mais de uma tonelada de ouro para construir a camada de ouro com que as paredes desta torre são forradas.

Depois de visitar vários templos chegámos à parte ocidental do Potala, onde vivem 250 monges. O Namgyetrat-sang, como este sector se chamava, é estreito e cheio de esquinas e pouco convidativo para o olho europeu, mas a vista das suas pequenas janelas compensa o interior soturno e desconfortável. Não pude deixar de pensar como Lassa parecia atractiva destas alturas, com as suas casas cúbicas e telhados rasos. Estávamos muito alto para poder ver a sujidade nas ruelas.

- *Stupa*: santuário budista. (N. do E.)
-
- Nos anos seguintes tive várias oportunidades de ficar hospedado no Potala como convidado de amigos que aí viviam. A vida nesta

fortaleza religiosa faz lembrar a de um castelo medieval. Praticamente nenhum objecto pertence à nossa época. Ao anoitecer todos os portões são fechados sob a supervisão do tesoureiro, após o que as sentinelas percorrem o Palácio para verificar se está tudo em ordem. Os seus gritos, ecoando ao longo dos corredores, são os únicos sons na quietude opressiva. As noites são longas e calmas pois toda a gente se deita cedo. Em contraste com a agitada vida social da cidade, não há festas nem diversões. Dos santuários dos mortos sagrados emana uma atmosfera de mortalidade, lúgubre e solene, que faz todo o Palácio parecer uma enorme tumba. Eu podia perfeitamente entender por que o jovem soberano ficava feliz quando se mudava para a sua residência de Verão. Uma criança só, sem os pais ou amigos, devia levar uma vida terrível no Potala. A sua única distração eram as raras visitas do seu irmão Lobsang Samten, que lhe trazia saudações dos pais e lhe contava todas as novidades da cidade.

- O Dalai Lama possui um elefante, o único no país, que lhe foi oferecido pelo Marajá do Nepal, em cujo país há muitos adeptos religiosos do Rei Divino. Muitos nepa-leses ingressam nos mosteiros do Tibete e dedicam as suas vidas à religião, formando comunidades separadas nos conventos; têm a reputação de serem pupilos aplicados. O Marajá tinha oferecido dois elefantes ao Dalai Lama como demonstração do seu respeito, mas um deles não sobreviveu à viagem através dos Himalaias, embora a estrada de mil e cem quilómetros para Lassa tivesse sido cuidadosamente desobstruída de todas as pedras. Prepararam estábulos especiais para estes animais em todos os pontos de paragem, e um deles conseguiu chegar à capital em bom estado, para grande satisfação geral. Ninguém tinha visto antes um animal tão grande. Chamavam-lhe «Langchen Rinpoche. Tinha um estábulo próprio na ala norte do Potala e frequentemente participava em procissões engalanado com preciosos brocados. Os cavaleiros, cujas montadas não estavam acostumadas a tais monstros, mantinham uma prudente distância.
- Durante as celebrações do Ano Novo o pai do Dalai Lama faleceu. Foi feito tudo o que era possível para salvar-lhe a vida. Monges e curandeiros tinham tentado toda a espécie de remédios. Chegaram mesmo a preparar um boneco para o qual tentaram transferir a doença do paciente e que depois queimaram com grande solenidade junto à

margem do rio. Foi tudo em vão. Na minha opinião teriam feito melhor se chamassem o médico inglês, mas claro que a família do Dalai Lama deve ser sempre um exemplo de ortodoxia e não deve desviar-se das práticas tradicionais em tempos de crise. O corpo foi levado, como habitualmente, para um local consagrado fora da cidade onde foi desmembrado e entregue às aves de rapina. Os tibetanos não observam o luto pelos mortos da forma como o fazemos. A tristeza pela perda é aliviada pela perspectiva da reencarnação, e a morte não infunde terror aos budistas. Durante quarenta e nove dias mantêm lamparinas de manteiga acesas e no fim deste período realiza-se um serviço de oração na casa do defunto. E isso é o fim da história. Viúvos e viúvas podem casar pouco tempo depois e a vida retoma o seu curso habitual.

- Em 1947, ocorreu uma pequena guerra civil em Lassa. O antigo Regente, Reting Rinpoche, que se tinha demitido voluntariamente do seu cargo, parecia novamente sedento de poder. Reting tinha muitos adeptos entre o povo e as autoridades, que acirraram os ânimos contra o seu sucessor. Queriam ver Reting de volta ao leme e decidiram agir. O golpe de Estado ia concretizar-se com recurso ao moderno expediente de uma bomba que seria entregue como presente de um admirador desconhecido na casa de um alto funcionário monástico; mas antes da encomenda chegar ao Regente o infernal dispositivo explodiu. Felizmente ninguém morreu. Foi através deste atentado mal sucedido que a conspiração foi descoberta. O enérgico Tagtra Rinpoche actuou com rapidez e determinação. Um pequeno exército comandado por um dos ministros marchou sobre o mosteiro de Reting e prendeu o antigo Regente. Os monges do Mosteiro de Será revoltaram-se contra esta acção e o pânico invadiu a cidade. Os comerciantes barricaram as suas lojas e puseram as suas mercadorias a salvo. Os nepaleses refugiaram-se na sua Legação, levando consigo todos os seus valores. Os nobres fecharam os portões das suas casas e armaram os seus criados. A cidade inteira ficou em estado de alerta.
- Aufschnaiter tinha visto as colunas a marcharem contra Reting e veio a toda a velocidade da sua casa de campo para a cidade, onde organizou comigo a defesa da mansão de Tsarong. As pessoas estavam menos preocupadas com a crise política do que com o perigo representado pelos monges de Será, que eram aos milhares e que poderiam invadir e pilhar a cidade. E havia quem não confiasse no

exército, que até certo ponto estava equipado com armamento moderno. As revoluções militares não eram uma novidade na história de Lassa.

- A chegada de Reting aprisionado era aguardada com excitação, mas entretanto ele tinha sido secretamente levado para o Potala. Os monges, que tinham planeado libertá-lo, foram enganados por esta manobra mas, na verdade, a partir do momento em que o seu líder foi preso a sua causa estava perdida. Encorajados pelo seu fanatismo, recusaram render-se e teve início um tiroteio feroz. A resistência só terminou depois de o governo ter ordenado o bombardeamento da cidade e do Mosteiro de Será com morteiros que derrubaram algumas casas. As tropas conseguiram subjugar os monges e a paz regressou à capital. Durante semanas as autoridades estiveram ocupadas a julgar os culpados e foram aplicados muitos açoitamentos severos.
- Enquanto as balas ainda assobiavam pela cidade, a notícia da morte do ex-Regente amotinado espalhou-se como um incêndio no mato. Sussurravam-se rumores sobre a forma como teria morrido. Muitos acreditavam que tinha sido vítima de um assassinio político, mas eram mais aqueles que achavam que por força da concentração e de uma indomável vontade ele se tinha projectado para o próximo mundo sem a formalidade da morte. A cidade estava subitamente cheia das mais inacreditáveis histórias sobre os milagres que lhe eram atribuídos e sobre os poderes sobre-humanos que possuía. Certa ocasião, quando o pote de barro de um peregrino transbordava a ferver, di-zia-se que ele o teria fechado com as mãos, dobrando as bordas do pote como se o barro ainda estivesse fresco e maleável.
- O governo recusava-se a negar ou confirmar os rumores. Provavelmente poucas pessoas sabiam o que realmente tinha acontecido. O falecido ex-Regente tinha granjeado muitos inimigos durante o período do seu mandato. Uma vez tinha mandado arrancar os olhos a um ministro que planeava uma rebelião. Agora tinha pago por este crime. Como geralmente acontece durante as convulsões políticas, os inocentes pagavam frequentemente pelos crimes de outros, e assim os anteriores protegidos de Reting foram demitidos dos seus cargos. Um dos homens destacados no seu partido chegou mesmo a suicidar-se. Este foi o único caso de suicídio em que eu ouvi falar durante toda a minha permanência no Tibete.

- A prisão não tinha espaço para todos os condenados e por isso os nobres tiveram que assumir a responsabilidade de os alojar e manter sob custódia. Como resultado, em quase todas as casas havia um condenado acorrentado e com uma coleira de madeira à volta do pescoço. Só depois de o Dalai Lama ter assumido oficialmente os poderes de soberano é que foi concedida uma amnistia aos presos políticos e de delito comum. A maioria dos monges de Será tinha fugido para a China. Quando havia uma revolta no Tibete geralmente os chineses estavam envolvidos. Toda a propriedade dos rebeldes foi confiscada pelo governo e vendida em hasta pública. As casas e pavilhões do Reting Rinpoche foram demolidos e as suas belas árvores de fruto transplantadas para outros jardins. O mosteiro foi totalmente saqueado pelos soldados, e várias semanas mais tarde continuaram a aparecer nos bazares cálices em ouro, brocados e outros objectos de valor. A venda dos bens de Reting rendeu vários milhões de rupias ao Tesouro. Entre as suas posses contavam-se centenas de fardos de artigos em lã inglesa e oitocentos trajes em seda e brocado. Isto demonstra como se pode enriquecer no Tibete. Reting era um homem do povo sem qualquer ascendência. A sua carreira tinha começado quando era rapaz e foi reconhecido como uma Encarnação.
- 13 AO SERVIÇO DO GOVERNO
- **Trabalho no Jardim das Jóias — Na minha própria casa — A política mundial afecta o próprio Tibete — O Dalai Lama visita os mosteiros — Os problemas agrícolas do Tibete — Introduzimos a patinagem.**
- As cerimónias religiosas que se celebraram em comemoração do nascimento e morte de Buda durante o quarto mês do ano tibetano, gradualmente apagaram a memória da insurreição. No Outono, o governo solicitou-nos que desenhássemos um novo mapa da cidade. Aufschnai-ter interrompeu o seu trabalho e começámos a fazer um levantamento topográfico. Nunca tinha sido feito um autêntico mapa da cidade. No último século, agentes secretos da Índia levaram consigo alguns esboços mas tinham sido desenhados de memória e eram bastante inexactos. Agora podíamos servir-nos do teodolito de Tsarong e com as nossas fitas métricas percorremos todas as partes da Cidade Sagrada. Só podíamos trabalhar de manhã cedo, pois assim que as ruas se enchiam de gente éramos cercados por curiosos. O governo tinha

colocado dois polícias à nossa disposição porque sozinhos não conseguíamos manter o povo afastado. Mas mesmo assim tínhamos dificuldades. Os transeuntes achavam interessante espreitar através do óculo de Aufschnaiter, do lado errado claro, e as nossas operações ficavam consideravelmente atrasadas. Não era nada agradável percorrer as ruas imundas sob o frio cortante da manhã e precisávamos do Inverno todo para recolher os dados para o nosso levantamento. Tínhamos de escalar telhados para poder assinalar as casas nos diferentes quarteirões e tive de anotar mais de mil nomes diferentes dos proprietários, tudo escrito em tibetano. Quando ficaram prontas as cópias para o Dalai Lama e para todos os departamentos governamentais importantes, foi introduzido um novo jogo de salão. As pessoas aprenderam a interpretar os mapas e divertiam-se a localizar as suas próprias casas.

- Nesta altura, o governo teve a ideia de instalar um moderno sistema de drenagem e electricidade recorrendo a mim e a Aufschnaiter. Nenhum de nós tinha conhecimentos técnicos nestas áreas, mas o meu companheiro tinha um excelente domínio da Matemática devido aos seus estudos de Engenharia Agrónoma, e quando havia dúvidas recorriamos a livros técnicos. Aufschnaiter já recebia um salário mensal em rupias, e eu fui oficialmente nomeado trabalhador do Estado em 1948. Guardei a minha carta de nomeação e até hoje orgulho-me dela.
- Poucos meses depois da nossa audiência com o Dalai Lama fui convocado a meio da noite ao Palácio Norbu-lingka para me informarem de que o fluxo crescente das águas do rio ameaçava inundar o Palácio de Verão. As chuvas da monção transformam a suave e irrisória corrente num turbulento rio, e em alguns lugares chega a ter mais de um quilómetro e meio de largura. Quando cheguei ao local encontrei a antiga represa prestes a desmoronar-se. Sob as minhas ordens, o corpo da guarda começou a construir um novo dique debaixo de chuva torrencial e à luz ténue das lanternas. Conseguimos reforçar suficientemente a velha represa para que não cedesse de momento e no dia seguinte comprei todos os sacos de juta que encontrei no bazar e enchi-os com argila e pastas de turfa. Quinhentos soldados e carregadores trabalharam sob alta pressão e conseguimos erigir novas defesas antes que a velha represa rebentasse.

- Ao mesmo tempo, o oráculo do tempo fora convocado de Gadong e durante os dias seguintes foi meu vizinho numa das casas adjacentes ao Palácio. Ambos tínhamos a mesma missão — controlar as enchentes. Ainda bem que não dependíamos unicamente do oráculo e tínhamos a força alternativa de mil mãos a trabalhar. Precisamente quando atirávamos as últimas pás de terra no dique, o oráculo cambaleou até à margem e deu início à sua dança. No mesmo dia a chuva parou, o nível da água desceu e ambos recebemos as congratulações do Dalai Lama. Mais tarde perguntaram-me se poderia fazer alguma coisa definitiva para represar as enchentes que ameaçavam o Palácio de Verão todos os anos. Concordei prontamente pois estava confiante de que com a ajuda de Aufschneider poderia encontrar maneira de controlar as cheias. Eu sabia que os tibetanos construíam sempre os seus diques com paredes perpendiculares e percebi que essa era a principal razão por que cediam tão facilmente.
- Começámos a trabalhar na Primavera de 1948 e tínhamos de terminar antes da monção. Foi-me atribuída uma força de quinhentos soldados e mil trabalhadores. Nenhum empreiteiro no Tibete jamais empregara tantos homens. Insisti numa outra inovação e convenci o governo de que o projecto seria rapidamente concluído se não fosse utilizado trabalho forçado. Assim toda a gente recebia o seu salário diariamente e entre os trabalhadores reinava o bom humor. É claro que não se pode comparar a produtividade dos trabalhadores tibetanos com a dos europeus. A força física dos nativos é muito inferior à dos nossos trabalhadores. Olhavam para mim espantados quando eu pegava impacientemente na pá e lhes mostrava como cavar. E havia muitas interrupções e pausas. Sempre que se descobria uma minhoca numa pá havia um grito de alarme. A terra era atirada para o lado e a criatura posta a salvo.
- A baixa produtividade desta gente devia-se certamente à sua subnutrição. O pobre vive geralmente à base de *tsampa*, chá e algumas papas com *paprika*. Preparavam chá o dia inteiro na obra: toda a gente recebia a sua porção e ao meio-dia era servida sopa.
- Para além dos soldados e trabalhadores tinha também uma frota de quarenta barcos em pele de iaque. Os barqueiros estão intimamente associados às peles dos animais e conseqüentemente entram em conflito com os mandamentos do Budismo, sendo considerados

cidadãos de segunda, assim como os artesãos que trabalham o cabedal. Retive na memória um exemplo de como são tratados. Um dos Dalai Lamas a caminho do mosteiro de Samye tinha atravessado uma cordilheira que os barqueiros costumavam utilizar no seu percurso para o rio. A cordilheira foi santificada pela passagem do Rei Divino e daí em diante mais nenhum barqueiro teve permissão para passar ali, tendo de escalar uma cordilheira muito mais alta e mais difícil com os seus barcos às costas perdendo tempo e energia. Os barcos pesam mais de 90 quilos e os trilhos estão sempre acima dos 4800 metros. Isto dá uma ideia do extraordinário poder da religião no Tibete sobre o quotidiano das pessoas. Entristecia-me sempre ver os homens arrastando os barcos às costas. Caminhavam ao longo da margem com passos lentos e medidos; nunca poderiam remar contra a corrente. Cada barqueiro era seguido por uma ovelha com um fardo no lombo. As ovelhas, tão bem treinadas como cães, não precisavam de trelas e quando o seu dono entrava novamente na água pulavam para dentro do barco por si próprias.

- Os quarenta barcos utilizados na construção da minha represa tinham de trazer granito de uma pedreira localizada a montante do rio, o que não era uma tarefa fácil para os barcos — os cascos tinham de ser reforçados com pranchas de madeira para impedir que as pedras os rompessem. Os barqueiros eram homens de óptima constituição física e o seu salário era superior ao dos outros trabalhadores. Reparei que não eram tão humildes como outros «cidadãos de segunda. Tinham formado uma comunidade própria e orgulhavam-se do facto.
- Por uma feliz coincidência, um dos meus colaboradores era o Põnpo de Tradún, cuja tarefa era pagar os ordenados todas as noites. Relembrámos bons momentos e o tempo em que tínhamos estado em Tradiin — um tempo miserável para mim! Hoje em dia podia rir-me disso. Quando nos encontrámos pela primeira vez, ele chefiava uma inspecção itinerante com vinte criados e tinha-nos tratado com cortesia e amizade. Quem poderia imaginar que um dia iríamos trabalhar lado a lado e que eu seria, mais ou menos, seu superior? Muitas vezes não me apercebia de que se tinham passado quatro anos desde o nosso primeiro encontro. Quatro anos durante os quais eu quase me tornara tibetano! Surpreendia-me a mim mesmo a fazer gestos tipicamente tibetanos, que via centenas de vezes por dia e acabava por imitar

inconscientemente. Como o meu trabalho servia para proteger o jardim de Sua Santidade, os meus chefes eram monges com os mais altos cargos. O governo também mostrava grande interesse nas actividades. Em várias ocasiões o Gabinete inteiro vinha a cavalo inspeccionar os trabalhos com os seus secretários e servos e cumprimentava-nos pelo nosso desempenho, para além de nos oferecerem *écharpes* de honra e presentes em dinheiro. Nestas ocasiões os trabalhadores também recebiam dinheiro e era-lhes concedido meio dia de folga.

- Os diques ficaram prontos em Junho: mesmo a tempo, pois a primeira enchente ocorreu pouco depois. Nesse ano o nível do rio subiu muito mas as barragens fizeram o seu trabalho. Nos terrenos que costumavam ficar alagados plantámos salgueiros cujas verdejantes folhas aumentaram a beleza do Jardim de Verão.
- Enquanto erigia represas para proteger o Jardim das Jóias, era convidado por altos funcionários monásticos para jantar e passar a noite. Eu era seguramente o primeiro europeu a quem era permitido ficar no Potala e na Residência do Jardim de Verão. Assim, tive muitas oportunidades para admirar a beleza dos terrenos e as esplêndidas árvores de fruto e coníferas que tinham sido trazidas de todas as partes do Tibete. Um verdadeiro exército de jardineiros cuidava das flores e das árvores e mantinha os carreiros em ordem. O parque é cercado por um muro alto, mas é acessível aos visitantes em trajes tibetanos. Dois homens do corpo da guarda inspeccionam quem atravessa o portão e certificam-se de que não entram no parque chapéus ou sapatos europeus. Por simpatia isentaram-me desta regra, à excepção das festas de jardim, quando costumava suar sob o peso de um chapéu debruado a pele. Os guardas apresentam armas aos nobres de quarta categoria para cima e eu também recebia uma continência.
- No meio do parque está o jardim privado do Buda Vivo, cercado por um alto muro amarelo. Tem dois portões fortemente guardados por soldados pelos quais, para além de Sua Santidade, só os abades guardiões podem passar. Nem mesmo os ministros do Gabinete são admitidos. Através da folhagem é possível avistar-se os telhados dourados dos templos, mas o grito dos pavões é o único som que escapa para o mundo exterior. Ninguém sabe o que se passa neste santuário interno. Muitos peregrinos vêm visitar este muro e percorrem o caminho que o circunda. A curtos intervalos existem casotas para

cães embutidas na parede e estes selvagens e peludos moradores ladram sempre que alguém se aproxima demasiado. As trelas em pele de iaque impedem os cães de atacar, mas o seu rosar rouco soa como uma nota dissonante neste mundo pacífico. Mais tarde, quando tive o privilégio de entrar neste jardim secreto através dos portões no muro amarelo, fiz amizade, na medida do possível, com estes ferozes companheiros.

- Todos os anos são encenadas peças num enorme palco de pedra fora do jardim interno. Vastas multidões vêm assistir às peças, que se realizam durante vários dias, do nascer ao pôr-do-sol. São encenadas por grupos de actores masculinos e são de carácter quase exclusivamente religioso. Os actores não são profissionais. São oriundos da população e têm as mais variadas profissões. Quando a semana de teatro termina voltam às suas vidas privadas. As mesmas peças são representadas ano após ano. As palavras são cantadas numa espécie de recital, e uma orquestra de tambores e flautas marca o ritmo das danças. Só as partes cómicas têm trechos falados. Os valiosos e belos trajes pertencem ao governo e ficam guardados no Palácio de Verão.
- Um dos sete grupos de actores, o Gyumalungma, é famoso pelas suas paródias. Foi o único grupo que consegui realmente apreciar devido à sua franqueza. É uma prova do bom humor e da sanidade deste povo o facto de gozarem com as suas próprias fraquezas e até com as suas instituições religiosas. Chegam ao ponto de fazerem uma imitação do oráculo, com a dança, o transe e tudo, o que traz a casa abaixo. Aparecem homens vestidos de freiras e imitam com todo o rigor o fervor das mulheres a pedirem esmolas. Quando monges e freiras começam a enamorar-se no palco, ninguém consegue conter o riso e na audiência as lágrimas correm pelas faces dos abades mais severos. O Dalai Lama assiste a estas actuações por detrás de uma cortina de gaze, numa janela do primeiro andar do pavilhão dentro do jardim interior, para lá do muro amarelo. Os funcionários acomodam-se em tendas de ambos os lados do palco. Ao meio-dia, a caminho da refeição comum preparada na cozinha do Dalai Lama, perfilam-se diante da janela do seu soberano. Quando a semana de teatro do Jardim de Verão termina, os actores são convidados para representar em casa de nobres e mosteiros. Desta forma a temporada teatral dura um mês. As actuações

são cercadas pela multidão e a polícia tem de intervir frequentemente para manter a ordem.

- Durante este ano, a minha situação pessoal tinha melhorado imenso. Era auto-suficiente e achei que tinha direito à minha própria casa onde pudesse levar uma vida independente. Nunca esqueci a minha dívida para com Tsarong, que nos tinha aberto a sua casa e ajudado a estabelecer em Lassa. Desde que começara a ganhar dinheiro passei a pagar-lhe uma renda. Recentemente, tinha recebido muitas ofertas de amigos temporariamente transferidos para a província que estavam dispostos a alugar-me as suas casas e jardins com alguns dos seus criados incluídos. Optei por uma das casas do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Surkhang, que, segundo os padrões tibeta-nos, era uma das mais modernas construções da cidade. Tinha enormes paredes e toda uma fachada de painéis envidraçados, mas demasiados quartos para as minhas necessidades. Este problema foi facilmente resolvido. Fechei todos aqueles de que não precisava e vivia nos restantes. Escolhi para quarto de dormir o que recebia a luz do sol mais cedo. Junto à cama tinha o meu rádio e na parede pendurei ilustrações de um calendário alpino, que provavelmente chegara a Lassa através do representante de uma marca de relógios suíça. Os armários e cómodas eram em madeira trabalhada e pintados com cores vivas, tal como se vê nas casas dos nossos camponeses. Todos os pavimentos eram em pedra e o meu criado tinha orgulho em os polir até brilharem como espelhos. Costumava esfregá-los com uma espécie de cera e depois lustrava-os com sapatos de lã, combinando o trabalho com a diversão. Havia tapetes coloridos em todos os quartos. Como em Lassa, todos os tectos são suportados por colunas, as carpetes individuais são geralmente pequenas. Em Lassa há artífices famosos que vão a casa dos nobres e, no local, tecem carpetes do tamanho e feitio desejados. Sentam-se no chão com uma estrutura em madeira à sua frente e tecem a lã colorida e fiada à mão em padrões clássicos: dragões, pavões, flores e as mais variadas formas de ornamentação surgem dos seus dedos habilidosos. Estas carpetes duram gerações. A lã é incrivelmente resistente e as cores, feitas de casca de árvores do Butão, castanhas verdes e sumos vegetais, mantêm-se vivas por uma eternidade.
- Mande fazer uma escrivaninha e um estirador para a minha sala de estar. Os carpinteiros locais têm muita habilidade para restaurar

mobília velha, mas quando se trata de fazer algo novo são lamentavelmente desajeitados. Em todos os ofícios e profissões a capacidade criativa é negligenciada, e nem nas escolas ou nas iniciativas privadas a experimentação é encorajada. Na minha sala de estar havia um altar doméstico que os meus criados mantinham com particular devoção. Todos os dias enchiam sete tigelas com água fresca para os deuses e as lamparinas de oração nunca podiam apagar-se. Eu vivia em constante receio de um assalto pois as estatuetas dos ídolos tinham diademas em ouro puro e turquesa. Felizmente os meus criados eram de toda a confiança e nestes anos todos nunca faltou nada. O meu telhado, como todos os outros, tinha em cada canto uma árvore a servir de mastro para as bandeiras de oração. Afixei a antena do meu rádio num deles. Todas as casas tinham um fogareiro para incenso e outros equipamentos para atrair boa sorte e eu costumava ter um cuidado especial para que tudo fosse mantido em bom estado e para que nenhum costume nacional fosse infringido ou negligenciado.

- Em breve a minha casa transformou-se num verdadeiro lar, e era sempre um enorme prazer regressar após o trabalho ou alguma visita. O meu criado Nyima esperava por mim com água quente e chá e tudo estava organizado, calmo e confortável. Eu tinha alguma dificuldade em manter a minha privacidade, pois no Tibete os criados estão acostumados a permanecer por perto ou virem servir chá sem aviso. Nyima respeitava os meus desejos, mas tinha-se afeiçoado muito a mim e sempre que eu saía à noite ele costumava esperar por mim junto ao portão da casa, embora eu lhe tivesse dito para se deitar. Ele receava que eu fosse assaltado ao chegar a casa, e por isso aparecia sempre armado com um revólver e uma espada, pronto a arriscar a vida pelo seu patrão. Eu não podia levar a mal esta dedicação.
- A sua mulher e os seus filhos viviam na casa e deram-me uma nova lição em matéria do amor que os tibetanos têm às suas crianças. Se alguma das crianças adoecesse, Nyima não poupava dinheiro para trazer o melhor Lama para a sua cabeceira. No que me toca, eu fazia o melhor que podia para manter os meus criados de boa saúde, pois gostava de me ver rodeado de caras alegres. Consegui mandá-los à Legação Indiana para serem tratados e vacinados, mas tinha que estar sempre atento pois os tibetanos geralmente não ligam às doenças em pessoas adultas.

- Para além do meu criado pessoal, que recebia um salário mensal de aproximadamente cinco libras, o Governo cedeu-me um mensageiro e um moço de estábulo. Desde que trabalhava em Norbulingka, tinha direito a montar um cavalo dos estábulos reais sempre que precisasse. Na verdade, eu deveria montar um cavalo diferente todos os dias, pois o mestre dos estábulos devia assegurar-se de que nenhum deles se fatigava a fim de não arriscar o seu posto se algum dos cavalos ficasse em mau estado. Como se pode imaginar, eu achava desagradável a troca constante. Os cavalos estavam sempre a pastar nas belas pastagens do Norbulingka e quando chegavam às ruas estreitas e ao tráfego da cidade assustavam-se com tudo o que viam. Por fim, consegui que me permitissem passar a montar o mesmo cavalo durante uma semana seguida e efectuar as mudas apenas três vezes, de forma a que eu e as minhas montadas nos acostumássemos mutuamente. Os meus cavalos tinham rédeas amarelas — a cor real — e montado num deles eu tinha, teoricamente, o direito de entrar no Potala ou cavalgar à volta do Círculo, o que era proibido mesmo aos ministros.
- O estábulo, cozinha e aposentos dos criados situavam-se num jardim ao lado da minha casa, dividido por um muro alto. O jardim tinha uma boa área e pude construir canteiros para flores e vegetais. Havia espaço para *badminton* e *croquet* no relvado e montei também uma mesa de pingue-pongue. Cultivava vegetais numa pequena estufa e conseguia obter uma valiosa contribuição para as minhas refeições no princípio do ano. Todas as minhas visitas tinham de admirar os meus canteiros, dos quais me orgulhava muito.
- O Sr. Richardson contribuiu com a sua experiência, e eu dediquei as minhas manhãs e fins de tarde à jardinagem e em breve o meu esforço foi recompensado. Durante o primeiro ano consegui colher tomate, couve-flor, alface e hortaliça. Era extraordinário o tamanho que os legumes atingiam sem perder qualidade. Mas a explicação era realmente simples. Era essencial assegurar que as raízes recebessem humidade suficiente. O ar seco e o calor do sol criavam um efeito de estufa no qual tudo florescia de forma luxuriante. O problema da irrigação não era tão simples, pois não existem canos com pressão e não é possível usar mangueiras para regar o jardim. É preciso projectar os canteiros de forma a que os regadios possam correr entre eles. Eu tinha duas mulheres a ajudarem-me regularmente no jardim

arrancando as ervas daninhas que crescem depressa neste solo. De igual modo crescem as flores e as frutas, e as recompensas pelo cultivo são enormes. De um canteiro com sessenta metros quadrados colhi 180 quilos de tomate, alguns dos quais pesavam 230 gramas. Outros vegetais cresciam igualmente bem. Eu não acredito que haja qualquer espécie de vegetal europeu que não se adapte aqui, apesar de o Verão ser tão curto.

- Mais ou menos por esta altura começámos a sentir as repercussões da política mundial mesmo na pacata cidade de Lassa. A guerra civil na China ganhava contornos cada vez mais inquietantes e receava-se que surgissem problemas entre os chineses residentes em Lassa. Para demonstrar que o Tibete era independente da política chinesa, o governo decidiu um dia demitir sumariamente o ministro chinês. Cerca de cem pessoas foram afectadas por esta decisão irreversível. As autoridades tibetanas actuaram com a astúcia habitual. Escolheram um momento em que o operador de rádio chinês estava a jogar ténis para ir a sua casa e apreender o seu transmissor. Quando este soube da ordem de expulsão já não podia comunicar com o governo chinês. O posto telegráfico da cidade foi encerrado por uma quinzena e o mundo pensou que o Tibete enfrentava outra guerra civil.
- Os diplomatas chineses expulsos foram tratados com uma estranha cortesia e convidados para festas de despedida. Permitiram-lhes trocar o seu dinheiro tibetano por rupias a uma taxa de câmbio favorável e foi-lhes garantido transporte gratuito até à fronteira com a Índia. Eles não entendiam muito bem o que tinha acontecido, mas todos lamentavam ter de partir. A maioria deles regressou à China ou à Formosa. Alguns viajaram directamente para Pequim, onde Mao Tse-Tung já se tinha estabelecido no poder.
- E assim recomeçou a secular desavença entre a China e o Tibete. A China comunista interpretou a expulsão do ministro e do seu gabinete como uma afronta, não como um gesto de neutralidade como os tibetanos queriam que fosse. Em Lassa havia uma clara noção de que a China Vermelha iria constituir uma séria ameaça à independência do Tibete e à sua religião. As pessoas citavam alusões do oráculo e apontavam vários fenómenos naturais que pareciam confirmar os seus receios. O grande cometa de 1948 foi interpretado como um sinal de perigo e as malformações entre os animais domésticos que nasciam

eram consideradas um mau presságio. Eu também me sentia ansioso, mas a minha ansiedade baseava-se numa estimativa mais sóbria da situação. O futuro da Ásia era negro. Por esta altura o governo decidiu enviar quatro altos funcionários numa volta ao mundo. Os membros desta missão tinham sido cuidadosamente seleccionados pela sua cultura e ideias progressistas, pois desejava-se mostrar ao mundo que o Tibete era um país civilizado.

- O líder da missão era o Secretário das Finanças, She-kabpa, e os outros membros eram um monge chamado Changkhyimpa; Pangdatsang, um rico comerciante; e o general Surkhang, um filho do Ministro dos Negócios Estrangeiros. Estes dois últimos falavam um pouco de inglês e tinham alguma ideia dos hábitos e costumes ocidentais. O governo assegurou-se de que lhes era fornecido um enxoval de fatos e sobretudos europeus da melhor qualidade e corte; para além disso, levavam consigo esplêndidos robes de seda para serem usados em recepções oficiais, pois viajavam na qualidade de delegação nacional. Foram primeiro para a Índia e de lá voaram para a China. Depois de ficarem algum tempo nesse país, viajaram novamente por via aérea para São Francisco, via Filipinas e Havaí. Nos Estados Unidos pararam em muitos lugares e visitaram numerosas fábricas, particularmente aquelas que trabalhavam com matérias-primas tibetanas.
- O programa na Europa foi semelhante. A sua jornada completa durou quase dois anos e todas as cartas que enviavam causavam excitação em Lassa. Quando regressaram tinham arranjado novos compradores para a lã tibetana e traziam consigo pilhas de prospectos de maquinaria agrícola, teares, máquinas para fazer carpetes e assim por diante. A sua bagagem também continha um jipe desmontado que o motorista do décimo terceiro Dalai Lama tratou de montar novamente. Foi conduzido uma vez, mas retiraram-no logo da vista do público. Muitos nobres desejaram com certeza comprar um automóvel imediatamente, mas parece que a altura ainda não era propícia. Nos Estados Unidos a delegação comprou lingotes de ouro, que foram transportados para Lassa sob pesada escolta. Enquanto os quatro delegados apreciavam o seu passeio pelo mundo, a situação política na Ásia tinha mudado muito. A Índia tinha conquistado a independência e os comunistas tinham conquistado toda a China; mas todos estes acontecimentos

tinham muito pouco impacto em Lassa, onde a visita tradicional do Dalai Lama aos mosteiros era considerada mais importante do que a política internacional.

- Antes de atingir oficialmente a maioridade, todo o jovem Dalai Lama deve visitar os mosteiros de Drebung e Será, onde dá provas de maturidade ao participar em discussões religiosas. Os preparativos para estas visitas eram o principal tópico das conversas há meses. Sua Santidade seria, naturalmente, acompanhado pelos nobres, e os monges de Drebung tinham construído um palácio especial para o acomodar e à sua comitiva.
- Certo dia a procissão partiu com o seu habitual esplendor pela estrada de oito quilómetros que conduzia ao mosteiro, onde os quatro arquiabades de Drebung receberam o seu Divino Visitante com um resplandecente séquito, acompanhando-o ao seu palácio. No mesmo dia também eu cavaleguei até Drebung, pois alguns monges com quem eu tinha travado amizade convidaram-me a ficar lá durante as festividades. Eu sempre desejara conhecer por dentro a vida num convento. Como qualquer outro peregrino, até à data eu só tinha apreciado os templos e jardins de relance. Os meus amigos levaram-me para uma das numerosas casas em pedra, onde me foram destinados aposentos verdadeiramente espartanos. Perna, um monge que estava prestes a submeter-se aos exames finais e já tinha os seus próprios discípulos, actuava como guia da cidade monástica e explicou-me a sua planta e organização. Não se podem estabelecer comparações com qualquer das nossas instituições religiosas. Para além dos muros deste claustro, os ponteiros do relógio do tempo parecem ter recuado mil anos; não existe nada que nos faça recordar que vivemos no século xx. As espessas paredes cinzentas dos edifícios têm uma aparência ancestral, e o intenso cheiro de manteiga rançosa e de monges pouco asseados está profundamente impregnado na alvenaria.
- Cada casa aloja entre cinquenta a sessenta habitantes e está dividida em minúsculas celas. Há uma cozinha em cada andar e comida em abundância. O monge comum não tem outra satisfação mundana, mas os mais inteligentes regozijam-se com a perspectiva de alcançar altas posições como recompensa para os seus afincados estudos. Não têm quaisquer posses privadas à excepção das suas lamparinas de manteiga

e de um ícone, ou uma caixinha—amuleto. A única concessão ao conforto é uma simples cama. A regra é obediência absoluta. Os estudantes ingressam no mosteiro ainda crianças e imediatamente vestem o hábito vermelho, que vão usar para o resto das suas vidas. Durante os primeiros anos têm de executar as tarefas mais humildes para os seus professores. Os mais inteligentes aprendem a ler e a escrever e são admitidos para exames. Apenas alguns conseguem passar de classe, e a maioria permanece a vida toda na classe dos criados. Os eleitos são aqueles que após estudarem os ensinamentos de Buda durante trinta ou quarenta anos conseguem passar nos testes finais. Ficam então qualificados para ocuparem os mais altos cargos na Igreja. Os mosteiros são as escolas superiores da educação religiosa e o pessoal de todas as instituições puramente religiosas é escolhido pelos seus superiores. As autoridades monásticas do governo recebem a sua educação na Escola de Tsedrung. Os exames finais das escolas monásticas são públicos e realizam-se uma vez por ano na Catedral. De todo o Tibete, apenas vinte e dois candidatos são admitidos para os exames anuais. Após uma severa prova oral supervisionada pelos professores do próprio Dalai Lama, os cinco melhores candidatos são promovidos à mais alta categoria monástica. O estudante que fica aprovado com distinção pode tornar-se eremita e dedicar-se a exercícios religiosos, ou pode ingressar na vida pública com a possibilidade de um dia chegar a Regente. Isto raramente acontece, porque esta função superior está geralmente reservada para Encarnações, mas já ocorreram casos em que um homem do povo — sem ser um nobre ou uma Encarnação de Buda — foi nomeado para esse cargo. A última vez que isto aconteceu foi em 1910, quando o décimo terceiro Dalai Lama fugiu para a Índia na sequência da invasão chinesa e foi necessário nomear um delegado para o representar.

- Os dez mil monges de Drebung estão divididos em grupos, tendo cada um dos quais o seu próprio templo e jardim. Ocupam as horas matinais em exercícios religiosos comunitários, após o que recebem o seu chá e sopa, só regressando a casa para estudar à tarde. Contudo, têm suficiente tempo livre para dar passeios e entreterem-se com jogos simples. Também lhes é permitido cozinhar qualquer comida suplementar que possam receber das suas comunidades. Sempre que possível, os grupos são organizados de acordo com os seus lugares de

origem. Em algumas casas encontram-se apenas mongóis ou nepaleses, ou estudantes de uma cidade em particular como, por exemplo, Shigatse. Dentro do mosteiro não se pode tirar a vida a nenhuma criatura, mas o clima frio torna necessário comer alguma carne; por isso as comunidades fornecem mantimentos de carne de iaque seca, e numa vila das proximidades come-se carne fresca.

- Para além da alimentação e alojamento gratuitos os monges recebem uma pequena mesada que é assegurada por subsídios do governo e ofertas de peregrinos. No entanto, quando um monge possui talentos notáveis, geralmente encontra um patrono entre os nobres ou entre comerciantes ricos. A igreja no Tibete é muito rica e possui, de facto, a maior parte da terra e os mosteiros usufruem das receitas de regiões extensas. Cada mosteiro tem o seu gestor que se encarrega das provisões e outras necessidades. São gastas enormes somas na manutenção dos mosteiros e dos seus membros. Uma vez ajudei um monge na sua contabilidade e reparei que durante o primeiro mês do ano, que todos os monges passam em Lassa, o governo lhes tinha fornecido três toneladas de chá e cinquenta de manteiga, para além do dinheiro dos subsídios, no valor de aproximadamente 40 000 libras esterlinas.
- Nem todas estas figuras dos hábitos vermelhos são gentis e educadas. A maioria são indivíduos rudes e brutos, para quem o chicote não é disciplina suficiente. Os piores pertencem à organização clandestina, mas tolerada, dos Dob-Dobs, uma espécie de soldados-monges que usam uma braçadeira vermelha e escurecem os rostos com fuligem. Nos seus cintos trazem uma enorme chave que podem usar como arma de arremesso e frequentemente têm nos bolsos afiadas facas de sapateiro. Muitos deles são rufiões, de atitude provocadora e rápidos no ataque. As pessoas sensatas mantêm-se à distância. Na guerra contra os comunistas chineses formaram um batalhão que ganhou reputação pela sua coragem. Em tempo de paz também têm oportunidades para descarregarem o seu excesso de energia, pois os diferentes mosteiros dos Dob—Dobs estão sempre em guerra uns com os outros. E justo acrescentar que nem sempre as suas diferenças são resolvidas pela violência, e que alguma da sua belicosidade é empregue nos torneios atléticos entre mosteiros rivais. Dre-bung é geralmente o vencedor, dispondo de uma maior selecção de atletas do

que os seus competidores. Como antigo treinador de desporto, eu costumava ir a Drebung com frequência e os monges ficavam sempre contentes com a minha participação nos seus treinos. Este foi o único lugar no Tibete em que encontrei homens de compleição atlética e músculos treinados.

- Os grandes mosteiros de Drebung, Será e Ganden — os três Pilares do Estado — têm um papel decisivo na vida política do Tibete. Os seus abades, juntamente com oito funcionários governamentais, presidem à Assembleia Nacional. Nenhuma decisão é tomada sem a concordância destes clérigos, que naturalmente estão interessados em manter a supremacia dos mosteiros. A sua intervenção tem impedido a realização de muitas ideias progressistas. Houve um período em que consideravam que Aufschnai-ter e eu éramos obstáculos, mas retiraram a sua oposição quando perceberam que não tínhamos ambições políticas e que nos tínhamos adaptado aos seus costumes e executado projectos dos quais eles também beneficiavam.
- Como já referi, os mosteiros são as escolas superiores da Igreja. Por essa razão, todos os Lamas — e há mais de mil no Tibete — devem ser educados num deles. Estas Encarnações são uma constante atracção para os peregrinos, que acorrem aos milhares para os visitar e receber a sua bênção. Mesmo durante a visita do Dalai Lama a Drebung, estas Encarnações assistiam a todas as cerimónias e sentavam-se nos lugares da frente — uma autêntica multidão de deuses! Entretanto, nos frondosos jardins do claustro realizava-se diariamente uma discussão religiosa entre os abades e o seu soberano. Este é um dos actos mais íntimos da vida religiosa lamaísta, e eu nunca tive a mínima esperança de poder presenciá-lo.
- Contudo, um dia, enquanto tomava o pequeno-almoço, Lobsang perguntou-me se gostaria de ir com ele. Este gesto inesperado da sua parte proporcionou-me testemunhar um drama que nenhuma outra pessoa de outro credo jamais presenciou. Como eu estava na companhia do irmão do Dalai Lama ninguém tentou impedir-me de entrar no recôndito jardim. Um estranho cenário desenrolou-se diante de mim. Em frente de um denso bosque, uma grande multidão de monges com os seus hábitos vermelhos, talvez dois mil, estava sentada no chão de gravilha, enquanto num local elevado o Dalai Lama pregava a *Sagrada Escritura*. Pela primeira vez ouvi a sua clara voz

infantil. Falava sem qualquer embaraço e com a segurança de um adulto. Esta era a sua primeira aparição pública. Era um rapaz de catorze anos que estudara muitos anos e agora o seu conhecimento estava a ser testado perante uma audiência exigente. Esta primeira aparição poderia ter consequências decisivas. É verdade que ele nunca poderia renunciar à sua carreira predestinada, mas a sua prestação neste dia iria mostrar se estava destinado a ser um instrumento na mão dos monges ou a ser o seu mestre. Nem todos os seus antecessores tinham tido a capacidade do quinto e do décimo terceiro Dalai Lama. Muitos deles permaneciam a vida inteira como marionetas nas mãos dos homens que os tinham treinado, e o destino do país era controlado pelos Regentes. As pessoas falavam da inteligência milagrosa deste rapaz. Dizia-se que ele só precisava de ler um livro uma vez para o decorar; e era sabido que há muito se interessara por tudo o que acontecia no país e costumava criticar ou elogiar as decisões da Assembleia Nacional.

- Agora que chegara a altura do debate, eu percebia que as suas capacidades não tinham sido exageradas. O Dalai Lama sentou-se na gravilha, para não enfatizar a superioridade da sua condição, enquanto o abade, em cujo mosteiro a discussão se realizava, se postava à sua frente e pontuava as suas questões com gestos convencionais. O Dalai Lama respondeu a todas as questões que lhe eram colocadas, mesmo as mais provocadoras, com prontidão e bom humor e nem por um momento perdeu a sua postura.
- Após algum tempo, os antagonistas trocaram de lugares e era o Dalai Lama quem fazia as perguntas ao abade sentado. Podia-se perceber que esta não era uma encenação preparada para exhibir a inteligência do jovem Buda; era um genuíno duelo de espíritos no qual o abade se aplicava ao máximo para não ser derrotado.
- Quando o debate acabou, o jovem Rei Divino subiu novamente ao seu trono dourado e a sua mãe, a única mulher presente, serviu-lhe chá numa chávena em ouro. Trocou um rápido olhar amigável comigo como para se assegurar de que eu aprovara o seu desempenho. Pelo que me toca, estava profundamente impressionado pelo que tinha visto e ouvido, e sentia uma genuína admiração pela presença de espírito deste Jovem Deus de uma família humilde. Quase me convenceu a acreditar na reencarnação. No fim do debate religioso toda a gente

rezava em coro. Estas orações soavam como uma litania e demoravam muito tempo. Depois disso o Dalai Lama, ajudado pelos seus abades, regressou ao Palácio. Eu sempre me interrogara a propósito da postura senil do Dalai Lama, e agora aprendera que isto era parte do ritual e que todos os diferentes movimentos eram prescritos de forma a imitar a pose do Buda, e ao mesmo tempo visava realçar a dignidade do Dalai Lama.

- Gostaria imenso de ter tirado algumas fotografias desta cerimónia única mas, como se provou depois, foi uma sorte não ter a minha câmara comigo. No dia seguinte houve uma grande agitação quando o meu amigo Wangdúla (sem que eu soubesse) tentou fotografar o Dalai Lama enquanto ele circundava um dos mosteiros. Ele já tinha tirado uma boa fotografia quando um monge zeloso o denunciou. Wangdúla foi levado à presença do secretário do Regente e foi severamente interrogado. Como punição pela sua ofensa, baixou de categoria e disseram-lhe que tinha muita sorte em não ser expulso da ordem monástica. Para além disso, a sua câmara foi confiscada — tudo isto apesar de ser um nobre da quinta casta e sobrinho de um antigo Regente. Durante algum tempo os monges só falavam deste incidente, mas o próprio Wang-diila aceitou tudo muito calmamente. Eleja conhecia os altos e baixos da carreira.
- O próximo compromisso no programa do Dalai Lama era a sua expedição ao cume do Monte Gyambe Utse, um pico com mais de 5200 metros de altitude que domina o mosteiro de Drebung. Certa manhã, bem cedo, uma enorme comitiva de cerca de mil homens e várias centenas de cavalos pôs-se a caminho. O primeiro objectivo era um acampamento a meio caminho da escalada. O cavalo do Dalai Lama era conduzido por dois moços de estrebaria. Tinham sido preparados vários locais para repouso ao longo do percurso, mobilados com um trono sobre carpetes. Ao anoitecer, a caravana chegou a meio da jornada. Queimou-se incenso como sinal de agradecimento por chegarem ali em segurança e rezaram orações. Neste lugar tinham sido montadas tendas e a comitiva passou aqui a noite. Foram preparados iaques para o dia seguinte e antes do nascer-do-sol o Dalai Lama e os seus altos dignatários partiram a cavalo para o cume. Os monges de Drebung já tinham preparado a passagem para esta peregrinação.

Quando o grupo chegou ao cume, foram celebradas orações e feitas ofertas aos deuses.

- No vale, multidões de populares esperavam pelo momento em que o fumo do incenso surgiria nos céus vindo do pico da montanha. Sabiam que o seu soberano estava lá em cima a rezar pelo bem-estar do seu povo. Eu próprio tinha escalado o pico no dia anterior e agora observava a cerimónia a uma distância discreta. Entre os outros espectadores encontravam-se bandos de corvos, que podiam cheirar as oferendas de *tsampa* e manteiga e aguardavam impacientes e ruidosos pelo momento de mergulhar sobre os restos.
- Para a maioria daqueles que acompanhavam o Dalai Lama, esta era a primeira vez que subiam ao topo de uma montanha. Os membros mais novos da comitiva pareciam apreciar imenso a experiência e mostravam uns aos outros os diferentes detalhes do maravilhoso panorama. Em contraste, os monges mais velhos e os funcionários, na sua maioria homens corpulentos de meia-idade, ignoravam as belezas da paisagem e sentavam-se exaustos enquanto os seus criados os assistiam. No mesmo dia a comitiva cavalgou todo o percurso de regresso ao mosteiro. Poucos dias depois o Dalai Lama visitou o mosteiro de Será e participou num debate público semelhante ao anterior. Os seus conselheiros tinham colocado algumas reservas em relação à visita a Será por causa da recente rebelião dos monges. Mas a entusiástica recepção que lhe foi oferecida no mosteiro constituiu uma prova, se esta fosse necessária, de que ele estava muito acima de todas as divisões e rixas partidárias.
- Entretanto a minha vida prosseguia calmamente. Estava ao serviço do governo traduzindo notícias e artigos de jornais e, de vez em quando, construía pequenas represas e sistemas de irrigação. Visitava Aufschnaiter regularmente nas suas obras do canal fora da cidade. No decurso das suas escavações ele tinha feito as mais interessantes descobertas. Os trabalhadores tinham desenterrado fragmentos de louça, que Aufschnaiter guardava cuidadosamente e começara a juntar peça a peça, tendo já uma colecção de vasos e jarras realmente belos, com formas muito diferentes das actuais. Ele recompensava os trabalhadores pelo que encontravam e deu-lhes ordens para cavarem com todo o cuidado e para o chamarem imediatamente se encontrassem algo de interesse. Todas as semanas havia descobertas.

Descobria-se sepulturas contendo esqueletos perfeitamente conservados e taças com pedras semipreciosas. O meu companheiro tinha encontrado uma nova ocupação para as suas horas de lazer. Tinha imenso trabalho com as suas colecções, que remontavam a milhares de anos. Orgulhava-se muito delas e com razão, pois tinha sido o primeiro a encontrar provas de uma antiga civilização tibetana. Nenhum dos Lamas que ele consultou soube elucidá-lo sobre estas descobertas, e nos livros de história antiga não havia qualquer referência a uma época em que os tibetanos tivessem tido o costume de enterrar os seus mortos juntamente com oferendas.

- Aufschnaiter queria colocar as suas descobertas à disposição de um museu arqueológico na Índia, e quando os comunistas chineses invadiram o Tibete levámos as colecções cuidadosamente embaladas.
- Pouco tempo depois tive uma inesperada oportunidade de sair de Lassa e conhecer alguma coisa de uma nova parte do país. Alguns amigos tinham-me convidado para avaliar as suas propriedades e fazer sugestões para melhoramentos. Tinham conseguido que o governo me desse uma licença e assim pude visitar as suas quintas. As condições que encontrei eram completamente medievais. Os camponeses ainda usavam arados de madeira com uma relha de ferro. Estas charruas eram puxadas por *dzos* (o *dzo* é o resultado de um cruzamento entre o boi e o iaque e é um óptimo animal de tracção. Assemelha-se muito ao iaque e o leite das fêmeas, que tem um alto teor de gordura, é muito apreciado).
- Um dos problemas não resolvidos pelos tibetanos é a irrigação dos campos. A Primavera é geralmente muito seca, mas ninguém se lembra de transportar água dos rios e riachos cheios de neve. As propriedades dos latifundiários são geralmente muito grandes. Por vezes é necessário um dia inteiro a cavalo para as atravessar. Em cada propriedade são utilizados muitos aldeões; dão-lhes campos para cultivarem em proveito próprio, mas são obrigados a trabalhar um certo tempo para o seu patrão. Os capatazes das quintas, que geralmente são apenas criados de confiança do proprietário, exercem sobre os camponeses a autoridade de pequenos reis. O seu próprio patrão vive em Lassa, onde trabalha para o governo, e tem pouco tempo para se preocupar com a propriedade. No entanto, os seus serviços públicos são frequentemente recompensados com a oferta de

terrenos, e existem funcionários nobres que ao longo das suas carreiras já receberam até vinte quintas enormes. A autoridade que cai em desgraça está igualmente sujeita a ver as suas propriedades confiscadas, que passam para as mãos do governo. Não obstante, há muitas famílias que vivem há séculos nos seus castelos e cujos nomes estão ligados às suas terras. Os seus antepassados frequentemente construíam estas fortalezas nos promontórios rochosos que dominam os vales. As que foram construídas em terrenos planos são cercadas por fossos, que agora estão secos e vazios. As armas antigas preservadas nos castelos atestam o espírito guerreiro dos seus antigos senhores, que tinham de estar constantemente prontos para se defenderem dos ataques dos mongóis.

- A minha viagem durou semanas, e cavalgar através de regiões desconhecidas do país era uma mudança bem—vinda depois do quotidiano em Lassa. Mas não estava sempre a cavalo. Passei parte do tempo dentro de um barco de pele de iaque, descendo a poderosa corrente do Brah-maputra, parando para visitar mosteiros que me chamavam a atenção e tirando fotografias.
- Já era Inverno quando regressei a Lassa. O pequeno afluente do Kyichu já estava congelado — e isso fez-nos pensar em algo de novo. Com um pequeno grupo de amigos, incluindo o irmão do Dalai Lama, fundámos um clube de patinagem. Não éramos as primeiras pessoas no Tibete a aderir a este tipo de desporto. O pessoal da Legação Britânica tinha praticado patinagem para enorme espanto dos nativos. Na verdade, éramos os seus herdeiros pois adquirimos os seus patins, que eles tinham deixado aos seus criados quando partiram. Os nossos primeiros esforços foram muito cómicos e tínhamos sempre muitos espectadores a rirem-se de nós e a imaginar quem seria o próximo a cair de cabeça ou a afundar-se no gelo. Os pais observavam horrorizados o entusiasmo dos seus filhos, determinados a aprender a patinar a qualquer custo. As famílias nobres mais antiquadas e antidesportivas não conseguiam conceber que alguém pudesse deliberadamente querer atar lâminas às solas dos sapatos para deslizar sobre o gelo.
-

- 14 O TIBETE PREPARA-SE PARA COMPLICAÇÕES
- Fotógrafo da Encarnação do Buda — A hospitalidade tibetana — Reorganização do exército e intensificação da obediência religiosa — Imprimir prospectos e livros — Construo uma sala de cinema para o Dalai Lama.
- O Dalai Lama soube do nosso novo desporto através do seu irmão, mas infelizmente o nosso ringue não era visível do telhado do Potala. Ele gostaria imenso de nos ver patinar no gelo, mas como isso era impossível mandou—me a sua máquina de filmar e instruções para que filmasse o ringue e os patinadores. Como eu nunca tinha filmado, estudei cuidadosamente as instruções antes de começar a trabalhar. Fiz então as filmagens e mandei o rolo através do Ministério dos Negócios Estrangeiros para ser revelado na Índia. Em dois meses estava nas mãos do Dalai Lama. Tinha ficado muito bom. Através deste filme tive o meu primeiro contacto pessoal com o jovem soberano do Tibete. É curioso que um produto do século xx tenha sido o ponto de partida de um relacionamento que, apesar de todas as convenções, se tornou numa sólida amizade.
- Pouco depois, Lobsang Samten disse-me que o irmão desejava que eu filmasse várias cerimónias e cenas de festivais. Surpreendia-me o seu enorme interesse por estas filmagens. Mandava-me sempre instruções precisas, às vezes por escrito, outras verbalmente através de Lobsang Samten. Aconselhava-me de modo a tirar o melhor partido da luz em certas posições e às vezes mandava avisar-me de que esta ou aquela cerimónia iria começar. Também pude enviar-lhe uma mensagem para lhe dizer quando deveria manter o olhar fixo na direcção da câmara durante uma procissão. Durante estas cerimónias eu tentava não chamar as atenções. Ele também considerava isso importante e dis-se-me para me manter sempre o mais afastado possível, e que se não o conseguisse devia desistir da filmagem. Obviamente eu não podia evitar ser visto, mas logo que se soube que eu filmava e fotografava sob as ordens de Sua Santidade, ninguém me interrompeu. Na verdade, os temíveis Dob-Dobs muitas vezes afastavam a multidão para que o meu campo de visão ficasse desimpedido: e quando eu lhes pedia que posassem para a câmara, obedeciam como cordeiros. Desta forma consegui fazer vários registos únicos de cerimónias religiosas. Para além da máquina de filmar eu

tinha sempre a minha *Leica* comigo e tirava muitas fotografias de cenas invulgares.

- Tirei algumas excelentes fotografias da Catedral. A Tsug Lag Khang, como é chamada, foi construída no século VII e contém a mais preciosa estátua de Buda do Tibete. A origem deste templo data do reinado do famoso Rei Srongtsen Gampo. As suas duas mulheres eram princesas e ambas pertenciam à fé budista. Uma delas veio do Nepal e fundou o segundo maior templo de Lassa, o Ramoche, ao passo que a outra era chinesa e trouxe da China o ídolo *de* ouro. O Rei, que seguia a antiga religião, foi convertido pelas suas mulheres ao budismo, que passou a ser a religião oficial. Mandou então erguer a catedral como santuário para o ídolo. O edifício tem os mesmos defeitos que o Po-tala. O exterior é grande e imponente, mas o interior é escuro, cheio de cantos e assustador. E recheado com tesouros, que aumentam diariamente com novas oferendas. Todo o ministro em exercício deve comprar novos trajes em seda bordada para as estátuas dos santos e um prato em ouro maciço para manteiga. Quantidades enormes de manteiga são queimadas incessantemente nas lamparinas, e no Verão ou no Inverno o ar está impregnado com o cheiro do fumo rançoso. As únicas criaturas que beneficiam com as ofertas são os ratos, que trepam aos milhares pelas pesadas cortinas de seda e se banqueteam com a manteiga e a *tsampa* nas taças. E escuro no interior do templo: nem um raio de luz penetra do exterior e apenas as lamparinas de manteiga nos altares espalham o seu clarão tremeluzente. A entrada para o mais Sagrado dos Sagrados está geralmente fechada por uma cortina de ferro, que só é levantada a determinadas horas. Numa passagem estreita e escura encontrei um sino pendurado no tecto. Mal podia acreditar nos meus olhos quando vi no sino a inscrição «Te Deum Laudamus». Era provavelmente a última relíquia que restara da capela que os missionários católicos tinham construído em Lassa há muitos séculos atrás. Não tinham conseguido manter-se no Tibete e foram obrigados a partir. É possível que a preservação deste sino na Catedral se deva ao profundo respeito que os tibetanos têm por todas as religiões. Eu adoraria saber mais sobre a capela dos Jesuítas e dos Capuchinhos, mas não restavam quaisquer vestígios do edifício.
- Ao anoitecer, a Catedral enche-se de fiéis. A cortina é levantada e uma longa fila aguarda diante do altar do Buda. Cada devoto toca a

estátua com a testa e faz uma pequena oferta. Nas suas mãos, juntas em forma de concha, um monge verte água benta, tingida com açafão. Bebe parte desta água e salpica a restante sobre a cabeça. Muitos monges passam a sua vida inteira na Catedral. O seu dever é vigiar os tesouros e encher as lamparinas de manteiga. Uma vez foi feita uma tentativa de instalar luz eléctrica na Catedral, mas devido a um curto-circuito ocorreu um incêndio e toda a gente relacionada com a instalação foi dispensada. E assim não se falou mais em luz artificial. Diante da Catedral há um terraço de lajes polidas como espelhos e moldadas pela prostração dos adoradores ao longo de um milhar de anos. Quando se olha para estas reentrâncias na pedra e se reconhece a expressão de profunda devoção no rosto dos fiéis, percebe-se por que uma missão católica nunca poderia ter sucesso em Lassa. Um Lama de Drebung que visitasse Roma para converter católicos reconheceria a futilidade da sua missão quando visse os degraus da santa escadaria gastos pelos joelhos de incontáveis peregrinos, e partiria resignado do Vaticano. O Cristianismo e o Budismo têm muito em comum. Ambos se fundamentam na crença da felicidade plena noutro mundo e ambos pregam a humildade nesta existência. Mas há uma diferença na forma como as coisas se passam actualmente. No Tibete não se é perseguido de manhã à noite pelos apelos da «civilização». Aqui há tempo para nos ocuparmos com a religião e para conhecermos a nossa própria alma. A religião ocupa aqui mais espaço na vida de um indivíduo, como antigamente no Ocidente. Os mendigos instalam-se à porta da Catedral e sabem perfeitamente que o Homem é caridoso e respeitador quando está na presença de Deus. No Tibete, assim como na maioria dos outros lugares, os mendigos são um incómodo público. Quando eu estava a construir a represa, o governo decidiu pôr os mendigos a trabalhar. Reuniu os mil pedintes de Lassa e seleccionou setecentos homens que estavam aptos para trabalhar e colocou-os na obra, recebendo comida e remuneração pelo seu trabalho. No dia seguinte só apareceu metade e alguns dias depois tinham desaparecido todos. Não é a falta de trabalho ou a necessidade extrema nem, na maioria dos casos, a enfermidade física que transforma esta gente em mendigos. É a preguiça. A mendicidade oferece uma vida boa no Tibete e ninguém corre um pedinte da sua porta. E se um mendigo só consegue um

bocado de *tsampa* e um centavo de cada pessoa, o produto de duas horas de «trabalho» é suficiente para o manter o dia todo. Então senta-se ociosamente encostado à parede e dormita feliz à luz do sol. Muitos destes indigentes sofrem de doenças terríveis e merecem compaixão, mas exploram as suas deformidades ex-pondo-as à vista dos transeuntes.

- Uma das mais atraentes características da vida no Tibete é o hábito de ir receber ou despedir-se dos amigos. Quando alguém parte, os amigos geralmente montam uma tenda a vários quilómetros da cidade, na estrada por onde esse amigo vai passar, e esperam por ele com uma refeição pronta de forma a acelerar a sua viagem. O amigo que vai partir não pode fazê-lo sem antes ter sido agraciado com *écharpes* brancas e votos de boa viagem. Quando regressa a cerimónia repete-se. Por vezes é recebido em vários lugares antes de chegar a casa. De manhã avista em primeiro lugar o Potala, mas à entrada da cidade os amigos encarregados das boas-vindas retêm-no numa tenda a seguir à outra e já é de noite quando finalmente chega a Lassa; e a sua modesta caravana, à qual se juntaram os amigos e os seus criados, já aumentou para proporções dignas de uma comitiva estatal. Chega a casa com a reconfortante sensação de que não foi esquecido.
- Sempre que chegam estrangeiros, são recebidos por um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que lhes transmite os cumprimentos do ministro e se encarrega do seu alojamento e de todo o programa para a sua estadia. Os novos embaixadores são recebidos com honras militares e um representante do Gabinete oferece-lhes *écharpes* brancas. Em Lassa existe uma área residencial destinada a acomodar os convidados assim como os seus criados e animais, e os primeiros encontram sempre prendas à sua espera. Será justo afirmar que em nenhum outro país os viajantes são tratados com tanta atenção e hospitalidade. Os aviões que durante a guerra voavam da Índia para a China perdiam frequentemente a sua rota, que é provavelmente a mais difícil rota aérea do mundo, pois a travessia dos Himalaias exige o máximo da habilidade e experiência dos pilotos e, quando perdem as coordenadas, dificilmente conseguem orientar-se devido à inexactidão dos mapas do Tibete.
- Certa noite, o ronco de motores soou sobre a Cidade Sagrada e causou o alarme geral. Dois dias depois chegou de Samye a notícia de

que cinco americanos tinham aterrado aí de pára-quedas. O governo convidou-os para virem a Lassa no seu caminho de regresso à Índia. Os aviadores devem ter ficado atónitos ao serem recebidos em tendas, ainda nos arredores da cidade, com uma calorosa recepção em que lhes foi oferecido chá e *écharpes*. Em Lassa dis-seram-nos que se tinham perdido completamente e que o seu avião tinha rasado as encostas de neve do Nyenchen-thanglha. Depois disto fizeram meia-volta para regressar, mas ao constatar que o combustível não era suficiente para chegar à Índia decidiram abandonar o avião e saltar. A excepção de um ou outro tornozelo torcido e de um braço partido, conseguiram aterrar em segurança. Após uma breve estadia em Lassa foram encaminhados pelo governo até à fronteira indiana, montados a cavalo e com todo o conforto que se pode ter num trilho do Tibete.

- As tripulações de outros aviões americanos que se despenharam no Tibete durante a guerra não tiveram tanta sorte. No Tibete Oriental foram encontrados os destroços de dois aviões acidentados; nenhum dos membros das tripulações sobreviveu. Um outro avião despenhou-se a sul dos Himalaias numa província cujos habitantes são indivíduos primitivos da selva. Este povo não é budista mas sim gente selvagem que anda nua e é conhecida por usar setas envenenadas. Ocasionalmente saem das suas florestas para trocar peles e almíscar por sal e por cordas. Numa destas ocasiões ofereceram objectos que só podiam ter vindo do avião americano. Nunca se soube mais nada sobre este desastre. Gostaria de ter ido à procura do local do acidente, mas a distância era muito grande.
- A situação política no Tibete deteriorava-se gradualmente. Os chineses já tinham declarado solenemente em Pequim que iam «libertar» o Tibete. Em Lassa as pessoas não tinham quaisquer ilusões quanto à gravidade desta ameaça pois na China os Vermelhos tinham sempre concretizado as suas intenções.
- O governo tibetano encetou freneticamente a reorganização do exército sob a supervisão do Gabinete de Ministros. O Tibete tinha um exército permanente, para o qual cada distrito contribuía com uma quota proporcional ao seu número de habitantes. Esta concepção de serviço militar obrigatório difere da nossa na medida em que o Estado se interessa apenas por números e não com os indivíduos. Um homem que seja recrutado pode comprar um substituto. Frequentemente estes

substitutos permanecem no exército toda a sua vida. Os instrutores militares serviram na Índia e conhecem o uso de armas modernas. Até agora as ordens de comando eram dadas numa mistura de tibetano, hindi e inglês. A primeira decisão do novo Ministro da Defesa foi a de que todas as ordens deviam ser transmitidas em tibetano. Foi composto um novo hino nacional para substituir o «God Save the Queen», que até à data era tocado em paradas militares importantes. O texto consistia numa glorificação da independência do Tibete e num tributo ao seu ilustre soberano, o Dalai Lama. As planícies à volta de Lassa foram transformadas em terrenos para exercícios militares. Foram formados novos regimentos e a Assembleia Nacional decidiu requisitar as classes mais ricas para fornecer e equipar mais mil homens. Ficava a seu critério alistar-se pessoalmente ou arranjar substitutos. Foram organizados cursos para treinar monges e funcionários civis como oficiais do exército. Havia um enorme entusiasmo patriótico.

- Antigamente, em tempos de paz, as pessoas nunca tinham dado muita importância ao exército. As comunidades de cada distrito tinham que suprir os seus contingentes com provisões e pagamento suplementar. Agora as autoridades reconheciam a importância de uma organização mais efectiva e estabeleceram taxas fixas de remuneração para oficiais e soldados.
- Não era fácil, à partida, satisfazer as necessidades do novo exército. Todo o sistema de transportes estava sobrecarregado. Os cereais necessários tinham que ser trazidos de depósitos distantes, de armazéns espalhados por todas as regiões onde as colheitas são férteis; são enormes construções em pedra, sem janelas e ventilados por buracos nas paredes. Os cereais podem ficar aí armazenados durante décadas sem se estragarem devido à secura do ar. Mas agora eram rapidamente esvaziados, pois em caso de guerra as provisões teriam que ser armazenadas nas proximidades da frente de combate. Não obstante, o país não estava ameaçado pela falta de alimentos. Se fosse construída uma muralha à volta do Tibete, ninguém iria sofrer frio ou fome, pois todos os recursos necessários aos três milhões de habitantes podiam, de uma forma ou de outra, ser encontrados no país. As cantinas militares serviam refeições substanciais e o salário dos soldados permitia-lhes comprar cigarros e *chang*. As tropas estavam satisfeitas.

- No exército tibetano é fácil reconhecer a diferença entre oficiais e soldados rasos. Quanto mais alto for o posto mais ornamentos em ouro são usados. Não parece haver regras específicas quanto ao uniforme. Uma vez vi um general que para além das suas dragonas de ouro trazia uma colecção de objectos reluzentes pendurados ao peito. Tinha certamente passado muito tempo a observar revistas estrangeiras e resolvera decorar-se a si próprio da mesma forma, pois não existem medalhas militares no Tibete. Em vez de menções honrosas ou distinções, o soldado tibetano recebe recompensas mais tangíveis. Após uma vitória tem direito ao saque e a pilhagem é uma regra geral. É no entanto obrigado a entregar todas as armas que captura. Um bom exemplo da utilidade deste sistema pode ser encontrado nas batalhas contra os bandidos. Os Põnpos locais têm o direito de recorrer ao auxílio do governo quando já não conseguem controlar os ladrões. Nessa altura são enviados pequenos destacamentos militares em sua ajuda. Apesar da forma feroz como os bandidos lutam, o serviço nestes destacamentos é muito cobiçado. Os soldados têm o saque em mira e ignoram o perigo. O direito dos soldados aos despojos de guerra tem sido a causa de muitos problemas. Num caso em que estive pessoalmente envolvido, custou a vida a várias pessoas. Quando os comunistas chineses invadiram o Turques-tão, o cônsul americano Machiernan, juntamente com um jovem estudante americano chamado Bessac e três russos fugiram para o Tibete, tendo primeiro contactado a Embaixada Americana na Índia para que esta solicitasse autorização e meios de transporte ao governo tibetano. De Lassa foram enviados mensageiros em todas as direcções para instruírem os postos e patrulhas fronteiriças no sentido de não colocarem qualquer obstáculo aos fugitivos. O pequeno grupo viajava em caravana através das montanhas de Kuen Lun. Os camelos suportaram bem a viagem e conseguiram carne fresca abatendo jumentos selvagens. Por azar, o mensageiro do governo chegou atrasado ao local onde o grupo ia atravessar a fronteira. Sem um aviso e sem perguntar quem se aproximava, os soldados do posto fronteiriço, tentados pela visão de uma dúzia de camelos bem carregados, dispararam sobre a caravana, matando de imediato o cônsul americano e dois dos russos. O terceiro russo foi ferido e só Bessac escapou ileso. Prenderam—nos e levaram-nos à presença do governador do distrito mais próximo. Durante o

caminho os dois homens foram insultados e ameaçados pelos soldados, que tinham primeiro dividido entre si os despojos, ficando radiantes por encontrarem objectos valiosos como binóculos e máquinas fotográficas. Antes de chegarem ao Pônpo local apareceu o mensageiro do governo com a sua escolta, com ordens para que os americanos e os seus acompanhantes fossem tratados como convidados do governo. Isto provocou uma mudança de atitude e os soldados desdobravam—se em atenções: mas o estrago não podia ser reparado. O governador enviou um relatório para Lassa e as autoridades, horrorizadas com as notícias, fizeram tudo o que podiam para expressar o seu pesar pelo sucedido. Um enfermeiro treinado num hospital indiano foi enviado com presentes ao encontro de Bessac e do seu companheiro ferido. Foram ambos convidados a vir para Lassa e pediram-lhes para testemunhar contra os soldados que já tinham sido presos. Um oficial superior que falava um pouco de inglês foi ao encontro dos viajantes. Eu acompa-nhei-o pensando que talvez trouxesse algum conforto ao jovem americano ter um homem branco com quem falar. Também esperava convencê-lo de que o governo não podia ser responsabilizado pelo incidente, que lamentava profundamente. Encontrámo-nos sob uma chuva torrencial. Era alto como um poste e parecia um gigante montado no pequeno pônei tibetano. Eu podia perfeitamente imaginar como se sentia. A pequena caravana tinha passado meses na estrada, sempre em fuga de inimigos e exposta a perigos, e o seu primeiro encontro com o povo do país no qual procuravam asilo trouxe a morte a três dos seus membros. Novas roupas e sapatos aguardavam-nos numa tenda junto à estrada e em Lassa foram acomodados numa residência com um cozinheiro e um criado para os assistir. Felizmente, o russo, Vassilieff, não fora gravemente ferido e em breve podia passear pelo jardim com o auxílio de muletas. Permaneceram um mês em Lassa e durante esse período travei amizade com Bessac. Ele não tinha ressentimentos contra o país que inicialmente o tinha recebido tão mal. Apenas pediu que os soldados que o tinham maltratado fossem punidos. Solicitaram a sua presença na execução da sentença, para que não restassem dúvidas das verdadeiras intenções do governo. Quando viu os açoita-mentos pediu que reduzissem o número de chicotadas. Tirou fotografias da cena, que posteriormente apareceram na *Life* como um testemunho da atitude

correcta do governo tibetano. Foi feito tudo o que era possível para prestar as últimas homenagens aos mortos segundo os costumes ocidentais. E por isso ainda hoje três crucifixos em madeira se erguem sobre as suas sepulturas no Changthang. Bessac foi recebido pelo Dalai Lama e depois partiu para Sikkim, onde era aguardado por compatriotas seus.

- Os tempos conturbados trouxeram muitos fugitivos para o Tibete, mas nenhum teve tão pouca sorte como este grupo. Uma outra caravana de camelos que chegou através do Changthang pertencia a um príncipe mongol, que trouxe consigo as suas duas esposas, uma polaca e uma mongol. Admirei estas duas mulheres que tinham realizado tamanha viagem, e o meu espanto foi ainda maior quando vi as suas duas adoráveis crianças que tinham suportado as agruras da estrada da mesma forma.
- Durante estes tempos críticos o governo desejava não só mobilizar os meios logísticos de defesa como também a força espiritual do povo. Para este efeito, a religião, o mais poderoso elemento na vida do país, tinha que ser invocada. Novos funcionários eram postos ao serviço desta política. A estes funcionários eram entregues grandes quantias de dinheiro e davam-lhes carta branca para organizarem a campanha. Foram dadas ordens a todos os monges no Tibete para participarem nas cerimónias públicas durante as quais o *Kangyur*, a Bíblia tibetana, deveria ser lido em voz alta. Novas bandeiras e moinhos de oração surgiram por toda a parte. Raros e poderosos amuletos foram retirados de velhos armários. As oferendas duplicaram e em todas as montanhas ardiam fogueiras de incenso, enquanto os ventos, ao fazerem girar os moinhos de oração, transportavam súplicas para as divindades protectoras em todos os cantos do céu. O povo acreditava com uma fé firme como uma rocha que o poder da religião seria suficiente para proteger a sua independência. Entretanto, a Rádio Pequim já transmitia mensagens em tibetano prometendo para breve a libertação do Tibete.
- O povo afluía mais do que nunca aos festivais religiosos que, no começo de 1950, suplantaram em pompa e esplendor qualquer coisa que eu jamais tenha visto. Parecia que toda a população do Tibete se tinha reunido, num fervor religioso, nas estreitas ruas de Lassa. Mas eu não conseguia afastar o pensamento de que a sua comovente fé nunca

poderia demover os deuses de ouro. Se não viesse ajuda do exterior, em breve o Tibete seria brutalmente despertado do seu pacífico sono.

- O Dalai Lama encarregara-me mais uma vez de fotografar os festivais, por isso tive oportunidade de assistir a tudo de um local privilegiado. Quatro semanas depois do «Grande Festival do Ano Novo realiza-se um «Pequeno» Festival de Oração que dura apenas dez dias, mas que supera talvez o Grande Festival em esplendor. Por esta altura, a verdura da Primavera começa a aparecer e a cidade apresenta um aspecto inesquecível. Este festival é o ponto alto do ano para os habitantes de Shõ. Durante duas horas uma enorme faixa pendurada no Potala flutua sobre o bairro Shõ. Esta faixa é seguramente a maior do mundo. São necessários cinquenta monges para a transportarem para o seu lugar e desdobrá-la. É feita de uma excelente e espessa seda e adornada com imagens dos deuses em cores vivas. Enquanto é exibida das amuradas do Potala, uma colorida procissão desloca-se do Tsug Lag Khang para o Shõ, onde se dispersa. A esta procissão segue-se um curioso ritual. Grupos de monges executam danças primitivas, girando lentamente ao som do rufar dos tambores. Usam máscaras e estão enfeitados com ornamentos exóticos esculpidos em osso. O povo observa extasiado as estranhas figuras. Por vezes, um rumor percorre a multidão. Alguém julga ter visto o Dalai Lama em pé sobre o telhado do Potala observando a cerimónia através do seu telescópio, cem metros acima de sua cabeça.
- O bairro de Shõ, que se situa no sopé do Potala, abriga a imprensa estatal, um edifício alto e escuro do qual nem um som chega ao mundo exterior. Não se ouve o barulho de máquinas e apenas as vozes dos monges ecoam através das paredes. Nas prateleiras estão empilhados blocos de madeira que só são usados quando um novo livro é impresso. A preparação de um livro novo envolve um trabalho interminável. Os monges têm primeiro de cortar as pequenas placas em madeira, pois não existem serrações aqui, e depois talhar os retorcidos caracteres um a um nas tábuas de madeira de vidoeiro. Quando estão prontas, as pranchas são cuidadosamente colocadas por ordem. Em vez de tinta gráfica usam uma mistura de fuligem, que os monges obtêm queimando esterco de iaque. A maioria deles fica preto dos pés à cabeça durante o trabalho. Por fim, os moldes são impressos separadamente em papel tibetano de fabrico manual. Os livros não têm

lombada e consistem em páginas soltas impressas dos dois lados e revestidas de capas em madeira esculpida. É possível enco-mendar-se um livro directamente à casa da imprensa ou comprá-lo aos livreiros da rua Barkhor. Em casa são geralmente mantidos em invólucros de seda e muito bem estimados. Como o seu tema é sempre religioso, são tratados com todo o respeito e geralmente são colocados sobre o altar doméstico. Em todas as casas da classe superior encontra-se uma *Bíblia* completa, bem como duzentos volumes com comentários. A reverência por estes livros é tal que ninguém pensaria em colocar um volume sobre uma cadeira. Por outro lado dão muito pouco valor aos livros que nos interessam. Uma vez encontrei um valioso livro sobre a língua tibetana num local muito pouco apropriado. Faltavam-lhe as primeiras páginas. Levei o livro comigo e copiei as páginas que faltavam de outro exemplar, muito satisfeito com a minha descoberta.

- O preço dos livros tibetanos depende da qualidade do papel usado. O *Kangyur*, com os seus comentários, custa tanto como uma boa casa ou uma dúzia de iaques. Existe uma outra gráfica muito grande em Narthang, nos arredores de Shigatse, e quase todos os mosteiros dispõem de máquinas para imprimir livros sobre santos locais e anais das suas ordens religiosas.
- Toda a cultura do Tibete é inspirada na religião, como antigamente nos nossos países. As obras-primas da arquitectura e da escultura, da poesia e da pintura glorificam a fé e aumentam o poder e a reputação da Igreja. Não existe até agora qualquer conflito entre a religião e a ciência e, conseqüentemente, o conteúdo da maioria dos livros é uma amálgama de lei religiosa, de conhecimento filosófico e de sabedoria obtida através da experiência.
- Poemas e canções são essencialmente manuscritos, escritos em folhas soltas e não são reunidos em colecções. Os poemas do sexto Dalai Lama constituem uma excepção a esta regra e estão impressos num só volume. Comprei um exemplar num bazar e leio-os com frequência. Expressam perfeitamente o anseio do poeta por amor. Não fui o único a apreciar os versos deste prisioneiro da solidão: muitos tibetanos adoram os poemas do seu soberano falecido há muito tempo devido ao seu carácter singular na linha dos Dalai Lamas. Amava as mulheres e costumava disfarçar-se para se escapulir até a cidade para as encontrar. O seu povo não tinha ressentimentos contra os seus

desejos de satisfazer a sua alma poética. Os manuscritos copiados por monges habilidosos existem em grande quantidade e custam ainda mais do que os livros. Os assuntos são geralmente despretensiosos e frequentemente humorísticos. Um dos mais conhecidos é a colecção de anedotas escritas pelo mais famoso escritor cómico do Tibete, Agu Thõnpa, que comentava satirica-mente a vida política e religiosa do seu tempo e ainda hoje é imensamente popular. Em todas as festas alguém conta uma das suas histórias para entreter os convidados. O gosto dos tibetanos por humor e situações cómicas fizeram com que Agu Thõnpa fosse apreciado como um clássico, e quando eu vivi em Lassa o principal comediante da cidade tinha o seu nome.

- Todos os anos no Outono as casas particulares e templos em Lassa (inclusive o Potala) são pintados e arrançados. É um trabalho perigoso pintar as altas paredes perpendiculares do Potala e os mesmos trabalhadores são contratados todos os anos. Estes homens penduram-se em cordas de pêlo de iaque e entornam a tinta na parede com pequenas vasilhas em barro. Pode-se observá-los em posições incríveis montados em ornamentos ou numa cornija, dando-lhes um novo lustro. Muitos lugares onde a chuva não chega adquirem uma espessa camada de cal. É uma visão estonteante olhar para as paredes do Potala, de um branco fulgurante, que se erguem sobre Lassa. Fiquei muito satisfeito quando o Dalai Lama me deu instruções para fazer um filme que mostrasse este trabalho em curso. Deu-me a oportunidade de registar algo certamente único no mundo. De manhã cedo eu costumava subir a alta escadaria de pedra, por entre uma multidão de mulheres que traziam baldes com cal da vila de Shõ. São necessários cem *coolies* durante catorze dias para aplicar às paredes o novo revestimento. Assim tive tempo de sobra para as minhas filmagens e imensas oportunidades para experimentar todos os ângulos possíveis de forma a conseguir as melhores imagens. Foi particularmente interessante filmar os trabalhadores a balouçarem entre o céu e a terra pendurados nas cordas. Para poder realizar o meu trabalho foi-me permitido entrar em qualquer dependência do palácio. Muitas delas eram escuras como breu, com as suas janelas bloqueadas por pilhas de lenha acumuladas ao longo dos séculos, através das quais tive que perfurar caminho até à luz. Mas o esforço valeu a pena, pois encontrei antigas e esquecidas estatuetas do Buda, perante as quais nenhuma lamparina ardia agora, e

várias *thankas* esplêndidas, escondidas sob espessas camadas de pó. Os museus do mundo considerar-se-iam felizes por receber uma fracção dos tesouros que aqui se desfaziam em pó. Nas caves do Palácio, o meu guia mostrou-me ainda outra característica notável desta incrível construção. Sob os pilares que suportam a sua estrutura tinham-se aberto fendas ao longo dos séculos e o soberbo edifício tinha sucumbido, mas os habilidosos pedreiros de Lassa tinham conseguido restituí-lo ao seu nível normal — um feito notável para um povo sem técnicas modernas. Consegui fazer um bom filme dos trabalhos de pintura do Potala e en-viei-o para a Índia para ser revelado. Lobsang Samten surpreendeu-me um dia ao perguntar-me se eu estaria disposto a construir uma sala para exhibir os filmes. O seu irmão tinha expressado esse desejo. A vida em Lassa tinha-me ensinado que não se devia dizer «não mesmo quando nos pedissem para fazer coisas com as quais não estávamos completamente familiarizados. Aufschnaiter e eu éramos conhecidos como «homens dos sete instrumentos e já tínhamos resolvido uma série de problemas complicados. Quando consegui saber a voltagem necessária para alimentar o projectador do Dalai Lama e a que distância teria que ficar da tela, declarei-me pronto para começar o trabalho. Fui então oficialmente indigitado para o executar pelos abades-guardiões do Dalai Lama. A partir dessa altura os portões do Jardim Interior em Norbulingka foram-me franqueados. Comecei o projecto no Inverno de 1949-50, já depois do jovem Dalai Lama ter regressado ao Potala. Após uma inspecção a todos os edifícios, escolhi uma casa desabitada adjacente ao lado interior do muro do jardim, que achei que poderia transformar numa sala de cinema. Os melhores pedreiros de Lassa e os soldados da guarda pessoal foram postos à minha disposição. Não me era permitido empregar mulheres, cuja presença teria profanado o lugar sagrado. Usei molhos de pequenos espigões em ferro para formar vigas para suportar o tecto, de forma a dispensar os habituais pilares. A sala tinha dezoito metros de comprimento e eu tinha que construir uma plataforma para o projectador que fosse acessível tanto pelo interior da sala como pelo exterior do edifício. A alguma distância do cinema ergui uma pequena central eléctrica para abrigar o motor e o gerador. Fiz isto a pedido expresso do Dalai Lama, que não queria que o ruído do motor fosse audível dentro do cinema pois estava preocupado em não contrariar o velho

Regente (a instalação de um cinema em Norbulingka já era suficientemente revolucionária). Construí uma dependência especial para os tubos de escape, cujo barulho foi eficientemente abafado. Como o velho motor a petróleo não era totalmente fiável, propus que o motor do jipe ficasse disponível para accionar o gerador em caso de necessidade. O Dalai Lama aprovou a sugestão; e como a sua vontade era lei, o jipe foi adaptado para este efeito. No começo tivemos alguma dificuldade porque o portão do jardim era muito estreito para o jipe passar. No entanto, o jovem soberano, a despeito da tradição, mandou alargar o portão. Um novo portão substituiu o velho e todos os vestígios da operação foram removidos o mais rapidamente possível, para que não ficasse nada visível que pudesse atrair as críticas dos espíritos reaccionários. O ponto forte deste rapaz era conseguir pôr as suas ideias em prática sem perder a simpatia daqueles que o rodeavam. E assim o jipe teve direito à sua pequena garagem e frequentemente socorríamos-nos dele quando o velho motor entrava em greve. O motorista do décimo terceiro Dalai Lama ajudou-me com as ligações e em pouco tempo pusemos a máquina a trabalhar como um relógio. Tive imenso trabalho para remover do jardim todos os vestígios das nossas actividades de construção, e fiz novos canteiros e caminhos no terreno que tinha sido calcado pelos trabalhadores. E, claro, aproveitei esta oportunidade única para explorar completamente o restrito jardim, sem ter a menor ideia de que no futuro iria visitá-lo inúmeras vezes como convidado.

- Quando chegou a Primavera o Norbulingka era uma visão adorável. Os pessegueiros e as pereiras floresciam em todo o seu esplendor. Pavões passeavam orgulhosamente pelo terreno e centenas de vasos com plantas raras resplandeciam à luz do sol. Num canto do parque havia um pequeno zoo, mas a maioria das jaulas estava vazia. Só restavam alguns gatos selvagens e lince. Antigamente tinham existido panteras e ursos, mas estes sucumbiram em pouco tempo no seu exíguo cativeiro. O Dalai Lama recebia muitos animais selvagens como oferta, especialmente animais feridos, que encontravam um refúgio seguro no Jardim Precioso.
- Para além dos templos havia muitas casas pequenas espalhadas sob as árvores e cada uma era usada para um propósito específico — uma para meditação, outra para ler e estudar, e outras serviam de ponto de

encontro para os monges. O maior edifício, com vários andares de altura, erguia-se no centro do jardim e servia simultaneamente de templo e de residência de Sua Santidade. As janelas eram muito pequenas para o meu gosto, e eu achava o título de «palácio» demasiado lisonjeiro para este edifício vulgar. Como residência, era seguramente mais atractivo do que o Potala, que se assemelhava mais a uma prisão do que a um palácio, mas era demasiado escuro. No jardim, as árvores tinham crescido à vontade durante muitos anos e em alguns lugares faziam lembrar uma selva densa. Ninguém se preocupava em as desbastar. Os jardineiros quei-xavam-se de que as flores e as frutas simplesmente não cresceriam à sombra das árvores grandes. Eu teria ficado feliz se me permitissem limpar e organizar o Jardim Interior. Havia muitos jardineiros, mas nenhum tinha qualquer noção de estilo. Consegui no entanto convencer o ca-mareiro-mor de que certas árvores teriam que ser cortadas e fui autorizado a supervisionar esse trabalho. Os jardineiros não entendiam quase nada disto e ocupavam-se a cultivar flores de vaso que eram deixadas ao ar livre durante o dia e guardadas à noite.

- Uma das portas no muro do Jardim Interior dava acesso directo aos estábulos, que abrigavam os cavalos favoritos do Dalai Lama e um onagro que lhe tinha sido oferecido. Estes animais levavam uma vida contemplativa e pacífica e recebiam cuidados de muitos homens. Tornavam-se gordos e indolentes pois o seu dono nunca os cavalgava nem exercitava.
- Os professores e os criados pessoais do Dalai Lama viviam para além do muro amarelo, no parque do Norbu-lingka. Juntamente com o corpo da guarda, composta por quinhentos homens robustos, viviam em moradias confortáveis e (para os padrões tibetanos) extraordinariamente limpas. O décimo terceiro Dalai Lama tivera um particular interesse no bem-estar das suas tropas. Tinha-os uniformizado com fardas de corte europeu e costumava observar os seus exercícios de um dos pavilhões. Fiquei surpreendido pelo facto de estes soldados terem o cabelo cortado à moda ocidental, em contraste com todos os tibetanos. Provavelmente, o décimo terceiro Dalai Lama tinha sido favoravelmente impressionado pela aparência das tropas indianas e britânicas durante a sua estadia na Índia e tinha moldado a sua guarda pessoal à imagem delas. Os oficiais viviam em pequenos e

vistosos *bungalows* cercados por canteiros de flores. Os deveres dos oficiais e soldados consistiam basicamente em fazer as rondas e em marchar nas cerimónias e procissões.

- Terminei a minha construção muito antes do Dalai Lama se mudar para a Residência de Verão. Perguntava—me a mim próprio se ele ficaria satisfeito. Podia contar com Lobsang Samten, que certamente iria presenciar a primeira apresentação, para saber a opinião dele sobre tudo isto. O Dalai Lama ia com certeza convocar o projeccionista da Legação Indiana para trabalhar com o aparelho. A Legação fazia exhibições de filmes indianos e ingleses durante as suas agradáveis festas, e era um prazer observar o entusiasmo infantil dos tibetanos, especialmente se os filmes mostravam cenas de terras distantes. A questão era saber como o jovem soberano iria reagir aos filmes. Eu estava presente com a minha máquina de filmar para assistir à procissão do Potala para Norbulingka. Tive a habitual dificuldade em encontrar um local adequado para filmar a cerimónia, mas o meu assistente, um gigante marcado pelas bexigas e com aspecto formidável, facilitou-me a vida. Carregava as minhas câmaras e a multidão abria alas para nos deixar passar. Ele parecia ameaçador, mas era na verdade um tipo muito gentil como o demonstra a seguinte anedota.
- Por vezes acontece que leopardos perdidos vagueiam pelos jardins de Lassa. Não devem ser mortos, por isso as pessoas tentam atraí-los para armadilhas ou apanhá-los por qualquer processo. Um dia, um leopardo entrou no Jardim Precioso e foi cercado por todos os lados e ferido numa pata por uma bala; ficou encurralado num canto, na defensiva, rosnando a todos que se atreviam a aproximar—se. Subitamente, o meu assistente agarrou-o com as próprias mãos e segurou-o até que outros soldados se apressaram a enfiá-lo num saco. O homem ficou seriamente ferido pelas garras e o leopardo foi alojado no jardim zoológico do Dalai Lama, onde morreu pouco depois.
- Quando o Dalai Lama passou por mim na sua cadeirinha e me encontrou a filmar, sorriu para mim. O meu pensamento íntimo foi o de que ele se congratulava pelo seu pequeno cinema, mas tenho a certeza de que mais ninguém pensou como eu, muito embora outra coisa não fosse de esperar de um solitário rapaz de catorze anos. Foi então que ao olhar para o rosto extasiado e humilde do meu assistente

me lembrei de que para toda a gente, à excepção de mim próprio, ele não era uma criança solitária mas um Deus.

-

-

- 15 TUTOR DO DALAI LAMA

- Cara a cara com o Kundún — Amigo e professor do Dalai Lama — O Tibete é ameaçado pela China Vermelha — Terramotos e outros maus presságios.
- Depois de ter filmado as cenas em Norbulingka, cavalgava lentamente a caminho de casa quando, já na periferia da cidade, fui alcançado por um excitado soldado do corpo da guarda; disse-me que andavam à minha procura por todo o lado e que deveria regressar imediatamente ao Jardim de Verão. O meu primeiro pensamento foi que o projector do cinema se tinha avariado, pois não podia imaginar que o jovem soberano, ainda um menor de idade, pudesse contrariar todas as convenções e convocar-me directamente à sua presença. Dei a volta imediatamente e em pouco tempo estava de regresso a Norbulingka, onde tudo estava agora calmo e tranquilo. A entrada do portão amarelo aguardavam dois monges. Assim que me viram fizeram-me sinal para me apressar e conduziram-me para o Jardim Interior, onde Lobsang Samten me esperava. Sussurrou-me qualquer coisa ao ouvido e pôs-me nas mãos uma *écharpe* branca. Não havia dúvidas. O seu irmão iria receber-me.
- Dirigi-me imediatamente ao cinema, mas antes de entrar a porta abriu-se diante de mim pelo lado de dentro e encontrei-me perante a Encarnação do Buda. Dominando a minha surpresa, fiz uma profunda vénia e entreguei—lhe a *écharpe*. Ele recebeu-a com a mão esquerda e num gesto impulsivo abençoou-me com a mão direita. Este gesto tinha muito menos a ver com o cerimonioso toque de mão do que com uma impetuosa expressão de sentimento por parte de um rapaz que tinha finalmente conseguido o que queria. Na sala estavam três monges de cabeça curvada — os guardiões de Sua Santidade. Eu conhecia-os bem a todos e não pude deixar de reparar na frieza do olhar com que retribuíram o meu cumprimento. Certamente não aprovavam esta intromissão no seu domínio, mas não se atreviam a opor-se

abertamente à vontade do Dalai Lama. O jovem soberano era muito mais cordial. Com uma face radiante, soterrou-me com uma avalanche de perguntas. Parecia-me uma pessoa que durante anos reflectira em solidão sobre vários problemas, e que agora, quando finalmente tinha alguém com quem conversar, queria saber todas as respostas de uma só vez. Não me dava tempo para pensar nas respostas, pressionava-me para ir para o projector e passar um filme que ele queria ver há muito. Era um documentário sobre a rendição do Japão. Veio comigo para a cabine de projecção e mandou os abades sentarem-se na plateia como espectadores.

- Eu devo ter parecido lento e desastrado no manuseamento do projector pois ele, impacientemente, empurrou-me para o lado e, pegando no filme, mostrou-me que era um projeccionista muito mais experiente do que eu. Disse-me que tinha passado o Inverno todo a aprender como trabalhar com o aparelho e que tinha inclusivamente desmontado e montado novamente um projector. Percebi então, pela primeira vez, que ele gostava de ir ao fundo das questões, em vez de as considerar como factos consumados. E assim, mais tarde, como qualquer bom pai que anseia por merecer o respeito do seu filho, frequentemente eu passava noites a relembrar conhecimentos semiesquecidos ou a estudar novos assuntos. Tive o maior cuidado em tratar todas as questões de forma séria e científica, pois era claro para mim que os meus ensinamentos iriam ser a base de todo o seu conhecimento sobre o mundo ocidental. O seu talento para coisas técnicas era óbvio e surpreendeu-me logo no nosso primeiro encontro. Era uma proeza notável para um rapaz de catorze anos desmontar completamente um projector e depois montá-lo correctamente sem qualquer ajuda, pois não sabia ler o prospecto em inglês. Agora que o filme rodava sem qualquer problema, ele estava deliciado *com* esta concretização e não encontrava melhores elogios para o meu trabalho. Sentámo-nos juntos na sala de projecção e assistimos ao filme através das vigias na parede; e ele apreciou ao máximo tudo o que viu e ouviu, muitas vezes apertando as minhas mãos excitadamente, com a vivacidade própria da juventude. Embora fosse a primeira vez na sua vida que se encontrava sozinho com um homem de outra raça, não estava de forma alguma embaraçado ou tímido. Enquanto punha o próximo filme na bobina, pôs-me o microfone nas mãos e insistiu que

eu falasse. Ao mesmo tempo olhou pelas vigias para o teatro iluminado electricamente onde os seus tutores estavam sentados em carpetes. Eu podia perceber a sua expectativa em observar as caras atónitas dos leais abades quando subitamente uma voz soasse através dos altifalantes. Eu não queria desapontá-lo e por isso convidei o público imaginário a permanecer nos seus lugares pois o próximo filme iria mostrar cenas sensacionais do Tibete. Ele riu-se entusiasticamente das expressões surpresas e chocadas dos monges quando ouviram o meu tom de voz alegre e desrespeitoso. Tal linguagem, descontraída e informal, nunca tinha sido usada na presença do Divino Soberano, cujos olhos brilhantes mostravam o quanto ele estava a apreciar a situação.

- Mandou-me rodar o filme que eu tinha feito em Lassa enquanto cuidava dos interruptores. Eu estava tão curioso como ele para ver os resultados, pois era a minha primeira longa-metragem. Um conhecedor poderia encontrar muitos defeitos nele, mas para nós era bastante satisfatório. Continha os meus registos do «Pequeno Festival do Ano Novo. Até mesmo os formais abades esqueceram a sua postura quando se reconheceram a si próprios na tela. Ouve uma gargalhada geral quando surgiu uma imagem em grande plano do ministro que tinha adormecido durante as cerimónias. Não havia malícia nessa gargalhada, pois cada um dos abades por vezes tinha que lutar para não adormecer durante essas intermináveis festividades. De qualquer forma, a classe alta deve ter ficado a saber que o Dalai Lama tinha testemunhado a fraqueza do seu ministro, pois daí em diante sempre que eu aparecia com a minha câmara toda a gente se levantava e posava.
- O próprio Dalai Lama foi quem mais gostou dos filmes. Os seus habituais movimentos lentos tornaram-se animados e cheios de vida e ele comentava entusiasticamente todos os filmes. Passado um bocado pedi-lhe para exhibir um filme que ele próprio tinha feito. Respondeu-me modestamente que não se atrevia a apresentar os seus esforços de aprendiz depois dos filmes que tínhamos acabado de ver. Mas eu estava ansioso por saber que temas ele tinha escolhido para filmar e persuadi-o a passar a sua bobina. Ele não tivera certamente muitas opções de escolha, pois tinha registado uma imagem abrangente da paisagem do vale de Lassa, mas demasiadamente rápido. Seguiram-se

então imagens distantes e mal iluminadas de nobres a cavalo e caravanas a atravessarem o Shó. Um grande plano do seu cozinheiro demonstrava que ele gostaria de ter feito retratos fotográficos. O filme que me mostrou era a sua primeira tentativa e tinha sido feito sem instruções ou ajuda. Quando terminou, pediu-me para anunciar através do microfone que a sessão estava encerrada. Abriu então a porta que dava para o salão, disse aos abades que já não precisava deles e dispensou-os com um aceno da mão. Mais uma vez ficou claro para mim que aqui não estava uma marioneta animada, mas sim uma personalidade bem definida capaz de impor a sua vontade aos outros. Quando ficámos sozinhos, arrumámos os filmes e cobrimos as máquinas com as capas amarelas. Sentámo-nos então numa magnífica carpete, iluminados pelo sol que entrava pelas janelas abertas. Felizmente, eu já tinha adquirido há muito tempo o hábito de sentar-me de pernas cruzadas, pois as cadeiras e as almofadas não fazem parte do mobiliário doméstico do Dalai Lama. A princípio pensei em recusar o seu convite para me sentar, ciente de que nem os ministros devem sentar-se na sua presença, mas ele simplesmente agarrou-me pela manga e puxou-me para baixo, o que pôs fim à minha hesitação. Disse-me que vinha planeando este encontro há muito tempo, pois não conseguia descobrir outra maneira de se familiarizar com o mundo exterior. Já esperava que o Regente levantasse objecções, mas estava determinado a levar por diante as suas intenções e já tinha pensado numa solução em caso de oposição. Estava resolvido a ampliar os seus conhecimentos para além dos assuntos puramente religiosos, e parecia —lhe que eu era a única pessoa que o poderia ajudar nessa tarefa. Não fazia ideia de que eu era um professor qualificado, e se soubesse, provavelmente isso não o teria influenciado. Perguntou a minha idade e ficou surpreendido por saber que eu tinha apenas trinta e sete anos. Tal como muitos tibetanos, pensava que o meu cabelo «amarelo era um sinal de idade. Estudou as minhas feições com uma curiosidade infantil e troçou do meu longo nariz que, apesar de ter um tamanho normal para os nossos padrões, muitas vezes atraía a atenção dos mongóis, cujos narizes eram achatados. Por fim reparou que eu tinha pêlos na parte externa das mãos e comentou com um grande sorriso: «Henrig, tu és peludo como um macaco. Eu tinha uma resposta pronta, pois conhecia a lenda segundo a qual os tibetanos descendem da união do

seu deus Chen-rezi com um demónio feminino. Antes de copular com a sua amante-demónio, Chenrezi tinha assumido a forma de um macaco, e como o Dalai Lama é uma das Encarnações deste deus, eu achei que ao comparar-me com um macaco ele estava realmente a elogiar-me. Com observações como esta a nossa conversa em breve se tornou descontraída e ambos perdemos a nossa timidez. Eu sentia agora o magnetismo da sua personalidade, que nos nossos primeiros e superficiais contactos eu apenas pressentira. A sua complexão era muito mais frágil do que a do tibetano médio. Os seus olhos, imperceptível-mente mais rasgados do que os da maioria dos europeus, eram cheios de expressão, charme e vivacidade. As maçãs do seu rosto reluziam com a excitação, e enquanto estava sentado mexia-se constantemente para um lado e para o outro. As suas orelhas salientavam-se ligeiramente da cabeça, o que era uma característica do Buda; e conforme vim a saber mais tarde, eram um dos sinais pelos quais ele tinha sido reconhecido como uma Encarnação na infância. O seu cabelo era mais longo do que o habitual. Provavelmente usava-o assim como medida de protecção contra o frio do Potala. Era alto para a sua idade e tudo indicava que ia alcançar a estatura dos seus pais, que tinham ambos uma figura notável. Infelizmente, em consequência de muitas horas de estudo, sentado e com o corpo inclinado para a frente, tinha uma má postura. Tinha mãos bonitas e aristocráticas com dedos compridos, geralmente dobrados numa atitude de paz. Reparei que olhava espantado para as minhas mãos quando eu enfatizava com um gesto o que estava a dizer. A gesticulação é algo completamente estranho para os tibetanos, que na sua atitude de repouso expressam a calma asiática. Usava sempre um robe vermelho de monge, outrora prescrito por Buda, e o seu traje não diferia em nada do que era usado pelas autoridades monásticas. O tempo passou rapidamente. Parecia que uma represa tinha rebentado, tal era a urgência e a continuidade da torrente de questões que ele me colocava. Eu estava estupefacto com a quantidade de conhecimentos dispersos que ele tinha adquirido através de livros e jornais. Possuía uma obra inglesa em sete volumes sobre a Segunda Guerra Mundial que tinha mandado traduzir para o tibetano. Sabia distinguir os vários tipos de aviões, automóveis e tanques. Os nomes de personagens como Churchill, Eisen-hower e Molotov eram-lhe familiares, mas como não tinha ninguém a quem fazer perguntas,

por vezes não sabia como as pessoas e os eventos se relacionavam entre si. Agora estava feliz porque tinha encontrado alguém a quem podia fazer todas as perguntas que o vinham intrigando há anos.

- Deviam ser aproximadamente três da tarde quando Sopôn Khenpo veio avisar que estava na hora da refeição. O dever deste abade era cuidar do bem-estar físico do Da-lai Lama. Levantei-me imediatamente com a intenção de me retirar, mas o Rei Divino mandou-me sentar novamente e disse ao abade para regressar mais tarde. Nessa altura, com toda a modéstia, mostrou-me um caderno de exercícios com toda a espécie de desenhos na capa e pediu-me para examinar os seus trabalhos. Para minha surpresa vi que ele tinha transcrito as letras maiúsculas do alfabeto latino. Que versatilidade e que iniciativa! Estudos religiosos exaustivos, experiências com aparelhos mecânicos, e agora línguas modernas! Ele insistiu para que eu comesse imediatamente a ensinar-lhe inglês, transcrevendo a pronúncia em elegantes caracteres tibetanos. Deve ter-se passado mais uma hora e Sopôn Khenpo apareceu novamente, e desta vez insistiu que o seu mestre jantasse. Tinha um prato com bolos, pão branco e queijo de ovelha e queria oferecer-mos. Como eu recusei, ele embrulhou a comida num pano branco para que eu a levasse para casa.
- Mas o Dalai Lama ainda não queria terminar a nossa conversa. Num tom meigo suplicou ao seu mordomo para esperar um pouco mais. Com um olhar carinhoso para o seu amo, o abade concordou e saiu. Eu tinha a sensação de que ele era tão afeiçoado e dedicado ao rapaz como se fosse seu pai. Este ancião de cabelos brancos tinha servido o décimo terceiro Dalai Lama nas mesmas funções e tinha permanecido ao serviço. Isto era um grande tributo à sua dedicação e lealdade, pois quando há uma troca de amos há uma troca de servos. O Dalai Lama sugeriu que eu visitasse a sua família no Norbulingka durante o Verão. Dis-se-me para aguardar na casa deles até que ele me mandasse chamar. Quando parti, apertou a minha mão calorosamente — outra novidade para ele.
- A medida que caminhava pelo jardim deserto e corria os ferrolhos do portão, mal podia acreditar que tinha acabado de passar cinco horas com o Rei Divino do Tibete. Um jardineiro fechou o portão atrás de mim e a guarda, que já tinha sido rendida mais de uma vez desde a minha chegada, apresentou armas um tanto surpreendida. Cavalguei

lentamente de regresso a Lassa e, se não fosse pela trouxa de bolos que levava comigo, teria pensado que tudo não passava de um sonho. Qual dos meus amigos acreditaria em mim se lhe dissesse que tinha estado várias horas sozinho a conversar com o Dalai Lama? Será desnecessário dizer que eu estava muito feliz com os meus novos deveres. Ser o instrutor deste inteligente rapaz — soberano de um país tão grande como a França, Espanha e Alemanha juntas — na cultura e ciência do mundo ocidental, parecia ser, no mínimo, uma tarefa meritória. Nessa mesma noite consulte algumas revistas que continham detalhes sobre a construção de aviões a jacto, acerca dos quais nesse dia o meu jovem pupilo me fizera algumas perguntas a que eu não soube responder. Tinha prometido dar-lhe explicações completas no nosso próximo encontro. À medida que o tempo passava, fui sempre preparando o material para as nossas lições, pois queria introduzir algum método na instrução deste estudante aplicado.

- Tive muitas contrariedades devido à sua insaciável curiosidade, que o levava a fazer perguntas que conduziam a áreas completamente novas. E eu só podia responder a muitas destas questões baseado no melhor do meu saber. Para poder discutir a bomba atómica, por exemplo, eu tinha que falar-lhe sobre os elementos. Isso conduzia a uma decomposição dos metais, para os quais não havia nenhuma palavra genérica em tibetano, por isso eu era obrigado a entrar em detalhes sobre os diferentes tipos de metais — um assunto que, naturalmente, trazia consigo uma avalanche de questões.
- A minha vida em Lassa tinha entrado agora numa nova fase. A minha existência tinha um propósito. Já não me sentia insatisfeito ou incompleto. Não abandonei o meu trabalho anterior. Ainda seleccionava notícias para o ministro e ainda desenhava mapas. Mas agora os dias eram curtos e eu trabalhava frequentemente pela noite dentro. Tinha pouco tempo para distrações ou lazer, pois quando o Dalai Lama me convocava eu tinha que estar disponível. Em vez de ir a festas de manhã, como os outros faziam, eu chegava ao fim da tarde. Mas isso não era nenhum sacrifício. Eu estava feliz porque a minha vida tinha um propósito. As horas que eu passava com o meu pupilo eram tão instrutivas para mim como para ele. Ele ensinava-me muito sobre a história do Tibete e sobre os ensinamentos de Buda. Era uma verdadeira autoridade nestas matérias. Muitas vezes debatíamos

assuntos religiosos durante horas e ele estava convencido de que ia conseguir converter-me ao Budismo. Disse-me que estava a estudar livros que continham informação sobre os ancestrais mistérios segundo os quais o corpo podia ser separado do espírito. A história do Tibete está repleta de relatos sobre santos cujos espíritos costumavam manifestar-se a centenas de quilómetros de distância dos seus corpos físicos. O Dalai Lama estava convencido de que por meio da sua fé e dos rituais prescritos conseguiria fazer coisas acontecer em lugares longínquos como Samye. Quando já tinha feito progressos suficientes, disse que iria mandar-me para lá e dar-me instruções a partir de Lassa. Lembro-me de lhe responder com uma gargalhada: «Está bem, Kundiin, quando conseguir fazer isso vou tornar-me budista também.

- Infelizmente, nunca chegámos a fazer essa experiência. O começo da nossa amizade foi ensombrado por nuvens políticas. O tom da Rádio Pequim tornou-se cada vez mais arrogante e Chiang Kai-Shek já se tinha refugiado na Formosa com o seu governo. A Assembleia Nacional em Lassa reunia-se constantemente; novas tropas eram recrutadas, no Shõ realizavam-se paradas e exercícios militares, e o próprio Dalai Lama consagrou as novas cores do exército. Fox, o operador de rádio inglês, tinha muito que fazer, pois todas as unidades militares tinham que ter pelo menos um rádio transmissor. A Assembleia Nacional tibetana, que toma todas as decisões políticas importantes, é composta por cinquenta funcionários seculares e monásticos. É presidida por quatro abades de Drebung, Será e Ganden, tendo cada um deles um monge e um tesoureiro ao seu serviço. Os outros membros da Assembleia, tanto os seculares como os religiosos, pertencem aos vários gabinetes do governo mas nenhum dos quatro ministros do Gabinete é membro. A tradição manda que o Gabinete se reúna numa câmara adjacente e aprove todas as decisões da Assembleia, sem direito a veto. A decisão final em todas as questões cabe
- Tibete. Ele tinha-me encarregado de lhe dar explicações de Inglês, Geografia e Aritmética. Para além disso, eu tinha que cuidar do seu cinema e mantê-lo actualizado com os acontecimentos internacionais. Decidiu aumentar o meu salário por iniciativa própria, pois embora não estivesse ainda oficialmente autorizado a dar ordens, bastava-lhe expressar um desejo para que este fosse concretizado.

- Surpreendia-me constantemente com o seu poder de compreensão, a sua perspicácia e a sua capacidade de trabalho. Quando eu lhe entregava como trabalhos de casa dez frases para traduzir, ele geralmente aparecia com vinte. Era muito rápido a aprender línguas, como a maioria dos tibetanos. E bastante comum que as pessoas da classe alta e os homens de negócios falem mongol, chinês, nepa-lês e hindi. A maior dificuldade do meu pupilo era pronunciar a letra «F», que não existe em tibetano. Como o meu inglês estava longe de ser perfeito, costumávamos ouvir as notícias em inglês num rádio portátil e tirávamos grande proveito das passagens faladas a uma velocidade de ditado. Tinham-me dito que num dos escritórios do governo existiam vários livros escolares de inglês em pastas seladas. A sugestão foi dada a um ministro e no mesmo dia os livros foram enviados para Norbulingka. Construímos uma pequena biblioteca para os livros na sala de cinema. O meu pupilo estava deliciado com esta descoberta, que era algo de extraordinário para Lassa. Quando reparei no seu zelo e sede de conhecimento senti-me envergonhado ao pensar na minha própria adolescência.
- Havia também inúmeros livros em inglês e mapas do Estado do décimo terceiro Dalai Lama, mas reparei que estavam muito novos e que obviamente não tinham sido lidos. O falecido soberano tinha aprendido muito durante as suas viagens pela Índia e pela China, e o seu conhecimento sobre o mundo ocidental devia-se à sua amizade com *Sir Charles Bell*. O nome deste inglês já me era familiar e durante o meu internamento tinha lido os seus livros. Ele era o grande campeão da independência tibetana. Como diplomata em Sikkim, no Tibete e no Butão, ele tinha ficado a conhecer o Dalai Lama na sua fuga para a Índia. Esse foi o começo de uma grande amizade entre os dois homens, que durou muitos anos. *Sir Charles Bell* foi, sem dúvida, o primeiro homem branco a entrar em contacto com um Dalai Lama.
- O meu jovem pupilo ainda não estava em posição para viajar, mas isso não diminuía o seu interesse pela geografia mundial, que em breve iria tornar-se a sua matéria favorita. Eu desenhava-lhe grandes mapas-múndi e outros da Ásia e do Tibete. Com a ajuda de um globo pude explicar-lhe a razão de a Rádio Nova Iorque estar onze horas atrasada em relação à nossa. Em pouco tempo ele já se sentia em casa em todos os países e estava tão familiarizado com o Cáucaso como com os

Himalaias. Orgulhava-se particularmente com o facto de que o ponto mais alto do mundo se localizava nas suas fronteiras e, como muitos tibetanos, ficava atónito ao saber que poucos países excediam em área o seu reino.

- As nossas tranquilas lições foram perturbadas este Verão por um fatídico acontecimento. A 15 de Agosto um violento terramoto causou o pânico na Cidade Sagrada. Mais um mau presságio! O povo mal se tinha recomposto do susto provocado pelo cometa, que no ano anterior tinha estado visível de dia e de noite como uma reluzente cauda de cavalo nos céus. Os mais velhos lembravam-se de que o último cometa tinha sido o precursor de uma guerra com a China.
- O terramoto chegou como uma surpresa total, sem quaisquer tremores premonitórios. As habitações de Lassa começaram subitamente a tremer e ouviram-se à distância umas quarenta detonações abafadas, sem dúvida causadas por uma fenda na crosta terrestre. No céu límpido avistava-se um imenso clarão a este. Os tremores duraram dias. A rádio indiana relatou grandes desabamentos na província de Assam, que faz fronteira com o Tibete. Montanhas e vales foram deslocados e o Brahmaputra, que foi bloqueado por uma montanha desmoronada, causou imensa devastação. Só algumas semanas mais tarde é que chegaram a Lassa informações da verdadeira dimensão da catástrofe no próprio Tibete. O epicentro do terramoto deve ter sido no sul do Tibete. Centenas de monges e freiras ficaram soterrados nos seus mosteiros de rocha e muitas vezes não houve sobreviventes para fazer chegar as notícias à autoridade distrital mais próxima. Algumas torres foram rachadas ao meio, deixando paredes em ruínas apontadas para o céu; e seres humanos, como que arrancados pela mão de um demónio, desapareciam tragados pela terra.
- Os maus augúrios multiplicavam-se. Nasciam monstros. Certa manhã o capitel da coluna de pedra na base do Potala foi encontrado no chão em fragmentos. Foi em vão que o governo enviou monges para os centros do mau olhar para banir os espíritos malignos com as suas orações; e quando num dia de calor abrasador começou a brotar água de uma goteira na Catedral, a população de Lassa ficou aterrorizada. Sem dúvida que havia explicações naturais para todos estes acontecimentos, mas se os tibetanos perdessem a sua superstição perderiam também uma qualidade. É preciso lembrar que se os maus

presságios podem desmoralizá-los pelo medo, os bons agoiros inspiram-lhes força e confiança.

- O Dalai Lama era mantido ao corrente de todos estes eventos sinistros. Embora fosse tão supersticioso como o seu povo, tinha sempre curiosidade de ouvir as minhas opiniões sobre estas coisas. Nunca nos faltava assunto para conversa e o nosso tempo de aula era sempre insuficiente. Na verdade, ele passava as suas horas de lazer comigo, e pouca gente se apercebia de que ele estava a usar o seu tempo livre para estudar ainda mais. Era pontual com o seu programa; e se aguardava com prazer a minha chegada, isso não o impedia de interromper a nossa conversa quando o relógio lhe indicava que o nosso tempo se esgotara e que um professor de religião o aguardava num dos pavilhões. Uma vez, por casualidade, fiquei a saber o quanto ele valorizava as nossas lições. Certo dia iriam realizar-se muitas cerimónias e por isso eu não contava ser chamado a Norbulingka, assim, fui com uns amigos dar um passeio a uma colina próxima da cidade. Antes de sair disse ao meu criado para me fazer um sinal com um espelho se o Dalai Lama me mandasse chamar. A hora habitual o sinal chegou e eu corri a toda a velocidade de regresso à cidade. O meu criado aguardava-me com um cavalo junto ao/èrry mas, apesar da minha pressa, cheguei dez minutos atrasado. O Dalai Lama correu ao meu encontro e, excitado, agarrou nas minhas mãos e disse: «Onde estiveste este tempo todo? Estou há tanto tempo à tua espera, Henríg. Pedi-lhe que me perdoasse por o ter perturbado. Foi só então que eu percebi o quanto estas horas significavam para ele.
- No mesmo dia estiveram presentes a sua mãe e o irmão mais novo, e eu mostrei-lhes um dos oitenta filmes que o Dalai Lama possuía. Foi muito interessante para mim observar mãe e filho juntos. Eu sabia que, a partir do momento do reconhecimento oficial do jovem como Encarnação do Buda, a família não tinha mais direitos sobre ele como filho ou irmão. Por essa razão, a visita da sua mãe era uma espécie de evento oficial, para o qual ela se preparava com as suas melhores roupas e jóias. Quando partiu, ela curvou-se diante dele e ele tocou-a na cabeça numa bênção. Este gesto expressava bem o relacionamento que existia entre estas duas pessoas. A mãe não recebeu sequer a bênção com as duas mãos, que estava reservada apenas para monges e altos funcionários.

- Muito raramente acontecia sermos interrompidos quando estávamos juntos. Uma vez, um monge do corpo da guarda trouxe-lhe uma carta importante. O enorme indivíduo atirou-se três vezes ao chão, susteve a respiração com um som ofegante, como exige a etiqueta, e entregou a carta. Retirou-se então da sala, recuando, e fechou silenciosamente a porta atrás de si. Nestes momentos eu tinha plena consciência de como eu próprio infringia terrivelmente o protocolo. A carta provinha do irmão mais velho do Dalai Lama, o abade de Kumbum na província chinesa de Chinghai. Os Vermelhos já detinham o poder aí e esperavam agora influenciar o Dalai Lama a seu favor através do seu irmão Tagtsel Rinpoche. A carta anunciava que Tagtsel vinha a caminho de Lassa.
- Nesse mesmo dia visitei a família do Dalai Lama. A sua mãe repreendeu-me quando cheguei. O seu amor de mãe não tinha deixado de reparar o quanto ele dependia de mim e que ele tinha consultado o relógio várias vezes enquanto me esperava. Expliquei as razões do meu atraso e consegui convencê-la de que a minha falta de pontualidade não ficara a dever-se a um descuido. Quando me fui embora ela implorou-me para nunca esquecer como eram poucas as oportunidades que o filho tinha de se dedicar a fazer algo de que gostava. Talvez tenha sido bom que ela constatasse por si própria o quanto significavam as nossas lições para o Dalai Lama. Após alguns meses toda a gente em Lassa sabia para onde eu me dirigia a cavalo por volta do meio-dia. Como era de esperar, os monges criticavam as minhas visitas regulares, mas a sua mãe defendeu os desejos do filho. Da vez seguinte que passei pelo portão amarelo e entrei no Jardim Interior julguei ver o Dalai Lama a tentar avistar-me da sua pequena janela, e pareceu-me que usava óculos. Isto surpreendeu-me pois nunca o tinha visto com óculos postos. Em resposta à minha questão, ele disse-me que já há algum tempo que tinha dificuldades com a vista e portanto passara a usar óculos para estudar. O seu irmão tinha-lhe arranjado um par através da Legação Indiana. Provavelmente tinha estragado a vista quando era criança, quando a sua única distração era observar Lassa através do telescópio durante horas a fio. Para além disso, a leitura e o estudo na penumbra do Potala não melhoravam exactamente a visão. Nesta ocasião ele usava uma jaqueta vermelha sobre o seu robe monástico. Tinha-a desenhado ele próprio e

orgulhava-se muito disso, mas só se permitia usá-la nos momentos de lazer. A principal novidade desta vestimenta era o facto de ter bolsos. As roupas tibetanas não têm nenhuns, mas o *designer* tinha reparado na existência de bolsos nas ilustrações dos jornais e nos meus casacos e apercebera-se da sua utilidade. Agora, como qualquer rapaz da sua idade, tinha a possibilidade de trazer consigo um canivete, uma chave de fendas, doces, etc. Agora também trazia nos bolsos os seus lápis de cor e a sua caneta de aparo e era, sem dúvida, o primeiro Dalai

- Lama a ter prazer com tais coisas. Também se interessava muito pela sua colecção de relógios, alguns dos quais tinha herdado do décimo terceiro Dalai Lama. O seu favorito era um *Omega* com calendário, que tinha comprado com o seu próprio dinheiro. Durante a menoridade ele só podia dispor do dinheiro que era deixado como oferta aos pés do seu trono. Futuramente, os cofres do tesouro do Potala e o Jardim das Jóias ser-lhe-iam franqueados e, como soberano do Tibete, iria tornar-se num dos homens mais ricos do mundo.

•

• A INVASÃO DO TIBETE

- «Deixem o Dalai Lama governar» — O reconhecimento da Encarnação — Os Vermelhos invadem o Tibete — Preparativos para a fuga do Dalai Lama.
- Pela primeira vez, ouviam-se agora em público vozes afirmando que a maioria do Dalai Lama devia ser declarada oficialmente antes de atingir a idade normal. Nestes tempos difíceis, o povo queria ter um soberano jovem e insubstituível no trono para não continuar à mercê do grupo corrupto e impopular que rodeava o Regente. O actual regime não estava à altura de ser um apoio e um exemplo para um povo ameaçado pela guerra.
- Por esta altura, algo sem precedentes ocorreu em Lassa. Certa manhã encontrámos cartazes nas paredes da rua que conduzia ao Norbulingka com os dizeres «Dêem o poder ao Dalai Lama». A sublinhar este apelo seguia-se uma série de acusações contra os favoritos do Regente. Falámos destes cartazes durante o meu encontro seguinte com Sua Santidade, que já tinha ouvido falar deles pelo seu irmão. Adivinhava-se que os monges de Será estariam por trás disto. O Dalai Lama não estava nada satisfeito com o rumo das coisas e não se considerava

pronto para ocupar o trono. Sabia que ainda tinha muito que aprender. Por essa razão não atribuiu muita importância aos cartazes e estava mais interessado em prosseguir com o nosso programa de estudo. A sua maior preocupação era saber se o seu conhecimento igualava o de um estudante ocidental da mesma idade, ou se na Europa ele seria classificado como um tibetano atrasado. Assegurei-lhe com toda a honestidade que ele estava acima da média em termos de inteligência e que lhe seria fácil alcançar o conhecimento superior dos rapazes europeus. Não era só o Dalai Lama que sofria deste complexo de inferioridade. Ouve-se constantemente os tibetanos dizerem «Não sabemos nada. Somos tão estúpidos!». Mas é claro que o facto de o afirmarem prova o contrário. Os tibetanos são tudo menos fracos de espírito: e ao fazerem este juízo, estão a confundir educação com inteligência. Com a ajuda da Legação Indiana, de tempos a tempos eu conseguia arranjar um drama para o nosso cinema. Queria acumular um repertório mais completo de forma a agradar ao Dalai Lama. O primeiro dos filmes dramáticos que arranjei *era Henrique V* e eu estava curioso para ver a reacção do jovem soberano. Ele autorizou os seus abades a estarem presentes na sessão e, quando a sala ficou escura, os cozinheiros e os jardineiros que trabalhavam no interior do muro amarelo entraram sorrateiramente. A audiência sentava-se nas carpetes do chão do cinema, enquanto o Dalai Lama e eu nos sentávamos como habitualmente nas escadas que ligavam o auditório à sala de projecção. Eu sussurrava-lhe uma tradução dos diálogos em simultâneo e tentava responder às suas perguntas. Felizmente, eu tivera o cuidado de me preparar, porque não é fácil para um alemão traduzir o inglês de Shakespeare para tibetano. O público ficava um tanto embaraçado com as cenas amorosas, que cortei na vez seguinte que passámos o filme. O Kundún estava entusiasmado com a história. Interessava-se profundamente pelas vidas de grandes homens, e o seu interesse não se limitava a reis. Queria saber tudo sobre generais e cientistas e estudar os seus feitos. Assistiu a um documentário sobre Mahatma Gandhi várias vezes. Mahatma era uma figura muito venerada no Tibete.

- Eu já tinha razões para aprovar o seu gosto. Uma vez, quando estávamos a seleccionar uma série de filmes, ele pôs de parte todas as fitas cómicas ou de mero entretenimento e pediu-me que as trocasse. O seu interesse estava voltado para temas educacionais, militares e

culturais. Uma ocasião quis agradar-lhe mostrando um filme particularmente belo sobre cavalos, mas tive que admitir que o assunto não o atraía. «É engraçado», disse ele, «como o corpo anterior» — referindo-se assim ao décimo terceiro Dalai Lama — «gostava tanto de cavalos e agora significam tão pouco para mim». Durante este período ele crescia muito rapidamente e apresentava as características habituais da idade difícil. Uma vez deixou cair o seu fotómetro e ficou infeliz por isso, como uma pobre criança que partiu o seu único brinquedo. Lembrei-lhe que ele era o soberano de um grande domínio e que podia comprar quantos fotómetros quisesse. A sua modéstia era um perpétuo motivo de admiração para mim. A criança de um comerciante rico era muito mais mimada do que ele. O seu modo de vida era ascético e solitário, e havia muitos dias em que jejuava e mantinha silêncio. O seu irmão Lobsang Samten era a única pessoa que podia fazer-lhe companhia livremente, mas embora fosse mais velho do que ele, era mentalmente muito menos desenvolvido. No início das nossas lições o Dalai Lama tinha insistido que o seu irmão participasse, mas para Lobsang esta obrigação era um tormento e pedia-me constantemente para arranjar desculpas para a sua ausência. Confessou-me que não conseguia compreender as nossas conversas e que tinha que lutar para manter-se acordado. Por outro lado, tinha uma compreensão muito mais prática dos assuntos governamentais e já estava apto a ajudar o irmão no cumprimento dos seus deveres oficiais. Kundún aceitava com resignação as frequentes desculpas do irmão, facto que me surpreendeu, pois Lobsang tinha-me dito como ele costumava ser impaciente quando era criança. Não restava nenhum vestígio desse temperamento; na realidade, ele era demasiado contido e sério para a sua idade. Mas quando se ria, ria-se com tanta vontade como qualquer criança comum, e adorava piadas inofensivas. As vezes costumava fingir jogar boxe comigo e gostava de me provocar. Apesar da sua predisposição para a influência ocidental, ele tinha no entanto que se conformar com as tradições seculares da sua posição. Todos os objectos que tinham servido para uso pessoal do Dalai Lama eram considerados um remédio supremo para doenças ou como protecção contra espíritos malignos. Havia uma enorme competição pelos bolos e frutas que eu costumava trazer da cozinha de Sua Santidade, e eu não

podia dar maior alegria aos meus amigos do que partilhar estas coisas com eles.

- Eu sabia o quanto o jovem rei desejava poder um dia conduzir o seu povo para fora do nevoeiro da triste superstição. Nós sonhávamos e conversávamos horas sem fim sobre esclarecimento e reformas futuras. Já tínhamos esboçado um plano. Propúnhamo-nos trazer para o Tibete especialistas de países pequenos e neutros, sem interesses na Ásia. Com a ajuda deles iríamos montar um sistema de educação e saúde pública e treinar tibetanos para executarem o trabalho. Uma importante tarefa estava reservada para o meu amigo Aufschnaiter. Como engenheiro agrónomo no Tibete, ele teria mais do que o suficiente para fazer durante o resto da sua vida. Ele próprio era um entusiasta destas ideias e só queria poder continuar a trabalhar aqui. Eu desejava dedicar-me a organizar a educação e sonhava poder encarregar-me da grande tarefa de criar uma universidade com as suas diferentes faculdades. Mas o futuro não reservava quaisquer possibilidades de concretizar os nossos planos, e Aufschnaiter e eu éramos suficientemente realistas para não alimentar falsas esperanças. Era inevitável que a China comunista invadisse o Tibete e então não haveria lugar para nós dois, amigos da independência tibetana. Quando já tínhamos intimidade suficiente um com o outro, perguntei ao Kundún se me poderia contar algo sobre o seu reconhecimento como Encarnação. Eu já sabia que ele tinha nascido a 6 de Julho de 1935, nos arredores do Lago Kuku-Nor, mas fui a única pessoa a dar-lhe os parabéns pelo seu aniversário. Os aniversários não são datas importantes no Tibete, geralmente não as tomam em conta e nunca são celebradas. Para o povo, a data de nascimento do seu rei não tem interesse nenhum. A sua pessoa representa o regresso à terra de Chenrezi, o Deus da Graça, um dos mil Budas Vivos que renunciaram ao Nirvana para ajudar a raça humana. Chenrezi era o deus patrono do Tibete e as suas reencarnações foram sempre os reis de Bô — como os nativos chamam ao Tibete. O imperador mongol Altan Khan, que tinha abraçado o Budismo, deu o título de Dalai Lama às Encarnações. O actual Dalai Lama era a décima quarta Encarnação. O povo considerava-o mais como um Buda Vivo do que como um rei, e dirigiam-lhe as suas orações não como a um soberano mas como a um deus patrono da terra.

- Não era fácil ao jovem rei satisfazer os pedidos que lhe eram feitos. Ele sabia que devia fazer juízos divinos e que aquilo que ordenava ou fazia era considerado infalível e passaria a fazer parte da tradição histórica. Ele já lutava com o esforço da meditação durante dias sem interrupção e com o profundo estudo religioso para se preparar para os pesados deveres do seu reinado. Era muito menos auto—confiante do que a décima terceira Encarnação. Tsarong uma vez deu-me um exemplo típico do carácter dominante do falecido soberano. Desejava aprovar novas leis, mas encontrou forte oposição na sua corte conservadora, que citava as palavras do quinto Dalai Lama no mesmo contexto. Ao que o décimo terceiro Dalai Lama respondeu: «E quem era afinal o anterior quinto corpo?». Os monges, nessa altura, prostraram-se diante dele, pois a sua resposta tinha-os deixado sem fala. Sendo uma Encarnação, ele era, obviamente, não só o décimo terceiro como também o quinto e todos os outros Dalai Lamas. Quando ouvi esta história, ocorreu-me como o Tibete era afortunado por nunca ter tido um soberano como Nero ou Ivan, o Terrível. Mas esse pensamento nunca poderia ter ocorrido a um tibetano, pois uma Encarnação do Deus da Graça só poderia ser bondosa.
- O Dalai Lama não pôde dar uma resposta satisfatória à minha pergunta sobre o modo como tinha sido descoberto. Era ainda uma criança pequena quando isso aconteceu e tinha apenas uma lembrança vaga do acontecimento. Quando percebeu o quanto eu estava interessado na questão, aconselhou-me a perguntar a um dos nobres presente na altura do reconhecimento. Uma das poucas testemunhas oculares do evento ainda vivas era o comandante do exército, Dzaza Kúnsangtse. Uma noite contou-me a história do misterioso acontecimento. Algum tempo antes da sua morte em 1933, o décimo terceiro Dalai Lama tinha dado indicações relativas à forma do seu renascimento. Após a sua morte, o corpo permaneceu sentado no Potala na tradicional postura de Buda, virado para sul. Uma manhã notou-se que a sua cabeça estava virada para leste. O Oráculo do Estado foi imediatamente consultado, e enquanto estava em transe o monge do oráculo atirou uma *écharpe* branca na direcção do sol nascente. Mas durante dois anos não houve nenhuma indicação mais concreta. O Regente partiu então numa peregrinação a um famoso lago para pedir aconselhamento. Diz-se que qualquer pessoa que olhe para

as águas do Chó Khor Gye pode ver uma parte do futuro. Quando o Regente, após longas orações, se aproximou da margem e olhou para as águas, teve uma visão de um mosteiro com três andares com telhados dourados, próximo do qual se erguia uma pequena casa rural chinesa com a fachada esculpida. Cheio de gratidão pela indicação divina, regressou a Lassa e começou os preparativos para a busca. Toda a nação se interessou vivamente pelo assunto, sentindo-se órfã sem um patrono divino para a proteger. É um erro generalizado o Ocidente crer que o renascimento ocorre no momento da morte do antecessor. Isto não está de acordo com a doutrina budista, segundo a qual podem decorrer anos antes que o deus abandone os campos do Céu para retomar a forma humana. Expedições de busca partiram em exploração no ano de 1937. Seguindo os sinais que tinham sido concedidos, viajaram para leste em busca da Criança Sagrada. Os membros destes grupos eram monges e em cada grupo havia um funcionário secular. Todos eles levavam consigo objectos que tinham pertencido ao décimo terceiro Dalai Lama.

- O grupo ao qual o meu interlocutor pertencia viajou sob o comando de Kyetsang Rinpoche até chegarem ao distrito de Amdo na província chinesa de Chinghai. Nesta região existem muitos mosteiros, pois o grande reformador do Lamaísmo, Tsong Kapa, nascera aí. A população é parcialmente tibetana e vive pacificamente lado a lado com os muçulmanos. O grupo encontrou vários rapazes, mas nenhum deles correspondia às especificações. Começaram a recear falhar na sua missão. Por fim, após longas caminhadas encontraram um mosteiro com três andares e telhados dourados. Com um rasgo de compreensão, lem-braram-se da visão do Regente, e então os seus olhos pousaram sobre a moradia de fachada esculpida. Cheios de excitação, vestiram-se com as roupas dos seus criados. Esta manobra é habitual durante estas buscas, pois as pessoas vestidas como altos funcionários atraem muita atenção e têm dificuldade em entrar em contacto com o povo. Os criados, vestidos com os trajes dos seus amos, foram conduzidos para o melhor quarto, enquanto os monges disfarçados foram para a cozinha, onde seria provável encontrarem as crianças da casa.
- Assim que entraram na casa, tiveram a certeza de que iriam encontrar a Criança Sagrada, e aguardaram ansiosamente para ver o que ia acontecer. E, de facto, um rapazinho com dois anos de idade veio a

correr ao seu encontro e agarrou-se às saias do Lama, que usava ao pescoço o rosário do décimo terceiro Dalai Lama. Descaradamente a criança gritou «Será Lama, Será Lama!». Já seria um motivo de espanto que a criança reconhecesse um Lama disfarçado de criado e que dissesse que ele vinha do Mosteiro de Será — o que era o caso. Então o rapaz agarrou o rosário e abraçou-se a ele até que o Lama o entregasse; nessa altura pendurou-o à volta do seu pescoço. Os nobres membros da expedição tiveram que se conter para não se prostrarem no chão diante da criança, pois já não tinham qualquer dúvida. Tinham encontrado a Encarnação. Mas tinham que proceder da maneira prescrita.

- Despediram-se da família de camponeses e regressaram alguns dias depois — desta vez sem disfarces. Primeiro negociaram com os pais, que já tinham cedido um filho à Igreja como Encarnação, e então a criança foi acordada e os quatro delegados retiraram-se com ele para a sala do altar. Aqui a criança foi submetida ao exame prescrito. Primeiro mostraram-lhe quatro rosários diferentes, um dos quais — o mais usado — tinha pertencido ao décimo terceiro Dalai Lama. O rapaz, que estava perfeitamente à vontade e nem um pouco tímido, escolheu o rosário certo sem hesitar e dançou à volta do quarto com ele. Também escolheu entre vários tambores um que a última Encarnação tinha usado para chamar os seus criados. Pegou então numa velha bengala, que também lhe tinha pertencido, sem se dignar sequer a olhar para uma que tinha o cabo em marfim e prata. Quando examinaram o seu corpo encontraram todos os sinais que uma Encarnação de Chen-rezi devia apresentar: orelhas grandes e salientes e manchas no torso que supostamente são vestígios do segundo par de braços do deus com quatro braços.
- Os delegados tinham agora a certeza de que tinham encontrado o que procuravam. Telegrafaram num código secreto via China e Índia uma mensagem para Lassa, e imediatamente receberam instruções para manterem segredo absoluto, de forma a evitar intrigas que poderiam pôr em perigo o sucesso da missão. Os quatro enviados fizeram uma solene jura de silêncio perante uma *thanka* na qual estava bordada uma imagem de Chenrezi, e depois saíram para inspeccionar outros rapazes numa manobra de diversão. É preciso lembrar que a busca estava a ser conduzida em território chinês, e era essencial usar toda a precaução.

Teria sido fatal revelar o facto de que o verdadeiro Dalai Lama tinha sido descoberto, pois os chineses poderiam então ter insistido em mandar uma escolta de tropas com ele para Lassa. Em conformidade, os delegados pediram ao governador da província, um tal Ma Pufang, autorização para levar o rapaz para Lassa, onde o Dalai Lama seria identificado entre vários candidatos. Ma Pufang exigiu 100 000 dólares chineses para ceder o rapaz e esta quantia foi paga imediatamente. Isto foi um erro, pois os chineses percebiam agora a importância que os tibetanos atribuíam à criança. Pediram então mais 300 000 dólares. Os delegados, conscientes do seu erro anterior, pagaram apenas uma parte deste montante, que pediram emprestado a mercadores maometanos locais, prometendo pagar—lhes a dívida quando estes viessem a Lassa a acompanhar a caravana. O governador concordou com este acordo. No fim do Verão de 1939 os quatro delegados partiram para Lassa, acompanhados pelos seus criados, os mercadores, a Criança Sagrada e a sua família. Viajaram durante meses até alcançarem a fronteira tibetana, onde eram esperados por um ministro do Gabinete e a sua comitiva. O ministro entregou ao rapaz uma carta contendo a confirmação oficial do seu reconhecimento. Só então lhe foi prestada homenagem como Dalai Lama pela primeira vez. Mesmo os seus pais, que seguramente deduziram que o seu filho devia ser uma alta Encarnação, só agora ficavam a saber que ele era nada mais nada menos do que o futuro rei do Tibete.

- Deste dia em diante o pequeno Dalai Lama passou a distribuir bênçãos tão naturalmente como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Ele ainda tem uma clara lembrança de ter sido trazido para Lassa no seu palanquim dourado. Nunca tinha visto tanta gente. A cidade inteira estava presente para saudar a nova Encarnação de Chen-rezi, que ao fim de tantos anos finalmente regressava ao Potala e para o seu povo órfão. Tinham-se passado seis anos desde a morte do «Corpo Anterior» e tinham decorrido praticamente dois antes de o Deus retomar a forma humana. Em Fevereiro de 1940, a coroação do Dalai Lama foi celebrada durante o Grande Festival do Ano Novo, quando ele recebeu novos cognomes: «O Sagrado», O Meigo e Glorioso, «O que Profere Palavras Poderosas», «A Compreensão Excelente», «A Sabedoria Absoluta», «O Defensor da Fé», «O Oceano». Toda a gente estava estupefacta com a inacreditável dignidade da criança e com a

gravidade com que acompanhava as cerimónias que duravam horas. Ele era tão carinhoso e confiante com os criados do seu antecessor responsáveis por ele como se os tivesse conhecido sempre. Eu estava muito contente por ter ouvido este relato mais ou menos em primeira mão. Com o passar do tempo muitas lendas tinham-se formado em volta destes extraordinários eventos e eu já tinha ouvido várias versões deturpadas.

- Com a chegada do Outono, as horas que passávamos juntos foram sendo cada vez mais frequentemente interrompidas. Até no nosso tranquilo canto no Jardim das Jóias se sentiam as brisas da tempestade que se aproximava. A medida que a crise se intensificava, a iniciação do jovem rei nos assuntos de Estado acelerava o passo. A Assembleia Nacional transferiu-se para Norbulingka de forma a poder comunicar, sem atrasos, acontecimentos importantes a Sua Santidade. O jovem rei, a despeito da sua inexperiência, surpreendeu toda a esfera governamental com a sua perspicácia e inteligência ao opor-se a políticas inadequadas. Não havia dúvida de que os destinos da nação lhe seriam confiados em breve.
- A situação agravava-se cada vez mais. Do Leste do Tibete chegavam notícias de que a infantaria e cavalaria chinesas se concentravam na nossa fronteira. Foram enviadas tropas para leste, embora fosse claramente reconhecido que eram demasiado fracas para deter o inimigo. As tentativas do governo para chegar a um acordo por via diplomática foram em vão. As delegações que tinham sido enviadas com fins propagandísticos ficaram retidas na Índia. O Tibete não podia contar com qualquer auxílio exterior. O exemplo da Coreia demonstrava de forma suficientemente clara que mesmo o apoio dos Estados Unidos era de eficácia relativa contra o Exército Vermelho. O povo começava a resignar-se com a perspectiva de uma derrota.
- A 7 de Outubro de 1950 o inimigo atacou simultaneamente seis pontos da fronteira tibetana. Teve lugar o primeiro combate, mas durante dez dias Lassa não recebeu quaisquer notícias da frente. Enquanto os primeiros tibe-tanos morriam pela sua pátria, em Lassa realizavam-se festivais e as pessoas esperavam por um milagre. Após as notícias das primeiras derrotas, o governo convocou todos os oráculos mais famosos do Tibete. Assistia-se a cenas dramáticas em Norbulingka. Os abades de cabelos brancos e os ministros veteranos

suplicavam aos oráculos que os ajudassem nestas horas de aflição. Na presença do Da-lai Lama, os mais velhos prostravam-se aos pés dos mon-ges-profetas e imploravam-lhes conselhos sábios. No auge do seu transe, o Oráculo do Estado cambaleou para trás e caiu perante o Dalai Lama, gritando «Façam-no rei!». Os outros oráculos disseram precisamente a mesma coisa, e como se acreditava que as vozes dos deuses deviam ser obedecidas, começaram imediatamente os preparativos para a ascensão do Dalai Lama ao trono.

- Entretanto, as tropas chinesas tinham penetrado centenas de quilómetros no Tibete. Alguns comandantes tibetanos já tinham deposto as armas e outros tinham desistido de resistir, pois sabiam que não tinham qualquer hipótese de sucesso na luta contra uma força que era avassaladora. O governador da principal cidade no Tibete Leste tinha enviado um telegrama para Lassa a pedir permissão para se render pois era inútil resistir. A Assembleia Nacional rejeitou o seu pedido e assim, após ter explodido as suas armas e arsenais, ele fugiu em direcção a Lassa com Ford, o operador de rádio inglês. Dois dias depois encontrou o seu caminho bloqueado por tropas chinesas e ambos foram capturados (já me referi ao destino de Robert Ford).
- Agora, a Assembleia Nacional enviava um apelo urgente à ONU pedindo ajuda contra os seus agressores, argumentando que o seu país tinha sido invadido em tempo de paz sob o pretexto de que o Exército Vermelho não podia tolerar a influência de poderes imperialistas no Tibete. O mundo todo sabia, conforme sublinharam, que o Tibete era completamente alheio a qualquer influência estrangeira. Não havia aqui nenhuma influência imperialista nem nada para libertar. Se alguma nação merecia a ajuda da ONU, essa nação era o Tibete. Este apelo foi rejeitado e a ONU expressou o desejo de que a China e o Tibete chegassem a um acordo pacífico.
- Ficava assim claro para todos que não haveria ajuda exterior e que o Tibete devia render-se. Toda a gente começou a fazer as malas. Aufschneider e eu sabíamos que tinha chegado a nossa hora e que tínhamos perdido o nosso segundo lar. A ideia de partir era amarga, mas sabíamos que tínhamos de ir. O Tibete tinha-nos tratado hospitaleiramente e tinha-nos dado tarefas para executar às quais nos dedicámos de corpo e alma. O tempo durante o qual tive o privilégio de dar aulas ao Dalai Lama tinha sido o melhor da minha vida. Nunca

tivemos nada a ver com as actividades militares do Tibete, conforme muitos jornais europeus noticiaram. O Dalai Lama começou a ficar preocupado com as nossas perspectivas pessoais. Tive uma longa conversa com ele e ficou acordado que eu deveria entrar agora de férias conforme planeava há muito tempo. Isto iria dar-me uma maior liberdade de movimentos e permitir-me partir sem comentários. O Dalai Lama iria regressar ao Potala dentro de dias, e por isso não teria tempo para as minhas lições. O meu plano era viajar para sul e visitar a cidade de Shigatse, após o que deveria prosseguir para a Índia.

- A cerimónia durante a qual o Dalai Lama seria proclamado maior de idade estava iminente. O governo gostaria de a ter apressado, mas a data propícia tinha que ser determinada pelos presságios. Ao mesmo tempo era da máxima importância decidir o que fazer com o jovem rei. Deveria permanecer em Lassa ou exilar-se? Quando se decidia sobre questões difíceis, era habitual seguir o exemplo da conduta de prévias Encarnações. Parecia portanto relevante lembrar que, há quarenta anos atrás, o décimo terceiro Dalai Lama tinha fugido à invasão chinesa e que daí para a frente as coisas tinham-lhe corrido bem. Mas o governo não podia tomar sozinho uma decisão tão crítica. Os deuses deveriam ter a palavra final. Assim, na presença do Dalai Lama e do Regente foram feitas duas bolas de *tsampa* amassada, e foram colocadas numa bacia dourada depois de terem sido pesadas numa balança de ouro para certificar que ambas tinham o mesmo peso. Cada uma destas bolas continha uma tira de papel no interior: num deles estava escrita a palavra «sim» e no outro a palavra «não». Entretanto o Oráculo do Estado executava, hipnotizado, a sua dança. A bacia foi colocada nas suas mãos e ele começou a rodá-la progressivamente mais rápido até que uma das bolas saltou e caiu no chão. Quando foi aberta, encontrou-se o papel com o «sim» e por isso ficou decidido que o Dalai Lama deveria sair de Lassa.
- Eu tinha adiado a minha viagem por algum tempo, pois queria saber primeiro quais seriam os planos do Dalai Lama. Detestava a ideia de o deixar nestes tempos difíceis, mas ele insistia na minha partida e consolava-me dizendo que iríamos reencontrar-nos no sul. Os preparativos para a sua própria retirada estavam a ser ultimados, mas foi mantido segredo absoluto para não alarmar a população. Os chineses ainda estavam a algumas centenas de quilómetros a leste de

Lassa e por ora estavam parados, mas temia-se que um avanço inesperado pudesse obstar à fuga do Dalai Lama para sul.

- Os rumores de que o soberano se preparava para partir eram inevitáveis. O facto de que o seu tesouro particular estava a ser transferido não podia ser ocultado. Todos os dias eram vistas caravanas de mulas carregadíssimas que deixavam a cidade sob a supervisão dos homens do corpo da guarda. Consequentemente, os nobres não hesitaram mais e começaram a mudar as suas famílias e fortunas para lugares mais seguros.
- A vida em Lassa seguia aparentemente o seu curso normal. Apenas a escassez de meios de transporte indicava que muita gente estava a guardar os seus animais de carga para o seu próprio uso. Os preços subiram ligeiramente. Chegavam relatos de feitos heróicos individuais de soldados tibetanos, mas era do conhecimento geral que o exército estava destroçado. Em pouco tempo as poucas unidades que ainda mantinham os seus postos foram obrigadas a ceder perante a superioridade táctica do inimigo. Em 1910, os invasores chineses tinham entrado em Lassa e pilharam e incendiaram, e agora os habitantes estavam paralisados pelo medo de que estes atentados se repetissem. Não obstante, é justo afirmar que durante a presente guerra as tropas chinesas tinham-se mostrado disciplinadas e tolerantes, e os tibetanos que tinham sido capturados e depois libertados diziam que tinham sido bem tratados.
- 17 DEIXO O TIBETE
- Adeus a Lassa — O Lama fantoche e o Dalai Lama — A fuga do Rei Divino — As condições da rendição — Os meus últimos dias no Tibete — Nuvens escuras sobre o Potala.
- Saí de Lassa em meados de Novembro de 1950. Vinha hesitando em o fazer quando uma oportunidade de assegurar transporte me forçou a tomar uma decisão. Aufschneider, que inicialmente tinha a intenção de me acompanhar, hesitou no último momento; por isso levei a sua bagagem comigo e ele seguiria viagem alguns dias depois. Foi com o coração amargurado que deixei a casa que fora o meu lar por tanto tempo, o meu querido jardim e os meus empregados que se juntaram à minha volta a chorar. Levei comigo apenas os meus livros e valores e deixei tudo o mais para os meus criados. Constantemente chegavam amigos com presentes, o que tornou a despedida ainda mais difícil. Era

uma pobre consolação pensar que iria revê-los no sul do Tibete. Muitos deles ainda acreditavam firmemente que os chineses nunca viriam para Lassa e que quando as minhas férias terminassem eu poderia regressar em paz. Eu não partilhava as suas esperanças. Sabia que não voltaria a Lassa tão cedo, e por isso despedi-me de todos os locais que eu tinha aprendido a amar. Um dia saí com a minha máquina fotográfica e tirei tantas fotos quanto pude, ciente de que futuramente elas me fariam reviver muitos momentos felizes e que talvez conquistassem a simpatia de outros para com esta bela e estranha terra.

- O céu estava carregado quando embarquei no meu pequeno barco de pele de iaque que iria levar-me pelo Kyi-chu abaixo até à sua confluência com o Brahmaputra. A viagem fluvial de seis horas poupava-me a uma jornada de dois dias a cavalo. A minha bagagem tinha seguido à minha frente por estrada. Os meus amigos e os meus criados ficaram na margem e acenavam tristemente para mini. Ao mesmo tempo que eu lhes tirava uma fotografia, a corrente afastava o barco e em breve perdi-os de vista. A medida que navegava rio abaixo, não conseguia tirar os olhos do Potala; eu sabia que o D alai Lama estava no telhado olhando para mim através do seu telescópio. No mesmo dia alcancei a minha caravana de catorze animais de carga e dois cavalos para mim e para o meu criado. O fiel Nyima tinha insistido em me acompanhar. Estava mais uma vez na estrada, subindo colinas e descendo vales, através de montanhas e cordilheiras, até que ao fim de uma semana chegámos a Gyantse na grande rota das caravanas para a Índia.
- Há pouco tempo atrás um dos meus melhores amigos tinha sido nomeado governador da região. Recebeu-me como convidado em sua casa e aqui celebrámos a ascensão ao trono do Dalai Lama, que ocasionou um dia de festa em todo o Tibete. As notícias deste evento tinham sido levadas por mensageiros a todo o país. Novas bandeiras de oração flutuavam sobre todos os telhados e por um pequeno período de tempo as pessoas esqueceram as suas preocupações com o futuro obscuro, e dançaram e cantaram e beberam num acesso de alegria do passado. Nunca um novo Dalai Lama tinha inspirado tanta confiança e esperança. O jovem rei estava muito acima de todas as questões e intrigas e já tinha dado muitas provas de sensatez e determinação. O

seu instinto nato iria guiá-lo na escolha dos seus conselheiros e protegê-lo da influência de homens perversos.

- Ah! Era muito tarde, eu sabia. Ele tinha chegado ao trono no preciso momento em que o destino se voltava contra ele. Se ele fosse alguns anos mais velho, a sua liderança poderia ter alterado a história do seu país. Durante este mês visitei Shigatse, a segunda maior cidade do Tibete, famosa pelo grande mosteiro de Trashi-lhünpo. Encontrei aí vários amigos ansiosos por notícias da capital. Neste lugar as pessoas não pensavam tanto em exílio pois o mosteiro era a sede do Panchen Lama. Esta alta Encarnação era apoiada pelos chineses há gerações como rival do Dalai Lama. O actual incumbente era dois anos mais novo que o Dalai Lama. Tinha sido educado na China e fora proclamado em Pequim como legítimo soberano do Tibete. Na realidade, não tinha o mínimo direito à sua posição. Tinha direitos legais sobre o mosteiro e as suas terras, mas nada mais. E verdade que na hierarquia dos Budas Vivos Ô-pa-me estava acima de Chenrezi, mas na verdade a primeira Encarnação tinha apenas sido professor do quinto Dalai Lama que, por gratidão, o declarara como Encarnação e lhe dera o mosteiro com todos os seus enormes benefícios.
- Por altura da selecção do último Panchen Lama tinha havido uma série de candidatos. Uma das crianças foi descoberta na China e nessa ocasião as autoridades chinesas tinham recusado deixar a criança viajar para Lassa sem uma escolta militar. O governo tibetano não tinha conseguido recusar esta proposta, e um dia os chineses simplesmente declararam a criança como verdadeira Encarnação de Ô-pa-me e único Panchen Lama legítimo.
- Desta forma, eles tinham dado a si próprios uma importante carta do baralho no seu jogo político com o Tibete e pretendiam fazer o melhor uso possível do seu trunfo. O facto de serem comunistas não impedia os chineses de fazerem violenta propaganda radiofónica a favor das qualidades religiosas e temporais da sua Encarnação; não obstante, tinha poucos adeptos no Tibete, que eram principalmente os habitantes de Shigatse e os monges do seu mosteiro, que viam nele o seu líder e queriam ser independentes de Lassa. Esta gente aguardava o «Exército da Libertação sem receio. Comentava-se inclusive que o Panchen Lama iria abraçar a causa chinesa. Não há dúvida de que o povo do Tibete ficaria feliz por receber a sua bênção pois, sendo uma

Encarnação de Buda, era-lhe devido o maior respeito. Mas mesmo que ele lhes fosse imposto pelos chineses, os tibetanos nunca iriam reconhecê-lo como seu rei. Este título é incontestavelmente reservado ao Dalai Lama como Encarnação do deus patrono do Tibete. Por isso, quando chegou o momento de jogarem o seu trunfo, os chineses falharam na sua tentativa de impor o Panchen Lama como soberano do povo tibetano. A sua autoridade está limitada, como habitualmente, ao mosteiro de Tras-hilhunpo.

- Durante a minha viagem a Shigatse tive ocasião de visitar o mosteiro, que era mais propriamente uma grande cidade habitada por milhares de monges. Consegui tirar algumas fotografias sem qualquer restrição. Entre outras curiosidades encontrei num templo uma impressionante estátua dourada tão alta como um prédio de nove andares e com uma cabeça gigante.
- A cidade de Shigatse situa-se na margem do Brahma-putra, a uma pequena distância do mosteiro. Assemelha-se ligeiramente a Lassa pelo facto de estar também dominada por uma fortaleza. Tem uma população de 10 000 habitantes, entre os quais se encontram os melhores artesãos do Tibete. A lã constitui a base da indústria tradicional, trazida das planícies vizinhas do Changthang por caravanas. Shigatse está a uma altitude superior à de Lassa e o seu clima é bastante mais frio. No entanto, é daqui que saem os melhores cereais do país e é aqui que o Dalai Lama e os nobres de Lassa se abastecem de farinha. Ao fim de alguns dias voltei a Gyantse, onde o meu amigo, o governador, estava à minha espera para me dar a boa notícia de que o Dalai Lama passaria por Gyantse dentro em breve. Tinha chegado uma ordem instruindo todas as estações de caravanas para estarem prontas para receberem convidados e para que as estradas fossem arranjadas — isto só podia ter um significado. Coloquei-me à disposição do governador para ajudar nos preparativos. Grandes quantidades de ervilhas e cevada foram armazenadas nas estações como ração para os animais e um exército de trabalhadores foi agrupado para limpar e melhorar as estradas. Fui com o governador numa das suas rondas de inspecção à província. Quando regressámos a Gyantse ficámos a saber que o Dalai Lama tinha partido de Lassa a 19 de Dezembro e vinha agora a caminho daqui.

- Encontrámos a sua mãe, irmãos e irmãs quando passavam por Gyantse — todos excepto Lobsang, que viajava com o rei. Também encontrei Tagtsel Rinpoche pela primeira vez ao fim de três anos. Tinha sido forçado pelos chineses a viajar com uma escolta de tropas chinesas e a levar uma mensagem ao seu irmão. Os chineses não tinham ganho nada com isto e Tagtsel não tinha tentado influenciar o Dalai Lama. Tagtsel estava muito contente por se ter livrado dos chineses. A sua escolta tinha sido aprisionada e confiscaram-lhe o rádio transmissor.
- A caravana da Família Sagrada era muito modesta. A mãe já era idosa e tinha direito a ser transportada num palanquim, mas viajava com os outros e todos os dias percorria grandes distâncias. Antes do governador e eu irmos ao encontro do Dalai Lama, a Grande Mãe e as suas crianças e criados prosseguiram viagem em direcção a sul. O meu amigo e eu cavalgámos cerca de três dias ao longo da estrada de Lassa e na Cordilheira de Karo encontrámos os batedores da caravana de Sua Santidade. Do alto da cordilheira podíamos avistar a longa coluna que subia pela estrada, envolta numa nuvem de poeira. O Dalai Lama era escoltado por quarenta nobres e por uma guarda formada por cerca de duzentos soldados cuidadosamente seleccionados e armados com metralhadoras e morteiros. Seguia-se um exército de criados e cozinheiros, e um interminável comboio de 1500 animais de carga na retaguarda.
- No meio da coluna flutuavam duas bandeiras: a bandeira nacional do Tibete e uma bandeira pessoal do décimo quarto Dalai Lama. As bandeiras assinalavam a presença do soberano. Quando vi o jovem Deus-Rei subindo lentamente a cordilheira no seu cavalo cinzento, involuntariamente pensei numa antiga profecia que as pessoas em Lassa às vezes citavam. Um oráculo tinha há muito tempo declarado que o décimo terceiro Dalai Lama seria o último da sua linhagem. Parecia que a profecia estava a cumprir-se. Desde a sua ascensão tinham decorrido quatro semanas, mas o jovem rei não tinha tomado as rédeas do poder. O inimigo estava na sua terra, e a fuga do soberano era apenas o primeiro dos infortúnios ainda maiores que se seguiriam.
- Quando passou por mim, tirei o chapéu e ele retribuiu com um amigável aceno de mão. No cume da cordilheira ardiam fogueiras de incenso para saudar o jovem Deus, mas desagradáveis e ruidosas rajadas de vento agitavam as bandeiras de oração. A caravana

prosseguiu sem atrasos para o próximo ponto de paragem, onde tudo estava preparado e uma refeição quente aguardava os viajantes. O Dalai Lama passou a noite num mosteiro nas proximidades, e antes de adormecer pensei nele sentado num quarto hostil com ídolos poeirentos por companhia. Ele não encontraria um fogão para se aquecer e as cortinas de papel nas janelas seriam a sua única protecção contra o vento e o frio, enquanto umas poucas lamparinas de manteiga seriam iluminação suficiente apenas para poder ver. O jovem soberano, que na sua curta vida não tinha conhecido outro lar senão o Potala e o Jardim Precioso, era agora forçado pelo infortúnio a aprender algo sobre o país que governava. E como necessitava desesperadamente de conforto e apoio moral! Mas, pobre rapaz, ia ter que se erguer acima de todos os seus problemas e usar toda a sua força para abençoar todos aqueles que lhe vinham pedir confiança e conforto espiritual.

- O seu irmão Lobsang, gravemente doente com um ataque de coração, viajava com a comitiva numa liteira. Fiquei horrorizado ao saber que os médicos lhe tinham providenciado os mesmos métodos brutais que usavam num cavalo doente. No dia em que a caravana deveria prosseguir viagem ele entrou num coma de várias horas e por isso o médico do Dalai Lama teve que o reanimar aplicando-lhe um ferro em brasa no corpo. Mais tarde ele contou-me os detalhes desta viagem inesquecível.
- A fuga do Dalai Lama tinha sido mantida em segredo absoluto. As autoridades não queriam perturbar o povo e temiam que os monges dos grandes mosteiros fizessem tudo o que estivesse ao seu alcance para o demover da sua decisão. Assim, os altos funcionários que tinham sido escolhidos para o acompanhar só foram informados ao princípio da noite de que a caravana iria partir às duas horas da manhã seguinte. Pela última vez, todos eles beberam chá no Potala e encheram novamente as chávenas, que foram deixadas assim como sortilégio para propiciar um regresso em breve. Nenhum dos quartos que o rei habitara deveria ser varrido no dia seguinte, pois isso traria má sorte.
- A coluna de fugitivos seguiu silenciosamente pela noite, dirigindo-se primeiro para o Norbulingka, onde o jovem rei parou para rezar. A caravana ainda não tinha completado um dia de viagem e já a notícia da fuga se espalhara por toda a parte. Os monges do Mosteiro de Jang acorreram aos milhares para irem ao encontro do Dalai Lama.

Atiravam-se diante dos cascos do seu cavalo e imploravam-lhe que não os deixasse, gritando que se ele partisse ficariam sem um líder, à mercê dos chineses. As autoridades receavam que os monges tentassem impedir o Dalai Lama de prosseguir, mas neste momento crítico ele mostrou a força da sua personalidade e explicou aos monges que poderia fazer mais pelo seu país se não caísse nas mãos do inimigo, e que regressaria assim que conseguisse chegar a um acordo aceitável com eles. Após demonstrações de afecto e lealdade, os monges abriram caminho para a caravana passar.

- A notícia da aproximação do Dalai Lama chegou rapidamente a Gyantse. Pequenas pedras brancas foram colocadas ao longo da bermagem das ruas para afastar os maus espíritos. Monges e freiras acorreram dos conventos e a população inteira esperou em pé durante horas para receber o seu rei. Tropas indianas estacionadas perto dali vieram ao encontro da caravana para prestar homenagem ao Dalai Lama. Ao chegar às localidades principais a caravana tomava a forma de uma procissão. O Dalai Lama desmontava e sentava-se no seu palanquim. Nós tínhamos adoptado o sistema de iniciar a marcha regularmente depois da meia-noite para evitar as tempestades de areia que ocorriam durante todo o dia no planalto desprotegido. As noites eram terrivelmente frias. O Dalai Lama embrulhava-se confortavelmente no seu manto de seda forrado a pele e usava um grande gorro em pele de raposa que lhe tapava as orelhas. Antes do nascer-do-sol a temperatura chegava aos zero graus e embora não houvesse vento, andar a cavalo era um castigo. Frequentemente, o Dalai Lama saltava do seu cavalo antes que os abades o pudessem ajudar, caminhando em passos largos e adiantando-se aos outros. Todos os outros cavaleiros tinham também que desmontar e muitos nobres corpulentos que nunca tinham andado a pé nas suas vidas ficavam vários quilómetros para trás. Durante dois dias cavalgámos através de um vendaval, tiritando com o vento gelado, e sentimos um grande alívio quando deixámos para trás as cordilheiras do Himalaia e descemos para uma região mais quente e bem arborizada.
- Dezasseis dias depois de deixar a capital a caravana chegou ao seu destino provisório, o quartel-general do governador distrital de Chumbi. A chegada, o Dalai Lama foi transportado na sua cadeirinha amarela pelo meio de uma densa multidão para a modesta casa do

governador, que imediatamente foi intitulada «Palácio Celestial, a Luz e a Paz do Universo. Nenhum mortal jamais poderia voltar a habitá-la, pois todos os lugares nos quais o Dalai Lama pernoitava eram automaticamente consagrados como capelas. Doravante, os fiéis levariam para aí as suas oferendas e rezariam para pedir a bênção do seu Deus.

- As altas autoridades ficavam hospedadas nas casas dos aldeões das aldeias vizinhas e tinham que se acostumar a privarem-se dos seus confortos habituais. A maioria dos soldados foi enviada de regresso ao interior pois não havia acomodação para eles em Chumbi. Todas as entradas para o vale estavam guardadas por postos militares, e apenas as pessoas portadoras de um passe especial podiam entrar e sair. Havia pelo menos um representante de cada departamento governamental nos aposentos do Dalai Lama, e assim foi instaurado um governo provisório que mantinha um expediente normal de trabalho e se reunia regularmente. Foi estabelecido um serviço de mensageiros entre Lassa e o governo provisório. O Dalai Lama tinha trazido o seu Grande Selo, com o qual validava as decisões das autoridades em Lassa. Os mensageiros cobriam a distância entre Lassa e Chumbi a uma velocidade incrível, tendo um deles efectuado a viagem de ida e volta (cerca de 800 quilómetros de região montanhosa) em nove dias. Estes correios, que eram o único elo de ligação entre Lassa e o mundo exterior, traziam as últimas notícias do avanço chinês. Mais tarde chegou Fox com os seus instrumentos e estabeleceu um posto de rádio.
- As mulheres e os filhos dos funcionários que os tinham acompanhado viajaram directamente para a Índia. Não havia acomodação para eles em Chumbi. Muitos aproveitaram a oportunidade para irem em peregrinação aos lugares sagrados do budismo na Índia e no Nepal. Até mesmo a família do Dalai Lama, à excepção de Lobsang Samten, tinha ido para sul e vivia agora em *bungalows* na estação de montanha de Kalimpong. Muitos dos refugiados que chegaram à Índia viram pela primeira vez cami-nhos-de-ferro, aviões e automóveis, mas após a excitação inicial ao observar estas maravilhas ansiavam por regressar à sua própria terra que, apesar de atrasada em relação aos progressos da civilização, representava para eles o chão firme da existência.
- Durante estes dias vivi em Chumbi como convidado de um amigo. O meu trabalho estava a chegar ao fim e muitas vezes sentia-me

entediado, mas não conseguia de-cidir-me a deixar os meus amigos. Sentia-me como um espectador numa peça de teatro, antevendo o desfecho trágico, e estava entristecido pelo fim inevitável, mas tinha de permanecer até ao último acto. Para aliviar a minha ansiedade costumava subir diariamente às montanhas e desenhava muitos esboços de mapas.

- Só tinha um dever oficial para executar, tratava-se de manter o Ministro dos Negócios Estrangeiros a par das últimas notícias, que eu recebia através do meu pequeno rádio a pilhas. Fiquei a saber que os chineses não tinham avançado mais e que agora convidavam o governo tibetano a ir a Pequim e negociar um acordo. O Dalai Lama e o governo concluíram que seria uma boa política aceitar o convite, e foi despachada uma delegação com plenos poderes. Como uma resistência armada seria inútil, o governo usava a pessoa do Dalai Lama como moeda de troca, pois sabiam que os Vermelhos estavam ansiosos por que ele voltasse para o Tibete. Delegações formadas por gente de todas as classes continuavam a aparecer em Chumbi para implorar ao soberano que regressasse. O Tibete inteiro estava mergulhado numa depressão e só agora eu percebia realmente quão estreitamente o povo e o seu rei estavam ligados um ao outro. Sem a bênção da sua presença o país nunca poderia prosperar.
- Por fim, não restou alternativa ao Dalai Lama senão aceitar as condições dos chineses e regressar a Lassa. Após longas negociações, os termos do tratado foram formulados em Pequim, assegurando ao Dalai Lama a administração interna do país e garantindo que a religião seria respeitada e assegurada a liberdade de credo. Em troca destas concessões os chineses insistiram em ficar com as relações exteriores do Tibete e em serem responsáveis pela defesa do país. Teriam o direito de enviar quantas tropas quisessem para o Tibete e assim assegurarem a concretização de quaisquer exigências futuras.
- Como a casa do governador se situava num vale frio e sombrio, o Dalai Lama mudou-se para o mosteiro com aspecto romântico de Dungkhar. Aí vivia isolado do mundo, assistido pelos monges e pelos seus próprios criados, e eu praticamente não tive hipótese de falar com ele a sós. Lob-sang Samten vivia num quarto do mosteiro, onde eu o visitava frequentemente. Saíamos amiúde com o Dalai Lama nas suas longas caminhadas. Ele costumava visitar os claustros vizinhos a pé e

toda a gente se admirava com a velocidade com que caminhava. Ninguém conseguia acompanhá-lo. Esta era a primeira vez que ele tinha oportunidade para fazer exercício físico e tirou o maior proveito dela. Para além disso, a sua energia era boa para a saúde do seu pessoal, que tinha que se manter em forma para poder acompanhar o seu passo. Os monges abdicaram do rapé e os soldados deixaram de fumar e de beber bebidas alcoólicas. Apesar da depressão generalizada, as festas religiosas eram regularmente observadas, mas faltavam os materiais para reproduzir a pompa e cerimónia das celebrações de Lassa. A visita de um sábio indiano, que trouxe ao rei uma réplica genuína do Buda numa urna em ouro, representou um agradável interlúdio. Nesta ocasião, tirei a minha última e melhor fotografia do Dalai Lama.

- A vida dos nobres tornou-se cada vez mais deprimida à medida que íamos permanecendo no Vale de Chumbi. Quase toda a gente se deslocava a pé pois, salvo raras excepções, os cavalos tinham sido mandados embora. É verdade que ainda mantinham os seus criados e não precisavam de fazer nada por eles próprios, mas tinham que passar sem os seus confortos, sem as suas sumptuosas casas, as suas festas e os seus entretenimentos. Dedicaram-se à intriga de uma forma mesquinha e achavam relaxante mexericar e espalhar boatos. Começaram a aperceber-se de que o período da sua supremacia tinha chegado ao fim. Já não podiam tomar decisões por si próprios e tinham que submeter tudo ao Dalai Lama. Para além disso, não podiam ter a certeza de que os chineses lhes devolveriam as suas propriedades quando regressassem, embora tivessem prometido fazê-lo. A cortina tinha caído sobre o feudalismo e eles sabiam-no.
- Permaneci no Vale de Chumbi até Março de 1951 e nessa altura decidi ir para a Índia. Já tinha compreendido há muito tempo que não poderia voltar para Lassa, mas ainda era um funcionário do governo tibetano e tinha de pedir uma licença antes de poder partir. Foi-me concedida imediatamente. O passaporte que me foi entregue pelo Gabinete era válido por seis meses e continha uma cláusula que solicitava ao governo indiano que me desse assistência caso eu decidisse regressar ao Tibete, mas eu sabia que nunca poderia utilizá-la. Estava seguro de que em seis meses o Dalai Lama estaria de volta a

Lassa, onde seria tolerado como a Encarnação de Chenrezi, mas nunca mais reconhecido como o soberano de um povo livre.

- Há muito tempo que eu vinha dando voltas à cabeça para encontrar uma solução para o meu problema pessoal, e após uma cuidadosa apreciação optei por ir para a Índia. Já há algum tempo que mantinha correspondência com Aufschnaiter e de facto tinha-o encontrado em Gyantse, ocasião em que ele me confidenciara que tencionava ficar no Tibete enquanto fosse possível e depois seguir para a Índia. Quando nos separámos não fazíamos ideia de que iríamos ficar anos sem nos vermos. Levei a sua bagagem comigo para Kalimpong e depositei-a aí. Depois disso fiquei um ano sem notícias suas. Parecia que ele tinha desaparecido completamente. Ouvia-se toda a espécie de rumores e muita gente acreditava que ele estava morto. Só depois de ter regressado à Europa é que fiquei a saber que ele tinha ido para Kyirong, a nossa vila de contos de fadas, e tinha permanecido aí até à chegada dos chineses. Esperou literalmente até ao último minuto e escapou com dificuldades ainda maiores do que as que eu encontrei. Fiquei muito feliz ao receber a sua carta enviada do Nepal dizendo-me que estava vivo. Ainda vive num exílio voluntário no Extremo Oriente, tentando satisfazer a sua insaciável sede de explorar. Existem poucos homens vivos com um conhecimento tão profundo dos Himalaias e da «Terra Proibida. O que não terá para contar quando voltar à Europa após todos estes anos? Parti com o coração amargurado, mas não podia permanecer. Sentia uma enorme ansiedade em relação ao futuro do jovem rei. Sabia que a vida no Potala seria obscurecida pela sombra de Mao Tse-tung. No lugar de pacíficas bandeiras de oração, eu imaginava a bandeira vermelha com a foice e o martelo a flutuar ao vento com a sua pretensão de dominar o mundo. Talvez Chenrezi, o eterno Deus da Graça, sobrevivesse a este regime sem alma da mesma forma que tinha sobrevivido a tantas invasões chinesas. Só me restava esperar que a nação mais pacífica do mundo não tivesse que sofrer muito e que não ficasse desmoralizada pelas mudanças revolucionárias. Tinham-se passado quase sete anos desde o dia em que entrara no Tibete e dera por mim a admirar os montículos de pedras e as bandeiras de oração na cordilheira que transpunha a fronteira com a Índia. Nessa altura eu estava cansado e esfomeado, mas cheio de alegria por ter alcançado a terra por que tanto almejava.

Agora tinha criados e cavalos e economias suficientes para não me preocupar com o futuro próximo. Mas uma profunda depressão dilacerava-me e já não sentia a excitante expectativa que costumava experimentar sempre que chegava à fronteira de um novo país. Olhei pesarosamente para trás, para o Tibete. A pirâmide gigante de Chomolhari que se erguia à distância parecia dizer-me adeus. À minha frente estava o Sikkim, dominado pela enorme montanha de Kinchinjunga*, o último dos gigantes dos Hi malaias que pude avistar. Com o meu cavalo seguro pelas rédeas, desci lentamente a pé em direcção à planície indiana.

- Em tibetano pronuncia-se (Kangchendzönga), que significa «cinco Tesouros das Grandes Neves». (*N. do E.*)

Alguns dias depois estava em Kalimpong e mais uma vez, ao fim de muitos anos, entre europeus. Olhavam—me com estranheza e eu sentia-me um estranho na sua companhia. Repórteres de muitos jornais apressaram-se ao meu encontro, sequiosos de notícias sobre o tecto do mundo. Demorei bastante a ambientar-me a toda a balbúrdia e parafernália da civilização. Mas tive amigos que me ajudaram a superar essa fase. Ainda não conseguia conformar-me com a ideia de deixar a Índia, onde me sentia em contacto com o destino do Tibete, e fui adiando a minha partida para a Europa.

No Verão desse ano o Dalai Lama regressou a Lassa e as famílias tibetanas que se tinham exilado na Índia também voltaram para os seus lares. Passei pela experiência de ver o governador geral chinês passar por Kalimpong a caminho de Lassa, onde iria assumir o seu cargo. Até ao Outono de 1951 o Tibete inteiro esteve ocupado pelas tropas chinesas e as notícias do país eram escassas e confusas. A medida que escrevo estas linhas finais muitos dos meus receios já se confirmaram.

Há fome no país, que não consegue alimentar os exércitos de ocupação e os habitantes. Em jornais europeus tenho visto fotografias de enormes cartazes com a figura de Mao Tse-tung afixados nas paredes do Potala. Carros blindados circulam pela Cidade Sagrada. Os leais ministros do Dalai Lama já foram demitidos e o Panchen Lama fez a sua entrada em Lassa com uma escolta de soldados chineses. Os chineses foram suficientemente espertos para reconhecerem o Dalai Lama como chefe do governo, mas a

vontade do poder ocupante é soberana. Instalaram-se confortavelmente no Tibete e com a sua poderosa organização já construíram estradas com centenas de quilómetros de comprimento que ligam esta terra outrora sem caminhos ao seu próprio país.

Acompanho tudo o que acontece no Tibete com o maior dos interesses pois parte do meu ser está indissoluvelmente ligada a essa terra querida. Onde quer que eu viva, vou sentir sempre saudades do Tibete. Muitas vezes lembro-me e ainda ouço os gritos selvagens dos gansos e dos grou e o bater das suas asas quando sobrevoam Lassa sob a luz clara e fria do luar. O meu desejo mais profundo é o de que este livro possa trazer alguma compreensão para com um povo cuja vontade de viver em paz e liberdade é praticamente ignorada por um mundo de apatia.

EPÍLOGO

Mais de meio século passou desde que tive o privilégio de viver no Tibete. O Dalai Lama disse uma vez: «Heinrich Harrer tornou-se um de nós e agora, ao envelhecermos, lembramo-nos dos dias felizes em que vivemos juntos num país livre. Um dos sinais da verdadeira amizade é o facto de esta não se modificar, aconteça o que acontecer. A amizade e a disponibilidade de nos ajudarmos mutuamente continua até ao fim das nossas vidas. Heinrich Harrer foi sempre um grande amigo do Tibete. Mas o seu maior contributo para a nossa causa foi sem dúvida o livro *Sete Anos no Tibete*, que apresentou o meu país a milhões de pessoas.

Ainda hoje continua a lutar activamente pela liberdade do povo do Tibete, e nós estamos-lhe agradecidos por isso».

Quando Peter Aufschnaiter e eu, depois de conquistarmos inúmeras veredas, algumas a mais de seis mil metros de altitude, chegámos a Lassa após quase dois anos, tínhamos queimaduras, fome, e estávamos doentes. Não ficaríamos admirados se o governo do Tibete nos tivesse enviado outra vez para a fronteira com a Índia. Pois o Tibete era um país proibido, e muito particularmente a Cidade Santa. Mas aconteceu o oposto. Tiveram pena de

nós, deram-nos comida, roupas quentes, uma casa e trabalho, e transformámo-nos num deles.

Enquanto vivíamos felizes em Lassa, ninguém pensava que viria o dia em que teríamos de abandonar esse país pacífico no topo do mundo. O exército vermelho da China invadiu o país e o Dalai Lama e milhares de tibetanos fugiram em 1959 para a Índia.

Nenhuma descrição conseguiria dar conta do que aconteceu desde então na terra da neve. Um milhão e duzentos mil tibetanos perderam a vida e noventa e nove por cento dos seis mil templos sagrados foram destruídos. E agora que os tibetanos precisam de ajuda, é natural que todos os que amam o país e o seu valente povo se empenhem na sua causa. As conferências promovidas pelas diferentes organizações de ajuda ao Tibete e a publicação de velhas fotografias também contribuíram e contribuem para isso, porque praticamente nenhum dos tibetanos que agora vive no exílio conhece o seu país natal como era antes da destruição. Para além disso, estou orgulhoso com o facto de o livro *Sete Anos no Tibete* ter sido agora impresso em caracteres tibetanos, além da adaptação cinematográfica ao jeito de documentário. O produtor promete retratar a invasão e o sofrimento do povo do Tibete de modo a ajudar a causa dos tibetanos. Uma certa garantia disto é o facto de conhecermos o modo profundo como Jean-Jacques Annaud conduz a sua arte de realização.

E foi este filme que levou a China a pressionar todos os países vizinhos, e assim o cenário teve de mudar dos Himalaias para os Andes. Esse medo e o *kotau*¹ ao poder chinês ajusta-se também ao comportamento da Comissão dos Direitos do Homem, que em Abril de 1996 condenou em Genebra seis nações, mas não a China.

Quanto a mim, desde que abandonei o Tibete conheci muitos outros países e povos interessantes, e quando nos tornamos mais velhos muitas vezes as nossas motivações e preferências alteram-se — mas no que diz respeito à Ásia e especialmente ao Tibete, a minha fascinação continua e todos os anos viajo para um dos países dos Hima-laias. Só as fronteiras do Tibete são tabu. Contudo, francamente considero que é uma honra ser uma «persona non grata».

Entre as duas guerras mundiais, um oficial britânico pensava que com a invenção dos aviões o mundo estava finalmente conquistado — mas dizia que ainda existia um último mistério: um país enorme no topo do mundo, onde acontecem milagres e os monges separam a alma do corpo e levitam e onde os acontecimentos são determinados pelos oráculos. O país é rodeado pelas mais altas montanhas da Terra e o chefe do governo é um Deus vivo.

A sua casa é um palácio belíssimo sobre um rochedo vermelho. É um país proibido e a capital Lassa é severamente guardada por monges. E os românticos podem encontrar, escondida atrás das montanhas, a flor azul.

Não é de admirar que missionários, intelectuais, aventureiros e cientistas estivessem interessados em investigar os segredos e mistérios desse país.

Peter Aufschnaiter e eu estávamos guardados para vivermos o misterioso Tibete na sua Idade Média — e também o seu declínio. Fomos testemunhas quando a cortina foi violentamente rasgada e a cultura milenar destruída.

Na minha infância eu lia apenas livros de aventuras de exploradores. Os meus maiores exemplos eram Alexan-der von Humboldt e sobretudo o lendário explorador da Ásia, Sven Hedin, cujas aventuras no Tibete me interessaram especialmente. E como a nossa prisão na Índia durante a Segunda Guerra Mundial foi mudada para os contrafortes dos Himalaias, as minhas tentativas de fuga concentraram-se muito naturalmente na direcção do Tibete, daquela terra proibida no tecto do mundo que estava interdita até aos coloniais vizinhos britânicos a sul.

Quero desde já tornar isto claro: os ingleses trataram—nos estritamente segundo a convenção de Genebra. Estar sentado atrás do arame farpado era tudo menos insuportável. Era até bastante agradável. Tínhamos livros, actividades desportivas, saídas condicionadas nas redondezas, e tínhamos sempre comida — por isso não havia razão nenhuma para fugirmos dali. O motivo pelo qual queria sair de trás do arame farpado tinha um fundamento oposto. Eu queria partir para alcançar algo. Talvez fosse o eterno impulso do Homem em ser livre, mas no meu caso era também certamente o amor às montanhas e, em segredo, também a ideia fantástica de atingir a terra proibida do Tibete por detrás das próximas montanhas do Himalaia.

O livro *Sete Anos no Tibete* termina na Primavera de 1951, depois daqueles anos passados na minha segunda pátria, quando me despedi do meu jovem amigo o décimo quarto Dalai Lama no sul do Tibete. Dessa vez não era meu desejo partir ou fugir. Pelo contrário. Antes de atravessar a fronteira para a Índia, tirei ainda a última fotografia de Sua Santidade no Tibete livre. Foi a primeira fotografia a cores da capa da revista *Life* (7 de Maio de 1951). O mundo soube da invasão chinesa do Tibete.

Quando voltei para a Áustria em 1952, o Dalai Lama decidiu ficar com os seus ministros no Tibete, acreditando sempre que os chineses iriam reger-se pelo acordo dos dezassete pontos ditado por eles, e que o Tibete aceitara sob pressão.

Os anos que se seguiram contam-se rapidamente. A vida tornou-se cada vez pior debaixo do jugo do invasor estrangeiro. Durante uma revolta popular em Lassa, em Março de 1959, o Dalai Lama conseguiu fugir e chegar à Índia depois de semanas de privações. O Pandit Neru acolheu o importante fugitivo. Também eu pude cumprimentá-lo em Tezpur (Assam), quinze anos depois de eu ter fugido da prisão em Dehra-Dun. Generosamente, os refugiados receberam alojamento e puderam constituir um governo não-oficial no exílio.

Os anos seguintes foram anos difíceis. Em 1962, o Dalai Lama perdeu a sua querida mãe, e pouco depois morreu também o seu irmão mais velho, Lobsang Samten, com apenas cinquenta anos — era o seu maior apoio no exílio.

A admiração e o respeito pelo Dalai Lama tornaram-se mundiais entretanto. Para desgosto dos chineses, a causa dos tibetanos pela liberdade e independência cresceu. Deve-se ao Dalai Lama e ao seu carisma podermos conhecer o povo do Tibete e a sua cultura de dois mil anos e constatar que a destruição desses valores foi uma grande perda. Sem dúvida que a atribuição do Prémio Nobel constituiu um dos momentos altos da vida de Sua Santidade.

É compreensível que me sinta cheio de orgulho quando o Dalai Lama é honrado e quando essa grande individualidade é meu amigo. Também me sinto orgulhoso quando refugiados tibetanos no exílio têm sucesso e são

amados. Ainda hoje lhes estou agradecido por me terem recebido tão generosamente quando cheguei a Lassa. O meu empenho pela causa dos tibetanos é natural.

Um acaso maravilhoso é o facto de Sua Santidade e eu fazermos anos no dia 6 de Julho. Foi certamente um grande dia para a minha terra natal, Huttenberg in Karnten (Áustria), quando o Dalai Lama benzeu e inaugurou o museu Heinrich Harrer no dia 25 de Julho de 1992.

A destruição do Tibete continua ainda após quase 40 anos de ocupação. Da minha velha Lassa restam talvez apenas dois por cento. Lassa tornou-se numa cidade chinesa. Um incontável número de lojas chinesas, centenas de casas de bebidas e de jogo, e em volta do Potala locais de lanternas vermelhas para distrair os soldados do exército invasor, décadas de destruição, repressão, esterilização, genocídios e doutrinação política — tudo isto não conseguiu quebrar o desejo de liberdade dos tibetanos. A sua fé e a sua adoração pelo seu Dalai Lama não diminuiu.

Por todo o mundo o Dalai Lama recebe manifestações de simpatia e promessas, mas lamentavelmente ninguém age. Os ganhos materiais são mais importantes que os Direitos do Homem. Contudo, tenho a visão de que o dia da liberdade chegará, e todos os que amam o Dalai Lama e o seu povo irão numa procissão até ao Potala, o singular monumento da força criadora tibetana.

Mesmo que a destruição dos bens culturais continue, os chineses nunca conseguirão destruir as montanhas mais altas do mundo que rodeiam aquele país e que são o trono dos deuses tibetanos. E por isso os piedosos tibetanos também irão gritar, ao passar nas altas veredas: «Os Deuses vencerão!.

1 Kotau — genuflexão chinesa, até tocar com a testa no chão.

LHAGYELLO!

Este livro foi digitalizado por Adelina Santos

OceanofPDF.com